

Autora de **A ÚLTIMA CARTA DE AMOR**
e **COMO EU ERA ANTES DE VOCÊ**

A garota que você deixou para trás



JOJO MOYES

intrínseca

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



A garota que
você deixou
para trás

JOJOMOYES

Tradução de Adalgisa Campos da Silva



Copyright © Jojo Moyes, 2012

TÍTULO ORIGINAL

The Girl You Left Behind

PREPARAÇÃO

Denise Scofano

REVISÃO

Carolina Rodrigues

REVISÃO DE EPUB

Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE EPUB

Simplissimo Livros

E-ISBN

978-85-8057-472-2

Edição digital: 2014

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



St Péronne
Outubro de 1916

Eu estava sonhando com comida. Baguetes crocantes com o miolo branquinho, recém-saídas do forno, e um queijo maduro, as bordas escorrendo quase para fora do prato. Uvas e ameixas, em pilhas altas em tigelas, escuras e cheirosas, perfumando a casa toda. Eu estava prestes a esticar o braço para pegar uma quando minha irmã me segurou.

— Deixe-me em paz — murmurei. — Estou com fome.

— Sophie. Acorde.

Eu podia sentir o gosto daquele queijo. Ia pegar um naco de Reblochon, passar um pouco num pedaço do pão quentinho e jogar uma uva na boca. Já podia saborear a doçura acentuada, sentir o aroma intenso.

Mas lá estava a mão da minha irmã no meu pulso, me segurando. Os pratos foram sumindo, os aromas se dissipando. Quis pegá-los, mas eles se desfizeram no ar, como bolhas de sabão.

— Sophie.

— *O quê?*

— Eles estão com Aurélien!

Virei de lado e pisquei. Como eu, minha irmã usava um gorro para se agasalhar. Mesmo à luz fraca da vela, seu rosto estava sem cor e os olhos, arregalados do choque.

— Estão com Aurélien. Lá embaixo.

Minha mente começou a clarear. Dava para ouvir homens gritando no andar de baixo, suas vozes ecoando no pátio de pedra, as galinhas cacarejando no galinheiro. Havia uma vibração terrível no ar da noite fechada. Sentei-me na cama, apertando a camisola em volta do corpo, tentando acender a vela na mesa de cabeceira.

Passsei por ela aos tropeções e fui até a janela; vi os soldados lá no pátio, iluminados pelos faróis do veículo deles, e meu irmão mais novo protegendo a cabeça com os braços, tentando se esquivar das coronhadas que lhe acertavam.

— O que está havendo?

— Eles sabem do porco.

— O quê?

— Monsieur Suel deve ter denunciado a gente. Ouvi do meu quarto os homens gritando. Estão dizendo que vão levar Aurélien se ele não contar onde está o porco.

— Ele não vai dizer nada — informei.

Estremecemos ao ouvir nosso irmão gritar. Mal reconheci minha irmã naquele momento: ela parecia ter vinte anos mais do que os seus vinte e quatro. Eu sabia que o meu semblante

espelhava seu medo. Isso era o que havíamos temido.

— Há um Kommandant com eles. Se descobrirem — murmurou Héléne, com pavor na voz —, vão prender todos nós. Você sabe o que aconteceu em Arras. Vão nos usar como exemplo. O que vai ser das crianças?

Minha cabeça estava a mil, temendo que meu irmão falasse e me fizesse passar por idiota. Enrolei um xale nos ombros, fui na ponta dos pés até a janela e olhei lá para baixo. A presença do Kommandant sugeria que aqueles não eram apenas soldados bêbados querendo compensar as frustrações com algumas agressões e ameaças: estávamos em apuros. A presença dele significava que havíamos cometido um crime que deveria ser levado a sério.

— Vão descobrir, Sophie. Vai levar uns minutos. E depois... — Héléne levantou a voz, entrando em pânico.

Deu um branco em meus pensamentos. Fechei os olhos. E logo depois os abri.

— Desça — ordenei. — Diga que não sabe de nada. Pergunte a ele o que Aurélien fez de errado. Fale com ele, distraia-o. Só me dê algum tempo antes de eles entrarem na casa.

— O que vai fazer?

Agarrei o braço da minha irmã.

— Vá. Mas não diga nada a eles, entendeu? Negue *tudo*.

Minha irmã hesitou, depois saiu correndo do quarto, com a camisola esvoaçando às suas costas. Não tenho certeza se já me senti tão só naqueles poucos segundos; o medo me apertava a garganta, e o peso do destino da minha família estava sobre mim. Entrei correndo no escritório do papai e vasculhei desesperadamente as gavetas da imponente escrivaninha, jogando tudo no chão — canetas velhas, pedaços de papel, peças de relógios quebrados e contas antigas —, agradecendo a Deus quando afinal encontrei o que procurava. Então desci apressada, abri a porta da adega e continuei a descer, pisando os frios degraus de pedra com passos tão firmes que quase não precisei do clarão trêmulo da vela. Abri a tranca pesada da adega dos fundos, que já estivera abastecida até o teto de barris de cerveja e bons vinhos, afastei um dos tonéis vazios e abri a porta do velho forno de pão em ferro fundido.

O leitãozinho, ainda na fase de engorda, piscou sonolento. Pôs-se de pé, espiou-me de sua cama de palha e grunhiu. Com certeza já contei sobre ele. Nós o soltamos quando confiscaram a fazenda de Monsieur Girard. Como uma dádiva divina, ele se perdeu na confusão, afastando-se dos outros leitões que eram colocados na traseira de um caminhão alemão, e logo foi engolido pelas grossas saias da vovó Poilâne. Havia semanas que o alimentávamos com bolotas e restos, na esperança de engordá-lo até que alcançasse tamanho suficiente para que tivéssemos alguma carne. A ideia daquele torresmo, daquela carne molhadinha, foi o que sustentou os moradores do Le Coq Rouge durante todo o mês.

Ouvi meu irmão gritando de novo no pátio, depois a voz da minha irmã, urgente e aflita, interrompida pelo tom brusco de um oficial alemão. O porco me olhou com olhos inteligentes e sagazes, como se já soubesse o que lhe esperava.

— Sinto muito, *mon petit* — sussurrei —, mas esse é mesmo o único jeito.

E passei a mão nele.

Em questão de minutos, eu estava do lado de fora. Havia acordado Mimi, dizendo-lhe apenas que ela devia me seguir, mas ficar calada — a menina já tinha visto tanta coisa naqueles últimos meses que obedecia sem questionar. Ela olhou para mim abraçada a seu irmãozinho bebê, deslizou para fora da cama e segurou minha mão.

O ar estava frio com a chegada do inverno, e pairava o cheiro de fumaça de lenha do breve fogo que tínhamos conseguido acender mais cedo. Vi o Kommandant através do arco de pedra da porta dos fundos e hesitei. Não era Herr Becker, que conhecíamos e desprezávamos. Era um homem mais magro, barba escanhoada, impassível. Mesmo no escuro, eu enxergava inteligência, não ignorância bruta, em seu rosto, e fiquei com medo.

Esse novo Kommandant olhava de forma especulativa para as nossas janelas, talvez analisando se a casa poderia fornecer um acantonamento mais adequado do que a fazenda dos Fourrier, onde dormiam oficiais alemães mais graduados. Acho que ele sabia que a posição elevada da nossa casa ofereceria vantagem. Ali havia estábulos para os cavalos e dez quartos, da época em que nossa casa era o hotel próspero da cidade.

Hélène estava no chão, protegendo Aurélien com os braços.

Um dos homens erguera o rifle, mas o Kommandant levantou a mão.

— Fiquem de pé — ordenou-lhes.

Hélène recuou aos tropeços, afastando-se dele. Vi o rosto dela, crispado de medo.

Senti a mão de Mimi apertar a minha quando ela viu a mãe, e apertei a dela, embora estivesse com o coração na boca. E saí da casa.

— O que está acontecendo, meu Deus do céu?

Minha voz ecoou no pátio.

O Kommandant olhou na minha direção, surpreso com o meu tom: uma jovem passando pelo arco de entrada do pátio da fazenda, tendo agarrada à barra da saia uma criança chupando o dedo e ao peito, outra, enrolada em cueiros. Meu gorro estava meio torto, minha camisola branca de algodão já tão surrada que eu nem sentia o tecido encostado em minha pele. Rezei para que ele não ouvisse o palpitir quase audível do meu coração.

Interpelei-o:

— E por qual suposta irregularidade seus homens vieram nos punir agora?

Calculei que ele não ouvia uma mulher falar com ele daquele jeito desde a última vez que saíra de casa. O silêncio que se abateu sobre o pátio era impregnado de espanto. Meus irmãos, no chão, viraram-se, para me ver melhor, sabendo muito bem aonde tal insubordinação poderia nos levar.

— E você quem é?

— Madame Lefèvre.

Notei que ele procurou ver se eu usava aliança. Não precisava se dar o trabalho: como a maioria das mulheres em nossa região, havia muito tempo eu a vendera para comprar comida.

— Madame. Temos informações de que a senhora está abrigando animais clandestinos.

O francês dele era passável, sugerindo postos anteriores no território ocupado, e sua voz era calma. Aquele não era um homem que temia o inesperado.

— Animais?

— Soubemos de fonte confiável que a senhora mantém um porco em casa. Deve estar ciente de que, de acordo com as diretrizes, a pena por sonegar animais domésticos da administração é a prisão.

Enfrentei o olhar dele.

— E sei exatamente quem lhe deu essa informação. Foi Monsieur Suel, *non?*

Minhas bochechas estavam vermelhas, e meu cabelo, preso numa trança comprida caída em meu ombro, parecia elétrico. Formigava na minha nuca.

O Kommandant virou-se para um dos subordinados. O olhar de soslaio do homem lhe disse que aquilo era verdade.

— Monsieur Suel, Herr Kommandant, vem aqui pelo menos duas vezes por mês tentando nos persuadir de que, na ausência de nossos maridos, precisamos da sua marca especial de conforto. Como optamos por não aproveitar sua suposta bondade, ele nos paga com boatos e uma ameaça às nossas vidas.

— As autoridades não agiriam se a fonte não fosse fidedigna.

— Eu argumentaria, Herr Kommandant, que esta visita sugere o contrário.

O olhar que ele me dirigiu foi impenetrável. Depois, virou-se e se encaminhou para a porta da casa. Fui atrás dele, meio que tropeçando nas saias ao tentar acompanhá-lo. Eu sabia que o simples ato de interpelá-lo com tanta audácia poderia ser considerado um crime. No entanto, naquele momento, eu já não sentia medo.

— Olhe para nós, Kommandant. Será que o nosso aspecto é de quem está se banquetear com carne bovina, cordeiro assado e lombo de porco? — Ele se virou, olhando rapidamente meus pulsos ossudos, visíveis sob os punhos da camisola. Eu perdera cinco centímetros de cintura só naquele último ano. — Será que estamos grotescamente gordos com a fartura do nosso hotel? Sobraram três galinhas das doze que tínhamos. Três galinhas que temos o prazer de criar e alimentar para que seus homens possam pegar os ovos. Nós, enquanto isso, vivemos com o que as autoridades alemãs julgam ser uma dieta: rações cada vez menores de carne e farinha, e pão feito com um farelo de trigo tão pobre que não o usaríamos para alimentar nossos animais.

Ele estava no pátio dos fundos; seus passos ecoavam nas lajes do chão. Hesitou, depois se encaminhou para a entrada e gritou uma ordem. Um soldado apareceu do nada e entregou-lhe uma lâmpada.

— Não temos leite para alimentar nossos bebês, nossos filhos choram de fome, adoecemos

de inanição. E mesmo assim o senhor vem aqui no meio da noite apavorar duas mulheres e agredir um garoto inocente, nos bater e nos ameaçar, porque ouviu dizer de um homem imoral que estamos nos *banqueteando*?

Minhas mãos tremiam. Ele viu o bebê se contorcer, e percebi que eu estava tão tensa que o apertava demais. Recuei, ajeitei o xale, cantarolei para ele. Depois, levantei a cabeça. Não conseguia disfarçar a amargura e a raiva em minha voz.

— Reviste a nossa casa, então, Kommandant. Vire-a de cabeça para baixo e destrua o pouco que ainda não foi destruído. Reviste todas as dependências externas também, aquelas que os seus homens ainda não saquearam para as necessidades deles. Quando encontrar esse porco mítico, espero que seus homens se regalem com ele.

Enfrentei seu olhar por mais tempo do que ele poderia esperar. Pela janela, eu via minha irmã limpando os ferimentos de Aurélien com a saia, tentando estancar o sangue. Havia três soldados alemães parados junto a eles.

Meus olhos haviam se acostumado com a escuridão, e vi que o Kommandant fora pego desprevenido. Seus homens, com o olhar hesitante, aguardavam que lhes desse ordens. Ele poderia instruí-los a saquear completamente a casa e prender todos nós para pagar por meu extraordinário rompante. Mas eu sabia que ele pensava em Suel, que poderia ter sido induzido a erro. Ele não parecia ser o tipo de homem que gostasse da possibilidade de ter cometido um erro.

Quando eu e Édouard jogávamos pôquer, ele ria e dizia que eu era uma adversária impossível, pois minha expressão nunca revelava meus verdadeiros sentimentos. Eu me obrigava a lembrar aquelas palavras: esse era o jogo mais importante que eu jogaria na vida. Ficamos nos olhando, o Kommandant e eu. Sentí, por um breve instante, o mundo inteiro parar à nossa volta: eu ouvia o rugido distante da artilharia no *front*, a tosse da minha irmã, o alvoroço de nossas pobres galinhas esqueléticas, perturbadas no galinheiro. O barulho se desvaneceu até apenas ele e eu estarmos frente a frente, apostando na verdade. Juro que eu ouvia meu coração batendo.

— O que é isso?

— O quê?

Ele ergueu a lâmpada, e uma tênue luz dourada iluminou precariamente o quadro: um retrato meu que Édouard pintara quando nos casamos. Lá estava eu, naquele primeiro ano, com o cabelo cheio e lustroso em volta dos ombros, a pele clara e viçosa, e um olhar seguro de quem é amado. Eu o tirara do esconderijo havia várias semanas, dizendo à minha irmã não ter a menor intenção de deixar os alemães decidirem o que eu devia contemplar na minha própria casa.

Ele levantou um pouquinho mais a lâmpada para poder ver melhor o retrato. “Não o coloque aí, Sophie”, avisara Hélène. “Vai dar problema.”

Quando ele finalmente se virou para mim, pareceu custar-lhe muito tirar os olhos do quadro. Olhou para o meu rosto, depois de novo para o retrato.

— Foi pintado pelo meu marido.

Não sei por que senti necessidade de lhe dizer isso.

Talvez fosse a certeza de minha justa indignação. Talvez fosse a diferença visível entre a garota do quadro e a que estava diante dele. Talvez fosse a criança loura que chorava aos meus pés. Quem sabe até os Kommandants, depois de dois anos nesse cargo, estivessem cansados de nos importunar por faltas triviais.

Ele olhou mais um pouco para o quadro, depois para o chão.

— Acho que ficou claro, Madame. Nossa conversa não está encerrada. Mas não vou incomodá-la mais esta noite.

Ele captou minha expressão de surpresa mal controlada, e vi que aquilo satisfazia algo em seu íntimo. Talvez fosse suficiente para ele saber que eu acreditara estar condenada. Era esperto, esse homem, e sutil. Eu teria que tomar cuidado.

— Homens.

Os soldados se viraram, obedecendo cegamente, como sempre; saíram em direção ao veículo, e suas silhuetas desenhadas contra a luz dos faróis. Segui-o e fiquei parada em frente à porta. A última coisa que ouvi dele foi a ordem dada ao motorista para seguir para a cidade.

Esperamos enquanto o veículo militar voltava para a estrada, com os faróis sondando os buracos da pista. Hélène começara a tremer. Levantou-se cambaleante; a mão com os nós dos dedos brancos espalmada na testa, os olhos fechados. Aurélien estava parado de forma esquisita ao meu lado, segurando a mão de Mimi, envergonhado de suas lágrimas infantis. Esperei os últimos barulhos do motor morrerem. Ele gemia na ladeira, como se também estivesse agindo sob protesto.

— Está machucado, Aurélien?

Toquei na cabeça dele. Ferimentos superficiais. E hematomas. Que tipo de homens atacavam um garoto desarmado?

Ele estremeceu.

— Não doe — disse. — Eles não me assustaram.

— Pensei que fossem prendê-lo — disse minha irmã. — Pensei que fossem prender todos nós. — Eu ficava com medo quando ela apresentava aquele aspecto: como se estivesse balançando à beira de um vasto abismo. Ela enxugou os olhos e deu um sorriso forçado ao se agachar para abraçar a filha. — Alemães bobos. Eles nos deram um susto, não? *Maman* é boba por se assustar.

A menina observou a mãe, calada e solene. Às vezes eu me perguntava se algum dia veria Mimi sorrir de novo.

— Desculpe-me. Agora estou bem — prosseguiu. — Vamos todos entrar. Mimi, temos um pouco de leite, que vou esquentar para você. — Enxugou as mãos na camisola ensanguentada e as estendeu para eu lhe dar o bebê. — Quer que eu pegue Jean?

Comecei a tremer convulsivamente, como se tivesse acabado de me dar conta de quão apavorada eu devia ter ficado. Minhas pernas estavam bambas, a força fluindo para o solo.

Queria desesperadamente me sentar.

— Sim — respondi. — Acho melhor.

Minha irmã estendeu o braço, depois deu um gritinho. Aninhado nas mantas, bem enroladinho de modo a ficar pouco exposto à friagem da noite, estava o focinho cor-de-rosa e peludo do leitãozinho.

— O Jean está dormindo lá em cima — expliquei.

Apoiei uma mão na parede para não cair.

Aurélien olhou por cima do ombro dela. Todos olhavam para o bicho.

— *Mon Dieu*.

— Ele está morto?

— Anestesiado. Eu me lembrei que Papa tinha um vidro de clorofórmio no escritório, da época em que colecionava borboletas. Acho que vai despertar. Mas vamos ter que encontrar outro lugar para guardá-lo quando eles voltarem. E você sabe que vão voltar.

Então Aurélien sorriu, um raro e demorado sorriso de alegria. Hélène se abaixou para mostrar a Mimi o leitãozinho desacordado, e elas riram. Hélène ficava tocando no focinho dele, tapando o rosto com a mão, como se não conseguisse acreditar no que segurava.

— Você ficou com o porco na frente deles? Eles vieram aqui e você segurou o bicho na cara deles? E depois brigou com eles por *virem aqui*?

Sua voz era de incredulidade.

— Na fuça deles — disse Aurélien, que de repente parecia ter recuperado um pouco da pose. — Rá! Você segurou o bicho na fuça deles!

Eu me sentei no chão e comeci a rir. Ri até ficar com o rosto dormente e não saber se ria ou chorava. Meu irmão, talvez temendo que eu estivesse histérica, pegou a minha mão e se encostou em mim. Ele tinha quatorze anos, e às vezes se irritava como um homem, outras vezes tinha uma necessidade infantil de segurança.

Hélène continuava mergulhada em seus pensamentos

— Se eu soubesse... — disse ela. — Quando você se tornou tão corajosa, Sophie? Minha irmãzinha! Quem deixou você assim? Você era tímida quando éramos crianças. Tímida!

Eu não tinha certeza se sabia a resposta.

Então, quando finalmente voltamos para casa, enquanto Hélène se ocupava com a leiteira e Aurélien começava a lavar o rosto magro maltratado, fiquei parada diante do retrato.

Aquela garota, a garota com quem Édouard se casara, me olhava com uma expressão que eu já não reconhecia. Ele vira isso em mim muito antes de todo mundo: aquele sorriso expressava conhecimento, satisfação dada e recebida. Orgulho. Quando seus amigos parisienses descobriram o inexplicável amor dele por mim — uma vendedora de loja —, ele se limitara a sorrir, porque já via essa expressão em mim.

Eu nunca soube se ele entendia que ela só existia por causa dele.

Fiquei ali olhando para a garota e, por alguns segundos, me lembrei de como era ser ela, sem sentir fome nem medo, interessada apenas nos momentos que eu poderia ficar a sós com Édouard. Ela me fazia lembrar de que o mundo era capaz de beleza e que já havia existido coisas — arte, alegria, amor — que enchem o meu mundo, em vez de medo, sopa de urtiga e toque de recolher. Vi Édouard na minha expressão. E então percebi o que eu acabara de fazer. Ele me lembrara da minha própria força, que ainda restara dentro de mim para lutar.

Quando você voltar, Édouard, juro que serei de novo a garota que você pintou.

Até a hora do almoço, a história do leitãozinho já era do conhecimento de quase toda St Péronne. O bar do Le Coq Rouge teve um fluxo constante de clientes, embora pouco tivéssemos a oferecer além de café de chicória. Os suprimentos de cerveja chegavam esporadicamente, e só tínhamos algumas garrafas de vinho caríssimas. Foi espantoso como tanta gente apareceu lá só para nos dar bom-dia.

— E você deu uma bronca nele? Mandou ele embora?

O velho René, rindo por trás do bigode, segurava o encosto da cadeira e enxugava as lágrimas. Pedira para ouvir a história quatro vezes, e Aurélien contara cada versão mais floreada que a outra, até estar enfrentando o Kommandant com um sabre, enquanto eu gritava “*Der Kaiser ist Scheiss!*”.

Troquei um sorrisinho com Héléne, que varria o chão do café. Eu não me importava. Ultimamente, não tinha havido muitos motivos de comemoração em nossa cidade.

— Devemos ter cuidado — disse Héléne quando René saiu, depois de saudar-nos tirando o chapéu. Nós vimos quando ele passou pelo correio se escangalhando de rir outra vez e parou para enxugar os olhos. — Essa história está indo muito longe.

— Ninguém vai dizer nada. Todo mundo odeia os boches. — Dei de ombros. — Além do mais, todos querem um pedaço de carne de porco. O pessoal não vai nos delatar antes que a comida chegue.

O porco fora levado discretamente de madrugada para a casa ao lado. Uns meses antes, Aurélien, ao cortar barris de cerveja velhos para fazer lenha, descobrira que a única coisa que separava a adega labiríntica da adega dos vizinhos, os Fourbets, era uma parede de meios tijolos. Havíamos cuidadosamente removido vários dos tijolos, com a cooperação dos Fourbets, e esta tornara-se a nossa rota de fuga de último recurso. Quando os Fourbets deram guarida a um jovem inglês, e os alemães chegaram de surpresa à sua porta ao anoitecer, Madame Fourbet alegara não entender as ordens do oficial, dando ao rapaz o tempo justo de fugir para o nosso lado pela adega. Os soldados desmontaram a casa inteira, até deram uma olhada na adega, mas, com a luz fraca, nenhum deles notou as falhas suspeitas nas juntas de cimento da parede.

Essa era a história de nossas vidas: insurreições menores, vitórias miúdas, uma breve chance de ridicularizar nossos opressores, barquinhos de esperança em um mar de incertezas, privação e medo.

— Você conheceu o novo Kommandant, então?

O prefeito estava sentado a uma das mesas perto da janela. Quando eu lhe trouxe um café, ele fez um gesto para que eu me sentasse. Mais do que a de qualquer um, eu pensava sempre, a vida dele se tornara intolerável desde a ocupação: ele vivia num estado de negociação permanente com os alemães para garantir à cidade suas necessidades básicas, e, de vez em quando, eles o tomavam como refém para obrigar os cidadãos recalitrantes a cumprir ordens.

— Não foi uma apresentação formal — respondi, colocando a xícara diante dele.

Ele se aproximou mais de mim, falando baixo.

— Herr Becker foi mandado de volta para a Alemanha a fim de dirigir um dos campos de prisioneiros. Aparentemente, havia inconsistências na contabilidade dele.

— Isso não é surpresa. Ele é o único homem na França Ocupada cujo peso dobrou em dois anos.

Eu estava brincando, mas os meus sentimentos com relação à partida dele eram divididos. Por um lado, Becker fora rude, suas punições eram exageradas, fruto da insegurança e do temor de que seus homens não o achessem suficientemente forte. Mas ele tinha sido bem burro — cego a muitos atos de resistência da cidade — para cultivar alguma relação que ajudasse sua causa.

— Então, o que acha?

— Do novo Kommandant? Não sei. Ele poderia ter sido pior, eu acho. Não desmontou a casa, como Becker poderia ter feito, só para mostrar força. Mas... — franzi o nariz — ele é inteligente. Precisamos ser mais cuidadosos.

— Como sempre, Madame Lefèvre, suas ideias combinam com as minhas.

Ele sorriu para mim, mas não com os olhos. Lembrei-me do tempo em que o prefeito era um homem alegre e falante, famoso pela camaradagem: em qualquer reunião da cidade, a voz mais estrondosa era a dele.

— Alguma coisa chegando esta semana?

— Acho que vai chegar um pouco de bacon. E café. Pouca manteiga. Espero ter as rações exatas ainda hoje.

Olhamos pela janela. O velho René chegara à igreja. Parou para falar com o padre. Não era difícil adivinhar o que conversavam. Quando o padre começou a rir, e René se dobrou pela quarta vez, não pude deixar de achar graça.

— Alguma notícia do seu marido?

Tornei a virar para o prefeito.

— Nenhuma desde agosto, quando recebi um cartão-postal. Ele estava perto de Amiens. Não dizia muito.

Penso em você dia e noite, dizia o postal, na bela letra dele, cheia de voltas. *Você é a minha estrela guia neste mundo de loucura*. Eu passara duas noites em claro, preocupada, depois de receber o cartão, até Hélène ressaltar que “este mundo de loucura” poderia se aplicar igualmente a um mundo em que a pessoa vivia à base de um pão preto tão duro que precisava de uma foice para ser cortado e criava porcos num forno.

— A última que recebi do meu filho mais velho chegou há quase três meses. Estavam avançando em direção a Cambrai. Animados, ele disse.

— Espero que continuem animados. Como vai Louisa?

— Não tão mal, obrigado.

A filha caçula dele nascera com uma paralisia; não se desenvolvia, só podia comer determinados alimentos e, aos onze anos, vivia doente. Mantê-la bem era uma preocupação da nossa cidadezinha. Sempre que havia leite ou qualquer legume seco disponível, uma pequena reserva chegava à casa do prefeito.

— Quando ela estiver forte de novo, diga que Mimi perguntou por ela. Hélène está fazendo uma boneca para ela idêntica à da Mimi. Ela pediu para elas serem irmãs gêmeas.

O prefeito deu tapinhas na mão dela.

— Vocês são muito boas. Agradeço a Deus por terem voltado para cá quando podiam ter ficado na segurança de Paris.

— Ora. Nada garante que daqui a pouco os boches não desçam marchando a Champs-Élysées. E, além do mais, eu não poderia deixar Hélène sozinha aqui.

— Ela não sobreviveria a isso sem você. Você se transformou numa moça extraordinária. Paris lhe fez bem.

— Meu marido me faz bem.

— Então, que Deus o salve. Que Deus salve a todos nós.

O prefeito sorriu, pôs o chapéu e se levantou para sair.

* * *

St Péronne, onde a família Bessette havia tocado o Le Coq Rouge por várias gerações, estivera entre as primeiras cidades a cair nas mãos dos alemães, no outono de 1914. Eu e Hélène, com nossos pais falecidos havia muito e nossos maridos no *front*, havíamos decidido manter o hotel funcionando. Não éramos as únicas a assumir trabalhos masculinos: as lojas, as fazendas vizinhas e a escola eram quase totalmente dirigidas por mulheres, auxiliadas por velhos e meninos. Em 1915, quase não havia sobrado homens na cidade.

O negócio foi bem nos primeiros meses, com soldados franceses passando lá e os britânicos não muito atrás. A comida ainda era abundante, música e celebração acompanhavam a marcha das tropas, e quase todos nós ainda acreditávamos que a guerra acabaria em uma questão de meses, na pior das hipóteses. Havia poucas pistas dos horrores que ocorriam a cento e sessenta quilômetros dali: dávamos comida aos refugiados belgas que passavam, com seus pertences balançando em carroças; alguns ainda de chinelos e com as roupas que usavam quando abandonaram suas casas. De vez em quando, se o vento soprava do leste, podíamos ouvir os distantes estouros dos canhões. Mas embora soubéssemos que a guerra estava perto, poucos achavam que St Péronne, nossa orgulhosa cidadezinha, pudesse se unir às que haviam caído sob o domínio alemão.

A prova de quão errados estávamos veio acompanhada do barulho de tiros numa manhã calma e fria de outono, quando Madame Fougère e Madame Dérin tinham saído para seu passeio diário das seis e quarenta e cinco até a *boulangerie* e foram alvejadas mortalmente ao

atravessarem a praça.

Abri as cortinas ao ouvir o barulho e custei a entender o que via: os corpos daquelas duas mulheres, viúvas e amigas durante quase todos os seus setenta e tantos anos, estirados no chão, com os lenços tortos na cabeça, as cestas vazias emborcadas a seus pés. Uma poça vermelha viscosa se espalhava em volta delas num círculo quase perfeito, como se viesse de uma entidade.

Os oficiais alemães afirmaram depois que atiradores haviam disparado contra eles e que eles agiram em retaliação. (Aparentemente, diziam o mesmo em todas as cidades que ocupavam.) Se tivessem tido a intenção de provocar uma insurreição na cidade, não poderiam ter feito melhor do que matar aquelas velhinhas. Mas o ultraje não parou ali. Eles botaram fogo em celeiros e derrubaram a estátua do prefeito Leclerc. Vinte e quatro horas depois marchavam em formação pela rua principal; seus capacetes Pickelhaube brilhavam ao sol de inverno enquanto assistíamos estarrecidos, em silêncio, em frente às nossas casas e lojas. Eles ordenaram que os poucos homens que restavam fossem para a rua a fim de serem contados.

Os lojistas e os donos de barracas simplesmente fecharam os estabelecimentos e se recusaram a servi-los. Quase todos nós tínhamos comida estocada. Sabíamos que poderíamos sobreviver. Acho que acreditávamos que eles poderiam desistir diante de tal intransigência e seguir para outra aldeia. Mas então o Kommandant Becker decretou que qualquer lojista que deixasse de abrir a loja durante as horas de trabalho normais seria fuzilado. Um a um, a *boulangerie*, a *boucherie*, as barracas de feira e até o Le Coq Rouge reabriram. Relutantemente, nossa cidadezinha voltou a uma rotina taciturna e rebelde.

Dezoito meses depois, pouco sobrara para comprar. St Péronne estava isolada das cidades vizinhas, privada de notícias e dependente do envio irregular de auxílio, suplementada por provisões do mercado negro, que eram caras, quando disponíveis. Às vezes era difícil acreditar que a França Livre sabia o que estávamos sofrendo. Os alemães eram os únicos que comiam bem. Seus cavalos (nossos cavalos) eram lustrosos e gordos, e comiam o trigo amassado que deveria ter sido usado para fazer o nosso pão. Eles saquearam nossas adegas e levaram a comida produzida por nossas fazendas.

E não era só a comida. Toda semana alguém ouvia a temida batida à porta, e uma nova lista de itens era requisitada: colheres de chá, cortinas, pratos, panelas, cobertores. De vez em quando, um oficial inspecionava primeiro, anotava o que era desejável e voltava com uma lista especificando exatamente o quê. Eles redigiam notas promissórias, que supostamente poderiam ser trocadas por dinheiro. Ninguém em St Péronne conheceu uma única pessoa que de fato tivesse sido paga.

* * *

— O que está fazendo?

— Estou mudando isso de lugar.

Peguei o retrato e o transferei para um canto sossegado, mais distante dos olhares dos visitantes.

— Quem é? — perguntou Aurélien enquanto eu ajeitava o quadro na parede depois de pendurá-lo.

— Sou eu! — Virei-me para ele. — Não dá para reconhecer?

— Ah.

Ele apertou os olhos. Não estava tentando me insultar: a garota no retrato era muito diferente da mulher magra, severa, de pele cinzenta, que me olhava diariamente do espelho com olhos preocupados e cansados. Eu tentava não olhar para ela com muita frequência.

— Édouard que pintou?

— Sim. Quando nos casamos.

— Nunca vi os quadros dele. Não é o que eu esperava.

— Como assim?

— Bem, é estranho. As cores são estranhas. Ele pôs verde e azul na sua pele. As pessoas não têm pele verde e azul! E, olha, está uma bagunça. Ele não fica dentro das linhas.

— Aurélien, venha cá. — Fui para a janela. — Olhe para o meu rosto. O que você vê?

— Uma gárgula.

Dei-lhe um tapa na cabeça.

— Não. Olhe, olhe bem. Para as cores da minha pele.

— Você só está pálida.

— Olhe mais. Embaixo dos meus olhos, nas rugas do meu pescoço. Não me diga o que espera ver. Olhe de verdade. E depois me diga que cores realmente vê.

Meu irmão observou o meu pescoço. Seu olhar passou lentamente pelo meu rosto.

— Vejo azul — disse ele —, embaixo dos seus olhos. Azul e roxo. E, sim, verde, descendo pelo pescoço. E laranja. *Alors*, pode chamar o médico! O seu rosto tem mil cores diferentes. Você é uma palhaça!

— Somos todos palhaços — disse eu. — Édouard apenas vê isso com mais clareza do que outras pessoas.

Aurélien subiu correndo para se examinar no espelho e se atormentar em relação aos azuis e roxos que sem dúvida encontraria. Não que precisasse de muita justificativa, naquela época. Estava apaixonado por pelo menos duas garotas e passava muito tempo barbeando a pele macia e juvenil com a navalha cega de nosso pai, na tentativa vã de apressar o processo de amadurecimento.

— É lindo — disse Hélène, recuando para olhar o quadro. — Mas...

— Mas o quê?

— É um risco tê-lo pendurado. Quando passaram por Lille, os alemães queimaram obras de arte que consideraram subversivas. O quadro de Édouard é... muito diferente. Como ter certeza

de que não vão destruí-lo?

Hélène se preocupava. Preocupava-se com os quadros de Édouard e com o temperamento do nosso irmão; com as cartas e as anotações no diário que eu fazia em pedaços de papel e enfiava em buracos nas vigas.

— Quero o quadro aqui, onde eu possa vê-lo. Não se preocupe. O resto está seguro em Paris.

Ela não pareceu convencida.

— Quero cor, Hélène. Quero *vida*. Não quero olhar para Napoleão nem para os quadros idiotas de cachorros lúgubres do papai. E não vou deixar que *eles* — aponte com a cabeça para a rua onde soldados alemães de licença fumavam ao lado do chafariz da cidade — decidam para o que eu posso olhar dentro da minha própria casa.

Hélène balançou a cabeça de um lado para outro como se eu fosse uma tola e ela tivesse que consentir. E depois foi servir Madame Louvier e Madame Durant, que, apesar de terem comentado várias vezes que o meu café de chicória tinha gosto de esgoto, haviam chegado para ouvir a história do leitãozinho.

* * *

Eu e Hélène dormimos na mesma cama naquela noite, ao lado de Mimi e Jean. Às vezes, fazia tanto frio, mesmo em outubro, que tínhamos encontrá-los congelados em suas roupas de dormir, então ficávamos todos bem juntos. Era tarde, mas eu sabia que minha irmã estava acordada. O luar entrava pela fresta das cortinas, e eu via perfeitamente os olhos dela, arregalados, fixos num ponto distante. Calculei que ela estivesse se perguntando onde estava o marido naquele instante, se ele estava agasalhado, acantonado em algum lugar parecido com nossa casa, ou congelando numa trincheira, olhando para a mesma lua.

Ao longe, uma explosão abafada revelava uma batalha distante.

— Sophie?

— Sim?

Falávamos o mais baixo possível.

— Às vezes você se pergunta como vai ser... se eles não voltarem?

Fiquei em silêncio no escuro.

— Não — menti. — Porque sei que eles vão voltar. E não quero que os alemães captem nem mais um minuto de medo em mim.

— Eu me pergunto — disse ela. — De vez em quando me esqueço do rosto dele. Olho a fotografia e não consigo me lembrar de nada.

— É porque você olha muito para ela. Às vezes, acho que gastamos as fotografias olhando para elas.

— Mas não consigo me lembrar de nada, do cheiro, da voz dele. Não consigo me lembrar de

como é estar ao lado dele. É como se ele nunca tivesse existido. E aí penso: e se for isso mesmo? E se ele não voltar nunca? E se for para a gente passar o resto da vida assim, tendo todos os movimentos determinados por homens que nos odeiam? Não sei... Não sei se consigo...

Apoiei-me em um cotovelo e estiquei o braço por cima de Mimi e Jean para pegar a mão da minha irmã.

— Consegue, sim — falei. — Claro que consegue. Jean-Michel voltará para casa e a sua vida será boa. A França será livre e a vida será como era antes. Melhor até.

Ela ficou ali calada. Eu agora tiritava embaixo das cobertas, mas não ousava me mexer. Minha irmã me assustava quando falava assim. Era como se na sua cabeça houvesse um mundo de terrores e combatê-lo fosse para ela duas vezes mais difícil que para o restante de nós.

Sua voz estava baixa, trêmula, como se ela estivesse segurando as lágrimas.

— Sabe, depois que me casei com Jean-Michel, eu era muito feliz. Era livre pela primeira vez na vida.

Eu sabia o que ela queria dizer: nosso pai fora rápido com o cinto e firme com os punhos. A cidade tinha-o como o mais benevolente dos patrões, um pilar da comunidade, *o bom e velho François Bessette*, sempre pronto para contar uma piada e tomar um gole. Mas nós conhecíamos a ferocidade do temperamento dele. Nossa única tristeza era nossa mãe ter ido antes dele e não ter podido aproveitar uns anos fora da sua sombra.

— A sensação é de que... trocamos de agressor. Às vezes acho que passarei a vida inteira curvada à vontade de outra pessoa. Você, Sophie, eu a vejo rindo, determinada, muito corajosa, pendurando quadros, gritando com os alemães, e não entendo de onde vem isso. Não consigo me lembrar de como era viver sem medo.

Ficamos caladas. Eu ouvia meu coração batendo. Ela achava que eu era destemida. Mas nada me amedrontava mais do que os medos da minha irmã. Havia uma nova fragilidade nela naqueles últimos meses, uma nova tensão em volta dos seus olhos. Apertei a mão dela. Ela não retribuiu.

Entre nós duas, Mimi se mexeu, jogando um braço para cima da cabeça. Hélène largou a minha mão, e eu via apenas sua silhueta quando ela virou para o lado e enfiou com delicadeza o braço da filha de novo para baixo das cobertas. Estranhamente tranquilizada com esse gesto, tornei a me deitar, puxando as cobertas até o queixo para parar de tremer.

— Carne de porco — disse eu, no silêncio.

— O quê?

— Imagine só. Um porco assado, com sal e azeite na pele, cozida até ficar bem tostadinha. Pense nas dobras tenras de banha quente, na carne rosada e macia desmanchando entre os dedos, talvez com uma *compôte* de maçã. É isso que vamos comer em semanas, Hélène. Imagine que gostosura vai ser.

— Carne de porco?

— É. Carne de porco. Quando me sinto fraquejar, penso naquele porco com aquela barrigona gorda. Penso nas orelhinhas crocantes e nos pernis úmidos dele.

Quase ouvi o sorriso dela.

— Sophie, você está maluca.

— Mas pense nisso, Hélène. Não vai ser bom? Você consegue imaginar a cara da Mimi, com banha de porco escorrendo pelo queixo? Que sensação isso vai causar na barriguinha dela? Pode imaginar com que prazer ela vai tentar tirar os pedacinhos do meio dos dentes?

Ela riu, a contragosto.

— Não sei se ela se lembra do gosto da carne de porco.

— Não precisa de muito para lembrar — falei. — Da mesma forma que não precisa de muito para fazer você se lembrar de Jean-Michel. Um dia desses, ele vai entrar em casa, e você vai jogar os braços em volta dele, e o cheiro, a sensação do abraço dele a envolvendo pela cintura serão tão familiares para você quanto o seu próprio corpo.

Quase deu para ouvir os pensamentos dela fugindo. Eu a convencera. Pequenas vitórias.

— Sophie — disse ela, após um instante. — Você sente falta de sexo?

— Todo santo dia — respondi. — Duas vezes mais do que penso naquele porco.

Houve um breve silêncio, e começamos a dar risadinhas. Então, não sei por quê, estávamos gargalhando tanto que tivemos que tapar a boca para não acordar as crianças.

* * *

Eu sabia que o Kommandant voltaria. Ele acabou aparecendo quatro dias depois. Chovia forte, um dilúvio, e nossos poucos clientes, sentados diante de xícaras vazias, olhavam sem enxergar através das janelas embaçadas. No salão, o velho René e Monsieur Pellier jogavam dominó; o cachorro de Monsieur Pellier — o homem tinha que pagar uma tarifa aos alemães pelo privilégio de ter o animal — estava entre os pés deles. Muita gente se sentava ali diariamente, para não precisar ficar sozinha com o próprio medo.

Eu estava justamente admirando o cabelo de Madame Arnault, que minha irmã acabara de prender, quando as portas de vidro se abriram e ele entrou no bar, ladeado por dois oficiais. O ambiente, antes caloroso, pleno de conversa e camaradagem, de repente ficou em silêncio. Saí de trás do balcão e enxuguei as mãos no avental.

Os alemães não visitavam nosso bar, salvo para fazer requisições. Eles frequentavam o Bar Blanc, no alto da cidade, que era maior e possivelmente mais amistoso. Sempre deixamos claro que não éramos um espaço agradável para as forças de ocupação. Eu me perguntava o que eles iriam levar de nós naquele momento. Se perdêssemos mais pratos e xícaras, teríamos que pedir emprestado aos clientes.

— Madame Lefèvre.

Fiz um gesto de cabeça para ele. Eu podia sentir os meus clientes me olhando.

— Foi decidido que a senhora fornecerá refeições para alguns oficiais. Não há espaço suficiente no Bar Blanc para nossos recém-chegados comerem com conforto.

Eu o via com clareza pela primeira vez. Ele era mais velho do que eu pensara, tinha uns quarenta e tantos anos talvez, embora com soldados fosse difícil dizer. Todos aparentavam ter mais idade.

— Receio que isso seja impossível, Herr Kommandant — eu disse. — Não servimos refeições neste hotel há mais de um ano e meio. Mal temos provisões suficientes para alimentar nossa pequena família. Não podemos fornecer refeições no padrão que seus homens exigirão.

— Estou ciente disso. Haverá suprimentos suficientes entregues a partir do início da semana que vem. Espero que a senhora produza refeições adequadas a oficiais. Entendo que este hotel já foi um estabelecimento refinado. Tenho certeza de que isso está dentro da sua capacidade.

Ouvi minha irmã inspirar atrás de mim e sabia que ela se sentia como eu. O medo visceral de ter alemães em nosso pequeno hotel foi temperado pelo pensamento que havia meses prevalecia sobre todos os outros: *comida*. Haveria sobras, ossos com que fazer caldo. Haveria aromas culinários, porções roubadas, rações extras, fatias de carne e queijo para serem secretamente subtraídas.

Mas ainda assim...

— Não sei se o nosso bar será adequado para vocês, Kommandant. Estamos privados de confortos aqui.

— Eu é que decidirei onde meus homens estarão confortáveis. Gostaria de ver suas acomodações também. Talvez aloje alguns homens aqui.

Ouvi o velho René resmungar:

— *Sacre bleu*, valha-me Deus!

— Esteja à vontade para examinar as acomodações, Herr Kommandant. Mas descobrirá que os seus antecessores nos deixaram muito pouco. As camas, os cobertores, as cortinas, até o encanamento de cobre que alimentava as pias, já são propriedade alemã.

Eu sabia que corria o risco de irritá-lo. Eu deixara claro, num bar lotado, que o Kommandant desconhecia os atos dos próprios homens, que o seu conhecimento, no que tangia à nossa cidade, era falho. Mas era vital que meus concidadãos me vissem como obstinada e teimosa. Ter alemães em nosso bar tornaria Hélène e a mim alvo de fofocas, de boatos maldosos. Era importante que nos vissem fazer tudo que pudéssemos para detê-los.

— Volto a dizer, Madame; eu avaliarei se as acomodações são adequadas. Queira me levar para conhecê-las.

Ele fez sinal para que seus homens permanecessem no bar. Haveria um silêncio absoluto ali até depois que tivessem partido.

Endireitei os ombros e fui devagar para o corredor, esticando o braço para pegar as chaves

na passagem. Senti os olhos do salão inteiro sobre mim quando saí, com as minhas saias farfalhando, os passos pesados do alemão atrás de mim. Destranquei a porta do corredor principal (eu deixava tudo trancado: acontecia de ladrões franceses roubarem o que os alemães ainda não haviam tomado).

Aquela parte do prédio cheirava a mofo e umidade. Eu não ia ali havia meses. Subimos a escada em silêncio. Eu estava agradecida por ele se manter vários passos atrás de mim. Parei no alto, aguardando que ele chegasse ao corredor, depois destranquei o primeiro quarto.

Houve uma época em que eu chorava só de ver o nosso hotel assim. O Quarto Vermelho já fora o orgulho do Le Coq Rouge. O quarto onde eu e minha irmã havíamos passado nossas noites de núpcias, o quarto onde o prefeito hospedava os visitantes ilustres. O aposento abrigara uma vasta cama de quatro colunas, guarnecida por tapeçarias vermelho-sangue, e sua janela generosa dava para nossos jardins principais. O tapete era da Itália, a mobília, de um *château* na Gasconha, a colcha, de uma seda encarnada da China. Já tivera um lustre dourado e uma enorme lareira de mármore, onde o fogo era aceso todas as manhãs por uma camareira e permanecia aceso até a noite.

Abri a porta, recuando para o alemão poder entrar. O quarto estava vazio, salvo por uma cadeira perneta no canto. As tábuas do piso haviam sido despojadas do carpete e estavam pálidas, cobertas por uma camada grossa de poeira. A cama tinha ido embora havia muito tempo, com as cortinas, entre as primeiras coisas roubadas quando os alemães tomaram a nossa cidade. A lareira de mármore fora arrancada da parede. Por que razão, eu não sei. Não acredito que ela pudesse ser usada em outro lugar. Acho que Becker simplesmente quisera nos desmoralizar, ao retirar todas as coisas belas.

Ele entrou no quarto.

— Cuidado onde pisa — adverti.

Ele olhou para o chão e viu o canto do quarto onde tinham tentado arrancar as tábuas do piso para fazer lenha na primavera anterior. A casa era muito bem construída, o assoalho, muito bem pregado, e eles desistiram depois de só terem conseguido arrancar três tábuas compridas ao cabo de várias horas de trabalho. O buraco, um O enorme de objeção, expunha os caibros do térreo.

O Kommandant ficou parado um minuto, fitando o chão. Levantou a cabeça e olhou em volta. Eu nunca estivera sozinha num quarto com um alemão e estava com o coração aos pulos. Dava para sentir um vestígio de cheiro de cigarro nele e ver os respingos de chuva em seu uniforme. Olhei sua nuca e segurei as chaves entre os dedos, pronta para golpeá-lo com o punho armado se ele me atacasse de repente. Eu não seria a primeira mulher que precisara lutar pela honra.

Mas ele se virou e perguntou:

— Estão todos tão ruins?

— Não — respondi. — Os outros estão piores.

Ele me olhou tão demoradamente que quase corei. Mas eu me recusava a deixar aquele

homem me intimidar. Olhei de volta, para seu cabelo grisalho cortado à escovinha, seus olhos azuis translúcidos, estudando-me por baixo daquele quepe. Meu queixo continuava empinado, minha expressão, impassível.

Finalmente, ele se virou, passou à minha frente, desceu as escadas e entrou no corredor escuro. Parou bruscamente, olhou para o meu retrato e piscou duas vezes, como se só então tivesse registrado que eu o mudara de lugar.

— Mandarei uma pessoa informá-la de quando esperar a primeira entrega de comida — disse ele.

Passou resoluto pela porta e voltou para o bar.

— Você devia ter dito não.

Madame Durant cutucou meu ombro com um dedo ossudo. Sobressaltei-me. Ela usava uma touca branca com babados e tinha uma capa de crochê azul desbotada presa com alfinetes em volta dos ombros. Quem se queixava de falta de notícias, agora que não nos permitiam ler jornais, obviamente nunca havia cruzado o caminho da minha vizinha.

— O quê?

— Sobre alimentar os alemães. Você devia ter dito não.

Era uma manhã gelada, e eu enrolara o cachecol até o meu rosto. Abaixei-o para responder-lhe.

— Eu devia ter dito não? E a senhora vai dizer não quando eles decidirem ocupar a sua casa, vai, Madame?

— Você e sua irmã são mais jovens que eu. Têm força para enfrentá-los.

— Infelizmente, me faltam as armas de fogo de um batalhão. O que sugere que eu faça? Que trincheira a minha família em casa? Atire xícaras e panelas neles?

Ela continuou a me censurar enquanto eu abria a porta para ela. A padaria já não tinha cheiro de padaria. O ambiente ainda era aquecido, mas o aroma de baguetes e croissants havia muito desaparecera. Esse pequeno detalhe me entristecia toda vez que eu punha os pés lá dentro.

— Juro que não sei a que ponto este país está chegando. Se seu pai pudesse ter visto alemães no hotel dele...

Madame Louvier estava visivelmente bem informada. Ela balançou a cabeça num gesto de desaprovação enquanto eu me aproximava do balcão.

— Ele teria feito exatamente o mesmo.

Monseieur Armand, o padeiro, fez com que elas se calassem.

— A senhora não pode criticar Madame Lefèvre! Somos todos fantoches deles agora. Madame Durant, a senhora me critica por fazer o pão deles?

— Eu só acho que é falta de patriotismo obedecer a essas ordens.

— Fácil falar quando não é a senhora que está na frente de uma bala.

— Então, tem mais deles vindo para cá? Mais deles invadindo as nossas lojas, comendo a nossa comida, roubando os nossos animais? Juro que não sei como vamos sobreviver a esse inverno.

— Como sempre sobrevivemos, Madame Durant. Com estoicismo e bom humor, rezando para que Nosso Senhor, se não os nossos bravos rapazes, dê um soberbo pé no traseiro dos boches. — Monsieur Armand piscou para mim. — Agora, senhoras, o que desejam? Temos pão preto de uma semana, pão preto de cinco dias e pão preto de idade indeterminada, garantidamente sem caruncho.

— Há dias em que eu consideraria um caruncho um *hors d'oeuvre* bem-vindo — disse Madame Louvier com lamento.

— Então vou guardar um vidro de geleia cheio deles para a senhora, minha cara Madame. Pode acreditar, muito frequentemente recebemos doses generosas na nossa farinha. Bolo de caruncho, torta de caruncho, profiteroles de caruncho: graças à generosidade alemã, podemos oferecer tudo isso.

Rimos. Era impossível não rir. Monsieur Armand conseguia provocar um sorriso mesmo no mais angustiante dos dias.

Madame Louvier pegou o pão dela e o colocou na cesta com nojo. Monsieur Armand não se ofendeu: via aquela expressão cem vezes por dia. O pão era preto, quadrado e pegajoso. Exalava um cheiro de mofo, como se estivesse estragando desde o instante em que saíra do forno. Era tão duro que as mulheres mais velhas tinham que pedir ajuda aos jovens simplesmente para cortá-lo.

— Vocês souberam — disse ela, apertando o casaco em volta do corpo — que rebatizaram todas as ruas em Le Nouvion?

— Rebatizaram as ruas?

— Substituíram os nomes franceses por alemães. Monsieur Dinan ouviu do filho dele. Sabe como chamam a Avenue de la Gare?

Todos fizemos que não com a cabeça. Madame Louvier fechou os olhos um instante, como se para ter certeza de ter se lembrado direito.

— Bahnhofstrasse — disse afinal.

— Bahnhof o quê?

— Dá para acreditar?

— Eles não vão rebatizar a minha loja — pigarreou Monsieur Armand. — Vou rebatizar os traseiros deles. *Brot* isso e *Brot* aquilo. Isto é uma *boulangerie*. Na rue des Bastides. Sempre foi, sempre será. Bahnhof que nada. Ridículo.

— Mas isso é terrível! — Madame Durant estava apavorada. — Eu não falo uma palavra de alemão!

Todos olhamos para ela.

— Bom, como vou saber andar na minha própria cidade se não consigo dizer o nome das ruas?

Estávamos tão entretidos rindo que, por um momento, não notamos a porta se abrir. Nesse momento, a loja ficou bruscamente em silêncio. Virei-me e vi Liliane Béthune entrar, de cabeça erguida, mas sem olhar ninguém nos olhos. Tinha o rosto mais cheio do que a maioria das pessoas, e a pele clara estava empoadada e corada de ruge. Ela deu um *bonjour* geral e pôs a mão dentro da bolsa.

— Dois pães, por favor.

Ela recendia a perfume caro e tinha o cabelo cacheado. Numa cidade onde a maioria das

mulheres estava muito esgotada ou sem recursos suficientes para se cuidar mais que o mínimo, ela se destacava como uma joia reluzente. Mas foi seu casaco que me chamou a atenção. Eu não conseguia parar de olhar para ele. Era preto, feito do mais fino astracã de cordeiro e grosso como um tapete de pele. Tinha o brilho macio de algo novo e caro, e a gola lhe subia em volta do rosto como se seu pescoço comprido estivesse emergindo de melado negro. Vi as mulheres mais velhas registrarem o agasalho, com expressões sérias enquanto o olhavam de alto a baixo.

— Um para você, um para o seu alemão? — resmungou Madame Durant.

— Eu disse dois pães, por favor. — Ela se virou para Madame Durant. — Um para mim. Um para minha *filha*.

Uma única vez, Monsieur Armand não riu. Pôs as mãos embaixo do balcão, sem tirar os olhos da mulher, e com os punhos gordos jogou os dois pães no tampo. Não os embrulhou.

Liliane estendeu uma nota, mas ele não a pegou. Aguardou os poucos segundos que ela levou para colocá-la no balcão, e então pegou-a com cuidado, como se aquele dinheiro pudesse contaminá-lo. Pegou duas moedas de troco no caixa e jogou-as no balcão, ignorando a mão estendida da mulher.

Ela olhou para ele, e depois para o balcão onde estavam as moedas.

— Pode ficar com elas — disse. E, com um olhar furioso para nós, agarrou os pães e saiu varrida da loja.

— Como ela tem coragem...

O que mais deixava Madame Durant feliz era se escandalizar com o comportamento de alguém. Para alegria dela, Liliane Béthune lhe dera muitas oportunidades de exercitar a fúria naqueles últimos meses.

— Acho que ela tem que comer, como todo mundo — refleti.

— Toda noite ela vai à fazenda Fourrier. Toda noite. A gente vê quando ela atravessa a cidade andando depressa como um ladrão.

— Ela tem dois casacos novos — disse Madame Louvier. — O outro é verde. Um casaco de lã verde novinho em folha. De Paris.

— E sapatos. De pelica. Claro que ela não ousa usá-los de dia. Sabe que seria linchada.

— Essa aí não vai ser linchada. Não com os alemães de olho nela.

— No entanto, quando eles forem embora, vai ser outra história, hein?

— Eu não queria estar na pele dela, com ou sem couro.

— Odeio vê-la andando feito um pavão por aí, esfregando sua boa sorte na cara de todo mundo. Quem ela acha que é?

Monsieur Armand observou a jovem atravessando a praça. De repente, ele sorriu.

— Eu não me preocuparia, senhoras. Nem tudo sai do jeito que ela quer. Olhamos para ele.

— Vocês conseguem guardar um segredo?

Não sei por que ele se dava o trabalho de perguntar. Aquelas duas velhas mal conseguiam

passar dez segundos caladas.

— O quê?

— Vamos nos limitar a dizer que alguns de nós garantimos que a Srta. Extravagante receba um tratamento especial que ela não estava esperando.

— Não entendi.

— Os pães dela têm vida própria embaixo do balcão. Contêm uns ingredientes especiais. Ingredientes que juro a vocês que não entram em nenhum dos meus outros pães.

Os olhos das velhas se arregalaram. Não ousei perguntar o que o padeiro queria dizer, mas o brilho em seus olhos sugeria várias possibilidades, e em nenhuma delas eu queria apostar.

— *Non!*

— Monsieur Armand!

Elas estavam escandalizadas, mas começaram a rir.

Então me senti mal. Eu não gostava de Liliane Béthune, nem do que ela estava fazendo, mas aquilo me repugnou.

— Eu... eu tenho que ir embora. Hélène precisa...

Peguei o meu pão. Ainda com as risadas delas ecoando nos ouvidos, voltei correndo para a relativa segurança do hotel.

* * *

A comida veio na sexta-feira seguinte. Primeiro, os ovos, duas dúzias, entregues por um jovem cabo alemão, que os trouxe cobertos com um pano branco, como se estivesse entregando um contrabando. Depois, pão, branco e fresco, em três cestas. Eu deixara um pouco de gostar de pão desde aquele dia na *boulangerie*, mas segurar pães frescos, crocantes e quentinhos me deixou quase embriagada de desejo. Eu mandara Aurélien subir, de tanto medo de que ele não conseguisse resistir à tentação de comer um pedaço.

Em seguida, seis galinhas, ainda com as penas, e um caixote com repolho, cebolas, cenouras e alho silvestre. Depois disso, vieram vidros de tomate em conserva, arroz e maçãs. Leite, café, três nacos gordos de manteiga, farinha, açúcar. Garrafas e garrafas de vinho do sul. Eu e Hélène recebemos todas as entregas em silêncio. Os alemães nos entregavam formulários, em que todas as remessas haviam sido cuidadosamente anotadas. Não seria fácil roubar: um formulário exigia que anotássemos as quantidades exatas usadas para cada receita. Pediram também para que colocássemos quaisquer sobras num balde que seria recolhido para alimentar os animais domésticos. Quando vi isso, me deu vontade de cuspir.

— Isto é para hoje à noite? — perguntei ao último cabo.

Ele deu de ombros. Apontei para o relógio.

— Hoje? — Apontei para a comida. — *Kuchen?*

— *Ja* — disse ele, balançando cabeça com veemência. — *Sie kommen. Acht Uhr.*

— Oito horas — disse Héléne, atrás de mim. — Eles querem comer às oito horas.

Nosso próprio jantar fora uma fatia de pão preto com uma camada fina de geleia acompanhado por beterrabas cozidas. Ter que assar frangos, encher a nossa cozinha com os aromas de alho e tomate, de torta de maçã, parecia uma forma de tortura. Naquela primeira noite, tive medo até de lamber os dedos, embora vê-los sujos de molho de tomate ou melados de torta de maçã fosse muito tentador. Por várias vezes, enquanto eu abria a massa, ou descascava as maçãs, quase desmaiei de desejo. Tivemos que expulsar Mimi, Aurélien e o pequeno Jean para o andar de cima, de onde, de vez em quando, vinham uivos de protesto.

Eu não queria preparar uma refeição fina para os alemães. Mas temia não fazê-lo. A certa altura, eu disse a mim mesma, ao tirar os frangos assados do forno e regá-los com o molho da assadeira, que talvez eu pudesse gostar de ver essa comida. Talvez eu pudesse me deliciar com a oportunidade de contemplar, de cheirar aquilo outra vez. Mas, naquela noite, eu não conseguiria. Quando a campainha da porta tocou, avisando-nos da chegada dos oficiais, minha barriga doía e eu suava de fome. Nunca na vida senti um ódio tão grande dos alemães.

— Madame.

O Kommandant foi o primeiro a entrar. Tirou o quepe respingado de chuva e fez um gesto para que os oficiais fizessem o mesmo.

Enxuguei as mãos no avental, sem saber como reagir.

— Herr Kommandant. — Meu rosto não tinha expressão.

O ambiente estava aquecido: os alemães haviam enviado três cestos de lenha para podermos acender a lareira. Os homens tiravam os cachecóis e os chapéus, farejando o ar, já sorrindo com expectativa. O aroma do frango, assado num molho de alho e tomate, impregnara todo o ambiente.

— Acho que queremos comer já — disse o Kommandant, olhando para a cozinha.

— Como quiserem — falei. — Vou servir o vinho.

Aurélien abrira várias garrafas na cozinha. Chegou carrancudo, com duas nas mãos. A tortura que essa noite nos infligira perturbara especialmente a ele. Eu temia, dada a surra recente, sua juventude e sua natureza impulsiva, que ele se metesse em apuros. Peguei as garrafas das mãos dele.

— Vá dizer a Héléne que ela tem que servir o jantar.

— Mas...

— Vá! — ralhei com ele.

Fui para trás do balcão servir o vinho. Não olhei para nenhum dos homens enquanto colocava os copos nas mesas, apesar de sentir os olhos deles em mim. Sim, me olhem, eu lhes dizia em silêncio. Mais uma francesa esquelética que vocês subjagam pela fome. Espero que minha aparência estrague o apetite de vocês.

Minha irmã levou os primeiros pratos, recebidos com murmúrios de satisfação. Em minutos, os homens estavam comendo, batendo com os talheres na louça, exclamando no idioma deles. Eu ia para cima e para baixo com pratos cheios, tentando não aspirar os deliciosos aromas, tentando não olhar para a carne untuosa ao lado dos legumes brilhantes.

Por fim, todos foram servidos. Eu e Hélène estávamos de pé juntas atrás do balcão, quando o Kommandant fez um demorado brinde em alemão. Não sei dizer o que senti ao ouvir aquelas vozes em nossa casa; vendo-os comer a comida que tínhamos preparado com tanto cuidado, rir e beber descontraidamente. Estou fortalecendo esses homens, pensei com tristeza, enquanto o meu amado Édouard talvez esteja fraco de inanição. E esse pensamento, talvez somado à minha fome e ao meu esgotamento, me deu um breve desespero. Um pequeno soluço me escapou da garganta. Hélène pegou a minha mão e a apertou.

— Vá para a cozinha — murmurou.

— Eu...

— Vá para a cozinha. Vou para lá depois que tiver reabastecido os copos deles.

Ao menos dessa vez, fiz o que minha irmã mandou.

* * *

Eles passaram uma hora comendo. Eu e ela estávamos sentadas em silêncio na cozinha, perdidas no esgotamento e na confusão de nossos pensamentos. Cada vez que ouvíamos as risadas aumentarem ou uma exclamação calorosa, erguíamos os olhos. Era muito difícil saber o que significavam quaisquer daquelas manifestações.

— Mesdames. — O Kommandant apareceu à porta da cozinha. Nós nos levantamos depressa. — A refeição estava excelente. Espero que possam manter esse padrão.

Olhei para o chão.

— Madame Lefèvre.

Com relutância, ergui os olhos.

— A senhora está pálida. Está doente?

— Estamos muito bem. — Engoli em seco.

Eu sentia os olhos dele me queimando. Ao meu lado, Hélène torcia os dedos, vermelhos da água quente a que não eram habituados.

— Madame, a senhora e a sua irmã já comeram?

Pensei que fosse um teste. Pensei que ele estivesse verificando se tínhamos seguido à risca aqueles formulários infernais. Pensei que ele poderia pesar as sobras, para garantir que não tínhamos enfiado sorratamente na boca um pedaço de casca de maçã.

— Não tocamos num grão de arroz, Herr Kommandant.

Quase cuspi isso na cara dele. A fome faz isso com a gente.

Ele piscou.

— Então devem comer. Não podem cozinhar bem se não comerem. O que sobrou?

Eu não conseguia me mexer. Hélène apontou para a assadeira no fogão. Havia quatro quartos de frango ali, mantidos quentes para o caso de os homens quererem repetir.

— Então, sentem-se. Comam.

Eu não conseguia acreditar que aquilo não fosse uma armadilha.

— Isto é uma ordem — disse ele. Estava quase sorrindo, mas eu não achei graça. — Mesmo. Comam.

— Seria... seria possível dar alguma coisa para as crianças comerem? Faz muito tempo que não comem carne.

Ele franziu um pouco o cenho, como se não tivesse entendido. Eu o odiei. Odiei o som da minha voz, implorando uns restos de comida a um alemão. Ah, Édouard, pensei em silêncio. Se você pudesse me ouvir agora.

— Comam e deem de comer a seus filhos — disse ele sucintamente.

Depois deu meia-volta e saiu da cozinha.

Ficamos ali sentadas em silêncio, as palavras dele ecoando em nossos ouvidos. Então Hélène segurou as saias e subiu a escada correndo, de dois em dois degraus. Eu não a via andar tão depressa havia meses.

Segundos depois, ela tornou a aparecer, com Jean nos braços ainda de pijama, Aurélien e Mimi à frente.

— É verdade? — disse Aurélien.

Olhava boquiaberto para o frango.

Só consegui fazer que sim com a cabeça.

Atacamos aquela ave infeliz. Eu gostaria de poder lhe dizer que eu e minha irmã fomos duas damas, tirando a carne dos ossos delicadamente, como os parisienses, e parando para conversar e limpar a boca entre um bocado e outro. Mas fomos umas selvagens. Arrancávamos nacos de carne, pegávamos punhados de arroz, comíamos de boca aberta, catando como loucas os pedaços que caíam na mesa. Eu já não me importava se isso era uma brincadeira do Kommandant. Nunca tinha comido nada tão bom quanto aquele frango. O alho e os tomates me encheram a boca com um prazer que há muito havia esquecido, as narinas com aromas que eu poderia passar a vida inalando. Emitíamos pequenos ruídos de leite ao comer, primais e desinibidos, cada qual encerrado em seu próprio mundo de satisfação. O bebê Jean ria e cobria a cara de molho. Mimi comia a pele do frango, chupando a gordura dos dedos com um leite barulhento. Eu e Hélène comíamos sem falar, sempre nos certificando de que os pequenos estivessem comendo bem.

Quando não havia sobrado mais nada, quando já tínhamos chupado todos os ossos, limpado o último grão de arroz das travessas, ficamos sentados nos entreolhando. Do bar, ouvíamos a

conversa dos alemães ficando mais barulhenta, a medida que eles bebiam o vinho, e explosões de gargalhadas esporádicas. Limpei a boca com as mãos.

— Não podemos contar a ninguém — disse eu, lavando-as. Eu me sentia como um bêbado que subitamente tivesse ficado sóbrio. — Isso talvez nunca mais aconteça. E precisamos agir como se nunca tivesse acontecido. Se alguém descobrir que comemos a comida dos alemães, seremos considerados traidores.

Olhávamos para Mimi e Aurélien, tentando transmitir a eles a importância do que dizíamos. Aurélien assentiu com a cabeça. Mimi também. Acho que eles teriam concordado em falar alemão para sempre naquele momento. Hélène pegou um pano de prato, umedeceu-o e se pôs a limpar os vestígios da refeição nos rostos dos dois menores.

— Aurélien — disse ela —, leve os dois para cama. Vamos tirar a mesa.

Ele não estava contaminado pelas minhas apreensões. Sorria. Tinha os ombros magros de adolescente relaxados pela primeira vez em meses, e, quando pegou Jean, juro que, se pudesse, teria assobiado.

— Ninguém — alertei-o.

— Eu sei — disse ele, no tom de um garoto de quatorze anos que sabe tudo.

O pequeno Jean já estava caído com as pálpebras sonolentas no ombro dele, exausto com a primeira refeição completa em meses. Eles saíram da cozinha e subiram. Ouvir suas risadas ao chegarem lá em cima me deixou com o coração apertado.

* * *

Passava das onze da noite quando os alemães foram embora. Estávamos sob toque de recolher havia quase um ano. Eu e Hélène adquirimos o hábito de nos deitarmos se, ao anoitecer, não tivéssemos velas ou lampiões. O bar fechava às seis, desde a ocupação, e fazia meses que não ficávamos acordadas até tão tarde. Estávamos exaustas. Nossas barrigas gorgolejavam com o choque da comida substanciosa depois de meses de quase inanição. Vi minha irmã desabar enquanto esfregava as assadeiras. Eu não estava tão cansada assim, e a lembrança do frango me iluminava o cérebro: era como se nervos mortos havia muito tivessem sido reanimados. Eu ainda podia sentir o gosto, o cheiro. Ardía em minha mente como a chama de um pequeno tesouro.

Pouco antes de a cozinha estar de novo limpa, mandei Hélène subir. Ela afastou o cabelo do rosto. Minha irmã fora lindíssima. Quando vi como a guerra a envelhecera, pensei em meu próprio rosto, e me perguntei o que meu marido acharia de mim.

— Não gosto de deixar você sozinha com eles — disse ela.

Fiz que não com a cabeça. Eu não estava com medo; o clima era pacífico. É difícil provocar homens que acabaram de comer bem. Eles haviam bebido, mas as garrafas serviam talvez três copos para cada um; não o suficiente para levá-los a se comportar mal. Meu pai nos dera muito pouco, Deus sabia, mas nos ensinara quando ter medo. Eu era capaz de observar um estranho e

saber pela contração de sua mandíbula, por um leve franzir de olhos, o exato momento em que a tensão interna levaria a um rompante de violência. Além do mais, eu desconfiava de que o Kommandant não toleraria tal atitude.

Fiquei na cozinha, arrumando o local, até o barulho das cadeiras sendo afastadas da mesa me alertar para o fato de que eles estavam indo embora. Fui até o bar.

— Pode fechar a casa agora — disse o Kommandant. Tentei não demonstrar irritação. — Meus homens querem lhe transmitir seus agradecimentos pela excelente refeição.

Olhei para eles. Fiz um pequeno gesto de cabeça. Não queria que me considerassem agradecida pelos elogios alemães.

Ele não pareceu esperar uma resposta. Pôs o quepe, e eu peguei no bolso recibos da comida e entreguei-as a ele. Ele olhou para elas e as jogou de volta na minha mão, com certa impaciência.

— Eu não trato dessas coisas. Dê-as aos homens que entregarem a comida amanhã.

— *Désolée* — eu disse, mas estava farta de saber disso.

Alguma parte maldosa de mim quisera rebaixá-lo, ainda que por um instante apenas, a uma posição subalterna.

Fiquei ali enquanto os oficiais pegavam os casacos e os chapéus, alguns deles colocando as cadeiras no lugar, com um vestígio de cavalheirismo, outros descuidados, como se estivessem no direito de tratar qualquer lugar como se fosse a própria casa. Então era isso, pensei. Deveríamos passar o resto da guerra cozinhando para alemães.

Eu me perguntei por um instante se devíamos ter cozinhado mal, ter tido menos trabalho. Mas *Maman* sempre incutira em nós que cozinhar mal era um pecado. E por mais imorais que tenhamos sido, por mais traiçoeiras, eu sabia que todos nós nos lembraríamos da noite do frango assado. Pensar que talvez houvesse mais me deixou meio tonta.

Foi então que me dei conta de que ele estava olhando para o quadro.

Fui invadida por um medo súbito, lembrando-me das palavras de minha irmã. O quadro parecia subversivo, sim, suas cores muito vivas no pequeno bar sem vida, a garota obstinada e confiante. Ela parecia, eu via agora, quase como se estivesse zombando deles.

Ele continuou olhando o quadro. Atrás dele, seus homens haviam começado a se retirar, falando alto e em tom grosseiro, as vozes ecoando na praça vazia. Eu estremeia um pouco cada vez que a porta abria.

— Parece você.

Fiquei surpresa por ele conseguir ver. Eu não queria concordar. O fato de ele ser capaz de me ver na garota implicava uma espécie de intimidade. Engoli em seco. Apertei as mãos com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos.

— Sim. Bem, foi há muito tempo.

— Parece um pouco... Matisse.

Fiquei tão admirada com o comentário que falei sem pensar.

— Édouard foi aluno dele, na Académie Matisse, em Paris.

— Conheço a escola. Já viu um artista chamado Hans Purrmann? — Devo ter tido um sobressalto. Vi seu olhar mover-se na minha direção. — Sou um grande admirador do trabalho dele.

Hans Purrmann. A Académie Matisse. Ouvir essas palavras da boca de um Kommandant alemão me deixou quase tonta.

Eu queria que ele fosse embora. Não queria que mencionasse aqueles nomes. Aquelas lembranças eram minhas, pequenos presentes a que eu podia recorrer para me reconfortar nos dias em que me sentia esmagada pela realidade. Eu não queria os meus dias mais felizes poluídos pelas observações superficiais de um alemão.

— Herr Kommandant, preciso tirar as mesas. Se me der licença.

Comecei a empilhar pratos, recolher copos. Mas ele não se mexeu. Senti seus olhos pousados no quadro como se pousassem em mim.

— Há muito tempo não converso sobre arte com ninguém. — Era como se estivesse falando com o quadro. Finalmente, pôs as mãos às costas e se virou para mim. — Nós a veremos amanhã.

Não consegui olhar para ele quando passou.

— Herr Kommandant — eu disse, segurando os pratos.

— Boa noite, Madame.

Quando finalmente consegui subir, Héléne dormia de bruços em cima da colcha, ainda vestida com as roupas com que cozinhará. Afrouxei seu corpete, tirei os sapatos e cobri-a. Então me deitei, com os pensamentos zumbindo e girando rumo ao amanhecer.

Paris, 1912

— Mademoiselle!

Olhei por cima da vitrine das luvas e fechei o vidro; o barulho foi engolido pelo enorme átrio que constituía a área central de compras do La Femme Marché.

— Mademoiselle! Aqui! Pode me atender?

Eu o teria notado mesmo se ele não estivesse gritando. Ele era alto e corpulento, com um cabelo ondulado que lhe caía em volta das orelhas, destoando do corte rente da maioria dos cavalheiros que entravam em nossa loja. Suas feições eram fortes e amigáveis, do tipo que meu pai teria classificado de *paysan*. O homem parecia, pensei, um cruzamento entre um imperador romano e um urso russo.

Enquanto eu me encaminhava em sua direção, ele apontou para os lenços. Mas não tirou os olhos de mim ao fazer isso. Na verdade, eles me fitaram tão demoradamente que olhei para trás, com medo de que Madame Bourdain, que era minha supervisora, pudesse ter notado o que se passou entre nós.

— Preciso que você me ajude a escolher uma echarpe — disse ele.

— Que tipo de echarpe, Monsieur?

— Uma echarpe de mulher.

— Qual seria o tom de pele dela? Ela tem preferência por algum tecido em particular?

Ele continuou me olhando. Madame Bourdain estava ocupada atendendo uma mulher com um chapéu de plumas de pavão. Se tivesse olhado de onde estava, na seção de cremes faciais, ela veria que eu tinha corado até as orelhas.

— O que ficar bem em você — disse ele, e acrescentou: — Ela tem o seu tom de pele.

Selecionei cuidadosamente as echarpes de seda, minha pele ficando cada vez mais quente e peguei uma das minhas favoritas: uma faixa de tecido fino e leve como uma pluma de um azul intenso e opalescente.

— Esta cor fica bem em quase todo mundo — eu disse.

— Sim... sim. Segure a echarpe no alto — pediu ele. — Encostada em você. Aqui. — Apontou para sua clavícula.

Olhei para Madame Bourdain. Havia orientações estritas quanto ao nível de intimidade de tais trocas, e eu não sabia se segurar uma echarpe encostada no meu pescoço nu estava entre elas. Mas o homem estava esperando. Hesitei, depois trouxe-a até o rosto. Ele me observou por tanto tempo que todo o andar térreo pareceu desaparecer.

— É essa. Linda. Pronto! — exclamou ele, pegando a carteira no bolso. — Você facilitou a minha compra.

Ele riu, e eu me peguei rindo para ele também. Talvez fosse simplesmente o alívio por ele ter parado de me olhar.

— Não sei se eu... — Eu estava embrulhando a echarpe em papel de seda, então abaixei a cabeça enquanto minha supervisora se aproximava.

— Sua assistente fez um trabalho excelente, Madame — disse ele com um vozeirão. Olhei de soslaio, observando-a enquanto ela tentava conciliar a aparência um tanto desalinhada do homem com o domínio da linguagem que normalmente vinha com uma extrema riqueza. — A senhora devia promovê-la. Ela tem bom olho!

— Tentamos garantir que nossas assistentes sempre ofereçam atendimento profissional, Monsieur — disse ela docemente. — Mas esperamos que a qualidade dos nossos artigos faça com que todas as compras sejam satisfatórias. São dois francos e quarenta.

Entreguei-lhe o embrulho, depois o observei atravessar com muita calma o andar apinhado da maior loja de departamentos de Paris. Ele cheirava os perfumes nos frascos, examinava os chapéus coloridos, falava com quem estava atendendo ou mesmo simplesmente passando. Como seria ser casada com um homem daqueles, pensei distraidamente, alguém para quem cada momento parecia conter um prazer sensorial? Mas — lembrei a mim mesma — um homem que também se sente com liberdade para ficar encarando uma vendedora de loja até ela corar. Quando chegou às imponentes portas de vidro, ele se virou e olhou diretamente para mim. Levantou o chapéu por três segundos, depois desapareceu na manhã de Paris.

* * *

Eu fora para Paris no verão de 1910, um ano antes da morte de minha mãe e um mês depois do casamento de minha irmã com Jean-Michel Montpellier, um escriturário do vilarejo vizinho. Eu arranjara um emprego no La Femme Marché, a maior loja de departamentos de Paris, e conseguira subir de assistente de loja a assistente de andar, morando na grande pensão da própria loja.

Estava satisfeita em Paris, após ter superado a solidão inicial, e ganhava bastante para usar outros sapatos que não os tamancos que me identificavam como provinciana. Eu adorava o trabalho; chegava às oito e quarenta e cinco, quando as portas se abriam e as parisienses elegantes entravam, com aqueles chapéus altos, aquelas cinturas dolorosamente finas, os rostos emoldurados por peles ou penas. Eu adorava estar livre da sombra que o temperamento do meu pai lançara sobre a minha infância inteira. Os bêbados e os tarados do 9^o *arrondissement* não me assustavam. E eu adorava a loja: uma profusão de coisas bonitas. Seus aromas e cenários eram inebriantes, seu estoque, sempre em constante transformação, com novidades e belos objetos dos quatro cantos do mundo: sapatos italianos, *tweeds* ingleses, caxemiras escocesas, sedas chinesas, modas dos Estados Unidos e de Londres. No subsolo, a nova seção de comida oferecia chocolates da Suíça, untuosos peixes defumados, queijos fortes e cremosos. Passar um dia no movimentado

La Femme Marché significava adquirir uma noção do que havia em um mundo mais amplo e mais exótico.

Eu não desejava me casar (não queria terminar como minha mãe), e a ideia de ficar onde eu estava, como Madame Arteil, a costureira, ou minha supervisora, Madame Bourdain, me convinha perfeitamente.

Dois dias depois, ouvi a voz dele de novo:

— Vendedora! Mademoiselle!

Eu estava atendendo uma jovem na compra de um par de finas luvas de pelica. Fiz um sinal de cabeça para ele e continuei caprichando no embrulho da jovem.

Mas ele não esperou.

— Preciso urgentemente de outra echarpe — anunciou. A mulher pegou o embrulho da minha mão com um muxoxo. Se ele ouviu, não demonstrou. — Pensei em algo vermelho. Alguma coisa vibrante, acesa. O que você tem?

Fiquei meio aborrecida. Madame Bourdain incutira em mim a ideia de que essa loja era um pedacinho do paraíso: o cliente sempre devia sair com a sensação de ter encontrado uma trégua para a agitação das ruas (mesmo que deixando com elegância o seu dinheiro). Eu temia que a minha cliente pudesse reclamar. Ela saía rapidamente, com o queixo empinado.

— Não não não, essas não — disse ele, quando comecei a repassar o meu mostruário. — Aquelas. — Apontou, na vitrine, as mais caras. — Aquela.

Peguei a echarpe. Com um tom rubi de sangue vivo, a echarpe brilhava nas minhas pálidas mãos, como uma ferida.

Ele sorriu ao vê-la.

— O seu pescoço, Mademoiselle. Levante um pouco a cabeça. Isso. Assim.

Fiquei inibida ao segurar a echarpe dessa vez. Sabia que minha supervisora me observava.

— Você tem uma tez bonita — murmurou ele, pondo as mãos nos bolsos para pegar o dinheiro enquanto, depois de retirar depressa a echarpe, comecei a embrulhá-la em papel de seda.

— Tenho certeza de que a sua esposa ficará encantada com os presentes — falei.

Minha pele ardia onde seu olhar pousara.

Ele me olhou então, franzindo os olhos.

— De onde é a sua família? Você com essa pele... Do Norte? Lille? Bélgica?

Fingi que não tinha ouvido. Não estávamos autorizadas a falar de assuntos pessoais com clientes, especialmente os do sexo masculino.

— Sabe qual é a minha comida preferida? *Moules marinière* com creme da Normandia. Umás cebolas. Um pouquinho de *pastis*. Humm. — Ele encostou os dedos na boca e segurou o embrulho que lhe entreguei. — *À bientôt*, Mademoiselle!

Mas dessa vez não me atrevi a acompanhar com o olhar seu deslocamento pela loja. Pelo

calor na minha nuca, porém, eu sabia que ele parara de novo para me olhar. Fiquei furiosa. Em St Péronne, tal comportamento seria impensável. Em Paris, os homens se sentiam tão à vontade para olhar que às vezes eu tinha a sensação de estar andando na rua só com as roupas de baixo.

* * *

Duas semanas antes do Dia da Bastilha, houve uma grande agitação na loja. A cantora Mistinguett entrara no andar térreo. Rodeada por um séquito de acólitos e assistentes, ela se destacava com seu sorriso deslumbrante e seu chapéu coberto de rosas, como se tivesse sido desenhada de forma mais brilhante que qualquer outra pessoa. Comprava sem examinar os produtos e apontava alegremente para as vitrines, de onde os assistentes recolhiam os artigos depois que ela passava. Olhávamos de longe como se ela fosse um pássaro exótico, e nós apenas pombos parisienses cinzentos. Vendi-lhe duas estolas: uma de seda creme e outra de plumas macias, tingidas de azul. Podia ver a estola ao redor de seu pescoço, e me senti aspergida com um pouco do glamour dela.

Passei alguns dias me sentindo meio instável depois disso, como se sua beleza excessiva, seu estilo me tivessem conscientizado da ausência desses atributos em mim.

O Homem Urso, enquanto isso, veio mais três vezes à loja. A cada vez, comprava uma echarpe, sempre fazendo questão de que fosse eu a atendê-lo.

— Você tem um admirador — comentou Paulette (Perfumes).

— Monsieur Lefèvre? Cuidado — disse com desdém Loulou (Bolsas e Carteiras). — O Marcel, do correio, viu-o em Pigalle, conversando com umas garotas de rua. Afe. Falando no diabo.

Ela tornou a se virar para o seu balcão.

— Mademoiselle.

Estremeci e me virei.

— Desculpe-me. — Ele se apoiou no balcão, com as mãos grandes tomando a largura do vidro. — Não tive intenção de assustá-la.

— Longe de mim estar assustada, Monsieur.

Seus olhos castanhos exploravam meu rosto com tanta intensidade que ele parecia travar um diálogo interno, do qual eu não podia me inteirar.

— Gostaria de ver mais algumas echarpes?

— Hoje não. Queria... pedir-lhe algo.

Levei a mão à gola.

— Eu gostaria de pintá-la.

— O quê?

— Meu nome é Édouard Lefèvre. Sou artista. Eu gostaria muito de pintá-la, se puder me

ceder uma ou duas horas.

Pensei que ele estivesse brincando comigo. Olhei para onde Loulou e Paulette estavam atendendo, perguntando-me se elas ouviam.

— Por que... por que o senhor haveria de querer *me* pintar?

Foi a primeira vez que o vi parecer pelo menos ligeiramente desconcertado.

— Quer mesmo que eu responda?

Eu falara, percebi, como se estivesse esperando elogios.

— Mademoiselle, não estou lhe fazendo nenhuma proposta indecorosa. Você pode levar uma acompanhante se quiser. Eu simplesmente quero... O seu rosto me fascina. Fica na minha cabeça até bem depois de eu sair do La Femme Marché. Quero colocá-lo no papel.

Contive o desejo de pôr a mão no queixo. *Meu rosto? Fascinante?*

— A sua esposa vai estar presente?

— Eu não tenho esposa. — Pegou um pedaço de papel no bolso e rabiscou algo. — Mas tenho um monte de echarpes.

Estendeu o papel para mim, e me peguei olhando de soslaio, como uma criminosa, antes de pegá-lo.

* * *

Não contei a ninguém. Eu nem sabia direito o que poderia ter dito. Botei e tirei o meu melhor vestido duas vezes. Levei um tempo extraordinário me penteando. Passei vinte minutos sentada junto à porta do meu quarto e desfiei todas as razões pelas quais eu não devia ir.

A proprietária ergueu uma sobrancelha quando afinal saí. Eu tirara os sapatos bons e calçara os tamancos para diminuir as suspeitas dela. Enquanto caminhava, eu argumentava comigo mesma.

Se as supervisoras souberem que você posou para um artista, vão pôr em dúvida a sua moral. Você poderia perder o emprego!

Ele quer me pintar! A mim, Sophie de St Péronne. O oposto da beleza de Hélène.

Talvez haja alguma coisa de ordinário na minha aparência que o tenha convencido de que eu não recusaria. Ele anda com garotas em Pigalle...

Mas o que eu faço na vida além de trabalhar e dormir? Seria assim tão ruim me permitir essa experiência?

O endereço que ele me dera ficava a duas ruas do Panthéon. Segui pela rua estreita, parei à porta, conferi o número e bati. Ninguém respondeu. Do alto, chegava uma música. A porta estava entreaberta, então entrei. Subi devagar a escada estreita até chegar a uma porta. Através dela, eu ouvia um gramofone, uma mulher cantando uma canção de amor e desespero, um homem a acompanhando, com um baixo intenso e rouco inconfundível. Fiquei parada um

instante, ouvindo, sorrindo distraidamente. Empurrei a porta.

Uma ampla sala estava inundada de luz. Uma parede era de tijolos aparentes, outra, quase toda de vidro, com janelas que iam de uma ponta a outra. A primeira coisa que chamou minha atenção foi a bagunça impressionante. Havia pilhas de telas encostadas em todas as paredes; vidros de pincéis sujos espalhados por todas as superfícies, disputando espaço com caixas de carvão e cavaletes, com gotas endurecidas de cores vivas. Havia peças de tecidos de tela, alguns lápis, uma escada, pratos com restos de comida. E em todo o ambiente, o cheiro penetrante da terebintina misturada com tinta a óleo, um ranço de fumo e eflúvios avinagrados de vinho velho. Havia garrafas verdes em todos os cantos, algumas com uma vela enfiada no gargalo, outras visivelmente com o resíduo de comemoração. Havia um monte de dinheiro em cima de uma cadeira: uma porção de moedas e notas amontoadas. E ali, no centro de tudo aquilo, andando devagar para a frente e para trás com um vidro de pincéis, concentrado, estava Monsieur Lefèvre, vestido com uma bata e calças de camponês, como se estivesse a mais de cem quilômetros do centro de Paris.

— Monsieur?

Ele piscou duas vezes para mim, como se tentando recordar quem eu era, depois pôs o vidro de pincéis na mesa ao seu lado.

— É você!

— Bem. Sim.

— Maravilhoso! — Ele balançou a cabeça como se ainda estivesse custando a registrar minha presença. — Maravilhoso. Entre, entre. Vou encontrar um lugar para você se sentar.

Ele parecia maior, seu corpo claramente visível através do tecido da bata. Fiquei segurando minha bolsa sem jeito enquanto ele começava a retirar pilhas de jornais de uma *chaise longue* velha até haver espaço.

— Por favor, sente-se. Gostaria de beber alguma coisa?

— Só água, obrigada.

Eu não me sentira desconfortável no caminho para lá, apesar da precariedade da minha posição. Não me incomodara com a sordidez da área, com o ateliê estranho. Mas agora eu me sentia insegura, e meio tola, e isso me deixou tensa e constrangida.

— O senhor não estava me esperando, Monsieur.

— Desculpe-me. Eu apenas não acreditei que você viesse. Mas estou muito feliz por ter vindo. Muito feliz.

Ele recuou e olhou para mim.

Eu sentia seus olhos percorrendo o meu rosto, meu pescoço, meu cabelo. Sentei-me diante dele dura como um colarinho engomado. Ele exalava um cheiro ligeiramente vulgar. Não era desagradável, mas quase forte demais nas circunstâncias.

— Tem certeza de que não quer uma taça de vinho? Alguma coisa para relaxar um pouco?

— Não, obrigada. Eu só queria começar. Eu... só tenho uma hora de folga.

De onde viera aquela afirmação? Acho que metade de mim queria ir embora.

Ele tentou me posicionar, fazer com que eu largasse a bolsa e encostasse um pouco no braço da *chaise longue*. Mas eu não conseguia. Sentia-me humilhada sem conseguir dizer por quê. E enquanto Monsieur Lefèvre trabalhava, olhando do cavalete para mim e vice-versa, raramente falando, percebi que não me sentia admirada nem importante, como secretamente achara que poderia me sentir; a sensação na verdade era como se ele estivesse olhando através de mim. Eu me tornara, ao que parecia, um *objeto*, um tema, sem significado maior que a garrafa verde ou as maçãs na tela de natureza-morta ao lado da porta.

Era evidente que ele também não estava gostando daquilo. À medida que a hora passava, ele parecia cada vez mais consternado, emitindo pequenos ruídos de frustração. Eu estava imóvel como uma estátua, temendo estar fazendo algo errado, mas afinal ele disse:

— Mademoiselle, vamos terminar. Não sei se os deuses do carvão estão comigo hoje.

Endireitei-me com algum alívio, alongando o pescoço.

— Posso ver?

A garota no quadro era eu, certamente, mas fiz uma careta. Ela parecia sem vida, como uma boneca de porcelana. Tinha uma expressão firme e dura, e o recato empertigado de uma solteirona. Tentei não demonstrar quão decepcionada eu estava.

— Não. Não é você, Mademoiselle. — Ele encolheu os ombros. — Estou... estou frustrado comigo mesmo.

— Eu poderia voltar no domingo, se o senhor quisesse.

Não sei por que eu disse aquilo. Não era como se eu tivesse gostado da experiência.

Ele sorriu para mim então. Tinha olhos bondosos.

— Seria... muita generosidade. Tenho certeza de que vou conseguir fazer-lhe justiça em outra ocasião.

Mas domingo não foi melhor. Tentei, tentei mesmo. Fiquei recostada com o braço atravessado na *chaise longue*, o corpo torcido como a Afrodite reclinada que ele me mostrou num livro, a saia caída em pregas sobre as pernas. Tentei relaxar e fazer uma expressão mais suave, mas naquela posição meu corpete apertava na cintura e uma mecha de cabelo ficava se soltando e a tentação de esticar a mão para prendê-la era quase avassaladora. Foram algumas horas longas e difíceis. Antes mesmo de ver o quadro, percebi pela cara de Monsieur Lefèvre que ele estava, de novo, desapontado.

Esta sou eu?, pensei, olhando para a garota de cara triste que era menos Vênus que uma dona de casa passando o dedo nos móveis para ver se havia poeira.

Dessa vez, acho que ele até sentiu pena de mim. Desconfio que eu era a modelo mais feia que ele já tivera.

— Não é você, Mademoiselle — insistia ele. — Às vezes... a gente demora um pouco a

captar a verdadeira essência de uma pessoa.

Mas era isso que me perturbava mais. Eu tinha medo de que ele já tivesse captado.

* * *

Era o Dia da Bastilha quando tornei a vê-lo. Eu caminhava pelas ruas apinhadas do Quartier Latin, passando embaixo das enormes bandeiras listradas de azul, branco e vermelho e das perfumadas coroas de flores penduradas nas janelas, andando em zigue-zague pela multidão, que esperava para ver os soldados passarem marchando, com os rifles carregados nos ombros.

Paris celebrava. Em geral fico confortável sozinha, mas naquele dia eu estava inquieta, sentindo-me estranhamente só. Quando cheguei ao Panthéon, parei: diante de mim, a rue Soufflot virara uma massa rodopiante de corpos, sua extensão normalmente cinzenta agora repleta de gente dançando, as mulheres com saias compridas e chapéus de abas largas, a banda em frente ao Café Léon. As pessoas se movimentavam em graciosos círculos, ficavam paradas na beira da calçada observando e conversando, como se a rua fosse um salão de baile.

Então lá estava ele, sentado no meio daquela gente toda, com uma echarpe colorida enrolada no pescoço. Mistinguett, com seus acompanhantes em volta dela, tinha a mão pousada possessivamente em seu ombro enquanto dizia algo que o fez dar uma estrondosa gargalhada.

Fiquei olhando espantada para eles. Então, talvez compelido pela intensidade do meu olhar, ele me viu. Escapuli rapidamente por uma passagem e tomei a direção oposta, o rosto em chamas. Corri entre os casais que dançavam, meus tamancos estrepitando no cascalho. Mas em segundos a voz dele retumbou atrás de mim.

— Mademoiselle!

Eu não podia fingir que não o ouvira. Virei-me. Por um momento, parecia que ele ia me abraçar, mas algo em minha atitude deve tê-lo detido. Em vez de me abraçar, tocou de leve no meu braço e me encaminhou na direção da aglomeração.

— Que maravilha esbarrar com você — disse ele. Comecei a dar desculpas, tropeçando nas palavras, mas ele levantou a mão. — Vamos, Mademoiselle; é feriado. Mesmo os mais atarefados precisam se divertir de vez em quando.

À nossa volta, as bandeiras tremulavam à brisa do fim da tarde. Dava para ouvir o panejar, como o palpar errático do meu coração. Tentei pensar em um jeito educado de escapular, mas ele voltou a insistir.

— Vejo, Mademoiselle, que vergonhosamente, apesar de nos conhecermos, eu não sei o seu nome.

— Bessette — respondi. — Sophie Bessette.

— Então, por favor, deixe-me oferecer-lhe uma bebida, Mademoiselle Bessette.

Neguei com um gesto de cabeça. Eu me sentia mal, como se no simples ato de ir até ali

tivesse revelado muito sobre mim. Olhei para o ponto às costas dele, onde Mistinguett continuava parada em meio ao seu grupo de amigos.

— Vamos? — Ele estendeu o braço.

E naquele momento, a grande Mistinguett olhou diretamente para mim.

Houve, para ser honesta, algo na expressão dela, um lampejo de irritação quando ele estendeu o braço. Esse homem, esse Édouard Lefèvre, tinha o poder de fazer uma das maiores estrelas de Paris sentir-se apagada e invisível. E ele me preferira a ela.

Olhei para ele.

— Só uma água, então; obrigada.

Acompanhei-o de volta à mesa.

— Misty, minha querida, esta é Sophie Bessette.

O sorriso permanecia, mas o olhar de alto a baixo que me lançou era frio. Eu me perguntei se ela se lembrava de eu tê-la atendido na loja de departamentos.

— Tamancos — disse um dos cavalheiros atrás dela. — Que coisa mais... pitoresca.

O murmúrio das risadas me deixou com a pele formigando. Respirei fundo.

— O empório vai estar cheio deles para a coleção de primavera — respondi com calma. — São a última moda. *É la mode paysanne*.

Senti as pontas dos dedos de Édouard tocarem nas minhas costas.

— Com os tornozelos mais delicados de Paris, acho que Mademoiselle Bessette pode usar o que quiser.

Fez-se um breve silêncio entre o grupo, como se assimilassem o significado das palavras de Édouard. Os olhos de Mistinguett se desviaram de mim.

— *Enchantée* — disse ela, com seu sorriso deslumbrante. — Édouard, querido, tenho que ir. Ocupadíssima. Ligue-me assim que puder, está bem?

Ela estendeu a mão enluvada, e ele a beijou. Tive que me esforçar para tirar os olhos dos lábios dele. Então ela se retirou, criando uma ondulação na multidão, como se estivesse separando águas.

Então, nos sentamos. Édouard Lefèvre esparramado em sua cadeira, como se supervisionasse uma praia, enquanto eu continuava tensa e sem jeito. Sem dizer nada, ele me entregou uma bebida, e havia um leve pedido de desculpas em sua expressão, com — seria mesmo? — o vestígio de um sorriso contido. Como se tudo — como se as pessoas ali — fosse tão ridículo que eu não podia me sentir menosprezada.

Em meio àquela gente dançando feliz, cercada de alegria sob um céu azul, comecei a relaxar. Édouard falava comigo com a maior educação, perguntando sobre minha vida antes de Paris, a política dentro da loja, interrompendo de vez em quando para colocar o cigarro no canto da boca e gritar "*Bravo!*" para a banda, batendo palmas com aquelas mãos grandes. Ele conhecia quase todo mundo. Perdi a conta da quantidade de gente que parava para

cumprimentá-lo ou pagar-lhe uma bebida: artistas, lojistas, mulheres aventureiras. Era como estar com a realeza. Salvo pelo fato de que era possível observar as pessoas me olhando rapidamente enquanto se perguntavam o que um homem que poderia ter tido Mistinguett estava fazendo com uma garota como eu.

— As garotas na loja dizem que você fala com *les putains* de Pigalle.

Não me contive: eu estava curiosa.

— Falo. E muitas delas são ótimas companhias.

— Você as pinta?

— Quando posso pagar pelo tempo delas. — Ele acenou com um gesto de cabeça a um homem que nos cumprimentou tocando a aba do chapéu. — Elas são excelentes modelos. Em geral, totalmente desinibidas em relação ao corpo.

— Diferentemente de mim.

Ele viu que corei. Após uma breve hesitação, colocou a mão sobre a minha, como se pedisse desculpas. Isso me fez corar ainda mais.

— Mademoiselle — disse ele baixinho —, aqueles quadros foram um fracasso meu, não seu. Eu... — Ele mudou de abordagem. — Você tem outras qualidades. Você me fascina. Não se intimida com muita coisa.

— Não — concordei. — Acho que não.

Comemos pão, queijo e azeitonas, e foram as melhores azeitonas que eu já provara. Ele tomou *pastis*, pousando na mesa com um prazer ruidoso os copos que ia virando. A tarde foi passando. As pessoas riam mais alto, as bebidas chegavam mais depressa. Eu me permiti tomar duas tacinhas de vinho e comecei a me divertir. Ali, na rua, naquele dia quente, eu não era a forasteira provinciana, a vendedora no penúltimo nível mais baixo da escala. Eu era apenas mais uma participante da festa, aproveitando as comemorações da Bastilha.

Então Édouard afastou a mesa e ficou em pé na minha frente.

— Vamos dançar?

Não consegui pensar numa razão para recusar. Peguei a mão que ele me oferecia, e ele me levou girando para o mar de gente. Eu não dançava desde que saíra de St Péronne. Agora sentia a brisa rodopiando em meus ouvidos, o peso da mão dele na minha cintura, os tamancos extraordinariamente leves em meus pés. Ele recendia a fumo, anis e algo másculo que me deixou um pouco com falta de ar.

Não sei o que era. Eu bebera pouco e não podia culpar o vinho. Ele não era especialmente bonito, e eu não achava minha vida incompleta por não ter um homem.

— Pinte-me de novo — falei.

Ele parou e me olhou, intrigado. Eu podia entendê-lo: eu mesma estava confusa.

— Pinte-me de novo. Hoje. Agora.

Ele não disse nada; voltou para a mesa, pegou os cigarros, e fomos para o ateliê dele, abrindo

caminho em meio à multidão que enchia as ruas.

Subimos os degraus estreitos de madeira, ele abriu a porta do ateliê claro, e eu esperei ele tirar o paletó, colocar um disco no gramofone e misturar as tintas na paleta. Então, enquanto ele cantarolava para si mesmo, comecei a desabotoar a blusa. Tirei os sapatos e as meias. Despi a saia até ficar vestida só com o *chemise* e a anágua branca de algodão. Sentei-me ali, quase nua, e soltei o cabelo, que me caiu em volta dos ombros. Quando ele voltou a se virar para mim, ouvi seu suspiro.

Ele piscou.

— Assim? — perguntei.

Ansiiedade atravessou seu rosto. Estava, talvez, com medo que seu pincel me traisse de novo. Mantive o olhar firme, a cabeça erguida. Olhei para ele como se fosse um desafio. Então, um impulso artístico assumiu o comando e ele se concentrou completamente na inesperada brancura leitosa da minha pele e no castanho-avermelhado do meu cabelo solto; tudo que se assemelhasse a preocupação com a castidade foi esquecido.

— Sim, sim. Chegue a cabeça um pouco para a esquerda, por favor — orientou. — E a mão. Assim. Fique com ela um pouquinho aberta. Perfeito.

Quando começou a pintar, fiquei observando. Ele examinava cada centímetro do meu corpo com uma intensa concentração, como se fosse insuportável representá-lo errado. Vi a satisfação se estampar em seu rosto, e a senti se espelhar no meu. Eu já não tinha inibições. Eu era Mistinguett, ou uma mulher da vida de Pigalle, atrevida, desinibida. Queria que ele observasse a minha pele, as rugas do meu pescoço, o brilho secreto de debaixo de meu cabelo. Eu queria que ele visse todas as partes do meu corpo.

Enquanto pintava, eu via suas feições, o jeito que ele falava sozinho enquanto misturava as cores na paleta. Observei-o arrastar os pés, como se fosse mais velho. Era uma afetação — ele era mais jovem e mais forte do que a maioria dos homens que entrava na loja. Recordei como ele comia: avidamente, com um prazer visível. Ele acompanhava a música no gramofone, pintava quando queria, falava com quem desejava e dizia o que pensava. Eu queria viver como Édouard, com alegria, sugando o máximo de cada momento e cantando porque era muito bom.

E então escureceu. Ele parou para limpar os pincéis e olhou em volta, como se só então tivesse notado a noite. Acendeu velas e um lampião a gás, colocando-os ao meu redor, depois suspirou quando viu que a penumbra o vencera.

— Está com frio? — perguntou.

Fiz que não com a cabeça, mas ele foi até uma cômoda e pegou um xale de lã vermelho-vivo, que enrolou cuidadosamente em meus ombros.

— A luz acabou por hoje. Quer ver?

Enrolei-me no xale e fui até o cavalete, pisando descalça no chão de madeira. Parecia que eu estava num sonho, que a vida real tinha evaporado durante as horas que eu passara sentada ali. Eu estava com medo de olhar e quebrar o encanto.

— Venha.

Ele fez sinal para que eu me aproximasse.

Na tela, vi uma garota que não reconheci. Ela me olhava de volta de modo desafiador, com o cabelo cor de cobre reluzindo à meia-luz, a pele clara como alabastro, uma garota com a autoconfiança imperiosa de uma aristocrata.

Ela era estranha, orgulhosa e bela. Era como se tivessem me mostrado um espelho mágico.

— Eu sabia — disse ele, com a voz macia. — Eu sabia que você estava aí dentro.

Seus olhos estavam cansados e tensos agora, mas ele estava satisfeito. Olhei para ela mais demoradamente. Então, sem saber por quê, dei um passo à frente, estiquei o braço devagar, tomei o rosto dele nas mãos, e ele teve que olhar de novo para mim. Eu mantinha seu rosto a centímetros do meu, e fazia com que continuasse me olhando, como se eu pudesse de alguma forma absorver o que ele via.

Eu nunca quisera intimidade com um homem. Os sons e os gritos animais que haviam vazado do quarto de meus pais — geralmente quando meu pai estava bêbado — tinham me apavorado, e eu sentia pena de minha mãe por seu rosto machucado e seu andar cauteloso no dia seguinte. Mas o que senti por Édouard foi avassalador. Eu não conseguia tirar os olhos de sua boca.

— Sophie...

Eu mal o ouvi. Aproximei mais seu rosto do meu. O mundo evaporava à nossa volta. Senti nas palmas da mão a aspereza de sua barba, o calor do seu hálito na pele. Seus olhos estudavam os meus, com muita seriedade. Juro que até naquela hora era como se ele tivesse me vendo pela primeira vez.

Inclinei-me, só um pouco, sem respirar, e encostei os lábios nos dele. Suas mãos vieram pousar na minha cintura, e me seguraram instintivamente com mais força. Sua boca encontrou a minha, e inspirei seu hálito recendendo a cigarro e a vinho, seu gosto quente e úmido. *Ah, Deus, eu queria que ele me devorasse.* Meus olhos se fecharam, meu corpo se aticava e se movia em espasmos. Suas mãos se embaraçaram em meu cabelo, sua boca desceu para o meu pescoço.

Eu ouvia as explosões de alegria das pessoas na rua, e enquanto as bandeiras tremulavam ao vento da noite, algo em mim era modificado para sempre.

— Ah, Sophie. Eu poderia pintar você todos os dias da minha vida — murmurou dentro de mim.

Pelo menos acho que ele disse “pintar”. Àquela altura, eu não queria mais saber.

O relógio do avô de René Grenier começara a soar. Isso, reconhecia-se, era um desastre. O relógio estava enterrado havia meses no canteiro lateral da casa, com o bule de chá de prata, quatro moedas de ouro e o relógio de bolso do avô, para evitar que sumissem nas mãos dos alemães.

O plano dera certo — de fato, quando se andava na cidade, o chão rangia por causa dos objetos de valor que haviam sido enterrados às pressas em jardins e caminhos — até Madame Poilâne entrar no bar numa fria manhã de novembro e interromper o jogo de dominó de René com a notícia de que a cada quarto de hora soavam badaladas abafadas sob o que restava das cenouras dele.

— Posso ouvir, até com os meus ouvidos — murmurou ela. — E se eu consigo ouvir, pode estar certo de que eles ouvirão.

— Tem certeza de que foi isso que ouviu? — perguntei. — Faz muito tempo que não se dá corda nele.

— Talvez seja Madame Grenier se revirando na cova — disse Monsieur Lafarge.

— Eu não enterraria minha mulher embaixo dos meus legumes — murmurou René. — Ela os deixaria ainda mais amargos e murchos do que estão.

Debrucei-me para esvaziar o cinzeiro e falei mais baixo.

— Você precisa desenterrá-lo à noite, René, e enchê-lo de juta. Esta noite deve ser seguro; entregaram comida extra para o jantar deles. Com quase todos eles aqui, haverá menos homens de plantão.

Fazia um mês que os alemães haviam começado a comer no Le Coq Rouge, e uma trégua precária se instalara em seu território compartilhado. Das dez da manhã até as cinco e meia da tarde, o bar era francês, frequentado pela usual mistura de idosos e solitários. Eu e Hélène lavávamos tudo, depois cozinhávamos para os alemães, que chegavam pouco antes das sete, esperando ter a comida na mesa assim que colocassem os pés lá dentro. Havia vantagens: no caso de haver sobras, várias vezes por semana, nós as dividíamos (embora agora tendesse a haver um ou outro resto de carne e legumes em vez de um banquete de frango). Com o clima mais frio, os alemães sentiam mais fome, e Hélène e eu não éramos corajosas o bastante para guardar um pouco para nós. Mesmo assim, até aqueles bocados ocasionais de comida faziam diferença. Jean adoecia menos agora, nossa pele começava a clarear, e algumas vezes conseguíamos levar furtivamente para a casa do prefeito um vidro pequeno de caldo, feito com os ossos, para a enfermeira Louisa.

Havia outras vantagens. Na hora em que os alemães se retiravam, à noite, eu e Hélène corríamos para apagar o fogo da lareira e botar as achas que ainda prestavam para secar no porão. No fim de alguns dias, a soma desses restos podia significar um pouco de fogo durante o dia quando estava especialmente frio. Sempre que acendíamos esse fogo, o bar ficava repleto,

ainda que poucos de nossos clientes comprassem algo para beber.

Mas havia, como era de se prever, um lado negativo. Madame Durant e Madame Louvier haviam decidido que, mesmo que eu não falasse com os oficiais, nem sorrisse para eles, nem agisse como se fossem outra coisa que não uma imposição grosseira em minha casa, eu devia estar sendo contemplada com a generosidade alemã. Eu sentia seus olhos em mim quando recebia os suprimentos regulares de comida, vinho e combustível. Eu sabia que éramos assunto de acaloradas conversas na praça. Meu único consolo era que o toque de recolher significava que elas não podiam ver a comida gloriosa que preparávamos para os homens, nem como o hotel virava um lugar de sons e debates animados durante aquelas sinistras horas noturnas.

Eu e Hélène havíamos aprendido a viver ouvindo sotaques estrangeiros em nossa casa. Reconhecíamos alguns dos homens — havia o alto, magro e orelhudo, que sempre tentava nos agradecer em nosso idioma. Havia o rabugento de bigode grisalho, que sempre conseguia encontrar defeito em alguma coisa, pedindo sal, pimenta e mais carne. Havia o baixinho Holger, que bebia demais e olhava pela janela como se só estivesse com parte da mente no que quer que estivesse acontecendo à sua volta. Eu e Hélène fazíamos um gesto de cabeça civilizado diante de seus comentários, tomando cuidado para sermos educadas, mas não simpáticas. Certas noites, para ser honesta, era quase agradável tê-los ali. Não alemães, mas seres humanos. Homens, companhia, cheiro de comida. Estávamos privadas de contato masculino, de vida, havia muito tempo. Mas em outras noites podia-se ver, pelas fisionomias tensas e severas, que algo dera errado. Não havia conversa, e o diálogo consistia em rajadas de sussurros. Eles nos olhavam de soslaio então, parecendo lembrar-se de que éramos o inimigo. Como se pudéssemos entender alguma coisa do que diziam.

Aurélien estava aprendendo. Ele adquirira o hábito de se deitar no chão do Quarto Três, com o rosto colado na fresta entre as tábuas do assoalho, torcendo para um dia poder ver um mapa ou alguma instrução que nos desse uma vantagem militar. Adquirira um domínio espantoso do alemão: depois que eles se retiravam, arremedava o sotaque dos homens ou dizia coisas que nos faziam rir. De vez em quando, até entendia trechos da conversa; que oficial estava em *der Krankenhaus* (hospital), quantos homens tinham sido *tot* (mortos). Ele me causava preocupação, mas orgulho também. Eu sentia que talvez ainda poderia haver algum propósito oculto no serviço que prestávamos aos alemães.

O Kommandant, enquanto isso, era sempre cortês. Cumprimentava-me, se não com carinho, pelo menos com uma espécie de civilidade cada vez mais familiar. Elogiava a comida, sem tentar bajular, e controlava com firmeza seus homens, que eram proibidos de se exceder na bebida ou de se comportar de maneira expansiva.

Várias vezes, ele me procurou para falar de arte. Eu não me sentia muito à vontade com a conversa pessoal, mas lembrar do meu marido me dava alguma satisfação. O Kommandant falava de sua admiração por Purrmann, o artista de raízes alemãs, e de quadros de Matisse que vira que o haviam feito desejar ir a Moscou e Marrocos.

A princípio, eu relutava em falar, e depois via que não conseguia parar. Era como ser lembrada de outra vida, outro mundo. Ele era fascinado pela dinâmica da Académie Matisse, se havia rivalidade entre os artistas ou amor genuíno. Tinha a maneira de falar de um advogado: rápido, inteligente, impaciente com quem custava a entender o seu argumento. Acho que ele gostava de conversar comigo porque eu não ficava constrangida com ele. Era uma característica minha, acho, não me mostrar intimidada, ainda que, no íntimo, eu me sentisse assim. Isso me ajudara muito no ambiente altivo da loja de departamentos parisiense e também me servia agora.

Ele tinha uma predileção especial pelo meu retrato do bar e passava tanto tempo admirando-o e discutindo os méritos técnicos de Édouard no uso das cores, na pincelada que, por um instante, eu conseguia esquecer o constrangimento de ser o tema do quadro.

Seus pais, ele confidenciou, “não tinham cultura”, mas inspiraram nele a paixão de aprender. Ele esperava, dizia, aprofundar seus estudos depois da guerra, viajar, ler, instruir-se. Sua mulher se chamava Liesl. Ele tinha um filho, também, revelou certa noite. Um menino de dois anos que ainda não conhecia. (Quando contei isso a Hélène, esperei que sua fisionomia demonstrasse um pouco de compaixão, mas ela dissera bruscamente que ele devia passar menos tempo invadindo os países dos outros.)

Ele me disse tudo isso de passagem, sem tentar solicitar qualquer informação pessoal em troca. Não por egoísmo, mas por entender que, estando em minha casa, ele já invadira a minha vida. Procurar algo mais seria uma imposição excessiva. Ele era, de certa forma, percebi, um cavalheiro.

Naquele primeiro mês, fui tendo cada vez mais dificuldade de classificá-lo como um animal, um boche, como faria com os outros. Acho que eu passara a considerar todos os alemães bárbaros e era difícil imaginá-los com esposas, mães, bebês. Mas lá estava ele, comendo na minha frente, noite após noite, conversando, discutindo cores e formas e a técnica de outros artistas como meu marido. De vez em quando, ele sorria, franzindo de repente os claros olhos azuis, como se a felicidade lhe fosse uma emoção muito mais familiar do que as suas feições demonstravam.

Eu não defendia o Kommandant nem conversava sobre ele na frente dos outros cidadãos. Se alguém puxava conversa comigo sobre as agonias de ter os alemães no Le Coq Rouge, eu respondia simplesmente que, se Deus quisesse, chegaria o dia em que nossos maridos voltariam e tudo aquilo seria uma lembrança distante.

E eu rezava para ninguém notar que nada fora confiscado de nossa casa desde que os alemães haviam entrado lá.

* * *

Pouco antes do meio-dia, deixei o interior abafado do bar e saí com o pretexto de bater um

tapete. Havia uma leve camada de geada, cristalina e brilhante, no lugar em que ainda havia sombra. Fui tiritando pela rua com o tapete até o jardim de René e lá ouvi: o som abafado de um relógio, indicando um quarto para o meio-dia.

Quando voltei, um bando de idosos mal-ajambrados vinha saindo do bar.

— Vamos cantar — anunciou Madame Poilâne.

— O quê?

— Vamos cantar. Isso vai abafar o som do relógio até hoje à noite. Depois vamos dizer que isso é um costume francês. Canções da Auvergne. Qualquer coisa que conseguirmos lembrar. O que eles sabem?

— Vão cantar o dia inteiro?

— Não, não. A cada hora. Só se houver alemães por perto.

Olhei para ela, incrédula.

— Se eles desenterrarem o relógio do René, Sophie, vão escavar essa cidade inteira. Não vou perder as pérolas da minha mãe para uma *Hausfrau* alemã.

Sua boca se contraiu numa *moue* de repugnância.

— Bem, é melhor irem andando. Quando o relógio der meio-dia, metade de St Péronne vai ouvir.

Era quase engraçado. Fiquei no degrau da frente enquanto o grupo de idosos se reunia na entrada do beco, de frente para os alemães, que ainda estavam parados na praça, e começaram a cantar. Cantaram as cantigas de ninar da minha juventude, bem como “La Pastourelle”, “Bailero”, “Lorsque j’étais petit”, tudo em vozes desafinadas e ásperas. Cantaram de cabeça erguida, ombro a ombro, de vez em quando se entreolhando de soslaio. René parecia ora mal-humorado, ora aflito. Madame Poilâne conservava as mãos unidas à frente, piedosa como uma professora de catecismo.

Enquanto eu estava ali, com um pano de prato na mão, tentando não rir, o Kommandant atravessou a rua.

— O que essas pessoas estão fazendo?

— Bom dia, Herr Kommandant.

— Vocês sabem que não deve haver reuniões na rua.

— Não é exatamente uma reunião. É um festival, Herr Kommandant. Uma tradição francesa. A cada hora, em novembro, os idosos de St Péronne cantam canções folclóricas para espantar a chegada do inverno.

Eu disse isso com absoluta convicção. O Kommandant franziu a testa, depois olhou além de onde eu estava, para os idosos. Suas vozes se elevaram em uníssono e calculei que, atrás deles, o relógio começara a soar.

— Mas eles são terríveis — disse ele, baixando a voz. — É o pior coral que já ouvi.

— Por favor... não os interrompa. São canções camponesas inocentes, como pode ouvir. Os

velhos sentem prazer ao entoar as canções da terra deles, por um dia só. Certamente o senhor entenderia isso.

— Eles vão cantar assim o dia inteiro?

Ele não estava irritado com a reunião propriamente dita. Era como o meu marido: sentia dor física ao ver uma arte sem beleza.

— É possível.

O Kommandant ficou quieto, com seus sentidos focados no som. De repente fiquei aflita: se seu ouvido para música fosse tão bom quanto seu olho para pintura, ele ainda poderia detectar o som do relógio ao fundo.

— Eu estava me perguntando o que o senhor gostaria de comer hoje à noite — disse eu de forma abrupta.

— O quê?

— Se tem alguma preferência. Quer dizer, nossos ingredientes são limitados, claro, mas há várias coisas que eu poderia fazer.

Eu ouvia Madame Poilâne instando os outros a cantarem mais alto, as mãos apontando disfarçadamente para cima.

O Kommandant pareceu intrigado. Sorri, e, por um instante, seu rosto se relaxou.

— Isso é muito... — interrompeu-se ele.

Thierry Arteuil subia a rua correndo, sua estola vermelha voando enquanto ele apontava para trás.

— *Prisioneiros de guerra!*

O Kommandant virou-se rapidamente para seus homens, que já se reuniam na praça, e fui esquecida. Esperei que partisse, depois corri para o coro dos idosos. Hélène e os clientes que estavam no Le Coq Rouge, talvez ouvindo a comoção crescente, olhavam da janela, e alguns saíam de mansinho para a calçada.

Fez-se um breve silêncio. Então, subindo a rua principal, vieram eles, cerca de cem homens, organizados num pequeno comboio. Ao meu lado, os velhos continuavam cantando; suas vozes falharam pela primeira vez, quando se deram conta do que testemunhavam, mas depois continuaram com mais força e determinação.

Não houve homem ou mulher que não tenha olhado com ansiedade um a um os soldados trôpegos, tentando identificar um rosto conhecido. Mas não havia alívio na ausência de reconhecimento. Aqueles eram de fato franceses? Pareciam tão murchos, tão pálidos e derrotados, as roupas penduradas em corpos desnutridos, os ferimentos enfaixados com ataduras velhas e sujas. Eles passaram a poucos metros de nós, cabisbaixos, com alemães na frente e na retaguarda, e estávamos impotentes para fazer qualquer coisa senão olhar.

Ouvi o coro dos idosos se elevando com determinação ao meu redor, de repente mais afinado e mais harmônico:

— *Enfrento o vento e a chuva e canto bailero lero...*

Senti um nó na garganta ao pensar que, em algum lugar, a quilômetros dali, poderia ser Édouard. Senti a mão de Hélène apertar a minha e vi que ela pensava o mesmo.

*Aqui a relva toda é mais verde,
Cante bailero lero...
Virei buscar você...*

Examinamos o rosto deles, sem piscar. Madame Louvier apareceu ao nosso lado. Rápida como um camundongo, abriu passagem pelo pequeno grupo e colocou o pão preto que tínhamos acabado de pegar na *boulangerie* nas mãos de um homem esquelético, o xale de lã voando e enrolando-se em seu rosto. O homem ergueu os olhos sem saber direito o que lhe chegava às mãos. Então, um soldado alemão surgiu diante deles gritando e atirou longe o pão com uma coronhada antes mesmo que o homem registrasse o que havia recebido. O pão caiu na sarjeta como um tijolo. A cantoria parou.

Madame Louvier olhou para o pão, depois levantou a cabeça e gritou, cortando o silêncio:

— Animais! Alemães! Vocês vão matar esses homens de fome como cães! O que há de errado com vocês? Vocês são todos uns filhos da mãe! Filhos da puta! — Eu nunca a ouvira usar um linguajar daquele. Era como se um fio tênue tivesse se arrebitado, deixando-a solta, sem amarras. — Querem bater em alguém? Batam em mim! Andem, bandidos filhos da mãe, batam em mim!

Sua voz cortava o silêncio do dia frio.

Senti a mão de Hélène apertar meu braço. Eu desejava com todas as forças que a velha se calasse, mas ela continuava gritando com o dedo na cara do jovem soldado. Fiquei com medo por ela. O alemão olhou-a com uma expressão de fúria incontida. Os nós dos seus dedos ficaram brancos na coronha do rifle e temi que ele fosse golpeá-la. Ela era muito frágil: seus ossos velhos quebrariam se o soldado fizesse isso.

Mas, enquanto prendíamos a respiração, ele se abaixou, pegou o pão na sarjeta e o atirou de volta para ela.

Ela olhou para ele como se tivesse sido picada.

— Acha que eu comeria este pão sabendo que você tirou ele da mão de um irmão faminto? Acha que ele não é meu irmão? São todos meus irmãos! E meus filhos! *Vive la France!* — Ela cuspiu as palavras, os olhos brilhando. — *Vive la France!*

Como se animados a lhe fazer eco, os velhos atrás de mim murmuraram em uníssono, esquecendo por um instante a cantoria.

— *Vive la France!*

O jovem soldado olhou para trás, talvez aguardando instruções do superior, mas um grito mais adiante lhe desviou a atenção. Um prisioneiro aproveitara a comoção para fugir. O rapaz,

com o braço numa tipoia improvisada, escapulira da formação e corria pela praça.

O Kommandant, posicionado com dois de seus oficiais ao lado da estátua quebrada do prefeito Leclerc, foi o primeiro a vê-lo.

— Alto! — gritou. O rapaz correu mais, com os sapatos grandes demais saindo dos pés. — *ALTO!*

O prisioneiro largou a mochila e, por um instante, pareceu ganhar velocidade. Tropeçou ao perder o segundo sapato, mas de alguma forma se reequilibrou. Estava quase dobrando a esquina. O Kommandant sacou uma pistola da jaqueta. Antes de eu registrar o que ele fazia, ele ergueu o braço, apontou e atirou. O rapaz caiu no chão com um baque surdo.

O mundo parou. Os pássaros se calaram. Ficamos olhando para o corpo imóvel no chão, e Hélène deixou escapar um gemido grave. Ela fez menção de acudi-lo, mas o Kommandant ordenou que ninguém se aproximasse. Gritou algo em alemão, e seus homens levantaram os rifles, apontando-os para os demais prisioneiros.

Ninguém se mexia. Os cativos olhavam para o chão. Não pareciam surpresos com o rumo dos acontecimentos. Hélène tapava a boca com as mãos e tremia, murmurando algo que eu não conseguia ouvir. Passei o braço em volta da sua cintura. Ouvia minha própria respiração entrecortada.

O Kommandant foi com passos enérgicos até o corpo do rapaz. Agachou-se ao seu lado e pressionou sua mandíbula com os dedos. Já havia uma poça de sangue manchando a jaqueta esfarrapada, e vi seus olhos vidrados fitando a praça. Ficou um instante agachado ali, depois se levantou. Dois oficiais alemães foram na sua direção, mas ele fez um gesto para que entrassem em formação. Voltou pela praça, guardando a pistola na jaqueta. Parou um instante ao passar diante do prefeito.

— Queira tomar as providências cabíveis — disse.

O prefeito assentiu com a cabeça. Vi o leve movimento de sua mandíbula.

Com um grito, a coluna avançou rua acima, os prisioneiros com as cabeças abaixadas, as mulheres de St Péronne agora chorando abertamente nos lenços. O corpo jazia como um entulho a poucos passos da rue des Bastides.

Menos de um minuto depois de os alemães terem ido embora, o relógio de René Garnier entoava no silêncio lúgubre o toque do quarto de hora decorrido.

* * *

Aquela noite, o ambiente no Le Coq Rouge foi solene. O Kommandant não tentou puxar conversa, nem dei a mais leve impressão de que desejava isso. Eu e Hélène servimos o jantar, lavamos as panelas e ficamos na cozinha o máximo que pudemos. Eu estava sem apetite. Não conseguia deixar de pensar na imagem daquele pobre rapaz, as roupas esfarrapadas voando atrás dele, os sapatos grandes demais lhe caindo dos pés enquanto ele fugia para a morte.

Mais que isso, eu não conseguia acreditar que o oficial que sacara a pistola e o executara tão impiedosamente era o mesmo que se sentara em minha sala de jantar, parecendo nostálgico pelo filho que não conhecia, falando com emoção sobre as obras de arte que possuía. Senti-me tola, como se o Kommandant tivesse escondido o seu verdadeiro eu. Era esse o motivo de os alemães estarem aqui, não para discussões sobre arte e boa comida. Eles estavam aqui para matar nossos filhos e nossos maridos. Estavam aqui para nos destruir.

Naquele momento, a falta que eu sentia do meu marido me doeu no corpo. Já fazia quase três meses que eu não recebia notícias dele. Eu não sabia o que ele passava. Enquanto existíamos naquela estranha bolha de isolamento, eu podia me convencer de que ele estava bem e forte, que estava lá no mundo real, dividindo uma garrafa de conhaque com os camaradas, ou talvez desenhando num pedaço de papel nas horas vagas. Quando fechava os olhos, eu via o Édouard de que me lembrava de Paris. Mas era difícil me aferrar à minha fantasia tendo visto aqueles franceses miseráveis marchando nas ruas. Édouard poderia estar preso, ferido, passando fome. Poderia estar sofrendo como aqueles homens. Poderia estar morto.

Encostei-me na pia e fechei os olhos.

Nesse instante, ouvi o estrondo. Sacudida para longe dos meus pensamentos, saí correndo da cozinha. Hélène estava de costas para mim, com as mãos levantadas e uma bandeja de copos quebrados aos seus pés. O Kommandant segurava um rapaz pelo pescoço contra a parede. Gritava alguma coisa para ele em alemão, com o rosto contorcido quase colado no dele. A vítima tinha as mãos para cima num gesto de submissão.

— Hélène?

Ela estava lívida.

— Ele segurou em mim quando passei. Mas... mas Herr Kommandant ficou *louco*.

Os outros homens agora os cercavam, suplicando ao Kommandant, tentando afastá-lo do rapaz, as cadeiras estavam reviradas, e eles gritavam uns com os outros, na tentativa de se fazerem ouvir. O restaurante ficou em polvorosa. Por fim, o Kommandant pareceu ouvi-los e soltou o rapaz. Achei que os olhos dele cruzaram com os meus, rapidamente, mas ele então deu um passo atrás, com o punho cerrado, e desferiu um forte murro na cabeça do rapaz, que bateu com o rosto na parede.

— *Sie können nicht berühren die Frauen* — gritou ele.

— A cozinha.

Empurrei minha irmã para a porta, sem parar sequer para apanhar os cacos de vidro. Ouvi vozes exaltadas, uma porta bater, e fui depressa atrás dela pelo corredor.

* * *

— Madame Lefèvre.

Eu estava lavando o último copo. Hélène fora se deitar. Os acontecimentos do dia deixaram-

na mais esgotada do que a mim.

— Madame?

— Herr Kommandant.

Virei-me para ele, enxugando as mãos no pano. Tínhamos ficado reduzidos a uma única vela na cozinha, um pavio sustentado num pouco de sebo dentro de uma lata de sardinha. Eu mal conseguia ver o rosto dele.

Ele estava parado na minha frente com o quepe nas mãos.

— Sinto muito pelos copos. Vou mandar substituí-los.

— Por favor, não se incomode. Os que temos são suficientes para nos virarmos.

Eu sabia que quaisquer copos seriam simplesmente confiscados dos meus vizinhos.

— Sinto muito pelo... jovem oficial. Por favor, assegure à sua irmã que isso não se repetirá.

Eu não duvidava. Pela janela dos fundos, eu vi o homem ser ajudado por um de seus amigos a voltar para o alojamento, com um pano molhado pressionado na cabeça.

Pensei que o Kommandant fosse se retirar, mas ele não saiu do lugar. Senti-o olhando para mim. Tinha os olhos inquietos, quase angustiados.

— A comida hoje estava... excelente. Como era o nome do prato?

— *Chou farci*.

Ele aguardou, e, quando a pausa ficou inconfortavelmente longa, acrescentei:

— É carne de linguiça, alguns legumes e ervas, enrolados em folhas de repolho e cozidos em caldo de carne.

Ele olhava para os pés. Deu alguns passos pela cozinha, depois parou, tocando num vidro de utensílios. Eu me perguntei, distraidamente, se ele já iria pegá-los.

— Estava muito bom. Todos acharam. A senhora me perguntou hoje o que eu gostaria de comer. Bem... gostaríamos que não demorasse muito para tornarmos a ter esse prato, se não der muito trabalho.

— Como quiser.

Havia algo diferente nele essa noite, uma agitação sutil que emanava em ondas. Eu me perguntava qual era a sensação de se ter matado um homem, se para um Kommandant alemão era mais inusitado do que tomar uma segunda xícara de café.

Ele me olhou como se fosse dizer algo, mas eu me volvei de novo para as minhas painéis. Eu ouvia as cadeiras sendo arrastadas para trás pelos oficiais, que se preparavam para sair. Caía uma garoa fina, que batia nas janelas quase na horizontal.

— Deve estar cansada — disse ele. — Vou deixá-la em paz.

Peguei uma bandeja de copos e acompanhei-o em direção à porta. Ao chegar lá, ele se virou e pôs o quepe, o que me obrigou a parar.

— Ando querendo perguntar: como vai o bebê?

— Jean? Ele vai bem, obrigada, se bem que um pouco...

— Não, o outro bebê.

Quase deixei cair a bandeja. Hesitei um instante, recompondo-me, mas senti o sangue me subindo à cabeça. Eu desconfiava de que ele tinha visto.

Quando tornei a falar, tinha a voz embargada. Olhava os copos à minha frente.

— Acho que estamos todos... tão bem quanto possível, dadas as circunstâncias.

Ele pensou sobre isso.

— Proteja-o bem — disse baixinho. — É melhor ele não sair com muita frequência no sereno da noite.

Ele me olhou mais um instante, depois deu meia-volta e se retirou.

Passei aquela noite em claro, apesar da exaustão. Observei Hélène dormir um sono agitado, murmurando, esticando inconscientemente a mão para ver se os filhos estavam ao seu lado. Às cinco, enquanto ainda estava escuro, levantei-me da cama, enrolando-me em várias mantas, e desci na ponta dos pés para ferver a água do café. A sala de jantar ainda estava impregnada com os cheiros da noite anterior: de lenha da lareira e um leve toque de linguiça, que deixou minha barriga roncando. Fiz uma bebida quente para mim e me sentei atrás do balcão, olhando para a praça vazia enquanto o sol nascia. Quando a luz azulada começou a ficar laranja, foi possível distinguir uma sombra no canto mais à direita onde o prisioneiro caíra. Será que aquele rapaz tinha esposa, filhos? Será que eles estavam sentados naquele instante escrevendo-lhe uma carta ou rezando para ele voltar são e salvo? Dei um gole na minha bebida e me obriguei a olhar para o outro lado.

Eu ia subir para me vestir, quando ouvi uma batida na porta. Estremeci ao ver uma sombra na tela de algodão. Enrolei-me na manta, olhando para o vulto, tentando imaginar quem estaria nos visitando a uma hora daquelas, se era o Kommandant, vindo me atormentar sobre o que sabia. Fui em silêncio até a porta. Levantei a tela e ali, do outro lado, estava Liliane Béthune. Tinha o cabelo preso com grampos, usava o casaco de astracã preto e seu olhar era sombrio. Ela olhou para trás enquanto eu destrancava e abria a porta.

— Liliane? Está precisando de alguma coisa? — perguntei.

Ela enfiou a mão dentro do casaco e sacou um envelope, que jogou para mim.

— Para você — disse.

Lancei um olhar para o envelope.

— Mas... Como você...?

Estendeu uma mão pálida, balançou a cabeça para um lado e para o outro.

Fazia meses que nenhum de nós recebia uma carta. Os alemães havia muito tempo nos mantinham num vácuo de comunicações. Segurei o envelope, descrente, e recuperei minha compostura.

— Gostaria de entrar? Tomar um café? Tenho um pouco de café de verdade guardado.

Ela me deu um sorriso quase imperceptível.

— Não, obrigada. Tenho que ir para casa ver minha filha.

Antes mesmo que eu tivesse conseguido lhe agradecer, ela já subia a rua com aqueles saltos altos, encolhida por causa do frio.

Fechei a tela e tornei a trancar a porta. Sentei-me e abri o envelope. A voz dele, ausente havia tanto tempo, encheu meus ouvidos.

Queridíssima Sophie,

Faz muito tempo que não tenho notícias suas. Rezo para que esteja sã e salva. Digo a mim mesmo em momentos sombrios que alguma parte de mim sentiria, como as vibrações de um sino distante, se você não estivesse bem.

Tenho muito pouco para contar. Pela primeira vez, não desejo traduzir em cores o mundo que vejo ao meu redor. As palavras parecem inadequadas. Saiba apenas, adorada esposa, que estou bem física e mentalmente e que pensar em você é o que mantém meu espírito inteiro.

Os homens aqui seguram fotografias de seus entes queridos como se fossem talismãs, proteções contra a escuridão — imagens amassadas e sujas dotadas das propriedades de tesouros. Não preciso de fotografia para evocá-la, Sophie: basta eu fechar os olhos para recordar seu rosto, sua voz, seu cheiro, e você não tem ideia de quanto me conforta.

Saiba, minha querida, que marco cada dia, não do mesmo modo que meus companheiros, grato por ter sido mais um a ter sobrevivido, mas agradecendo a Deus pelo fato de cada um significar que seguramente devo estar vinte e quatro horas mais perto de voltar para você.

Seu Édouard

A carta era datada de dois meses antes.

Não sei se foi a exaustão, ou talvez o choque dos acontecimentos da véspera — não sou uma pessoa que chora facilmente, quando choro —, mas repus a carta com cuidado no envelope, apoiei a cabeça nas mãos e, na cozinha fria e vazia, solucei.

* * *

Eu não podia contar aos outros aldeões por que era hora de comer o porco, mas a chegada do Natal me deu a desculpa perfeita. Os oficiais deveriam ter a sua ceia de Natal no Le Coq Rouge, uma reunião maior que o normal, e estava acordado que, enquanto eles estivessem aqui, Madame Poilâne faria uma pequena ceia em casa, a duas ruas da praça. Enquanto eu conseguisse manter os alemães ocupados, nosso grupinho de concidadãos estaria seguro para assar o porco no forno de pão que Madame Poilâne tinha na adega. Hélène me ajudaria a servir o jantar dos alemães, depois escapularia para o beco pelo buraco na parede da adega para ir ao encontro das crianças na casa de Madame Poilâne. Os aldeões que morassem muito longe, e por isso estivessem impossibilitados de atravessar a cidade a pé sem ser vistos, permaneceriam na casa dela após o toque de recolher, escondendo-se caso algum alemão viesse checar.

— Mas isso não é justo — comentou Hélène, quando resumi o plano para o prefeito, na frente dela, dois dias depois. — Se ficar aqui, você vai ser a única pessoa a perder a festa. Não é certo, em vista de tudo que você fez para salvar o porco.

— Uma de nós tem que ficar — ressaltou. — Você sabe que é muito mais seguro se pudermos ter certeza de que os oficiais estão todos num lugar só.

— Mas não vai ser igual.

— Bem, nada é igual — disse eu secamente. — E você sabe tão bem quanto eu que Herr Kommandant vai notar se eu tiver saído.

Vi que ela e o prefeito trocavam olhares.

— Hélène, não complique. Eu sou *la patronne*. Ele espera me ver aqui toda noite. Vai saber que algo está acontecendo se eu não estiver em casa.

Meu protesto soava exagerado até para mim mesma.

— Veja — prossegui, obrigando-me a falar num tom mais conciliador —, guarde um pouco de carne para mim. Traga para cá num guardanapo. Posso lhe prometer que, se os alemães receberem rações suficientes para se banquetearem, não vou deixar de me servir de uma porção. Não vou sofrer. Juro.

Eles pareceram conformados, mas eu não podia lhes dizer a verdade. Desde que descobrira que o Kommandant sabia do porco, eu perdera o apetite pela carne do bicho. O fato de ele não ter revelado saber de sua existência, e sobretudo não ter nos punido, não me deixava feliz e aliviada, mas profundamente inquieta.

Agora, quando o via admirando o meu retrato, eu já não me sentia gratificada pelo fato de que até um alemão conseguia reconhecer o talento do meu marido. Quando ele entrava na cozinha para puxar conversa, eu ficava tensa, temendo que ele pudesse mencionar o caso.

— No entanto — disse o prefeito —, desconfio que estamos em dívida com a senhora. — Ele parecia abatido. Sua filha estava doente havia uma semana. Sua esposa certa vez me dissera que, sempre que Louisa adoecia, ele mal dormia de aflição.

— Não seja ridículo — rebati secamente. — Comparado com o que os nossos homens estão fazendo, isso é só mais um dia de trabalho.

Minha irmã me conhecia muito bem. Ela não fazia perguntas diretas; isso não era do seu estilo. Mas eu sentia que ela me observava, ouvia o tom levemente tenso em sua voz sempre que a questão da ceia era levantada. Finalmente, uma semana antes do Natal, abri-me com ela. Ela estava sentada na beira da cama, penteando o cabelo. A escova ficou imóvel em sua mão.

— Por que acha que ele não contou a ninguém? — perguntei ao terminar.

Ela ficou olhando para a colcha da cama. Quando olhou para mim, foi com uma espécie de pavor.

— Acho que ele gosta de você — concluiu.

* * *

A semana antes do Natal foi movimentada, embora tivéssemos pouca coisa para preparar para as festividades. Hélène e algumas das mulheres mais velhas tinham feito bonecas de retalhos para as crianças. Eram bonecas simples: as saias feitas de saco, os rostos, de meias bordadas.

Mas era importante que as crianças de St Péronne tivessem um pouco de magia naquele triste Natal.

Fui ficando mais ousada em meus pequenos esforços. Por duas vezes, roubei batatas das rações dos alemães, amassando o que sobrara para disfarçar as porções menores, e as levei nos bolsos para quem parecia especialmente frágil. Roubava as cenouras menores e as mantinha na bainha da saia, de modo que mesmo quando eu era detida e revistada, eles não encontravam nada. Levei para o prefeito dois vidros de caldo de frango, para que sua esposa fizesse uma canjinha para Louisa. A menina estava pálida e febril; a mãe me contava que pouca coisa lhe parava no estômago, e ela parecia estar se fechando em si mesma. Olhando para ela, engolida pela vasta cama antiga com aquelas cobertas esfarrapadas, apática e tossindo intermitentemente, pensei por um instante que não podia censurá-la. Que vida era aquela para as crianças?

Tentávamos como podíamos esconder delas o pior, mas elas viviam num mundo em que homens eram fuzilados na rua, em que estranhos arrastavam suas mães da cama pelos cabelos por alguma ofensa banal, como caminhar num bosque proibido ou deixar de demonstrar o devido respeito a um oficial alemão. Mimi olhava nosso mundo calada e desconfiada, o que partia o coração de Hélène. Aurélien ficava revoltado: eu via a raiva crescendo nele, como uma força vulcânica, e rezava todos os dias para que, quando ela finalmente irrompesse, isso não lhe custasse um preço alto.

Mas a grande notícia daquela semana foi a chegada por baixo da minha porta de um jornal, toscamente impresso, intitulado *Journal des Occupés*. O único jornal permitido em St Péronne era o *Bulletin de Lille*, controlado pelos alemães, que era tão claramente propaganda alemã que poucos de nós fazíamos mais com ele do que usá-lo para acender o fogo. Mas o que chegara dava informações militares, nomeando cidades e vilarejos sob ocupação. Comentava comunicados oficiais e continha artigos cômicos sobre a ocupação, versinhos sobre o pão preto e caricaturas dos oficiais no comando. Pedia aos leitores que não perguntassem de onde ele vinha e que o destruíssem depois que o lessem.

Continha também uma lista, que chamavam de Dez Mandamentos de Von Heinrich, que ridicularizava as muitas regras insignificantes impostas a nós.

É difícil explicar o ânimo que aquela publicação de quatro páginas deu à nossa cidadezinha. Nos poucos dias que faltavam para a ceia, havia um fluxo contínuo de gente da cidade entrando no bar que ou folheava o jornal no banheiro (durante o dia, o guardávamos no fundo de uma cesta de papel velho) ou repassava suas notícias e suas melhores piadas pessoalmente. Passávamos tanto tempo no banheiro, que os alemães perguntaram se estava havendo algum surto de doença.

Pelo jornal, descobrimos que outras cidades vizinhas tinham tido o mesmo destino que a nossa. Soubemos dos temíveis campos de prisioneiros, onde homens eram privados de alimento e quase morriam de trabalhar. Descobrimos que Paris pouco sabia da nossa situação e que quatrocentas mulheres e crianças haviam sido retiradas de Roubaix, onde as reservas de

alimentos eram menores ainda do que em St Péronne. Não que essas informações tivessem alguma utilidade. Mas elas nos lembravam de que ainda fazíamos parte da França, de que nossa cidade não estava sozinha em suas agruras. O mais importante: a existência do jornal em si era um motivo de orgulho; os franceses ainda eram capazes de subverter a vontade dos alemães.

Houve discussões inflamadas sobre a forma como esse jornal poderia ter chegado a nós. O fato de ter sido entregue no Le Coq Rouge contribuiu para diminuir o crescente descontentamento em relação a nós, causado por estarmos cozinhando para os alemães. Eu via Liliane Béthune passar depressa para pegar seu pão com aquele casaco de astracã e tinha as minhas próprias ideias.

* * *

O Kommandant insistira para que comêssemos. Era privilégio das cozinheiras, disse ele, na véspera de Natal. Tínhamos acreditado que estávamos preparando comida para dezoito pessoas, e no fim descobrimos que duas delas éramos Hélène e eu. Passamos horas correndo pela cozinha, o cansaço sobrepujado pelo prazer secreto de saber o que acontecia a duas ruas dali: a perspectiva de uma celebração e uma refeição de verdade para nossas crianças. Receber duas refeições completas também parecia quase demais.

E, no entanto, não era demais. Eu nunca mais seria capaz de rejeitar uma refeição. A comida estava deliciosa: pato assado com rodela de laranja e conserva de gengibre, batatas *dauphinoise* com vagens, tudo acompanhado por um prato de queijos. Hélène comeu, maravilhada com o fato de que iríamos fazer duas ceias.

— Posso dar a minha porção de carne de porco para outra pessoa — disse ela chupando um osso. — Eu poderia guardar um pedacinho de torresmo. O que acha?

Era muito bom vê-la alegre. Nossa cozinha, naquela noite, parecia um lugar feliz. Havia velas extras, dando-nos um pouco mais daquela preciosidade que era a iluminação. Havia os aromas familiares do Natal — Hélène pendurara em cima do fogão uma laranja cheia de cravos espetados —, que se espalhavam por toda a cozinha. Se não pensássemos muito, era possível ouvir os copos tilintando, as risadas e as conversas, e esquecer que a sala ao lado estava ocupada por alemães.

Por volta das nove e meia, agasalhei minha irmã e ajudei-a a passar para o porão de nossos vizinhos e depois para o barracão de carvão deles. Ela desceria correndo o beco iluminado até a casa de Madame Poilâne, onde se juntaria a Aurélien e as crianças, levadas para lá à tarde. O porco fora na véspera. Já estava bem grande, e Aurélien tivera que segurá-lo enquanto eu colocava uma maçã em sua boca para que ele não guinchasse e, com um golpe certo de facão, Monsieur Baudin, o açougueiro, o abateu.

Coloquei os tijolos de volta na abertura depois que ela passou, o tempo todo atenta aos sons dos homens no bar lá em cima. Percebi com alguma satisfação que, pela primeira vez em

meses, eu não sentia frio. Ter fome é estar quase permanentemente com frio também; foi uma lição que eu estava certa de nunca mais esquecer.

— Édouard, espero que você esteja aquecido — murmurei, sozinha no porão vazio, enquanto o som dos passos de minha irmã desaparecia do outro lado da parede. — Espero que você coma tão bem quanto comemos essa noite.

Quando reapareci no corredor, tive um sobressalto. O Kommandant contemplava meu retrato.

— Eu não conseguia encontrá-la — disse. — Pensei que estivesse na cozinha.

— Eu... eu só saí para tomar um pouco de ar — gaguejei.

— Vejo uma coisa diferente cada vez que olho para esse retrato. Ela tem algo de enigmático. Quero dizer, a senhora. — Ele deu um meio sorriso diante do próprio deslize. — A senhora também tem algo de enigmático.

Fiquei quieta.

— Espero não constrangê-la, mas há algum tempo considero este o quadro mais bonito que já vi.

— É uma linda obra de arte, sim.

— Está desviando do assunto?

Não respondi.

Ele girou o vinho na taça. Quando voltou a falar, foi com os olhos no líquido cor de rubi.

— Honestamente, a senhora se considera feia, Madame?

— Acredito que a beleza está nos olhos de quem vê. Quando meu marido me diz que sou bela, acredito porque sei que, aos olhos dele, eu sou.

Ele então ergueu os olhos e fitou os meus sem desviar. Encarava-me com tanta insistência que senti minha respiração começar a se acelerar.

Os olhos de Édouard eram as janelas de sua alma; neles, seu próprio eu estava posto a nu. Os do Kommandant eram intensos, astutos e, no entanto, de certa forma velados, como se para esconder seus verdadeiros sentimentos. Eu temia que ele pudesse ver o meu autocontrole ruindo, que pudesse enxergar através das minhas mentiras se eu deixasse. Fui a primeira a desviar os olhos.

Ele alcançou do outro lado da mesa o caixote que os alemães tinham entregado e tirou uma garrafa de conhaque.

— Beba um copo comigo, Madame.

— Não, obrigada, Herr Kommandant.

Olhei para a porta da sala de jantar, onde os oficiais deviam estar terminando a sobremesa.

— Um só. É Natal.

Eu sabia identificar quando me davam uma ordem. Pensei nos outros, comendo o porco assado a poucas casas de onde estávamos sentados. Pensei em Mimi, com banha de porco

escorrendo pelo queixo, e em Aurélien, rindo e fazendo piadas ao se gabar da grande rasteira nos alemães. Ele precisava de um pouco de felicidade: por duas vezes naquela semana, brigara na escola e fora mandado para casa, mas se recusara a me contar o motivo da briga. Eu precisava que todos eles tivessem uma boa refeição.

— Então... muito bem.

Aceitei um copo e dei um pequeno gole. O conhaque parecia fogo descendo pela minha garganta. Era revigorante, forte.

Ele esvaziou seu copo, observando enquanto eu bebia o meu; depois empurrou a garrafa para mim, sinalizando que eu devia reabastecê-lo.

Ficamos sentados em silêncio. Eu me perguntava quantas pessoas tinham ido comer o porco. Hélène achara que seriam quatorze. Dois idosos ficaram com medo de desrespeitar o toque de recolher. O padre prometera levar sobras para quem tivesse ficado preso em casa depois da missa de Natal.

Enquanto bebíamos, eu o observava. Ele mantinha os lábios cerrados, sugerindo ser uma pessoa inflexível; mas, sem o quepe, o cabelo quase raspado dava à sua cabeça um ar de vulnerabilidade. Tentei imaginá-lo sem uniforme, um ser humano normal, fazendo suas atividades rotineiras, comprando jornal, tirando férias. Mas não consegui. Não conseguia enxergar o que havia por trás do uniforme.

— É uma solidão, a guerra, não?

Dei um gole no conhaque.

— O senhor tem os seus homens. Eu tenho a minha família. Nenhum de nós está exatamente sozinho.

— Mas não é a mesma coisa, é?

— Vamos todos tocando a vida da melhor forma possível.

— Vamos? Não sei se alguém pode descrever isso como “a melhor forma”.

O conhaque me deixara franca.

— É o senhor que está sentado na minha cozinha, Herr Kommandant. Suponho, respeitosamente, que só um de nós tem escolha nessa questão.

Sua expressão se anuviou. Ele não estava acostumado a ser desafiado. Um leve rubor lhe subiu às faces, e eu o vi com o braço levantado, a pistola apontada para o prisioneiro fugitivo.

— Acha mesmo que algum de nós tem escolha? — disse ele baixinho. — Acha mesmo que é assim que algum de nós gostaria de viver? Cercado de desolação? Os responsáveis por ela? Se assistisse ao que vemos no *front*, a senhora se consideraria... — Ele deixou a frase no ar, balançou a cabeça. — Desculpe-me, Madame. É a época do ano. Basta isso para deixar um homem sentimental. E todos sabemos que não existe nada pior que um soldado sentimental.

Ele então sorriu, como se pedisse desculpas, e relaxei um pouco. Estávamos sentados um de cada lado da mesa da cozinha, bebendo nosso conhaque, cercados pelas sobras da ceia. Na

outra sala, os oficiais haviam começado a cantar. Ouvi suas vozes subindo de tom, a melodia familiar, as palavras incompreensíveis. O Kommandant inclinou a cabeça para ouvir. Então pousou o copo.

— Você odeia a nossa presença aqui, não é?

Pisquei.

— Sempre tentei...

— Acha que seu rosto não transparece nada. Mas eu a observo. Anos neste trabalho me ensinaram muito sobre as pessoas e seus segredos. Bem. Podemos fazer uma trégua, Madame? Só por estas poucas horas?

— Uma trégua?

— A senhora esquecerá que pertenço a um exército inimigo, eu esquecerei que a senhora é uma mulher que passa a maior parte do tempo imaginando como subverter esse exército, e seremos apenas... duas pessoas?

A expressão dele, só por um instante, se abrandara. Ele ergueu o copo, aproximando-o do meu. Quase com relutância, o ergui.

— Vamos evitar o assunto do Natal, solitário ou não. Eu gostaria que me contasse dos outros artistas da Académie. Conte como os conheceu.

* * *

Não sei quanto tempo ficamos ali sentados. Para ser sincera, com a conversa e a sensação de bem-estar criada pelo álcool, não senti o tempo passar. O Kommandant queria saber como era a vida de um artista em Paris. Que tipo de homem era Matisse? Sua vida era tão escandalosa quanto sua arte?

— Ah, não. Ele era um homem do maior rigor intelectual. Bastante sério. E muito conservador, tanto no trabalho quanto nos hábitos domésticos. Mas de alguma forma... — pensei por um instante no professor de óculos, como ele olhava para verificar se a pessoa tinha entendido todos os pontos antes de mostrar a peça seguinte — ...alegre. Acho que obtém grande alegria no que faz.

O Kommandant refletiu sobre isso, como se tivesse ficado satisfeito com a minha resposta.

— Já quis ser pintor. Eu não era bom, claro. Tive que encarar essa realidade muito cedo. — Ajeitou a haste dos óculos. — Muitas vezes penso que a capacidade de se sustentar fazendo aquilo que se gosta deve ser um dos maiores presentes da vida.

Pensei em Édouard então, com o rosto concentrado, olhando-me de trás de um cavalete. Se eu fechasse os olhos, ainda sentiria o calor do fogo da lenha na perna direita, o friozinho na esquerda, que estava descoberta. Via-o erguer uma sobranceira, e os momentos exatos em que seus pensamentos se desviavam do quadro.

— Eu também penso assim.

“A primeira vez que a vi”, disse-me Édouard em nossa primeira véspera de Natal juntos, “observei você parada no meio daquela loja movimentada e a considerei a mulher mais independente que eu já tinha encontrado. Dava a impressão de que o mundo podia explodir à sua volta e você continuaria ali, de queixo empinado, olhando imperiosamente para os estilhaços sob o manto daquele magnífico cabelo.”

Ele levava a minha mão até a boca e a beijara com ternura.

“Pensei que você fosse um urso russo”, eu disse a ele.

Ele erguera uma sobrancelha. Estávamos numa cervejaria lotada na rue de Turbigo.

“GRRRRRRR”, grunhiu, até me fazer rir. Ele me esmagara junto ao seu corpo, ali mesmo, no meio da banquetta, cobrindo meu pescoço de beijos, alheio às pessoas que comiam à nossa volta. “GRRRR.”

Os oficiais haviam parado de cantar na outra sala. Fiquei inibida de repente e me levantei, como se para tirar a mesa.

— Por favor — pediu o Kommandant, fazendo um gesto para que eu voltasse a me sentar.

— Fique mais um pouco. É véspera de Natal, afinal de contas.

— Seus homens devem estar esperando que vá se juntar a eles.

— Ao contrário, eles se divertem muito mais se o Kommandant estiver ausente. Não é justo eu impor-lhes a minha presença a noite inteira.

Mas bastante justo a impor a mim, pensei. Foi então que ele perguntou:

— Onde está sua irmã?

— Eu lhe disse para se deitar. Ela estava indisposta e muito cansada depois de cozinhar hoje à noite. Eu queria que ela estivesse bastante bem para amanhã.

— E o que vão fazer? Para comemorar?

— Será que tem muita coisa para nós comemorarmos?

— Trégua, Madame?

Dei de ombros.

— Vamos à igreja. Talvez visitar alguns dos vizinhos mais velhos. É um dia difícil para estarem sozinhos.

— A senhora cuida de todo mundo?

— Não é crime ser boa vizinha.

— A cesta de lenha que mandei entregar para seu uso: sei que a levou para a casa do prefeito.

— A filha deles está doente. Ela precisa de mais calor do que a maioria de nós.

— A senhora devia saber, Madame, que nada me escapa nessa cidadezinha. Nada.

Não consegui encará-lo. Temia que dessa vez o meu rosto, o meu coração batendo acelerado, me traissem. Desejei poder limpar da mente toda informação que eu tinha do

banquete acontecendo a poucos metros dali. Desejei poder evitar a impressão de que o Kommandant estava fazendo um jogo de gato e rato comigo.

Tomei mais um gole de conhaque. Os homens estavam cantando de novo. Eu conhecia aquela canção de Natal. Quase podia entender as palavras.

Stille Nacht, heilige Nacht.

Alles schläft, einsam wacht.

Por que ele continuava me olhando? Eu estava com medo de falar, medo de tornar a me levantar para o caso de ele fazer perguntas desconfortáveis. Mas me limitar a ficar ali sentada, deixando que ele me olhasse, dava a sensação de que eu me tornava cúmplice de algo. Finalmente, tomei fôlego e ergui os olhos. Ele continuava me olhando.

— Madame, quer dançar comigo? Só uma música? Pelo Natal?

— Dançar?

— Só uma música. Eu gostaria... eu gostaria que me lembrassem do lado bom da humanidade, só por uma vez este ano.

— Acho que... acho que não...

Pensei em Hélène e nos outros, ali na rua, livres, por uma noite. Pensei em Liliane Béthune. Estudei o rosto do Kommandant. O pedido dele parecia genuíno. *Seremos apenas... duas pessoas...*

Então pensei em meu marido. Será que eu desejava que ele pudesse dançar envolvido por um par de braços compreensivos? Só por uma noite? Será que eu não torcia para que em algum lugar, a muitos quilômetros dali, alguma mulher bondosa pudesse lembrar a ele, num bar sossegado, que o mundo poderia ser um lugar belo?

— Eu dançarei com o senhor, Herr Kommandant — concordei. — Mas só na cozinha.

Ele ficou de pé, estendeu a mão e, após uma ligeira hesitação, aceitei-a. Tinha a palma surpreendentemente áspera. Aproximei-me alguns passos, sem olhar para seu rosto, e ele pousou a outra mão na minha cintura. Enquanto os homens na sala ao lado cantavam, começamos a nos mover devagarinho em volta da mesa, eu plenamente consciente do corpo dele a apenas centímetros do meu, da pressão da mão dele no meu corpete. Senti no braço nu a aspereza da sarja do seu uniforme, e em seu peito a vibração macia do seu cantarolar. Senti como se estivesse quase queimando de tensão, todos os sentidos monitorando os meus dedos, meus braços, tentando garantir que eu não me aproximasse demais, temendo que a qualquer momento ele pudesse me agarrar.

E o tempo inteiro uma voz repetia em minha cabeça: *Estou dançando com um alemão.*

Stille Nacht, heilige Nacht,

Gottes Sohn, o wie lacht...

Mas ele não fez nada. Cantarolava, me abraçava de leve e rodava sem parar em volta da mesa da cozinha. E só por uns minutos fechei os olhos, e era uma garota, viva, livre da fome e do frio, dançando na véspera de Natal, com a cabeça meio atordoada por causa de um bom conhaque, aspirando um aroma de especiarias e comida deliciosa. Eu vivia como Édouard vivia, deliciando-me com cada pequeno prazer, permitindo-me ver beleza naquilo tudo. Fazia dois anos que um homem não me abraçava. Fechei os olhos, relaxei e me entreguei às sensações do momento, deixando o meu par me conduzir pela cozinha, sua voz ainda murmurando em meu ouvido:

Christ, in deiner Geburt!

Christ, in deiner Geburt!

A cantoria terminou e, passado um momento, quase com relutância, ele recuou e me soltou.

— Obrigado, Madame. Muito obrigado.

Quando finalmente ergui os olhos, vi lágrimas em seus olhos.

* * *

Na manhã seguinte, um pequeno caixote chegava à nossa porta. Continha três ovos, um pequeno *poussin*, uma cebola e uma cenoura. Na lateral, numa letra cuidadosa, estava escrito: *Fröhliche Weihnachten*.

— Significa “Feliz Natal” — disse Aurélien.

Por alguma razão, ele não quis olhar para mim.

Quando a temperatura caiu, os alemães foram apertando o controle sobre St Péronne. A cidade ficou inquieta, com um número maior de tropas passando diariamente. As conversas dos oficiais no bar ficaram mais prementes, de modo que eu e Hélène passávamos a maior parte do nosso tempo na cozinha. O Kommandant quase não falava comigo; estava quase sempre reunido com alguns homens de sua confiança. Parecia exausto, e, quando eu o ouvia falando na sala de refeições, era frequentemente num tom exaltado de raiva.

Por várias vezes naquele janeiro, prisioneiros de guerra franceses foram levados pela rua principal e passaram pelo hotel, mas já não tínhamos permissão de ficar na calçada para vê-los. A comida se tornava mais escassa, nossas rações oficiais diminuíram, e esperavam que eu produzisse banquetes com quantidades cada vez menores de carne e legumes. Os problemas estavam se aproximando.

O *Journal des Occupés*, quando vinha, falava de cidades que conhecíamos. À noite, não era incomum haver leves ondulações nos líquidos nos copos, provocadas pelo estrondo dos canhões ao longe. Custei um pouco a dar por falta do som do canto dos pássaros. Tínhamos sido informados de que todas as moças a partir dos dezesseis anos e todos os rapazes a partir dos quinze seriam agora obrigados a trabalhar para os alemães, no campo, arrancando beterraba ou cultivando batatas, ou em fábricas mais distantes. Faltando pouco tempo para Aurélien completar quinze anos, eu e Hélène ficamos cada vez mais tensas. Corriam muitos rumores sobre o que acontecia com os jovens, histórias de moças alojadas com gangues de criminosos ou, pior, instruídas a “divertir” os soldados alemães. Os rapazes eram mal alimentados ou espancados e constantemente obrigados a mudar de um lugar para outro de forma a permanecerem desorientados e obedientes. Apesar de nossa idade, eu e Hélène estávamos livres, informáramos, porque éramos consideradas “essenciais ao bem-estar alemão” no hotel. Só isso já seria suficiente para provocar ressentimentos em todos os nossos conterrâneos.

Houve outro fato. Foi uma mudança sutil, mas eu tinha consciência dela. A frequência do Le Coq Rouge caíra. Dos vinte e poucos clientes habituais, estávamos reduzidas a cerca de oito. A princípio, pensei que o frio estivesse mantendo as pessoas dentro de casa. Depois fiquei preocupada e fui visitar o velho René para ver se ele estava doente. Mas ele me recebeu à porta e disse secamente que preferia ficar em casa. Não olhou para mim ao falar. O mesmo aconteceu quando fui visitar Madame Foubert e a mulher do prefeito. Fiquei me sentindo estranhamente perturbada. Disse a mim mesma que era tudo imaginação minha; mas um dia calhou de, a caminho da farmácia, eu passar pelo Le Bar Blanc na hora do almoço, e vi René e Madame Foubert sentados do lado de dentro, jogando damas. Convenci-me de que meus olhos haviam me enganado. Quando ficou claro que não, abaixei a cabeça e passei depressa.

Apenas Liliane Béthune me lançou um sorriso simpático. Flagrei-a certa manhã, pouco antes de o dia raiar, passando um envelope por baixo da minha porta. Ela se sobressaltou quando abri

os trincos.

— Ah, *mon Dieu*. Graças a Deus é você! — exclamou ela, tapando a boca com a mão.

— Isto é o que estou pensando? — perguntei, olhando para o envelope grande, sem destinatário.

— Quem sabe? — disse ela, já se voltando para a praça. — Não vejo nada aí.

Mas Liliane Béthune era a única. Com o passar dos dias, reparei outras coisas: se eu vinha da cozinha e entrava no bar, o tom das conversas diminuía um pouco, como se quem quer que estivesse falando estivesse decidido a não me deixar entre ouvir. Se eu dava a minha opinião durante uma conversa, era como se eu nada houvesse dito. Por duas vezes, ofereci um pequeno pote de caldo de carne ou sopa à mulher do prefeito, só para ouvir que já tinham bastante, obrigada. Ela desenvolvera um modo curioso de falar comigo, não exatamente antipático, mas como se sentisse certo alívio quando eu desistia da conversa. Eu nunca confessaria isso, mas era quase um consolo quando o restaurante estava cheio de vozes novamente, ainda que calhasse de serem alemãs.

Foi Aurélien que me alertou.

— Sophie?

— Sim?

Eu estava fazendo a massa para uma torta de coelho com legumes. Minhas mãos e meu avental estavam cobertos de farinha, e eu me perguntava se poderia usar sem problemas as aparas para fazer biscoitinhos para as crianças.

— Posso lhe fazer uma pergunta?

— Claro.

Limpei as mãos no avental. Meu irmão mais novo me olhava com uma expressão estranha, como se estivesse tentando entender algo.

— Você... você gosta dos alemães?

— Se eu *gosto* deles?

— É.

— Que pergunta absurda. Claro que não. Eu queria que todos eles fossem embora e nós pudéssemos voltar à nossa vida de antes.

— Mas você gosta de Herr Kommandant.

Parei, as mãos no rolo de pastel, e me virei.

— Você sabe que essa é uma conversa perigosa, do tipo que pode nos meter numa encrenca terrível.

— Não é a minha conversa que está nos metendo numa encrenca.

Da cozinha, ouvi os aldeões conversando no bar. Fui fechar a porta, e ficamos só nós dois ali dentro. Quando tornei a falar, mantive a voz baixa e contida.

— Fale logo, Aurélien.

— Eles dizem que você não é diferente de Liliane Béthune.

— O quê?

— Monsieur Suel viu você dançando com Herr Kommandant na véspera de Natal. Bem juntinho, de olhos fechados, colada nele, como se o amasse.

O choque quase me fez desmaiar.

— *O quê?*

— Dizem que este foi o verdadeiro motivo de você não ter ido à ceia: para ficar sozinha com ele. Dizem que é por isso que recebemos suprimentos extras. Você é a preferida do alemão.

— É por isso que você anda brigando na escola?

Pensei no olho roxo dele, na sua recusa ressentida em falar quando lhe perguntei como acontecera aquilo.

— É verdade? — perguntou ele.

— Não, não é verdade. — Bati com o rolo de pastel na mesa. — Ele perguntou... ele perguntou se eu podia dançar com ele, só uma música, já que era Natal, e achei melhor ele estar ali pensando em dançar a correr o risco de levá-lo a se perguntar o que estava acontecendo na casa de Madame Poilâne. Não houve nada além disso: a sua irmã tentando proteger você por aquela única noite. Essa dança lhe valeu uma ceia de carne de porco, Aurélien.

— Mas eu já vi o jeito dele. Já vi como ele a admira.

— Ele admira o meu retrato. Há uma grande diferença.

— Já ouvi como ele fala com você.

Franzi a testa para ele, e ele olhou para o teto. Claro: as horas que ele passava espiando pelas frestas do assoalho do Quarto Três. Aurélien deve ter ouvido e visto tudo.

— Não pode negar que ele gosta de você. Ele usa *tu*, não *vous* para falar com você, e você deixa.

— Ele é um Kommandant alemão, Aurélien. Não tenho como me opor à forma de tratamento que ele escolhe para se dirigir a mim.

— Todo mundo está falando de você, Sophie. Fico sentado lá em cima, ouço o que falam sobre você e não sei em que acreditar.

Seus olhos ardiavam de raiva e confusão.

Aproximei-me dele e segurei seus ombros.

— Então acredite nisto. Eu não fiz nada, *nada*, que possa envergonhar a mim ou ao meu marido. Todo dia, procuro novas maneiras de cuidar bem da nossa família, cuidar para que nossos amigos e nossos vizinhos tenham comida, consolo e esperança. Não sinto nada pelo Kommandant. Tento me lembrar de que ele é um ser humano, como nós. Mas, Aurélien, se acha que algum dia eu trairia o meu marido, você é um tolo. Amo Édouard com cada parte do meu ser. Todos os dias desde que ele foi embora sinto a ausência dele como uma dor de verdade. À noite, fico acordada com medo do que pode acontecer com ele. E agora eu não quero nunca

mais ouvir você falar assim. Está me ouvindo?

Ele afastou a minha mão.

— Está me ouvindo?

Ele fez que sim com a cabeça, emburrado.

— Ah — acrescentei. Talvez eu não devesse ter falado aquilo, mas meu sangue fervia. — E não vá logo condenando Liliane Béthune. Pode ser que descubra que deve a ela mais do que pensa.

Meu irmão me fuzilou com os olhos, depois saiu da cozinha batendo a porta. Fiquei olhando para a massa um bom tempo antes de me lembrar que devia estar fazendo uma torta.

* * *

Mais tarde naquela manhã, fui dar um passeio na praça. Geralmente, Hélène buscava o pão — *Kriegsbrot* —, mas eu precisava desanuviar a cabeça, e o clima no bar tornara-se opressivo. Fazia tanto frio naquele janeiro que meus pulmões doíam quando eu respirava e uma película de gelo envolvia os galhos nus das árvores; enterrei o gorro na cabeça e protegi a boca com o cachecol. Havia pouca gente na rua, mas mesmo assim apenas uma pessoa, a velha Madame Bonnard, me cumprimentou com um gesto de cabeça. Eu disse a mim mesma que isso era simplesmente porque, por baixo de tantas camadas de roupa, era difícil saber quem eu era.

Fui até a rue des Bastides, que fora rebatizada de Schieler Platz (recusávamo-nos a nos referir a ela assim). A porta da *boulangerie* estava encostada, e eu a empurrei. Lá dentro, Madame Louvier e Madame Durant conversavam animadamente com Monsieur Armand. Elas se calaram no instante em que a porta se fechou às minhas costas.

— Bom dia — cumprimentei, ajeitando a cesta embaixo do braço.

As duas mulheres, agasalhadas embaixo de camadas de lã, fizeram um vago sinal de cabeça na minha direção. Monsieur Armand simplesmente ficou parado, com as mãos no balcão à sua frente.

Esperei, depois me virei para as senhoras.

— A senhora vai bem, Madame Louvier? Já tem várias semanas que não aparece no Le Coq Rouge. Temi que estivesse doente.

Minha voz pareceu estranhamente alta na pequena loja.

— Não — respondeu a senhora. — Tenho preferido ficar em casa.

Ela não me olhou nos olhos ao falar.

— Recebeu a batata que deixei para a senhora semana passada?

— Recebi. — Seu olhar deslizou de soslaio para Monsieur Armand. — Dei para Madame Grenouille. Ela é... menos exigente em relação à procedência da comida dela.

Fiquei imóvel. Então era assim. A injustiça daquilo tinha gosto de cinzas amargas na minha

boca.

— Então espero que ela tenha aproveitado. Monsieur Armand, eu queria uns pães, por favor. O meu e o de Hélène, por gentileza.

Ah, como desejei uma das brincadeiras dele. Uma gracinha picante ou um trocadilho de revirar os olhos. Mas o padeiro se limitou a me fitar, com um olhar firme e antipático. Não foi para os fundos da padaria, como eu esperara. Na verdade, não se mexeu. Quando eu já ia repetir o meu pedido, ele tirou dois pães pretos de baixo do balcão e os colocou em cima do móvel.

Fiquei olhando para eles.

A temperatura na pequena *boulangerie* parecia cair, mas senti os olhos daqueles três me queimando. Os pães estavam no balcão, achatados e pretos.

Ergui os olhos e engoli em seco.

— Na verdade, acho que me enganei. Não estamos precisando de pão hoje — eu disse baixinho, e tornei a botar a carteira na cesta.

— Acho que não está precisando de muita coisa no momento — resmungou Madame Durant.

Virei-me e ficamos nos encarando, a idosa e eu. Então, de cabeça erguida, saí da loja. Que vergonha! Que injustiça! Vi os olhares zombeteiros daquelas duas senhoras e me dei conta de que eu fora uma idiota. Como demorei tanto a ver o que estava acontecendo debaixo do meu nariz? Voltei a passos largos para o hotel, ruborizada, a cabeça a mil. A vibração em meus ouvidos era tão alta que, a princípio, não ouvi.

— *Halt!*

Parei e olhei em vota.

— *Halt!*

Um oficial alemão marchava na minha direção, com a mão levantada. Esperei justo embaixo da estátua destruída de Monsieur Leclerc, ainda ruborizada. Ele veio até mim.

— Você me ignorou.

— Peço desculpas, oficial. Não ouvi o senhor.

— É crime ignorar um oficial alemão.

— Com eu disse, não ouvi. Peço desculpas.

Desenrolei um pouco a echarpe do rosto. E então vi quem era: o jovem oficial bêbado que agarrara Hélène no bar e tivera a cabeça golpeada contra a parede pelo que havia feito. Vi a pequena cicatriz em sua têmpora e percebi que ele também me reconheceria.

— Sua carteira de identidade.

Ela não estava no meu bolso. Eu ficara tão preocupada com as palavras de Aurélien que a deixara na mesa do hall do hotel.

— Esqueci de trazê-la.

— É crime sair de casa sem a carteira de identidade.

— Ela está logo ali. — Apontei para o hotel. — Se for até lá comigo, posso pegá-la...

— Não vou a lugar nenhum. O que está fazendo?

— Eu só estava... indo à *boulangerie*.

Ele olhou para a minha cesta vazia.

— Para comprar pão invisível?

— Mudei de ideia.

— Você deve estar comendo bem no hotel, atualmente. Todas as outras pessoas estão ansiosas para receber as rações.

— Eu não como melhor do que ninguém.

— Esvazie os bolsos.

— O quê?

Ele apontou o rifle para mim.

— Esvazie os bolsos. E tire alguma dessas camadas de roupa para eu poder ver o que está carregando.

Fazia menos um grau de dia. O vento gelado adormecia cada centímetro de pele descoberta. Pousei a minha cesta e tirei lentamente o primeiro dos meus xales.

— Largue o xale no chão — disse ele. — E o outro também.

Olhei em volta. Do outro lado da praça, os clientes do Le Coq Rouge deviam estar olhando. Tirei lentamente o segundo xale e depois o meu casaco pesado. Senti as janelas vazias da praça me olhando.

— Esvazie os bolsos. — Ele espetou o meu casaco com a baioneta, esfregando-o no gelo e na lama. — Vire-os do avesso.

Abaixei-me e pus as mãos nos bolsos. Eu estava tiritando, e meus dedos, que estavam roxos, se recusavam a me obedecer. Depois de várias tentativas, tirei do casaco o meu carnê de racionamento, duas notas de cinco francos e um pedaço de papel.

Ele o arrancou da minha mão.

— O que é isso?

— Nada de importante, oficial. Só... só um presente do meu marido. Por favor, deixe-me ficar com ele.

Ouvi o pânico na minha voz, e na hora em que falei isso, vi que tinha sido um erro. Ele abriu o pequeno desenho que Édouard havia feito de nós. Ele, o urso de uniforme, eu, séria, com o meu vestido azul engomado.

— Está confiscado — disse o oficial.

— O quê?

— Você não tem o direito de andar com retratos de uniformes do Exército francês. Vou jogar fora.

— Mas... — Eu estava incrédula. — É só um desenho bobo de um urso.

— Um urso de uniforme francês. Pode ser um código.

— Mas... mas é só uma brincadeira... uma bobagem entre mim e o meu marido. Por favor, não destrua o desenho. — Estendi a mão, mas ele a afastou. — Por favor, tenho tão pouca coisa para me lembrar...

Enquanto eu estava ali em pé, tiritando, ele me olhou nos olhos e rasgou o desenho ao meio. Depois rasgou as duas partes em pedacinhos, observando a minha expressão enquanto eles caíam como confetes no chão molhado.

— Da próxima vez, lembre-se dos seus documentos, sua puta — disse ele e foi se juntar aos camaradas.

* * *

Hélène me recebeu quando cheguei à porta de casa, apertando no corpo aqueles xales gelados e empapados. Ao entrar, senti os olhos dos clientes, mas não tinha nada para dizer a eles. Atravessei o bar e fui pendurar os xales nos ganchos de madeira do corredor com as mãos congeladas.

— O que houve?

Minha irmã estava atrás de mim.

Eu estava tão perturbada que não conseguia falar.

— O oficial que a agarrou aquela vez. Ele destruiu o desenho de Édouard. Rasgou em pedacinhos, para se vingar de nós depois que o Kommandant bateu nele. E não tem pão, porque Monsieur Armand aparentemente também acha que eu sou uma puta.

Eu tinha o rosto dormente e mal conseguia me fazer entender, mas estava furiosa e bradejava.

— Ssh!

— Por quê? Por que devo ficar quieta? O que fiz de errado? Esta cidade está infestada de gente sibilando e cochichando, e *ninguém* me diz a verdade.

Eu tremia de raiva e desespero.

Hélène fechou a porta do bar e me arrastou escada acima para os quartos vazios, alguns dos poucos lugares em que poderíamos não ser ouvidas.

— Acalme-se e fale comigo. O que houve?

Contei a ela. Contei o que Aurélien dissera e como as senhoras na *boulangerie* tinham falado comigo, e sobre Monsieur Armand e o pão dele, que não podíamos agora correr o risco de comer. Hélène ouviu tudo, envolvendo-me nos braços, encostando a cabeça na minha e fazendo exclamações de solidariedade enquanto eu falava. Até que perguntou:

— Você *dançou* com ele?

Enxuguei os olhos.

— É, dancei.

— Você *dançou* com Herr Kommandant?

— Não me olhe assim. Você sabe o que eu estava fazendo naquela noite. Sabe que eu teria feito de tudo para manter os alemães longe da ceia. Mantê-lo aqui significou que vocês puderam ter uma festa de verdade. Você me disse que foi o melhor dia desde que Jean-Michel foi para a guerra.

Ela olhou para mim.

— Bom, você não me contou isso. Não usou essas mesmas palavras.

Ela continuou calada.

— O quê? Vai me chamar de puta também?

Hélène baixou os olhos. Finalmente disse:

— Eu não teria dançado com um alemão, Sophie.

Deixei que suas palavras penetrassem em mim. Então me levantei, sem dizer nada, e desci. Ouvi-a me chamando e notei, lá no meu íntimo, que chamara um pouquinho tarde demais.

* * *

Eu e Hélène trabalhamos lado a lado em silêncio naquela noite. Falávamos o mínimo possível, dizendo o estritamente necessário apenas para confirmar que, sim, a torta estaria pronta para as sete e meia e, sim, o vinho estava aberto, e que de fato havia menos quatro garrafas do que na semana anterior. Aurélien ficou no andar de cima com as crianças. Só Mimi desceu e me abraçou. Eu a abracei com ardor, aspirando o seu cheirinho gostoso de criança, sentindo sua pele macia na minha.

— Amo você, pequena Mi — sussurrei.

Ela sorriu para mim em meio a suas longas madeixas louras.

— Eu também amo você, tia Sophie — disse ela.

Enfie a mão no avental e rapidamente coloquei em sua boca uma tirinha de massa assada que eu guardara para ela mais cedo. Ela sorriu para mim e Hélène subiu com ela, para que fosse se deitar.

Em contraste com o estado de espírito de minha irmã e o meu, os soldados alemães pareciam curiosamente animados naquela noite. Ninguém se queixava das rações reduzidas. Pareciam não notar a redução do vinho. Apenas o Kommandant parecia preocupado e taciturno. Ficou sentado sozinho enquanto os outros oficiais brindaram a alguma coisa e aplaudiram. Eu me perguntava se Aurélien estava lá em cima ouvindo e se entendia o que diziam.

— Não vamos brigar — disse Hélène, quando nos deitamos mais tarde. — Acho exaustivo. — Estendeu-me a mão, e, no escuro, eu a peguei. Mas ambas sabíamos que algo mudara.

Hélène é quem foi às compras no dia seguinte. Só algumas lojas estavam funcionando naqueles dias: umas carnes em conserva, uns ovos caríssimos e uns poucos legumes, e um idoso de La Vendée que fazia roupas de baixo novas com tecidos velhos. Fiquei no bar do hotel, servindo aos poucos clientes que nos restavam, tentando ignorar o fato de nitidamente continuar sendo o assunto de conversas hostis.

Por volta das dez e meia, percebemos uma agitação na rua. Eu me perguntei por um instante se eram mais prisioneiros, mas Hélène entrou correndo, com o cabelo solto e os olhos arregalados.

— Você não vai adivinhar — disse ela. — É a Liliane.

Meu coração começou a palpitar. Deixei cair os cinzeiros que estava limpando e corri para a porta, com os clientes, que se levantaram ao mesmo tempo de suas cadeiras. Subindo a rua, vinha Liliane Béthune. Usava seu casaco de astracã, mas já não parecia uma modelo parisiense. Não vestia nada além. Tinha manchas azuis nas pernas causadas pelo frio e por hematomas. Estava descalça, com os pés ensanguentados e o olho esquerdo quase fechado de tão inchado. O cabelo solto lhe caía no rosto, e ela mancava, como se cada passo fosse um esforço de Sisifo. Tinha um oficial alemão de cada lado, humilhando-a, e era seguida de perto por um grupo de soldados. Pela primeira vez, os soldados pareciam não se importar por termos saído para olhar.

O belo casaco de astracã estava todo sujo. Na parte das costas, havia não só trilhas viscosas de sangue, mas também inconfundíveis vestígios de muco.

Enquanto eu olhava aquilo, ouvi um soluço.

— *Maman! Maman!*

Atrás dela, contida por outros soldados, eu agora via Édith, a filha de sete anos de Liliane. Ela soluçava e se debatia, tentando chegar à mãe, o rosto contraído. Um soldado a agarrava pelo braço, impedindo que se aproximasse, e o outro ria, como se aquilo fosse engraçado. Liliane caminhava como que alheia, num mundo isolado de dor, cabisbaixa. Quando passou pelo hotel, irrompeu uma manifestação surda de escárnio.

— Vejam agora a puta orgulhosa!

— Acha que os alemães ainda vão querer você, Liliane?

— Eles se cansaram dela. E já vai tarde.

Eu não acreditava que aqueles fossem os meus conterrâneos. Olhei em volta para as expressões cheias de ódio, os sorrisos de desdém, e quando não consegui mais suportar, empurrei todo mundo e fui ao encontro de Édith.

— Entreguem-me a criança! — exigi.

Eu agora via que a cidade inteira parecia ter vindo assistir a esse espetáculo. Vaiavam Liliane de janelas dos andares mais altos, do outro lado da praça.

Édith soluçava, com a voz suplicante:

— *Maman!*

— Entregue-me essa menina! — gritei. — Ou os alemães agora também estão perseguindo criancinhas?

O oficial que a segurava olhou para trás, e vi Herr Kommandant parado perto da agência dos correios. Ele disse algo para o oficial ao seu lado, e, logo depois, a criança foi liberada para mim. Apanhei-a nos braços.

— Está tudo bem, Édith. Você vem comigo.

Ela escondeu o rosto em meu ombro, chorando inconsolavelmente, ainda esticando em vão um braço na direção da mãe. Tive a impressão de ter visto Liliane virar o rosto ligeiramente para mim, mas daquela distância não dava para ter certeza.

Levei Édith rapidamente para o bar, longe dos olhos da cidade, do barulho das manifestações de escárnio que já começavam; fomos para os fundos do hotel, onde ela não ouviria nada. A menina estava histérica, e quem poderia censurá-la? Levei-a para o nosso quarto, dei-lhe água, depois peguei-a nos braços e a embalei. Disse e repeti várias vezes que tudo daria certo, fariamos com que desse, embora soubesse que não podíamos fazer nada nesse sentido. Ela chorou até ficar exausta. Pelo inchaço do rosto, calculei que chorara quase a noite inteira. Só Deus sabia o que ela havia visto. Afinal, relaxou em meus braços e eu a deitei com cuidado em minha cama, cobrindo-a. Depois desci.

Quando entrei no bar, fez-se silêncio. Fazia semanas que não havia tanto movimento no Le Coq Rouge; Hélène corria por entre as mesas com uma bandeja cheia. Vi o prefeito à porta, depois olhei para os rostos à minha frente e já não conhecia nenhum deles.

— Estão satisfeitos? — indaguei com a voz embargada. — Há uma criança deitada lá em cima depois de ter visto a mãe ser cuspidada e escarnecida, tratada com brutalidade por vocês. Pessoas que ela considerara amigas. Estão orgulhosos?

A mão de minha irmã pousou em mim.

— Sophie...

Afastei-a com um movimento de ombros.

— Não me venha com “Sophie”. Vocês não têm ideia do que fizeram. Acham que sabem tudo sobre Liliane Béthune. Bem, vocês não sabem nada. NADA! — Eu agora chorava, lágrimas de raiva. — Vocês são muito rápidos na hora de julgar, mas também são muito rápidos na hora de aceitar o que ela oferece quando isso lhes convém.

O prefeito veio na minha direção.

— Sophie, precisamos conversar.

— Ah, agora quer falar comigo! Passou semanas me olhando como se eu cheirasse mal, porque Monsieur Suel supõe que eu seja uma traidora e uma puta. Eu! Que arrisquei tudo para levar comida para sua filha. Vocês sempre acreditavam antes nele que em mim! Bem, talvez eu

não queira falar com o senhor agora, Monsieur. Sabendo o que eu sei, talvez eu prefira falar com Liliane Béthune!

Eu estava enfurecida. Sentia-me transtornada, louca, como se soltasse faíscas. Olhei para aqueles rostos idiotas, aqueles queixos caídos e afastei a mão que me segurava pelo ombro.

— De onde acham que vinha o *Journal des Occupés*? Acham que os passarinhos o jogavam aqui? Acham que vinha em algum tapete mágico?

Hélène começava a tentar me afastar.

— Não quero saber! Quem eles achavam que estava ajudando? Era Liliane. Vocês todos tiveram a ajuda dela! Mesmo quando cagavam no pão dela, tinham a ajuda dela.

Eu estava no corredor. O rosto de Hélène estava branco; o prefeito, atrás dela, afastava-me dos demais.

— O que foi? — protestei. — A verdade os incomoda muito? Estou proibida de falar?

— Sente-se, Sophie. Pelo amor de Deus, sente-se aí e cale a boca.

— Eu não conheço mais esta cidade. Como vocês podem ficar gritando na cara dela? Mesmo que ela tivesse dormido com os alemães, como podem tratar assim um ser humano igual a vocês? Eles cuspiram nela, Hélène, não viu? Cuspiram nela. Como se não fosse humana.

— Sinto muito por Madame Béthune — disse o prefeito baixinho. — Mas não estou aqui para falar dela. Vim para falar com você.

— Não tenho nada a lhe dizer — falei, enxugando o rosto com as mãos.

O prefeito respirou fundo.

— Sophie, tenho notícias do seu marido.

Custei um pouco a registrar o que ele dissera.

Ele se sentou pesadamente nos degraus ao meu lado. Hélène ainda segurava a minha mão.

— Não é uma notícia boa, receio. Quando os últimos prisioneiros passaram por aqui de manhã, um deles largou um bilhete na frente do correio. Um pedaço de papel. Meu assistente pegou. Diz que Édouard Lefèvre estava entre os cinco homens que foram levados para um campo de prisioneiros em Ardennes mês passado. Sinto muito, Sophie.

Prisioneiro, Édouard Lefèvre fora acusado de entregar a outro cativo um pequeno pedaço de pão. Ele revidara agressivamente ao apanhar por isso. Eu quase ri quando soube: era tão típico de Édouard.

Mas minha alegria durou pouco. Cada informação que eu recebia servia para aumentar meus temores. O campo de prisioneiros onde ele estava detido era considerado um dos piores: duzentos homens dormiam num galpão sobre tábuas nuas, subsistiam à base de sopa aguada com algumas cascas de cevada e de vez em quando um camundongo morto. Eram enviados para trabalhar quebrando pedra ou construindo ferrovias, forçados a andar quilômetros carregando pesadas vigas de ferro nos ombros. Os que sucumbiam à exaustão eram punidos, espancados ou privados das rações. As doenças multiplicavam-se e os homens eram fuzilados pelo mais banal dos deslizes.

Eu assimilava tudo e cada uma dessas imagens assombrava meus sonhos.

— Ele vai ficar bem, não? — perguntei ao prefeito.

Ele deu tapinhas na minha mão.

— Vamos rezar por ele — disse.

Ele suspirou profundamente ao se levantar para sair, e seu suspiro pareceu uma sentença de morte.

Recebíamos a visita do prefeito quase todos os dias depois do acontecido com Liliane Béthune. À medida que a verdade sobre ela corria pela cidade, sua imagem era aos poucos redesenhada no imaginário coletivo. Os lábios já não se contraíam automaticamente à menção de seu nome. Alguém rabiscou com giz a palavra “*héroïne*” na praça do mercado na calada da noite, e embora a inscrição tenha sido apagada mais do que depressa, todos nós sabíamos a quem se referia. Alguns objetos de valor que haviam sido saqueados de sua casa quando ela foi presa foram misteriosamente recolocados no lugar.

Claro, havia aquelas que, como Madame Louvier e Madame Durant, não a perdoariam nem se alguém contasse que ela fora vista esganando alemães com as próprias mãos. Mas houve algumas vagas confissões de arrependimento em nosso modesto bar, pequenas gentilezas feitas a Édith; chegavam para ela no Le Coq Rouge algumas peças de roupa que já não cabiam no dono e um ou outro alimento. Liliane aparentemente fora enviada para um campo de detenção ao sul da nossa cidade. Ela teve sorte, confidenciou o prefeito, por não ter sido fuzilada de imediato. Ele desconfiava de que só um pedido especial de um dos oficiais a salvara de uma execução sumária.

— Mas não adianta tentar intervir, Sophie — disse ele. — Ela foi pega fazendo espionagem para os franceses, e acho que não será poupada por muito tempo.

Quanto a mim, eu já não era *persona non grata*. Não que eu estivesse preocupada com isso. Era difícil para mim sentir o mesmo em relação aos meus vizinhos. Édith ficava grudada em

mim, como uma sombra. Comia pouco e vivia perguntando pela mãe. Eu lhe dizia com sinceridade que não sabia o que aconteceria com Liliane, mas que ela, Édith, estaria segura conosco. Eu passara a dormir com ela no meu quarto antigo, para impedir que seus gritos durante os pesadelos acordassem os outros dois menores. À noite, ela descia sorrateiramente até o quarto de grau da escada, o ponto mais próximo de onde podia ver a cozinha, e nós a encontrávamos ali mais tarde, quando terminávamos a limpeza, ferrada no sono, abraçando os joelhos com seus braços finos.

Meus temores por sua mãe se misturavam aos temores por meu marido. Eu passava os dias num turbilhão silencioso de preocupação e exaustão. Poucas notícias chegavam à cidade, e nenhuma saía. Em algum lugar ele poderia estar passando fome, estar de cama com febre, ou sendo espancado. O prefeito recebeu a notícia oficial de três baixas, duas no *front* e uma num campo perto de Mons, e soube que havia um surto de tifo perto de Lille. Eu ouvia essas informações como se fossem dirigidas a mim.

Perversamente, Hélène parecia prosperar nessa atmosfera sinistra de maus presságios. Acho que me ver desmoronar a fizera achar que o pior já devia ter acontecido. Se Édouard, com toda a sua força e vitalidade, enfrentava a morte, não poderia haver esperança para Jean-Michel, um homem delicado e estudioso. Ele não poderia ter sobrevivido, concluía ela, portanto era melhor seguir em frente. Parecia fortalecida e insistia para que eu me erguesse quando me via chorando escondida na adega de cervejas, obrigava-me a comer, ou cantava cantigas de ninar para Édith, Mimi e Jean, num tom estranhamente desenvolto. Eu ficava grata por sua força. Passava a noite abraçada com a filha de outra mulher e desejava nunca mais ter o que pensar.

* * *

No fim de janeiro, Louisa morreu. O fato de todos nós já sabermos que isso iria acontecer não tornou a situação mais fácil. Da noite para o dia, o prefeito e sua mulher pareciam ter envelhecido dez anos.

— Eu digo a mim mesmo que é uma bênção ela não ter que ver o mundo assim — disse-me ele, e concordei com um gesto de cabeça.

Nenhum de nós acreditava naquilo.

O funeral aconteceria cinco dias depois. Decidi que não seria bom levar as crianças, e disse a Hélène que ela devia ir me representando; eu levaria os pequenos ao bosque atrás do antigo quartel dos bombeiros. Por causa do frio rigoroso, os alemães haviam concedido aos aldeões duas horas por dia para catar no bosque da região gravetos para acender o fogo. Eu estava convencida de que não acharíamos muita coisa: na calada da noite, as árvores já haviam sido despojadas de quaisquer galhos que prestassem. Mas eu precisava me afastar da cidade, do luto, do medo e da vigília constantes, fosse dos alemães ou dos meus vizinhos.

Era uma tarde fria e quieta, e o sol brilhava timidamente através das silhuetas esqueléticas das

árvores que restavam, aparentemente muito esgotado para subir mais que uns poucos metros do horizonte. Era fácil olhar para a nossa paisagem, como fiz naquela tarde, e se perguntar se o mundo estava acabando. Caminhei, conversando em silêncio com meu marido como eu sempre fazia naqueles dias. *Seja forte, Édouard. Agente. Basta ficar vivo, e sei que estaremos juntos de novo.* Édith e Mimi de início caminharam em silêncio ao meu lado, pisando nas folhas geladas, mas depois, quando chegamos ao bosque, foram vencidas por um impulso infantil, e parei um instante para olhar quando elas correram até um tronco podre, onde ficaram brincando de subir e pular para o chão, de mãos dadas, dando risadinhas. Seus sapatos ficariam esfolados e suas saias, enlameadas, mas eu não lhes negaria aquele consolo simples.

Abaixei-me e botei alguns punhados de gravetos na cesta, torcendo para as vozes das meninas abafarem o zumbido constante de pavor em minha mente. Então, quando me levantei, eu o vi: na clareira, um rifle no ombro, falando com um de seus homens. Ele ouviu as meninas e se virou. Édith gritou, olhou em volta esgazeada à minha procura e correu para os meus braços, os olhos arregalados de medo. Mimi, confusa, acompanhou-a aos tropeções, tentando entender por que a amiga ficara tão abalada com o homem que ia todas as noites ao restaurante.

— Não chore, Édith, ele não vai nos machucar. Por favor, não chore. — Eu o via nos observando e soltei a menina das minhas pernas. Agachei-me para falar com ela. — É Herr Kommandant. Vou falar com ele agora sobre o jantar. Fique aqui brincando com Mimi. Estou bem. Olhe, está vendo?

Ela tremia quando a entreguei a Mimi.

— Vão brincar ali um instante. Só vou falar com Herr Kommandant. Peguem aqui a minha cesta e vejam se conseguem achar uns gravetos. Prometo a vocês que não vai acontecer nada de ruim.

Quando afinal consegui arrancá-la das minhas saias, dirigi-me a ele. O oficial ao seu lado disse algo em voz baixa. Ajustei os xales no corpo, cruzando os braços no peito, e aguardei o Kommandant dispensá-lo.

— Achamos que poderíamos caçar — disse ele, olhando o céu vazio. — Pássaros — acrescentou.

— Não sobrou nenhum pássaro aqui — disse eu. — Todos se foram há muito tempo.

— Provavelmente isso foi sensato.

Ao longe, ouvíamos os canhões rugindo. Por um instante parecia que o ar havia diminuído à nossa volta.

— Aquela é a filha da prostituta?

Ele engatilhou o rifle sobre o braço e acendeu um cigarro. Olhei para as meninas atrás de mim, paradas ao lado do tronco.

— Filha de Liliane? Sim. Ela vai ficar conosco.

Ele a observou com atenção, e não consegui imaginar o que estava pensando.

— Ela é uma criança — eu disse. — Não entendeu nada do que estava acontecendo.

— Ah — fez ele e deu uma tragada no cigarro. — Uma inocente.

— Sim. Existem inocentes.

Ele me lançou um olhar severo, e tive que me esforçar para não baixar os olhos.

— Herr Kommandant. Preciso pedir-lhe um favor.

— Um favor?

— Meu marido foi levado para um campo de prisioneiros em Ardenes.

— E não é para eu lhe perguntar como obtive essa informação.

O modo como ele me olhava nada dizia. Não dava pista alguma.

Respirei fundo.

— Eu me perguntava... Estou pedindo para ajudá-lo. Ele é um homem bom. Como sabe, ele é um artista, não um soldado.

— E quer que eu encaminhe uma mensagem para ele.

— Quero que o tire de lá.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Herr Kommandant. O senhor age como se fôssemos amigos. Então, estou lhe implorando. Por favor, ajude meu marido. Sei o que acontece nesses lugares, sei que ele tem pouca chance de sair vivo.

Ele não disse nada, então aproveitei a oportunidade e continuei. Eram palavras que eu havia enunciado mentalmente mil vezes nas últimas horas.

— Sabe que ele passou a vida toda em busca da arte, da beleza. Ele é um homem pacífico, um homem distinto. Gosta de pintar, dançar, comer e beber. Sabe que não faz diferença à causa alemã se ele está vivo ou morto.

Ele olhou em volta, pelo bosque despido, como se para monitorar aonde os outros oficiais tinham ido, depois deu mais uma tragada no cigarro.

— Você assume um risco considerável me pedindo algo assim. Viu como os habitantes desta cidade tratam uma mulher que eles julgam estar colaborando com os alemães.

— Eles já acham que colaboro. O fato de vocês estarem em nosso hotel aparentemente me tornou culpada sem sequer um julgamento.

— Isso e dançar com o inimigo.

Agora foi minha vez de ficar surpresa.

— Eu já lhe disse antes, Madame. Não acontece nada nesta cidade que não chegue aos meus ouvidos.

Ficamos calados, olhando o horizonte. Um estrondo surdo ao longe fez a terra vibrar muito ligeiramente sob nossos pés. As meninas sentiram: eu as vi olhando para os sapatos. Ele deu uma baforada final do cigarro, depois o amassou sob a bota.

— É o seguinte. Você é uma mulher inteligente. Acho que deve ser uma boa juíza da

natureza humana. E, no entanto, tem atitudes que me dariam o direito, como soldado inimigo, a fuzilá-la sumariamente. Apesar disso, você vem aqui e espera não só que eu ignore esse fato, mas também que a ajude. Minha inimiga.

Engoli em seco.

— Isso... isso é porque não o vejo só como... inimigo.

Ele esperou.

— Foi o senhor que disse... que às vezes somos apenas... duas pessoas.

O silêncio dele me deixou mais ousada. Falei mais baixo.

— Sei que é um homem poderoso. Sei que tem influência. Se disser que ele deve ser solto, ele será solto. Por favor.

— Você não sabe o que está pedindo.

— Sei que se ele ficar lá, vai morrer.

Em seus olhos, o mais fugaz dos lampejos.

— Sei que é um cavalheiro. Um erudito. Sei que gosta de arte. Sem dúvida, salvar um artista que o senhor admira seria... — As palavras me faltaram. Dei um passo à frente. Estendi a mão e toquei em seu braço. — Herr Kommandant. Por favor. Sabe que eu não lhe pediria nada, mas eu lhe imploro. Por favor, por favor, me ajude.

Ele estava muito sério. E, então, fez algo inesperado. Levantou a mão e, de leve, afastou uma mecha de cabelo do meu rosto. Foi um gesto delicado, pensado, como se fosse algo que tivesse sido imaginado há algum tempo. Disfarcei o meu susto e fiquei absolutamente imóvel.

— Sophie...

— Eu lhe dou o quadro — eu disse. — Aquele de que tanto gosta.

Ele abaixou a mão. Suspirou e virou as costas.

— É a coisa mais preciosa que eu tenho.

— Vá para casa, Madame Lefèvre.

Em meu peito, começou a se formar um nó de pânico.

— O que devo fazer?

— Vá para casa. Pegue as crianças e vá para casa.

— Qualquer coisa se o senhor conseguir libertar o meu marido. Eu farei qualquer coisa.

Minha voz ecoou pelo bosque. Senti a única chance de Édouard me fugindo das mãos. Ele continuava andando.

— Ouviu o que eu falei, Herr Kommandant?

Ele se voltou, com uma expressão subitamente furiosa. Aproximou-se de mim a passos largos e só parou quando seu rosto estava perto do meu. Eu sentia o seu hálito no meu rosto. Via as meninas com o canto do olho, rígidas de aflição. Eu não podia demonstrar medo.

Ele me olhou, depois baixou a voz.

— Sophie... — Olhou para as meninas às suas costas... — Sophie, eu... eu não vejo minha mulher há quase três anos.

— Eu não vejo meu marido há dois.

— Você deve saber... você deve saber o que está me pedindo...

Ele virou o rosto, como se estivesse determinado a não olhar para mim.

Engoli em seco.

— Estou lhe oferecendo uma pintura, Herr Kommandant.

Um pequeno tique aparecera na mandíbula dele. Ele olhou para um ponto além do meu ombro direito e recomeçou a andar.

— Madame. Você ou é muito tola ou muito...

— Será que ele compra a liberdade do meu marido? Será que compro a liberdade do meu marido?

Ele tornou a se virar para mim, com uma expressão angustiada, como se eu o estivesse forçando a fazer algo que ele não queria. Olhava para o chão. Finalmente, deu dois passos na minha direção, aproximando-se o suficiente para poder falar sem ser ouvido.

— Amanhã à noite. Venha me encontrar no quartel. Depois que terminar no hotel.

* * *

Fomos andando de mãos dadas pelas trilhas, para evitar atravessar a praça, e, quando chegamos no Le Coq Rouge, nossas saias estavam cobertas de lama. As meninas estavam caladas, embora eu tentasse lhes assegurar que o alemão só tinha ficado contrariado porque não havia pombos para caçar. Preparei uma bebida quente para elas, depois fui para o meu quarto e fechei a porta.

Deitei-me na cama e tapei os olhos com as mãos para bloquear a claridade. Fiquei ali talvez meia hora. Então me levantei, tirei do guarda-roupa o vestido de lã azul e estendi-o na cama. Édouard sempre dissera que ele me deixava parecida com uma professora de escola. Dizia isso como se ser professora de escola fosse uma coisa maravilhosa. Tirei o vestido cinza enlameado, deixando que caísse no chão. Despi a saia de baixo, cuja bainha também estava respingada de lama, e fiquei só de anágua e camisola. Retirei o corpete, depois as roupas de baixo. O quarto estava frio, mas eu não prestei atenção nisso.

Fiquei de frente para o espelho.

Eu não olhava meu corpo havia meses. Não tivera razões para isso. Agora, a silhueta que eu tinha refletida diante de mim era a de uma estranha. Eu parecia ter metade da largura de antes. Meus seios estavam caídos e murchos. Meu traseiro também. Eu estava magra, e os ossos apareciam por baixo da pele: a clavícula, o ombro e as costelas ganhando proeminência. Até meu cabelo, antes lustroso, estava sem brilho.

Cheguei mais perto e examinei meu rosto: as sombras embaixo dos olhos, os leves vincos

entre as sobranceiras. Estremeci, mas não de frio. Pensei na garota que Édouard deixara para trás havia dois anos. Pensei no toque das mãos dele na minha cintura, seus lábios macios no meu pescoço. E fechei os olhos.

* * *

Ele andara mal-humorado havia alguns dias. Estava trabalhando numa tela representando três mulheres sentadas a uma mesa, e não conseguia acertá-la. Eu posara para ele em todas as posições e observara em silêncio enquanto ele bufava e fazia caretas, até jogou a paleta no chão a certa altura, esfregando as mãos nos cabelos e amaldiçoando a si mesmo.

— Vamos tomar um pouco de ar — sugeri, alongando-me.

Meu corpo doía por ter ficado imóvel, mas eu não queria que ele soubesse.

— Eu não quero tomar ar.

— Édouard, você não vai conseguir nada neste estado de espírito. Venha tomar vinte minutos de ar comigo. Venha. — Peguei meu casaco, enrolei um cachecol no pescoço e me postei à porta.

— Não gosto de ser interrompido — resmungou ele, pegando seu casaco.

Eu não ligava para o seu mau gênio. Àquela altura, já estava acostumada. Quando o trabalho de Édouard ia bem, ele era o mais doce dos homens, alegre, entusiasmado por ver beleza em tudo. Quando ia mal, era como se pairasse uma nuvem escura sobre a nossa pequena casa. Nos primeiros meses do nosso casamento, eu temera que isso fosse de algum modo minha culpa, que eu devia ser capaz de animá-lo. Mas, ouvindo os outros artistas conversarem em La Ruche, ou nos bares do Quartier Latin, passei a ver essa alternância em todos eles: os bons momentos das obras finalizadas com sucesso ou vendidas; os maus momentos de obras estagnadas ou que exigem um trabalho árduo, ou que eram alvo de críticas ferinas. Esses estados de ânimo eram simplesmente frentes climáticas a que eu devia me adaptar e que tinha de suportar.

Mas nem sempre eu era tão compreensiva.

Édouard resmungou ao longo de toda a rue Soufflot. Estava irritado. Não conseguia entender por que tínhamos que caminhar. Não conseguia entender por que não podia ficar em paz. Eu não entendia. Eu não sabia da pressão sob a qual ele estava. Ora, Weber e Purrmann já estavam sendo procurados pelas galerias perto do Palais Royal, faziam exposições individuais. Diziam que Monsieur Matisse preferia o trabalho deles ao seu. Quando tentei lhe garantir que não era esse o caso, ele fez um gesto de desdém com a mão, como se a minha opinião não contasse. Seu discurso cansativo e colérico prosseguiu até chegarmos à Rive Gauche, e finalmente perdi a paciência.

— Muito bem — eu disse, soltando o meu braço do dele. — Sou uma vendedora ignorante. Como se pode esperar que eu entenda as pressões artísticas da sua vida? Sou simplesmente quem lava as suas roupas e posa durante horas, com o corpo dolorido, enquanto você brinca com o

carvão e recolhe dinheiro de gente para quem não quer deixar de parecer generoso. Bem, Édouard, vou deixar você sozinho com as suas pressões. Talvez a minha ausência lhe traga alguma satisfação.

Fui andando depressa pela margem do Sena, furiosa. Ele me alcançou em minutos.

— Desculpe-me.

Continuei andando, contrariada.

— Não fique zangada, Sophie. Só estou de mau humor.

— Mas não precisa me deixar de mau humor por causa disso. Só estou tentando ajudar.

— Eu sei. Eu sei. Fique calma. Por favor, não se aborreça com seu marido indelicado.

Ele estendeu o braço. Tinha uma expressão terna e suplicante. Ele sabia que eu não conseguia resistir a ele.

Olhei furiosa para ele, depois lhe dei o braço e caminhamos algum tempo em silêncio. Ele pôs a mão sobre a minha e percebeu que estava fria.

— Suas luvas!

— Esqueci.

— Então, onde está seu chapéu? — perguntou. — Você está gelada.

— Você sabe muito bem que eu não tenho chapéu de inverno. Deu traça no meu chapéu de veludo de passeio, e ainda não tive tempo de consertar.

Ele parou.

— Você não pode usar um chapéu de passeio remendado.

— É um chapéu muito bom. Apenas não tive tempo para cuidar dele.

Não acrescentei que não tinha tido tempo porque estava correndo a Rive Gauche atrás dos materiais dele e recolhendo o dinheiro que lhe deviam para pagar esses materiais.

Estávamos em frente a uma das melhores lojas de chapéu de Paris. Ele viu a loja e me fez parar.

— Venha — chamou.

— Não seja ridículo.

— Não me desobedeça, mulher. Você sabe que não preciso de muito para ficar com o pior dos humores. — Ele pegou meu braço, e antes que eu pudesse protestar mais, tínhamos entrado na loja. A porta se fechou às nossas costas, a campainha soou e olhei em volta assombrada. Em prateleiras ou em colunas ao redor das paredes, refletidos em enormes espelhos de moldura dourada, estavam os chapéus mais lindos que eu já vira: criações imensas e intrincadas, negras ou de um vermelho vivo, abas largas debruadas de pele ou renda. Plumas de marabu agitavam-se de leve com o deslocamento de ar. A sala recendia a rosas secas. A mulher que apareceu do fundo da loja usava uma longa saia de cetim justa nos tornozelos, a roupa mais em moda nas ruas de Paris.

— Em que posso servi-los? — Seus olhos percorreram o meu casaco de três anos e meu

cabelo despenteado pelo vento.

— Minha esposa precisa de um chapéu.

Eu quis impedi-lo. Quis dizer-lhe que já que ele insistia em me comprar um chapéu, deveríamos ir ao La Femme Marché, onde eu até poderia ganhar um desconto. Ele não sabia que aquele lugar era uma casa de alta-costura, fora das possibilidades de mulheres como eu.

— Édouard, eu...

— Um chapéu muito especial.

— Certamente, senhor. Tem algo em mente?

— Um parecido com este.

Ele apontou para um enorme chapéu de abas largas, vermelho-escuro, estilo *directoire*, debruado com marabu negro. Um buquê de plumas de pavão tingidas de preto desenhava um arco na aba.

— Édouard, você não pode estar falando sério — murmurei.

Mas a mulher já o tirara com solenidade do lugar e, enquanto eu olhava boquiaberta para a peça, ela a colocava cuidadosamente em minha cabeça, enfiando o meu cabelo atrás da gola.

— Acho que seria melhor se Madame tirasse o cachecol.

Ela me posicionou na frente do espelho e desenrolou o cachecol com tanto cuidado que ele parecia tecido a ouro. Eu mal a sentia. O chapéu mudou meu rosto completamente. Fiquei, pela primeira vez na vida, com a aparência das mulheres que eu costumava atender.

— Seu marido tem bom olho — disse a mulher.

— É este! — exclamou Édouard todo alegre.

— Édouard. — Puxei-o para um canto e falei com a voz baixa e assustada. — Olhe a etiqueta. É o preço de três de seus quadros.

— Não quero saber. Quero que você tenha o chapéu.

— Mas você vai se arrepender disso. Vai ficar ressentido comigo. Você devia gastar esse dinheiro em material, em telas. Essa é... Não sou eu.

Ele me cortou. Fez um gesto para a mulher.

— Vou levar este.

Enquanto ela mandava sua assistente buscar uma caixa, ele olhou de novo a minha imagem no espelho. Correu a mão de leve pela lateral do meu pescoço, inclinou minha cabeça delicadamente para o lado e encontrou o meu olhar refletido. Então, inclinando o chapéu, abaixou a cabeça e beijou meu pescoço onde começavam os ombros. Sua boca ficou ali tempo suficiente para me fazer corar, e fazer as duas mulheres desviarem os olhos, constrangidas, fingindo estar distraídas. Quando tornei a levantar a cabeça, com a vista meio fora de foco, ele continuava a me olhar no espelho.

— É você, Sophie — disse, baixinho. — É sempre você...

Aquele chapéu ainda estava em nosso apartamento em Paris. A muitos quilômetros do meu alcance.

Cerrei os lábios, afastei-me do espelho e coloquei o cachecol de lã azul.

Contei a Hélène depois que o último oficial alemão já havia se retirado naquela noite. Estávamos varrendo o restaurante, limpando as últimas migalhas da mesa. Não que houvesse muitas: até os alemães tendiam a catar tudo que podiam, naquela época — o racionamento parecia deixar todo mundo querendo mais. Eu estava parada, vassoura em punho, e pedi baixinho para ela parar um instante. Então, contei a ela sobre meu passeio no bosque, o que eu pedira ao Kommandant e o que ele me pedira em troca.

Ela empalideceu.

— Você não concordou com isso!

— Eu não disse nada.

— Ah, graças a Deus. — Ela balançou a cabeça, com a mão no meu rosto. — Graças a Deus que ele não tem nenhuma promessa sua.

— Mas... isso não significa que eu não vá.

Minha irmã sentou-se bruscamente a uma mesa, e após um instante, deslizei para o assento em frente ao dela. Ela pensou um pouco, depois tomou as minhas mãos.

— Sophie, sei que você está apavorada, mas precisa pensar no que está dizendo. Pense no que fizeram com Liliane. Você realmente se entregaria a um alemão?

— Eu... eu não prometi tanto.

Ela me fitou.

— Acho... o Kommandant é honrado à maneira dele. E, além do mais, ele talvez nem queira que eu... Ele não disse isso com muitas palavras.

— Ah, você não pode ser tão ingênua! — Ela levantou as mãos para os céus. — O Kommandant executou um inocente com um tiro! Você viu quando ele bateu a cabeça de um dos homens dele contra a parede por um deslize que não podia ser mais insignificante! E você iria sozinha ao alojamento dele? Não pode fazer isso! Pense!

— Não penso em quase mais nada. O Kommandant gosta de mim. Acho que me respeita, do jeito dele. E, se eu não fizer isso, Édouard certamente vai morrer. Você sabe o que acontece nesses lugares. O prefeito acha que ele já pode ser dado como morto.

Ela se debruçou na mesa, numa voz urgente.

— Sophie, nada garante que Herr Kommandant vá ter um comportamento honrado. Ele é

alemão! Por que cargas-d'água você vai acreditar numa palavra do que ele diz? Talvez você se deite com ele para nada!

Eu nunca vira minha irmã tão zangada.

— Tenho que falar com ele. Não há outro jeito.

— Se isso se espalhar, Édouard não vai querer você.

Ficamos nos olhando.

— Acha que pode esconder isso dele? Não pode. Você é muito honesta. E mesmo se tentasse, acha que essa cidade não faria com que ele soubesse?

Ela estava certa.

Ela baixou o olhar para as mãos. Depois se levantou e se serviu de um copo d'água. Bebeu devagar, olhando duas vezes para mim, e como o silêncio se prolongou, comecei a sentir sua reprovação, a pergunta velada ali contida, e isso me revoltou.

— Acha que eu seria leviana a ponto de fazer isso?

— Não sei — disse ela. — Ultimamente não a reconheço.

Isso foi como uma bofetada. Minha irmã e eu nos fuzilamos com os olhos e senti como se estivesse balançando à beira de algo. Não há ninguém que brigue tanto com a gente como uma irmã. Não há mais ninguém que conheça tanto os nossos pontos fracos e mire neles sem piedade. O espectro da minha dança com o Kommandant nos rondava, e de repente senti que estávamos sem fronteiras.

— Está bem. Diga uma coisa, Hélène. Se fosse sua única chance de salvar Jean-Michel, o que você faria?

Afinal, eu a vi vacilar.

— Vida ou morte. O que você faria para salvá-lo? Sei que o que você sente por ele não tem limites.

Ela mordeu o lábio e virou para a janela escura.

— Isso tudo pode sair muito errado.

— Não vai.

— Você pode muito bem pensar assim. Mas é impulsiva por natureza. E não é só o seu futuro que está em jogo.

Levantei-me, então. Eu queria ir até a minha irmã do outro lado da mesa. Queria me agachar ao lado dela e abraçá-la e ouvir que tudo daria certo, que estaríamos todas fora de perigo. Mas a expressão dela me dizia que não havia mais nada a dizer; então ajeitei minhas saias, e, de vassoura em punho, fui para a cozinha.

* * *

Dormi um sono agitado aquela noite. Sonhei com Édouard, com sua expressão de contrariedade.

Sonhei que estávamos discutindo, que eu tentava repetidamente convencê-lo de que só fizera o que era certo enquanto ele me virava as costas. No sonho, ele afastou a cadeira da mesa enquanto discutíamos, e, quando olhei, ele não tinha a parte inferior do corpo: faltavam as pernas e metade do tronco. *Pronto*, ele me disse. *Está satisfeita agora?*

Acordei soluçando e encontrei Édith me olhando, com seus olhos escuros insondáveis. Ela esticou a mão e tocou delicadamente em meu rosto molhado, em solidariedade. Estendi a mão e aconcheguei-a em mim, e ficamos ali caladas, abraçadas enquanto o dia raiava.

Passei o dia como se estivesse num sonho. Preparei o café da manhã das crianças enquanto Hélène fazia compras, e observei Aurélien, outra vez de mau humor, levar Édith para a escola. Abri a casa às dez horas e atendi as poucas pessoas que entraram àquela hora. O velho René estava rindo de um veículo militar que caíra numa vala perto do quartel e não conseguia ser puxado dali. Esse contratempo alegrou o bar durante algum tempo. Eu sorria vagamente e balançava a cabeça fazendo que sim, de fato, aquilo mostraria a eles, sim, aquilo era mesmo a boa direção alemã. Eu via e ouvia tudo como se estivesse em uma bolha.

Na hora do almoço, Aurélien e Édith vieram para comer um pão com um pedacinho de queijo, e, enquanto estavam sentados na cozinha, recebemos um aviso do prefeito, requisitando cobertores e vários jogos de talheres para um novo alojamento a aproximadamente dois quilômetros adiante, na mesma rua. Houve muita reclamação quando nossos clientes olharam o papel e se lembraram de que voltariam para casa e encontrariam avisos semelhantes. Uma pequena parte de mim estava feliz por terem visto que eu também era incluída nos confiscos.

Às três horas, paramos para ver a passagem de um comboio médico alemão; a fila de veículos e cavalos fazia a nossa rua vibrar. O bar ficou em silêncio por alguns minutos. Às quatro horas, a mulher do prefeito entrou e agradeceu a todos por suas cartas e solidariedade, e nós a convidamos a ficar para uma xícara de café, mas ela não aceitou. Não era boa companhia, disse, desculpando-se. Voltou com passo inseguro pela praça, amparada pelo marido.

Às quatro e meia, os últimos clientes se retiraram, e vi, com a noite caindo, que outros não viriam, embora ainda faltasse meia hora para fecharmos. Cerrei as cortinas das janelas do restaurante, e ficamos de novo às escuras lá dentro. Na cozinha, Hélène corrigia a ortografia de Édith, interrompendo de vez em quando para cantar canções com Mimi e Jean. Édith se apaixonara pelo pequeno Jean, e Hélène comentara várias vezes que a menina era de grande ajuda, brincando tanto com ele. Hélène não questionara uma única vez a minha decisão de trazê-la para nossa casa, não lhe ocorreria enjeitar uma criança, embora isso significasse menos comida para todos nós.

Quando subi, peguei meu diário nas vigas do teto. Ia começar a escrever, mas então vi que não tinha nada a dizer. Nada que não me incriminasse. Tornei a guardar o diário em seu esconderijo e me perguntei se algum dia eu teria de novo alguma coisa a falar ao meu marido.

Os alemães vieram, sem o Kommandant, e nós lhes demos de comer. Eles estavam quietos. Eu me vi torcendo, como sempre torcia, para que isso significasse alguma notícia terrível para o lado deles. Hélène ficava me olhando enquanto trabalhávamos. Dava para vê-la tentando imaginar o que eu ia fazer. Eu servi a comida, o vinho, lavei a louça e aceitei com um gesto de cabeça seco os agradecimentos dos homens que nos felicitaram pela refeição. Então, quando o último deles se retirou, apanhei Édith, que estava dormindo de novo na escada, e levei-a para o meu quarto. Coloquei-a em minha cama e puxei suas cobertas até o queixo. Fiquei olhando para ela um instante e afastei com delicadeza uma mecha de cabelo do seu rosto. Ela se mexeu, seu rosto estava perturbado mesmo enquanto dormia.

Olhei para ter certeza de que ela não acordaria. Então escovei o cabelo e prendi-o com gestos lentos e pensados. Enquanto eu contemplava minha imagem à luz de vela, algo me chamou a atenção. Virei e peguei um bilhete que fora passado por baixo da porta. Fiquei olhando para as palavras, com a letra de Hélène.

Uma vez feito, não pode ser desfeito.

Então, pensei no prisioneiro morto com aqueles sapatos grandes demais para os seus pés, nos homens andrajosos que haviam subido a rua naquela tarde. E de repente era muito simples: não havia escolha.

Coloquei o bilhete no esconderijo e desci em silêncio. No pé da escada, olhei para o retrato na parede, depois levantei-o com cuidado do gancho e enrolei-o num xale, de modo a não deixar nada da tela à mostra. Cobri-me com mais dois xales e saí na escuridão. Quando fechei a porta às minhas costas, ouvi minha irmã sussurrar lá de cima, como um sino de alerta.

Sophie.

Depois de tantos meses passados sob toque de recolher, era estranho andar no escuro. As ruas geladas da pequena cidade estavam desertas, as janelas, fechadas, as cortinas, imóveis. Andei com um passo enérgico no escuro, cobrindo a cabeça com um xale, na esperança de que, mesmo que alguém olhasse para fora, só conseguisse ver um vulto indefinido andando depressa pelas ruas.

Fazia um frio horrível, mas eu mal sentia. Estava entorpecida. Nos quinze minutos que levei para chegar à periferia da cidade, na fazenda Fourier, onde os alemães haviam se instalado quase um ano antes, perdi a capacidade de pensar. Virei um objeto enquanto caminhava. Temia que se parasse para pensar aonde estava indo eu não fosse capaz de mexer as pernas, de botar um pé na frente do outro. Se pensasse, eu ouviria os avisos de minha irmã e as vozes inclementes dos habitantes da cidade, se viesse a público que eu fora vista indo visitar Herr Kommandant na calada da noite. Eu poderia ouvir meu próprio medo.

Em vez disso, eu dizia baixinho o nome do meu marido como um mantra: *Édouard. Vou libertar Édouard. Posso fazer isso.* Eu segurava o quadro debaixo do braço.

Cheguei à periferia da cidade. Virei à esquerda, onde a rua de terra ficava acidentada e esburacada, a pista já precária destruída ainda mais pelos veículos militares que transitavam por ali. O velho cavalo do meu pai quebrara uma pata num desses buracos no ano anterior: um alemão que não olhava aonde ia forçara demais o animal. Aurélien chorou quando soube. Só mais uma vítima inocente da ocupação. Naquela época, ninguém chorava por cavalos.

Vou trazer Édouard para casa.

A lua sumiu atrás de uma nuvem, e eu ia aos tropeções pela trilha da fazenda, enfiando os pés tantas vezes em poças de água gelada que já tinha os sapatos e as meias encharcados, e meus dedos gelados seguravam o quadro com força, temendo que ele caísse. Eu enxergava apenas as luzes dentro da casa ao longe e continuei caminhando naquela direção. Vultos escuros andavam à minha frente nas margens, coelhos talvez, e a silhueta de uma raposa atravessou a estrada, parando rapidamente para me olhar, insolente e sem medo. Momentos depois, ouvi o guincho apavorado de um coelho e tive que engolir a bile que o susto me trouxe à garganta.

A fazenda assomou à minha frente, então, toda acesa. Ouvi o ronco de um caminhão e minha respiração se acelerou. Recuei dando um salto para trás de uma sebe, esquivando-me do facho dos faróis enquanto um veículo militar passava por mim sacolejando e gemendo. Na traseira, embaixo de uma capota de lona, pude identificar perfeitamente rostos de mulheres, sentadas umas ao lado das outras. Esperei até desaparecerem, depois saí da sebe, com o xale agarrando nos gravetos. Havia rumores de que os alemães traziam moças de fora da cidade. Até então, eu achava que elas eram apenas isso. Tornei a pensar em Liliane e, em silêncio, fiz uma oração para ela.

Eu estava na entrada da fazenda. Trinta metros à minha frente vi o caminhão parar e os

vultos das mulheres caminhando em silêncio para uma porta à esquerda, como se aquele fosse um percurso que já haviam feito muitas vezes. Ouvi vozes masculinas, um ruído distante de cantoria.

Halt.

O soldado apareceu na minha frente. Dei um pulo. Ele ergueu o rifle, depois olhou com mais atenção. Fez um gesto indicando as outras mulheres.

— Não... não. Estou aqui para falar com Herr Kommandant.

Ele tornou a fazer o mesmo gesto, com impaciência.

— *Nein* — disse eu, mais alto. — Herr Kommandant. Tenho... hora marcada.

— Herr Kommandant?

Eu não podia ver o rosto dele. Mas o vulto pareceu me observar, depois se dirigiu a passos largos a uma porta do outro lado do pátio. Ele bateu a essa porta, e ouvi uma conversa sussurrada. Aguardei, com o coração palpitando e a pele formigando de ansiedade.

— *Wie heist?* — perguntou ele, quando voltou.

— Sou Madame Lefèvre — sussurrei.

Ele apontou para o meu xale, que puxei rapidamente da cabeça, mostrando o rosto. Ele fez um gesto na direção de uma porta do outro lado do pátio.

— *Diese Tur. Obergeschoss. Grüne Tur auf der rechten Seite.*

— O quê? — perguntei. — Não entendi.

Ele tornou a ficar impaciente.

— *Da, da.*

Ele gesticulou, pegou o meu braço e me empurrou à frente com rispidez. Fiquei chocada com o tratamento dado a uma visita do Kommandant. Então compreendi: o fato de eu afirmar ser casada nada significava. Eu era apenas mais uma mulher visitando alemães depois que a noite caía. Ainda bem que ele não viu o rubor que me subiu às faces. Puxei o braço e fui depressa para o pequeno prédio à direita.

* * *

Não foi difícil ver qual cômodo era o dele: havia luz embaixo de uma única porta. Hesitei do lado de fora, depois bati e disse baixinho:

— Herr Kommandant?

Ouvi passos, a porta se abriu, e dei um passo atrás. Ele não estava de uniforme, vestia calça com suspensórios e uma camisa listrada sem colarinho e tinha um livro na mão, como se eu o tivesse interrompido. Olhou para mim, deu um meio sorriso e recuou para me deixar entrar.

O cômodo era amplo, cheio de vigas, e tinha o chão coberto de tapetes, vários dos quais eu reconhecia das casas de meus vizinhos. Havia uma mesinha e cadeiras, uma cômoda, cujas

cantoneiras de latão reluziam à luz de duas lâmpadas de acetileno, um gancho, do qual pendia o seu uniforme, e uma vasta poltrona ao lado de um fogo generosamente alimentado. Sentia-se seu calor até do outro lado do quarto. No canto, havia uma cama, com duas grossas mantas. Olhei para a cama e desviei a vista.

— Aqui. — Ele estava parado atrás de mim, tirando meus xales. — Deixe-me livrá-la disso.

Ainda com o quadro agarrado contra meu peito, permiti que retirasse os xales e os pendurasse no gancho. Mesmo estando quase paralisada, senti vergonha das minhas roupas surradas. Não dava para lavar roupa com muita frequência naquele frio: a lã demorava semanas para secar, ou simplesmente congelava do lado de fora e ficava toda deformada.

— Está gelado lá fora — observou ele. — Dá para sentir na roupa.

— Sim.

Minha voz, quando saiu, não parecia minha.

— Este inverno está rigoroso. E acho que temos mais alguns meses dele pela frente. Quer beber alguma coisa?

Ele foi até uma mesinha e serviu dois copos de vinho de uma jarra. Peguei em silêncio o que me foi oferecido. Eu continuava tremendo por causa da caminhada.

— Pode colocar o pacote no chão — disse ele.

Eu esquecera que o estava segurando. Pousei-o no chão, ainda de pé.

— Por favor — disse ele. — Sente-se, por favor.

Ele pareceu quase irritado por eu ter hesitado, como se meu nervosismo fosse um insulto.

Sentei-me numa das cadeiras de madeira, com uma das mãos apoiada na moldura do quadro. Não sei por que achei isso um consolo.

— Eu não fui jantar no hotel hoje. Pensei no que você disse sobre já estar sendo considerada uma traidora pela nossa presença em sua casa.

Dei um gole no meu vinho.

— Não desejo causar-lhe mais problemas, Sophie... mais do que já lhe causamos com a nossa ocupação.

Eu não sabia o que dizer. Tomei mais um gole. Ele me lançava olhares, como se aguardasse uma resposta.

Ouvíamos vozes cantando do outro lado do pátio. Eu me perguntava se aquelas mulheres estavam com os homens, e quem eram elas, de que aldeia tinham vindo. Será que também seriam obrigadas a desfilar pelas ruas como criminosas pelo que haviam feito? Será que elas sabiam do destino de Liliane Béthune?

— Está com fome?

Ele apontou para uma pequena bandeja de pão e queijo. Fiz que não com a cabeça. Eu passara o dia inteiro sem apetite.

— Não se compara ao nível da sua comida, admito. Eu estava pensando outro dia naquele

pato que você fez mês passado. Com laranja. Talvez pudesse fazê-lo de novo. — Ele continuou falando. — Mas nossos suprimentos estão diminuindo. Eu me vi sonhando com um bolo de Natal chamado *Stollen*. Vocês têm isso na França?

Tornei a fazer que não com a cabeça.

Sentamos um de cada lado do fogo. Eu me sentia elétrica, como se cada parte de mim estivesse em efervescência, transparente. Tinha a sensação de que ele podia me ver por dentro. Ele sabia tudo. Controlava tudo. Eu ouvia as vozes ao longe, e de vez em quando a minha presença ali me agredia. *Estou sozinha com um Kommandant no quartel alemão. Num quarto com uma cama.*

— Pensou no que eu disse? — falei de supetão.

Ele ficou me olhando por um instante.

— Você não nos permitiria o prazer de uma pequena conversa?

Engoli em seco.

— Desculpe-me. Mas eu preciso saber.

Ele tomou um gole do vinho.

— Não penso em outra coisa — disse ele.

— Então... — Fiquei com a respiração presa no peito. Debrucei-me, pousei o copo e desembulhei o quadro. Encostei-o na cadeira, iluminado pelo fogo, para ele poder vê-lo em seu melhor aspecto. — Vai aceitá-lo? Vai aceitá-lo em troca da liberdade do meu marido?

O ar no quarto ficou parado. Ele não olhou para o quadro. Seus olhos permaneciam nos meus, fixos, incompreensíveis.

— Se eu pudesse lhe transmitir o que esse quadro significa para mim... Se soubesse como ele me sustentou nos dias mais tenebrosos... saberia que eu não poderia oferecê-lo levemente. Mas eu... eu não me importaria que o quadro fosse para o senhor, Herr Kommandant.

— Friedrich. Pode me chamar de Friedrich.

— Friedrich. Eu... há muito tempo percebi que entendeu o trabalho do meu marido. O senhor entende a beleza. Entende o que um artista coloca de si numa obra, e por que ela tem valor incalculável. Então, embora vá partir meu coração perdê-lo, eu o dou de bom grado. A você.

Ele continuava me fitando. Não desviei o olhar. Tudo dependia desse momento. Vi uma cicatriz antiga de vários centímetros descendo de sua orelha esquerda até o pescoço, uma ruga ligeiramente prateada. Vi que seus olhos azul-claros tinham uma borda preta, como se tivessem feito um círculo em volta de cada íris para destacá-la.

— O quadro nunca foi o principal, Sophie.

E lá estava: a confirmação do meu destino.

Fechei os olhos por um instante e me permiti assimilar essa informação.

O Kommandant começou a falar sobre arte. Falou de um professor de arte que conhecera

na juventude, um professor que abrira seus olhos para obras distantes do classicismo em que foi educado. Falou de como tentara explicar a seu pai essa forma mais rude, mais primitiva de pintar, e sua decepção diante da incompreensão do homem mais velho.

— Ele me disse que parecia “inacabada” — contou ele com tristeza. — Achava que sair da tradição era em si um ato de rebeldia. Acho que minha esposa pensa da mesma forma.

Eu mal o ouvia. Levantei meu copo e dei um longo gole.

— Posso beber mais um pouco? — perguntei.

Esvaziei o copo, depois pedi para que ele fosse reabastecido. Nunca tinha bebido nem nunca mais bebi daquele jeito. Eu não me importava de parecer grosseira. O Kommandant continuou a falar, com a voz baixa e monótona. Não me pediu nada em troca: era como se só quisesse que eu o escutasse. Queria que eu soubesse que havia mais alguém por trás do uniforme militar. Mas eu mal o ouvia. Desejava apagar o mundo à minha volta, para que essa decisão não fosse minha.

— Acha que teríamos sido amigos se tivéssemos nos conhecido em outras circunstâncias? Gosto de pensar que sim.

Tentei esquecer que eu estava ali, naquele quarto, com os olhos de um alemão em mim. Eu queria ser uma coisa, insensível, inconsciente.

— Talvez.

— Quer dançar comigo, Sophie?

O jeito que ele dizia meu nome, como se tivesse esse direito.

Pousei meu copo e me levantei, com braços inúteis ao longo do corpo, enquanto ele foi até o gramofone e colocou uma valsa lenta. Aproximou-se de mim e hesitou apenas um instante antes de me envolver nos braços. Com a música, começamos a dançar. Eu me movia devagar pela sala, com a mão na dele, os dedos tocando de leve o algodão macio de sua camisa. Dançava com a mente vazia, vagamente consciente da cabeça dele quando ela acabou encostando na minha. Eu sentia o cheiro de sabonete e de fumo, as calças dele roçando na minha saia. Ele me segurava, sem me puxar para ele, mas com cuidado, como se carregaria algo frágil. Fechei os olhos, permitindo-me afundar numa névoa, tentando treinar meus pensamentos para acompanhar a música, colocar-me em outro lugar. Por várias vezes, tentei fantasiar que ele era Édouard, mas minha mente não deixava. Tudo naquele homem era muito diferente: a pele, o tamanho, o cheiro.

— Às vezes — disse ele, baixinho —, parece que restou muito pouca beleza neste mundo. Muito pouca alegria. Você acha que a vida é difícil na sua cidadezinha. Mas se visse o que há em volta... Ninguém sai ganhando. Ninguém sai vencedor numa guerra assim.

Era como se falasse sozinho. Eu tinha os dedos pousados em seu ombro. Sentia o movimento de sua musculatura sob sua camisa quando ele respirava.

— Sou um homem bom, Sophie — murmurou. — É importante para mim que você me entenda. Que a gente se entenda.

Então a música parou. Ele me soltou com relutância e foi recolocar o disco para tocar. Aguardou que a música recomeçasse, e aí, em vez de dançar, contemplou por um instante o meu retrato. Senti um raio de esperança — quem sabe ele mudaria de ideia? Mas então, após uma hesitação quase imperceptível, estendeu o braço e puxou um grampo do meu cabelo. Fiquei ali paralisada, e ele retirou cuidadosamente os demais, um a um, e os colocou sobre a mesa, deixando o meu cabelo cair suave em volta do meu rosto. Ele não bebera quase nada, mas a expressão com que me contemplava era vidrada, melancólica. Seus olhos procuravam os meus, com um ar interrogativo. Eu nem piscava, parecendo uma boneca de porcelana. Mas não desviei o olhar.

Depois de soltar a última mecha do meu cabelo, ele a levantou com a mão e a deixou deslizar em seus dedos. Sua quietude era a de um homem com medo de se mexer, um caçador evitando espantar a presa. Então, ele tomou meu rosto entre as mãos e me beijou. Senti um pânico momentâneo. Não conseguia me fazer beijá-lo também. Mas deixei meus lábios se entreabrirem para os dele, fechei os olhos. O choque fez com que eu sentisse meu corpo alheio a mim. Senti suas mãos me apertando mais na cintura, senti que ele me conduzia de costas em direção à cama. E o tempo todo, uma voz silenciosa me lembrava de que aquilo era uma transação comercial. Eu estava comprando a liberdade do meu marido. Tudo que eu precisava fazer era respirar. Fiquei de olhos fechados, deitei-me nas colchas incrivelmente macias. Senti suas mãos subindo pelas minhas pernas, deslizando devagar por baixo da minha saia. Eu sentia na pele o olhar dele me percorrendo.

Édouard.

Ele me beijou. Beijou minha boca, meu peito, minha barriga nua, com a respiração audível, perdido em suas fantasias. Beijou meus joelhos, minhas coxas por cima das meias, deixando a boca descansar em minha pele como se isso fosse fonte de um prazer insuportável.

— Sophie — murmurou. — Ah, Sophie...

E suas mãos alcançaram a parte mais íntima das minhas coxas, uma parte traiçoeira que se acendeu, um calor que nada tinha a ver com fogo. Uma parte de mim se separou do meu coração e deixou escapar o desejo de ser tocada, de ter o peso de um corpo encostado ao meu. Enquanto os lábios dele percorriam minha pele, eu me mexi ligeiramente e deixei escapar um gemido. Mas a urgência da resposta dele, sua respiração mais acelerada em meu rosto sufocou o desejo tão depressa quanto ele se produziu. Minhas saias foram levantadas, minha blusa puxada do peito, e sentindo sua boca em meu seio, vi que me transformava, como uma figura mítica, em pedra.

Lábios alemães. Mãos alemãs.

Ele estava em cima de mim agora, seu peso me prendia à cama. Eu sentia suas mãos puxando as minhas roupas de baixo, desesperado para estar dentro delas. Ele afastou meu joelho para um lado, quase desabando por cima de mim em seu desespero. Senti-o duro, tenaz, encostado na minha perna. Algo se rasgou. Então, com um grito contido, ele estava dentro de

mim, e eu tinha os olhos bem fechados, os lábios cerrados para não gritar em protesto.

Dentro. Dentro. Dentro. Eu ouvia sua respiração rouca em meu ouvido, sentia a leve viscosidade de seu suor em minha pele, a fivela de seu cinto em minha coxa. *Ai, meu Deus, o que eu fiz? Dentro. Dentro. Dentro.* Cerrei os punhos segurando a colcha com as mãos, as ideias confusas e fugidias. Uma parte distante de mim se incomodava mais com a maciez pesada do que com qualquer outra coisa. Roubada de alguém. Como eles roubam tudo. Ocupada. Eu estava ocupada. Desapareci. Eu estava numa rua em Paris, rue Soufflot. O sol brilhava, e ao meu redor, enquanto andava, eu via parisienses em suas melhores roupas, os pombos andando por entre as sombras salpicadas das árvores. O braço do meu marido entrelaçado ao meu. Eu queria lhe dizer algo, mas, em vez de falar, deixei escapar um pequeno soluço. A cena congelou e evaporou. A pressão diminuiu, depois parou. Tudo parara. A coisa. A coisa dele já não estava dentro de mim, mas mole, encolhida em minha virilha como que pedindo desculpas. Abri os olhos e me vi fitando os dele.

O rosto do Kommandant, a centímetros do meu, estava corado e sua expressão, angustiada. Parei de respirar como se entendesse o conflito dele. Eu não sabia o que fazer. Mas os olhos dele não desgrudavam dos meus, e ele viu que eu sabia. Com esforço, levantou-se bruscamente, tirando o peso de cima de mim.

— Você... — começou ele.

— O quê? — Eu tinha consciência dos meus seios à mostra, minha saia embolada em volta da cintura.

— Sua expressão... muito...

Ele ficou em pé, e desviei os olhos enquanto o ouvia vestindo e abotoando as calças. Ele olhava seriamente para longe de mim, com a mão na cabeça.

— Sinto muito — eu disse, sem saber por que estava me desculpando. — O que eu fiz?

— Você... você... Eu não queria isso! — Ele apontou para mim. — Seu rosto...

— Não estou entendendo. — Eu já estava ficando furiosa com a injustiça daquele comentário. Será que ele sabia quão difícil fora para mim? Será que sabia o que me custara deixar que ele tocasse em mim? — Fiz o que você queria!

— Eu não queria você assim! Queria... — disse ele, erguendo a mão num gesto de frustração. — Eu queria *isto!* Queria a garota do quadro!

Ficamos olhando calados para o retrato. A garota olhava com firmeza para nós, com o cabelo em volta do pescoço, a expressão desafiadora, gloriosa, sexualmente plena. O meu rosto.

Cobri as pernas com as saias, apertei a blusa no pescoço. Quando falei, minha voz estava embargada, trêmula.

— Eu lhe dei... Herr Kommandant... tudo o que tinha para dar.

Seus olhos ficaram opacos, um mar que congelara. O tique saltou em sua mandíbula, em um estremecimento.

— Saia — pediu ele baixinho.

Pisquei.

— Desculpe-me — gaguejei, quando percebi que o ouvira direito. — Se... posso...

— SAIA! — rugiu ele.

Segurou-me pelo ombro, apertando a minha carne com seus dedos, e me arrastou pelo quarto.

— Meus sapatos... meu xale!

— FORA, SUA DESGRAÇADA!

Só tive tempo de pegar meu quadro, e fui posta porta afora. Tropecei e caí de joelhos no topo da escada, ainda me esforçando para entender o que estava acontecendo. Ouvi um estrondo tremendo do outro lado da porta. Então outro, agora acompanhado pelo ruído de vidro se espatifando. Olhei para trás. Então, descalça, corri escada abaixo a caminho do pátio e fugi.

* * *

Andei quase uma hora até chegar em casa. Depois de meio quilômetro, já não sentia os pés. Quando alcancei a cidade, eles estavam tão congelados que eu não percebia os cortes e arranhões que colecionara na longa caminhada pela trilha de cascalho. Segui, tropeçando no escuro, com o quadro embaixo do braço, tremendo com aquela blusa fina, e sem sentir nada. Enquanto andava, meu choque deu lugar à compreensão do que eu fizera, e do que eu perdera. Fiquei atordoada com isso. Caminhei pelas ruas desertas da minha cidade natal, já não me importando se alguém me visse.

Cheguei ao Le Coq Rouge pouco antes de uma hora da manhã. Ouvi a badalada solitária do relógio enquanto estava parada do lado de fora e me perguntei por um instante se seria melhor para todos eu não entrar. Então, naquele instante, uma luzinha surgiu por detrás da cortina de gaze e as trancas foram abertas do lado de dentro. Hélène apareceu, de touca de dormir, enrolada em seu xale branco. Deve ter me esperado acordada.

Olhei para ela, minha irmã, e vi na hora que ela tivera razão o tempo todo. Percebi que minha atitude pusera em perigo toda a nossa família. Quis me desculpar. Quis dizer que entendia a extensão do meu erro, e que meu amor por Édouard, meu desespero para que nossa vida juntos continuasse, haviam me deixado cega a tudo o mais. Mas eu não conseguia falar. Limitei-me a ficar parada à porta, muda.

Ela arregalou os olhos ao ver meus ombros nus, meus pés descalços. Estendeu a mão e me puxou para dentro, fechando a porta em seguida. Colocou seu xale em volta dos meus ombros e afastou meu cabelo do rosto. Sem dizer nada, conduziu-me à cozinha, fechou a porta e acendeu o fogão. Aqueceu uma xícara de leite, e, enquanto eu a segurava (eu não conseguia beber), pegou nossa bacia de lata do gancho na parede e a colocou no chão diante do fogão. Encheu de água uma panela de cobre, levou-a ao fogo, e, assim que a água ferveu, despejou-a na bacia. Quando

estava cheia o suficiente, ela deu a volta por trás de mim e retirou o xale com cuidado. Abriu minha blusa, depois retirou a combinação pela cabeça, como teria feito com uma criança. Desabotoou minha saia nas costas, afrouxou meu corpete, depois soltou minha anágua, estendendo tudo na mesa da cozinha, até eu estar nua. Quando comecei a tremer, ela me deu a mão e me ajudou a entrar na bacia.

A água estava pelando, mas eu mal senti. Sentei-me, ficando com o corpo quase todo dentro d'água, a não ser os joelhos e os ombros, e não liguei para a dor nos cortes dos meus pés. Então, minha irmã arregaçou as mangas, pegou um esfregão e começou a me ensaboar, do cabelo para os ombros, das costas aos pés. Ela me deu banho em silêncio, e suas mãos eram ternas enquanto trabalhava, levantando meus braços e pernas, lavando delicadamente entre cada dedo, tomando cuidado para não deixar nenhuma parte de mim por lavar. Esfregou as solas dos meus pés, retirando com delicadeza os ciscos de pedra incrustados nos cortes. Lavou meu cabelo, enxaguando-me com uma cuia até a água sair transparente, depois penteou-o, mecha por mecha. Pegou a toalha e enxugou as lágrimas que me escorriam em silêncio pelo rosto. O tempo todo não disse uma palavra. Finalmente, quando a água começou a esfriar e comecei a tremer de novo, de frio e exaustão, ou de algo completamente diferente, ela pegou uma toalha grande e me enrolou nela. Então me abraçou, vestiu uma camisola em mim e me conduziu escada acima para a minha cama.

— Ah, Sophie — ouvi-a murmurar enquanto eu adormecia. E acho que eu soube mesmo naquela hora que o que eu fizera se abateria sobre todos nós. — O que você fez?

Passaram-se dias. Hélène e eu executávamos nossas atividades diárias como duas atrizes. Por fora talvez parecêssemos como sempre, mas cada uma de nós se debatia num mal-estar crescente. Nenhuma de nós falava no que acontecera. Eu dormia pouco, às vezes só duas horas por noite. Fazia força para comer. O estômago se enroscava no meu medo enquanto o resto de mim estava prestes a se desembaraçar desse sentimento.

Eu voltava compulsivamente aos acontecimentos daquela noite fatídica, censurando-me pela minha ingenuidade, minha burrice e meu orgulho. Pois devia ter sido orgulho o que me levara àquilo. Se eu tivesse fingido gostar das atenções do Kommandant, se eu tivesse imitado o meu próprio retrato, eu poderia ter conquistado a admiração dele. Poderia ter salvado meu marido. Será que isso teria sido algo terrível de fazer? Em vez disso, eu me aferrara a essa noção absurda de que, ao me permitir virar um objeto, um recipiente, de alguma maneira eu estava diminuindo a minha infidelidade. Eu estava de alguma forma sendo leal. Como se aquilo pudesse fazer alguma diferença para Édouard.

A cada dia eu esperava, com o coração na boca, e observava em silêncio os oficiais entrarem em fila e o Kommandant não estava entre eles. Eu temia vê-lo, mas tinha mais medo ainda da ausência dele e o que ela podia significar. Certa noite, Hélène arranhou coragem para perguntar por ele ao oficial de bigode grisalho, mas este se limitou a fazer um gesto com a mão e dizer que ele estava “muito ocupado”. Minha irmã e eu nos entreolhamos, e entendi que isso não era consolo para nenhuma de nós.

Eu observava Hélène e me sentia intimidada pelo peso da culpa. Cada vez que ela olhava para as crianças, eu sabia que se perguntava o que seria delas. Uma vez, vi-a conversando baixinho com o prefeito, e pensei tê-la ouvido pedir-lhe que ficasse com elas se lhe acontecesse algo. Digo isso porque ele fez uma expressão estarrecida, como se espantado só pelo fato de um pensamento daquele passar-lhe pela cabeça. Vi as novas rugas de tensão se instalando ao redor dos olhos e dos lábios dela, e sabia que eram por minha causa.

As crianças menores pareciam alheias aos nossos medos íntimos. Jean e Mimi brincavam como sempre haviam brincado, choramingando e reclamando do frio ou das transgressões menores um do outro. A fome os deixava irritados. Eu não me atrevia a pegar mais nenhuma sobra dos suprimentos alemães, mas era difícil dizer não às crianças. Aurélien estava de novo trancado na própria infelicidade. Comia calado, e não falava com nenhuma de nós. Eu me perguntava se ele andara brigando de novo na escola, mas estava muito preocupada para continuar pensando nisso. Édith sabia, entretanto. Ela era sensível como uma varinha divinatória. Vivía grudada em mim. À noite, dormia segurando minha camisola com a mão direita, e quando eu acordava, via seus grandes olhos escuros fitando meu rosto. Quando eu me olhava no espelho, enxergava um rosto encovado, irreconhecível até para mim.

Chegaram notícias de mais duas cidades tomadas pelos alemães no nordeste. Nossas razões

diminuíram. Cada dia parecia maior que o anterior. Eu atendia, fazia a limpeza e cozinhava, mas o esgotamento deixava meus pensamentos caóticos. Talvez o Kommandant simplesmente não aparecesse. Talvez sua vergonha pelo que acontecera entre nós o tivesse deixado sem coragem de me ver. Talvez ele também se sentisse culpado. Talvez estivesse morto. Talvez Édouard fosse entrar pela porta. Talvez a guerra fosse terminar no dia seguinte. A essa altura, normalmente eu tinha que me sentar e respirar fundo.

— Suba e durma um pouco — murmurava Hélène.

Eu me perguntava se ela me odiava. Se eu fosse ela, acharia difícil não me odiar.

* * *

Por duas vezes, voltei às minhas cartas escondidas, dos meses anteriores à nossa transformação em território alemão. Eu lia as palavras de Édouard, sobre os amigos que ele fizera, suas rações miseráveis, seu ânimo positivo, e era como ouvir um fantasma. Eu lia suas palavras de ternura, sua promessa de que estaria comigo em breve, de que pensava em mim o dia inteiro.

Faço isso pela França, mas, de um modo mais egoísta, faço isso por nós, para eu poder voltar percorrendo uma França Livre até minha mulher. Os confortos do lar; nosso ateliê, o café no Bar du Lyons, nossas tardes enroscados na cama, você me passando pedaços de laranja descascada... Coisas que eram banalidades domésticas agora ganharam os tons dourados dos tesouros. Sabe o quanto desejo levar-lhe um café? Ver você escovar o cabelo? Sabe como desejo ver você rindo do outro lado da mesa e saber que sou a causa da sua felicidade? Menciono essas lembranças para me consolar, para me lembrar por que estou aqui. Fique fora de perigo por mim. Saiba que sigo sendo

Seu dedicado marido.

Eu lia as palavras dele e pensava que agora havia mais uma razão para me perguntar se algum dia ainda tornaria a ouvi-las.

* * *

Eu estava no porão trocando um dos barris de cerveja, quando ouvi passos. O vulto de Hélène apareceu no vão da porta, bloqueando a luz.

— O prefeito está aqui. Diz que os alemães estão vindo buscar você.

Meu coração parou.

Ela correu para a parede divisória e começou a retirar os tijolos soltos.

— Vá, você pode sair pela casa do vizinho se se apressar. — Ela tirava os tijolos de modo

atrapalhado, por causa da afobação. Quando conseguira abrir um buraco da largura de um barril pequeno, virou-se para mim. Olhou para as mãos, arrancou a aliança de casamento e entregou-a a mim, antes de tirar o xale dos ombros. — Pegue isto. Agora vá. Eu seguro eles. Mas vá depressa, Sophie; eles estão atravessando a praça.

Olhei para o anel na palma da minha mão.

— Não posso — eu disse.

— Por quê?

— E se ele mantiver a parte dele do trato?

— Herr Kommandant? Trato? Como ele pode estar mantendo a parte dele do trato? Eles estão vindo buscar você, Sophie! Estão vindo para puni-la, para prender você num campo. Você o ofendeu de forma grave. Estão vindo para mandar você para longe daqui.

— Mas pense, Hélène. Se ele quisesse me punir, teria mandado me fuzilar ou me feito desfilar pelas ruas. Teria feito comigo o que fez com Liliane Béthune.

— E correr o risco de revelar o motivo da sua punição? Você perdeu o juízo?

— Não. — Minhas ideias começavam a clarear. — Ele já teve tempo de levar em conta o mau gênio dele e está me mandando para Édouard. Eu sei.

Ela me empurrou para o buraco.

— Esta não é você falando. É a falta de sono, seus medos, uma obsessão... Você vai cair em si em breve. Mas precisa ir agora. O prefeito diz para ir para a casa de Madame Poilâne e ficar no celeiro com o fundo falso hoje à noite. Vou tentar mandar notícias mais tarde.

Desvencilhei-me do braço dela.

— Não... não. Não está vendo? O Kommandant não pode trazer Édouard para cá sem deixar claro o que ele fez. Mas, se me mandar para longe, com Édouard, pode libertar a nós dois.

— Sophie! Já chega de falar.

— Eu cumpri a minha parte do trato.

— Vá!

— Não. — Ficamos olhando uma para a outra na penumbra. — Não vou.

Peguei a mão dela e coloquei o anel ali, fechando os seus dedos em volta dele. Repeti baixinho:

— Eu não vou.

Hélène fechou a cara.

— Não pode deixar que eles peguem você, Sophie. Isso é loucura. Eles vão enviá-la para um campo de prisioneiros. Está me ouvindo? Um campo! Exatamente o mesmo lugar que você disse que mataria Édouard.

Mas eu mal a ouvia. Endireitei-me e suspirei. Sentia-me estranhamente aliviada. Se estivessem vindo só por mim, Hélène estava a salvo, as crianças também.

— Eu sempre estive certa a respeito dele, tenho certeza. Ele pensou em tudo, às claras, e

sabe que tentei, apesar de tudo, cumprir minha parte do pacto. Ele é um homem honrado. Disse que éramos amigos.

Minha irmã agora chorava.

— Por favor, Sophie, por favor, não faça isso. Você não conhece a sua própria mente. Você ainda tem tempo...

Ela tentou barrar meu caminho, mas eu a empurrei e comecei a subir os degraus.

Eles já estavam na entrada do bar quando apareci, dois deles de uniforme. O bar estava em silêncio, e vinte pares de olhos pousaram em mim. Eu podia ver o velho René com sua mão tremendo na beira da mesa e Madame Louvier e Madame Durant falando baixinho. O prefeito estava com um dos oficiais, gesticulando furiosamente, tentando convencê-los a mudar de ideia, dizendo que deveria ter havido algum engano.

— São ordens do Kommandant — disse o oficial.

— Mas ela não fez nada! Isso é uma farsa!

— *Courage*, Sophie! — gritou alguém.

Senti como se estivesse num sonho. O tempo pareceu passar mais devagar e as vozes sumiam ao meu redor.

Um dos oficiais fez um gesto para eu me adiantar, e saí para a rua. A luz insípida do sol inundava a praça. Havia gente parada na rua, esperando para ver a causa da comição no bar. Parei um instante e olhei em volta, piscando por causa da claridade depois da escuridão do porão. Tudo de repente parecia cristalino, redesenhado numa imagem mais nítida e mais brilhante, como se eu estivesse imprimindo essa imagem na memória. O padre estava parado em frente ao correio e se benzeu quando viu o veículo que fora enviado para me levar. Era, percebi, o mesmo que transportara aquelas mulheres para o quartel. Aquela noite parecia ter acontecido um século antes.

O prefeito estava gritando:

— Não vamos permitir isso! Quero registrar uma queixa oficial! Chegamos ao limite! Não vou deixar vocês levarem esta moça sem falar com o Kommandant primeiro!

— São ordens dele.

Um pequeno grupo de pessoas mais velhas começava a cercar os homens, como que para formar uma barreira.

— Vocês não podem perseguir mulheres inocentes! — declamava Madame Louvier. — Vocês tomam a casa dela, fazem-na de criada, e agora querem prendê-la. Por nada?

— Sophie. Aqui. — Minha irmã apareceu de novo ao meu lado. — Pelo menos pegue suas coisas. — Ela jogou uma bolsa de lona para mim. A bolsa transbordava de pertences que ela enfiara às pressas lá dentro. — Só fique fora de perigo. Está me ouvindo? Fique fora de perigo e volte para nós.

A multidão murmurava em protesto. O protesto virara um zum-zum-zum febril e zangado,

cada vez maior. Olhei de soslaio e vi Aurélien com uma expressão furiosa e afogueada, em pé na calçada com Monsieur Suel. Eu não queria que ele se envolvesse. Se ele se voltasse contra os alemães naquele momento, seria um desastre. E era importante Hélène ter um aliado naqueles próximos meses. Fui abrindo caminho para chegar a ele.

— Aurélien, você é o homem da casa. Tem que cuidar de todos quando eu não estiver mais aqui — comecei, mas ele me interrompeu.

— A culpa é sua! — disparou. — Sei o que você fez! Sei o que você fez com o alemão!

Tudo parou. Vi um misto de agonia e fúria no rosto do meu irmão.

— Ouvi você e Hélène conversando. Vi você voltar naquela noite!

Registrei os diálogos e os olhares ao meu redor. *Será que Aurélien Bessette acabou de dizer o que acho que disse?*

— Não é o que... — comecei.

Mas ele virou as costas e voltou correndo para o bar.

Fez-se um novo silêncio. A acusação de Aurélien foi repetida aos cochichos para aqueles que não a tinham ouvido. Registrei o choque nos rostos ao meu redor, e o olhar oblíquo amedrontado de Hélène. Eu era Liliane Béthune agora. Mas sem o fator atenuante da resistência. A atmosfera ao meu redor endureceu sensivelmente.

A mão de Hélène buscou a minha.

— Você devia ter fugido — sussurrava ela, com a voz embargada. — Você devia ter fugido, Sophie... — Ela fez menção de me abraçar, mas foi impedida.

Um dos alemães agarrou meu braço, me empurrando para a traseira do caminhão. Alguém gritou algo ao longe, mas não entendi se era um protesto contra os alemães ou algum termo insultuoso dirigido a mim. Então ouvi.

— *Putain! Putain!*

Estremeci. *Ele está me enviando para Édouard*, eu disse a mim mesma quando meu coração parecia que ia sair do peito. *Sei que está. Preciso ter fé.*

Então, ouvi a voz dela rompendo o silêncio.

— *Sophie!* — Uma voz de criança, cortante e agoniada. — *Sophie! Sophie!* — Édith irrompeu pela multidão reunida e se atirou para cima de mim, agarrando a minha perna. — Não vá embora. Você disse que não iria.

Foi a primeira vez que ela falou em voz alta desde que viera para nós. Engoli em seco, com os olhos cheios d'água. Parei e envolvi-a nos braços. *Como posso deixá-la?* Meus pensamentos ficaram confusos, e o contato das mãozinhas dela era só o que eu sentia.

Então, ergui os olhos e vi como os soldados alemães a observavam, com uma expressão um tanto especulativa.

Estiquei a mão e alisei seu cabelo.

— Édith, você tem que ficar com Hélène e ser corajosa. Sua *maman* vai voltar para você. Eu

prometo.

Ela não acreditou em mim. Tinha os olhos arregalados de medo.

— Nada de ruim vai me acontecer. Juro. Vou ver meu marido.

Tentei falar com convicção e fazer com que ela acreditasse em mim.

— Não — disse ela, me apertando mais. — Não. Por favor não me deixe.

Fiquei arrasada. Apelei em silêncio para minha irmã. *Leve-a daqui. Não deixe que ela veja.* Hélène soltou-a de mim. Ela agora soluçava.

— Por favor, não levem minha irmã — disse ela aos soldados enquanto puxava Édith. — Ela não sabe o que diz. Por favor, não levem minha irmã. Ela não merece isso.

O prefeito pôs o braço em volta de seus ombros, com uma expressão confusa; as palavras de Aurélien haviam acabado com sua disposição de lutar.

— Eu vou ficar bem, Édith. Seja forte — gritei para ela, acima do burburinho. Então, alguém cuspiu em mim, e eu vi, um rastro fino e nojento na minha manga. A multidão caçoava. Fui tomada de pânico. — Hélène? — chamei. — Hélène?

Mãos alemãs me empurraram grosseiramente para dentro do caminhão. Eu me vi num compartimento escuro, sentada num banco de madeira. Um soldado se acomodou na minha frente, com o rifle descansando na dobra do braço. Fecharam a aba de lona e deram a partida no motor. O barulho aumentou, e o burburinho da multidão também, como se, ao ligarem o veículo, tivessem liberado os que queriam me insultar. Perguntei-me por um instante se eu podia me jogar pela pequena fresta, mas aí ouvi: “*Putá!*”, acompanhado pelo choro fino de Édith, e o estrondo da pedrada que acertou a lateral do caminhão, fazendo o soldado dar um grito de alerta. Estremeci quando outra bateu atrás de onde eu estava. O alemão olhava para mim ininterruptamente. Seu leve sorriso oblíquo insinuava o meu erro terrível.

Eu estava sentada, apertando as mãos sobre a bolsa, e comecei a tremer. Quando o caminhão se afastou, não tentei levantar a aba de lona e olhar para fora. Não queria sentir os olhares da cidade em mim. Não queria ouvir o seu veredicto. Fiquei sentada no arco da roda e lentamente deitei a cabeça nas mãos, murmurando “Édouard, Édouard, Édouard” para mim mesma. “*Me desculpe.*” Eu não sabia bem a quem pedir desculpas.

Só quando cheguei à periferia da cidade ousei erguer os olhos. Pela fresta na lona deu para ver o letreiro vermelho do Le Coq Rouge brilhando ao sol de inverno, e o azul vivo do vestido de Édith na frente do grupo. O letreiro foi diminuindo, diminuindo, até, como a cidade, finalmente sumir.

Londres, 2006

Liv corre à beira do rio, com a bolsa enfiada embaixo do braço, o telefone encaixado entre a orelha e o ombro. Em algum lugar nas proximidades do Embankment, os céus cinzentos carregados de Londres se abriram, despejando um aguaceiro quase tropical no centro da capital, o tráfego mantém-se parado e os táxis soltam fumaça pelo cano de descarga, com suas janelas embaçadas pelo bafo dos passageiros.

— Eu sei — diz ela pela décima quinta vez, a jaqueta escurecida e o cabelo colado na cabeça. — Eu sei... sim, estou ciente dos termos. Só estou esperando uns pagamentos que... — Ela se esquia para um portal, tira da bolsa um par de sapatos de salto secos e os calça, olhando para os escarpins molhados ao se dar conta de que não tem onde colocá-los. — Sim. Sim, estou... Não, a minha situação não mudou. Não recentemente.

Ela sai do portal e volta para a calçada, atravessando a rua e seguindo para o Aldwych, segurando os sapatos molhados na mão. Um carro lança um leque de água em seus pés, e ela para, fitando incrédula as rodas do veículo se distanciando.

— *Está de brincadeira comigo?* — grita. E diz em seguida: — Não, não estou falando com o senhor, Sr... Dean. Não é com o senhor, Dean... Sim, agradeço por você estar apenas fazendo o seu trabalho. Olhe — diz ela. — Vou ter o pagamento segunda-feira. Ok? Não é que já tenha atrasado o pagamento antes. Tudo bem, uma vez.

Outro táxi se aproxima e dessa vez ela corre rápido para outro portal.

— Sim. Eu entendo, Dean... Eu sei. Deve ser muito difícil para você. Olhe, prometo que você vai receber na segunda-feira... Sim. Sim. Sem falta. E sinto muito por toda a confusão... espero que você consiga o novo emprego também, Dean.

Ela fecha o telefone, coloca-o na bolsa e olha para o letreiro do restaurante. Abaixa-se para se olhar no espelho de um carro e se desespera. Não há o que fazer. Já está quarenta minutos atrasada.

Liv afasta o cabelo molhado do rosto e contempla a rua com um olhar distante. Então respira fundo, abre a porta do restaurante e entra.

* * *

— Ai está ela! — Kristen Solberg levanta-se da cadeira no centro da mesa comprida e abre os braços para cumprimentá-la, com um beijo estalado no ar a alguns centímetros de cada uma de suas faces. — Nossa, você está ensopada!

O cabelo castanho dela, é claro, está imaculado.

— Sim. Vim a pé. Não foi a minha melhor decisão.

— Pessoal, esta é Liv Halston. Ela faz coisas maravilhosas para nossa instituição beneficente. E mora na casa mais *incrível* de Londres. — Kristen sorri de modo condescendente, depois baixa a voz. — Vou me considerar um fracasso se ela não tiver sido enlaçada por um belo homem até o Natal.

Ouve-se o murmúrio dos cumprimentos. Liv está muito sem graça. Dá um sorriso forçado, deliberadamente evitando os olhares de quaisquer das pessoas sentadas em volta dela. Sven a olha sem parar e seus olhos emitem um pedido de desculpas pelo que está por vir.

— Guardei um lugar para você — diz Kristen. — Ao lado do Roger. Ele é adorável. — Ela lança um olhar significativo para Liv ao lhe indicar a cadeira vazia. — Você vai adorá-lo.

Todos são casais. Claro que são. Oito. E Roger. Ela sente as mulheres examinando-a discretamente por trás de sorrisos educados, tentando avaliar se, como a única solteira ali, ela pode ser uma ameaça. É o tipo de coisa com a qual Liv já está bastante familiarizada. Os homens olham de soslaio, observando-a por outro motivo. Ela sente cheiro de alho no hálito quente de Roger quando ele se inclina indicando a cadeira a seu lado.

Ele estende a mão.

— Sou Rog. Você está muito molhada.

Ele consegue fazer o comentário soar ligeiramente lascivo. É o tipo de homem que acha impossível falar com uma mulher sem incluir uma indireta sexual.

Ela tira o casaco.

— É, estou, sim.

Eles dão um sorriso vago um para o outro. Ele tem um cabelo ralo, cor de areia, e a tez corada de quem passa muito tempo no campo. Serve-lhe um copo de vinho.

— E aí, o que você faz então, *Liv*?

Ele diz o nome dela como se ela o tivesse inventado e ele estivesse fingindo que acreditava.

— Redação, principalmente.

— Bem. Redação. — Ambos fazem uma pausa. — Tem filhos?

— Não. Você tem?

— Dois. Meninos. Os dois no colégio interno. O melhor lugar para eles, realmente. Então... sem filhos, hã? E nenhum homem no pedaço. Quantos anos você tem, trinta e poucos?

Liv engole em seco, tenta fingir não sentir a leve provocação das palavras dele.

— Trinta.

— Você não quer perder tempo com alguém ou é uma daquelas... — ele levanta os dedos para fazer aspas — mulheres interessadas na carreira?

— Sim — diz ela, e sorri. — Tirei os ovários da última vez que atualizei o meu CV. Só por precaução.

Ele fica de boca aberta para ela, depois dá uma gargalhada.

— Ah! Engraçado! Sim. Uma mulher com senso de humor. Muito bom... ovários... Rá. —

Sua voz some. Ele bebe um gole de vinho. — Minha mulher saiu de casa quando tinha trinta e nove anos. Aparentemente essa é uma idade complicada para as mulheres. — Ele vira o restante do vinho e pega a garrafa para abastecer seu copo. — Não muito complicado para ela, obviamente, tendo em vista com o que ficou: um porto-riquenho chamado Viktor, a casa na França e uma maldita pensão de metade do meu salário. Mulheres... — Ele se vira para Liv. — Não posso viver com elas, não posso dar um tiro nelas, hã? — Roger levanta os braços e dispara uma saraivada de balas imaginária no teto do restaurante.

Vai ser uma noite longa. Liv continua sorrindo, serve-se de mais um copo de vinho e enterra a cara no menu, prometendo a si mesma que, por mais persuasiva que Kristen seja da próxima vez, ela vai preferir comer o próprio braço a aceitar novamente um convite para qualquer tipo de jantar.

* * *

A noite se estende, os casais falam mal de gente que ela não conhece, os pratos são servidos com uma lentidão angustiante. Kristen devolve seu prato principal para ser refeito segundo suas orientações exatas. Ela dá um pequeno suspiro, como se a falha da cozinha em colocar o espinafre *ao lado* fosse a imposição mais terrível. Sven olha para ela com tolerância. Liv está imprensada entre as costas largas de um homem chamado Martin, cuja amiga da mulher parece determinada a monopolizar ele e Roger.

— Vagabunda — diz Roger, a certa altura.

— Perdão?

— Primeiro ela reclamava dos pelos das minhas narinas. Depois, das minhas unhas dos pés. Sempre uma razão pela qual a gente não podia fazer o velho... sabe. — Ele forma um O unindo o polegar com o indicador e desliza o outro indicador por dentro do O. — Ou de uma dor de cabeça. Nada dessas dores de cabeça com o velho Viktor, hã? Ah, não. Aposto que ela não está interessada no comprimento das unhas dos pés dele. — Ele pega o copo e dá um gole. — Aposto que estão transando como uns coelhos.

O cordeiro está se solidificando no prato de Liv. Ela coloca lado a lado a faca e o garfo.

— O que aconteceu com você, então?

Ela olha para ele, torcendo para ele estar fazendo uma pergunta retórica, mas obviamente ele não está.

— Kristen disse que você já foi casada. Com o sócio do Sven.

— Fui.

— Ele largou você, foi?

Ela engole em seco. Faz uma expressão vazia.

— De certa maneira.

Roger balança a cabeça de um lado para o outro.

— Não sei. O que há com as pessoas, atualmente? Por que não podem simplesmente ficar satisfeitas com o que têm?

Ele pega um palito e futuca vigorosamente um segundo molar, parando para examinar os fragmentos extraídos com introspecção.

Liv olha para a mesa e encontra os olhos de Kristen. Kristen arqueia as duas sobranceiras de modo sugestivo, e lhe faz discretamente um sinal de positivo com o polegar. *Deu certo!*, balbucia.

— Quer me dar licença? — diz Liv, afastando a cadeira. — Preciso muito ir ao toalete.

* * *

Liv fica sentada no cubículo silencioso o máximo de tempo possível antes que alguém apareça para encenar uma intervenção, ouvindo as mulheres entrarem para usar o banheiro. Ela verifica e-mails inexistentes e joga Scrabble no celular. Finalmente, depois de mais algum tempo, levanta-se, dá descarga e lava as mãos, olhando-se no espelho com uma espécie de satisfação perversa. Sua maquiagem está escorrida embaixo de um dos olhos. Ela a conserta, perguntando a si mesma por que se dá o trabalho, uma vez que está prestes a se sentar de novo ao lado de Roger.

Ela consulta o relógio. Quando vai poder dar a desculpa de uma reunião cedo na manhã seguinte e ir embora para casa? Com sorte, Roger estará tão bêbado quando ela voltar que já até terá se esquecido de sua presença ali.

Liv se olha uma última vez, afasta o cabelo do rosto e faz uma careta para sua aparência. *Para quê?* Depois, abre a porta.

— Liv! Liv! Venha aqui! Quero lhe contar uma coisa!

Roger está em pé, gesticulando agitadamente. Tem o rosto mais vermelho ainda e o cabelo levantado de um lado. É possível que ele seja, pensa Liv, metade homem, metade avestruz. Ela sente um pânico momentâneo diante da perspectiva de ter que passar mais meia hora em sua companhia. Está acostumada com isso: um desejo físico quase avassalador de se retirar, de estar sozinha nas ruas escuras, sem precisar ser absolutamente ninguém.

Senta-se na ponta da cadeira, como quem se prepara para sair correndo, e bebe mais meia taça de vinho.

— Preciso mesmo ir embora — diz e vem uma onda de protesto dos outros ocupantes da mesa, como se aquilo fosse uma afronta pessoal. Ela fica. Seu sorriso é falso. Ela se vê observando os casais, as rachaduras domésticas aparecendo em cada taça de vinho. Aquela não gosta do marido. Revira os olhos a cada comentário que ele faz. Este homem está aborrecido com todo mundo, talvez até com a mulher. Verifica compulsivamente o celular embaixo da mesa. Ela ergue os olhos para o relógio, balança a cabeça apaticamente para a ladainha sem fôlego de Roger sobre injustiça conjugal e faz um jogo silencioso de Bingo de Jantar. Marca

Mensalidade Escolar e Preço dos Imóveis. Está à beira de marcar um bingo Férias do Ano Passado na Europa quando alguém lhe dá um tapinha no ombro.

— Com licença. Telefone para você.

Liv se vira. A garçonete tem a pele clara e um cabelo comprido escuro, que se abre em volta do rosto dela como um par de cortinas semicerradas. Ela está fazendo um gesto com o bloco de notas. Liv percebe um sinal familiar.

— O quê?

— Telefonema urgente. Acho que é alguém da família

Liv hesita. *Família?* Mas é um pontinho de luz no fim do túnel.

— Ah — diz ela. — Ah, certo.

— Quer que eu lhe mostre onde fica o telefone?

— Telefonema urgente — pronuncia ela para Kristen e aponta para a garçonete, que aponta para a cozinha.

Kristen faz uma cara de preocupação exagerada. Abaixa-se para dizer algo a Roger, que olha para trás e estica o braço para deter Liv. Mas ela já se foi, acompanhando a morena baixinha pelo restaurante semivazio, passando pelo bar e seguindo pelo corredor revestido de madeira.

Depois da penumbra do salão, a claridade da cozinha ofusca, o brilho fosco das superfícies de aço reflete a luz no recinto. Dois homens de branco a ignoram, passando panelas para uma estação de lavagem. Há algo fritando, chiando e espirrando num canto; alguém fala um espanhol acelerado. A jovem mostra uma série de portas de vaivém, e de repente ela está em outra entrada, nos fundos, um espaço com cabides para casacos.

— Onde está o telefone? — pergunta Liv quando elas param.

A garçonete saca um maço de cigarros do avental e acende um.

— Que telefone? — diz de modo inexpressivo.

— Você disse que eu tinha recebido um telefonema.

— Ah, isso. Não tem telefonema algum. Você simplesmente estava com cara de quem precisava de socorro. — Ela dá uma tragada, solta uma longa baforada e espera um instante. — Você não está me reconhecendo, está? Mo. Mo Stewart. — Ela suspira quando Liv franze a testa. — Fui da sua turma. Renascimento e pintura italiana. E desenho com modelo-vivo.

Liv pensa em sua graduação. E de repente consegue visualizá-la. A mocinha gótica do canto, quase muda em todas as aulas, a expressão de um vazio forçado e as unhas pintadas de um agressivo roxo cintilante.

— Nossa! Você não mudou nada.

Não é mentira. Ao falar aquilo, ela não tem certeza se é um elogio.

— Você, sim — diz Mo, examinando-a. — Você está... sei lá. *Geeky*...

— *Geeky*.

— Talvez *geeky*, não. Diferente. Cansada. Cuidado, não acho que sentar-se ao lado do Mala sem alça seja muito divertido. O que é isso? Um tipo de noite de solteiros?

— Só para mim, aparentemente.

— Nossa. Tome. — Ela entrega um cigarro a Liv. — Acenda aí que vou lá dentro dizer a eles que você teve que ir embora. Tia-avó com uma súbita paralisia. Ou algo mais sinistro? Aids? Ebola? Alguma preferência quanto ao grau de sofrimento? — Ela entrega o isqueiro a Liv.

— Eu não fumo.

— Este não é para você. Assim eu posso fumar dois antes que o Dino perceba. Será que ela vai querer a sua parte da conta?

— Ah. Bem lembrado.

Liv procura a carteira na bolsa. De repente fica agitada com a perspectiva de liberdade.

Mo pega o dinheiro, conta-o com cuidado.

— E minha gorjeta? — pergunta, impassível. Não parece estar brincando.

Liv pisca, depois pega mais uma nota de cinco libras e dá a ela.

— Valeu — diz Mo, enfiando a nota no bolso do avental. — Estou com uma cara trágica?

Ela faz uma expressão de leve desinteresse e, depois, como se aceitando o fato de não ter a musculatura facial apropriada para exprimir preocupação, desaparece no corredor.

Liv não sabe se vai embora ou se deve esperar a moça voltar. Olha em volta para a entrada dos fundos, vê os casacos baratos no cabide, o balde e o esfregão sujos embaixo, e finalmente se senta num banco de madeira, com o cigarro inútil na mão. Quando ouve passos, levanta-se, mas é um homem de tom de pele mediterrâneo, o crânio brilhando na luz fraca. O proprietário? Ele está segurando um copo com um líquido âmbar.

— Tome — diz, oferecendo-lhe o copo. E, quando ela protesta, ele acrescenta: — Pelo choque. — Ele dá uma piscadela e vai embora.

Liv senta-se e toma uns goles da bebida. Ao longe, em meio ao barulho da cozinha, ela ouve a voz de Roger subindo de tom em protesto e o arrastar de cadeiras. Olha para o relógio. São onze e quinze. Os chefs saem da cozinha, pegam seus casacos do cabide, fazendo-lhe um leve cumprimento de cabeça ao passarem, como se não fosse incomum um cliente passar vinte minutos bebericando um conhaque no corredor de serviço.

Quando Mo volta, já não está de avental. Segura um jogo de chaves, passa por Liv e tranca a saída de incêndio.

— Eles já foram embora — diz, prendendo um nó com o cabelo. — Seu Par Perfeito disse algo sobre querer consolar você. Eu desligaria o celular por algum tempo.

— Obrigada — diz Liv. — Foi muita gentileza.

— De nada. Café?

O restaurante está vazio. Liv olha para a mesa à qual se sentara enquanto o garçom varre com eficiência em volta das cadeiras, depois redistribui os talheres com a habilidade milimétrica

natural de quem já fez isso mil vezes. Mo prepara a máquina de café e faz um gesto para que Liv se sente. Ela preferiria ir para casa, mas entende que há um preço a ser pago por sua liberdade, e uma conversa curta, meio forçada sobre os Bons Tempos, talvez resolva.

— Não posso acreditar que todos eles foram embora tão de repente — diz ela enquanto Mo acende outro cigarro.

— Ah. Alguém viu um recado que não devia ter visto num BlackBerry. O clima murchou um pouco — diz Mo. — Acho que almoços de negócios normalmente não envolvem prendedores de mamilo.

— Você ouviu isso?

— A gente ouve de tudo aqui. Quase nenhum cliente para de falar quando os garçons estão por perto. — Ela liga o aerador de leite, acrescentando: — O avental nos dá superpoderes. Ele realmente nos torna invisíveis.

Liv não registrara a aparição de Mo à sua mesa, pensa com desconforto. Mo está olhando para ela com um sorrisinho, como se pudesse ler pensamentos.

— Tudo bem. Estou acostumada a ser a Notável Insignificante.

— Então — diz Liv, aceitando um café. — O que anda fazendo?

— Nos últimos dez anos? Hum, uma coisa e outra. Servir mesas me convém. Não tenho ambição para fazer serviço de bar — diz isso sem emoção.

— E você?

— Ah, só uns frilas. Trabalho por conta própria. Não tenho perfil para trabalhar em escritório. — Liv sorri.

Mo dá uma longa tragada no cigarro.

— Estou surpresa — diz — Você sempre foi uma das Garotas de Ouro.

— Garotas de Ouro?

— Ah, você e a sua turma alourada, todas pernas e cabelo, rodeadas de homens como se fossem satélites. Como uma criação de Scott Fitzgerald. Pensei que você estaria... sei lá. Na tevê. Ou na mídia, ou no teatro, ou algo assim.

Se Liv tivesse lido essas palavras, talvez tivesse detectado um tom amargo nelas. Mas não havia rancor na voz de Mo.

— Não — diz ela, e baixa o olhar para a barra da saia.

Liv termina o café. O último garçom se foi. E a xícara de Mo está vazia. São onze e quarenta e cinco.

— Precisa fechar o restaurante? Para que lado você vai?

— Para lado nenhum. Eu fico aqui.

— Tem um quarto aqui?

— Não, mas Dino não se importa. — Mo apaga o cigarro, levanta-se e esvazia o cinzeiro. — Na verdade, Dino não sabe. Ele só acha que eu sou muito conscienciosa. A última a sair toda

noite. “Por que os outros não podem ser como você?” — Ela aponta o polegar para as costas. — Tenho um saco de dormir no armário e ponho o despertador para as cinco e meia. No momento estou com um probleminha de moradia. Tipo, não posso pagar nenhuma.

Liv arregala os olhos.

— Não fique tão espantada. Esse banco é mais confortável do que alguns dos lugares que já aluguei. Juro para você.

Depois, ela não sabe o que a faz dizer isso. Liv raramente hospeda alguém em sua casa, que dirá alguém que não vê há anos. Mas, quando se dá conta, já abriu a boca e as palavras saíram.

— Pode ficar lá em casa — diz — Só por esta noite — acrescenta quando percebe o que acabou de falar. — Tenho um quarto sobrando. Com chuveiro elétrico. — Consciente de que o convite pode ter soado paternalista, acrescenta: — A gente pode pôr o papo em dia. Vai ser divertido.

O rosto de Mo fica impassível. Depois, ela faz uma careta, como se ela é que estivesse fazendo um favor a Liv.

— Se você está dizendo. — E vai pegar o casaco.

* * *

Liv avista sua casa de longe: as vidraças de vidro azul-claro destacam-se acima do velho armazém de açúcar, como se houvesse uma nave extraterrestre pousada no teto. David gostava disso. Gostava de poder apontar para casa quando iam a pé com amigos ou clientes potenciais. Gostava daquela incongruência ao lado dos tijolos escuros das casas vitorianas, da maneira como ela captava a luz, ou refletia a água lá embaixo. Gostava do fato de a estrutura ter virado um ponto de referência na paisagem da orla do rio. Dizia que isso era uma propaganda constante do seu trabalho.

Quando David a construiu, quase dez anos antes, o vidro era seu material preferido, seus componentes foram se sofisticando com capacidades térmicas, ecológicas. Sua obra se destaca em Londres. Transparência é a chave, ele dizia. Os prédios devem revelar a sua finalidade e a sua estrutura. Os únicos cômodos obscurecidos são os banheiros, e mesmo neles ele muitas vezes tinha que ser persuadido a não usar vidro refletivo. Era típico de David não achar que fosse aflitivo enxergar o lado de fora quando se estava na privada, mesmo sabendo que não dava para ver nada de fora para dentro.

As amigas de Liv invejavam sua casa, a localização e as matérias que de vez em quando saíam nas melhores revistas de decoração — mas ela sabia que elas comentavam em segredo que tal minimalismo as teria levado à loucura. Estava no sangue de David o impulso de purificar, de eliminar o supérfluo. Tudo na casa tinha que passar por seu teste William Morris: é funcional e belo? É absolutamente necessário? Quando ficaram juntos pela primeira vez, Liv achou isso exaustivo. David ficava contrariado quando ela deixava rastros de roupas no chão do quarto ou

enchia a cozinha de flores baratas e quinquilharias do mercado. Agora, ela é grata pela limpeza da casa, por seu ascetismo sóbrio.

— Legal. Para. Caramba. — Elas saem do frágil elevador dentro da Casa de Vidro, e o rosto de Mo está atipicamente animado. — Esta é a sua casa? Sêrio? Como conseguiu morar num lugar como esse? Caramba!

— Meu marido construiu.

Liv atravessa o hall, pendurando as chaves com cuidado no único gancho de prata, acendendo as luzes internas ao passar.

— Seu ex? Nossa. E ele deixou você ficar com ela?

— Mais ou menos. — Liv aperta um botão e olha enquanto as persianas do teto se abrem em silêncio, expondo a cozinha ao céu estrelado. — Ele morreu.

Ela fica ali parada, com o olhar firme voltado para cima, preparando-se para ouvir uma precipitação de compaixão desajeitada. A explicação não ficou mais fácil com o tempo. Já se vão quatro anos, e as palavras ainda causam uma pontada, como se a ausência de David fosse uma ferida ainda localizada no fundo de seu corpo.

Mas Mo está calada. Quando finalmente se manifesta, diz simplesmente:

— Que chato. — Seu rosto está pálido, indiferente.

— É — diz Liv, deixando escapar um pequeno suspiro. — É mesmo.

* * *

Liv ouve o noticiário da uma da manhã no rádio, vagamente consciente dos ruídos vindos do banheiro de hóspedes, com aquela vaga aflição que sente sempre que há outra pessoa na casa. Limpa o granito da bancada e passa um pano macio para dar brilho, e em seguida limpa do chão farelos inexistentes. Atravessa o corredor de vidro e madeira, depois sobe para o quarto pela escada de madeira e acrílico. A extensão de portas de armário camufladas brilha, sem dar nenhuma pista das poucas roupas que há por trás. A cama se ergue vasta e vazia no meio do quarto, e, sobre as cobertas, Lembretes Importantes, onde ela os deixou pela manhã. Ela se senta, dobrando-os e colocando-os cuidadosamente de volta nos envelopes, e olha para o retrato de *A garota que você deixou para trás*, nítido em sua moldura dourada em meio ao verde-água e ao cinza apagados do restante do quarto, e se deixa ir.

Ela se parece com você.

Ela não se parece nada comigo.

Ela rira para ele alegremente, ainda encantada com o novo amor. Ainda preparada para acreditar na visão que ele tinha dela.

Você era assim mesmo quando...

A garota que você deixou para trás sorri.

Liv começa a se despir, dobrando as roupas antes de colocá-las, cuidadosamente, na cadeira ao pé da cama. Fecha os olhos antes de apagar a luz para não ter que olhar de novo para o quadro.

Há pessoas que vivem melhor seguindo uma rotina, e Liv Halston é uma delas. Todos os dias úteis, ela acorda às sete e meia da manhã, veste sua roupa esportiva, pega o iPod e, sem parar para pensar, desce, com a visão ainda turva, pelo elevador barulhento, e sai para correr por meia hora à beira do rio. A certa altura, ziguezagueando entre os mal-humorados e obstinados moradores que se deslocam diariamente para trabalhar, e desviando-se de vans de entrega, ela finalmente desperta, o cérebro aos poucos vai se envolvendo com a música em seus ouvidos, na cadência suave de suas passadas. O mais importante foi que ela preencheu mais uma vez um momento que ainda lhe causa temor: aqueles primeiros minutos do despertar, quando a vulnerabilidade significa que a perda ainda pode atingi-la, inesperada e venal, intoxicando-a com pensamentos negativos. Ela começou a correr depois de se dar conta de que podia usar o mundo externo, o barulho em seus fones de ouvido, seu próprio movimento, para desviar esses pensamentos. Agora isso virou um hábito, uma apólice de seguro. *Não preciso pensar. Não preciso pensar. Não preciso pensar.*

Especialmente hoje.

Ela diminui o ritmo para uma caminhada acelerada, compra um café, e torna a pegar o elevador para subir para a Casa de Vidro, com os olhos ardendo pelo suor e a camiseta molhada. Toma uma ducha, se veste, toma café e come duas torradas com geleia de laranja. Ela mantém a casa praticamente sem comida, e chegou à conclusão de que ver a geladeira cheia é algo que estranhamente a perturba, lembrando-a de que devia cozinhar e comer, e não viver de biscoitos e queijo. Uma geladeira cheia é uma repreensão silenciosa ao seu estado solitário.

Então ela se senta à escrivaninha e abre o e-mail para ver se, à noite, chegou algum trabalho no copywritersperhour.com. Ou se, como parece ser o caso ultimamente, não.

— Mo? Estou deixando um café na frente da sua porta. — Ela está parada, com a cabeça de lado, aguardando algum ruído que sugira vida do lado de dentro. São oito e quinze: muito cedo para acordar um hóspede? Faz tanto tempo que Liv não recebe alguém que já não sabe o que deve fazer. Aguarda, sem jeito, esperando alguma resposta sonolenta, um resmungo, e depois conclui que Mo está dormindo. Trabalhara a noite inteira, afinal de contas. Liv coloca o copo de isopor em silêncio em frente à porta, por via das dúvidas, e vai para o banho.

* * *

Há quatro e-mails em sua caixa de mensagens.

Prezada Sra. Halston,

Obtive seu e-mail por intermédio de copywritersperhour.com. Dirija uma empresa de

papelaria personalizada e tenho um folheto que precisa ser reescrito. Fui informado de que seu preço são cem libras por mil palavras. A senhora aceitaria negociar este valor? Estamos trabalhando com um orçamento muito apertado. O folheto tem por volta de 1.250 palavras.

Atenciosamente,
Sr. Terence Blank

Livvy querida,

Aqui é seu pai. Caroline me deixou. Estou desconsolado. Decidi que não quero mais nada com as mulheres. Me ligue se tiver algum tempo livre.

Oi, Liv,
Tudo certo para quinta-feira? As crianças estão muito ansiosas para isso. Estamos contando com umas vinte até o momento, mas, como você sabe, esse número pode sempre mudar. Avise-me se precisar de alguma coisa.

Tudo de bom,
Abiola

Prezada Sra. Halston,
Já tentamos várias vezes sem sucesso contatá-la por telefone. Queira, por favor, entrar em contato conosco para marcarmos uma hora a fim de discutirmos a situação do seu saldo devedor. Caso não entre em contato, teremos que cobrar uma taxa adicional.

Queira também confirmar se seus dados estão atualizados.

Atenciosamente,
Damian Watts,
Gerente de contas de pessoa física, NatWest Bank

Ela digita uma resposta para a primeira mensagem.

Caro Sr. Blank. Eu adoraria baixar meus preços para atendê-lo. Infelizmente, tenho uma constituição biológica, o que significa que também preciso comer. Boa sorte com o seu folheto.

Ela sabe que há sempre alguém que vai cobrar mais barato, alguém que não liga muito para gramática ou pontuação e não vai reparar que o folheto troca mal por mau umas vinte e duas

vezes. Mas já está cansada de ter seu baixo preço empurrado ainda mais para baixo.

Pai, telefonarei para você mais tarde. Se por acaso Caroline voltar nesse meio-tempo, por favor esteja vestido. A Srta. Patel contou que você estava nu de novo regando as anêmonas japonesas semana passada, e você sabe o que a polícia disse sobre isso.

Bj, Liv

Na última vez em que ela fora consolar o pai após um dos sumiços de Caroline, ele abriu a porta usando um robe de seda oriental feminino, aberto na frente, e lhe dera um expansivo abraço antes que ela tivesse tempo de protestar.

— Sou seu pai, pelo amor de Deus — resmungou ele quando ela o repreendeu depois.

Mesmo sem ter tido um trabalho decente no teatro em quase uma década, Michael Worthing nunca perdera a desinibição infantil, nem a irritação com o que chamava de “invólucros”. Quando criança, ela deixara de levar amigas em casa depois que Samantha Howcroft fora contar para a mãe que o Sr. Worthing andava pela casa “com todas as suas peças balançando”. (Samantha também contara a todo mundo na escola que o pai de Liv tinha um pênis igual a um salame gigante. O estranho é que ele não pareceu se incomodar com o comentário.)

Caroline, sua namorada de cabelos cor de fogo havia quase quinze anos não se incomodava com a nudez dele. Na verdade, até gostava de andar seminua também. Liv às vezes achava que estava mais acostumada a ver aqueles dois corpos velhos e flácidos do que seu próprio corpo.

Caroline era a grande paixão dele, e a cada dois meses saía de casa no maior mau humor, mencionando o fato de ele ser impossível, não ganhar dinheiro e ter casos ardentes com outras mulheres. O que elas viam nele, Liv não conseguia imaginar.

— Tesão pela vida, minha querida! — exclamava ele. — Paixão! Se não tiver isso você é uma coisa morta.

Liv desconfia, no íntimo, que é uma decepção para o pai.

Ela bebe o restinho do café, e escreve um e-mail para Abiola.

Oi, Abiola,

Encontrarei você em frente ao prédio Conaghy às duas da tarde. Está tudo certo. Eles estão meio nervosos, mas muito empolgados. Espero que esteja tudo bem com você.

Abraço,

Liv

Depois de enviar a mensagem, ela encara o e-mail do gerente do banco. Seus dedos se imobilizam no teclado. Então, ela estende um deles e pressiona *delete*.

Seu lado sensato lhe diz que isso não pode continuar. Ouve ao longe o clamor ameaçador das últimas requisições cuidadosamente dobradas em seus envelopes, como o rufar dos tambores de um exército inimigo. Em algum momento ela já não será capaz de contê-los, enrolá-los, escapar de fininho. Ela vive como um rato de igreja; faz poucas compras, sai raramente, e isso ainda não basta. Seus cartões de débito e de crédito têm propensão a ser cuspidos de volta para ela dos caixas eletrônicos. A prefeitura chegou à sua porta no ano anterior, num recadastramento dos contribuintes municipais. A representante percorreu a Casa de Vidro, depois olhou para Liv como se ela de certa forma tivesse tentado passar a prefeitura para trás. Como se fosse um insulto que ela, praticamente uma garota, morasse naquela casa sozinha. Liv não podia censurá-la: desde a morte de David, ela se sentia uma fraude morando ali. Ela é como uma curadora, protegendo a memória de David, mantendo a casa como ele haveria de querê-la.

Liv agora paga o imposto máximo cobrado pela prefeitura, o mesmo que os banqueiros com seus salários de milhões de libras, os financistas com seus bônus inchados. Isso lhe come mais da metade do que ela ganha em alguns meses.

Ela já não abre os extratos bancários. É inútil. Sabe exatamente o conteúdo.

* * *

— A culpa é minha. — Seu pai deixa a cabeça cair nas mãos num gesto teatral. Por entre seus dedos, saem tufos ralos espetados de cabelo grisalho. Espalhadas pela cozinha em volta dele há panelas e recipientes que revelam uma refeição noturna interrompida: meio pedaço de parmesão, uma tigela de macarrão congelado, tal como um navio fantasma da desarmonia doméstica. — Eu sabia que não devia chegar perto dela. Mas ai! Eu parecia uma mariposa atraída pela chama. E que chama! O ardor! O *ardor!* — Ele soa desconcertado.

Liv balança a cabeça compreensivamente. Ela está tentando, no íntimo, conciliar esta história de desventura sexual épica com Jean, a cinquentona que administra a floricultura do bairro, fuma dois maços de cigarro por dia e cujos tornozelos cinzentos emergem de calças muito curtas como fatias de tripa.

— A gente sabia que era errado. E eu tentei. Deus, eu tentei ser bom. Mas eu estava lá uma tarde, procurando bulbos de primavera, e ela apareceu atrás de mim recendendo a frésias, e, quando vi, lá estava eu, túrgido como um broto novo.

— Tudo bem, pai. Muita informação.

Liv liga a chaleira. Quando começa a arrumar a bancada, seu pai entorna o restante do que havia no copo.

— É muito cedo para vinho.

— Nunca é muito cedo para vinho. O néctar dos deuses. Meu único consolo.

— Sua vida é um longo consolo.

— Como eu criei uma mulher de tanta determinação, de limites tão terríveis?

— Você não me criou. A mamãe me criou.

Ele balança a cabeça com certa melancolia, aparentemente esquecendo as vezes em que a amaldiçoou por tê-lo deixado quando Liv era pequena, ou invocado a ira dos deuses sobre a sua cabeça infiel. Liv às vezes achava que no dia em que sua mãe faleceu, seis anos antes, o curto casamento fraturado de seus pais foi de certa forma redesenhado na cabeça de seu pai, fazendo com que aquela mulher intolerante, aquela sem-vergonha, aquela megera que envenenara sua única filha contra ele agora parecesse uma espécie de Virgem Santa. Ela não ligava. Também tinha feito isso. Quando se perde a mãe, sua imaginação aos poucos a recria como perfeita. Uma série de beijos ternos, palavras amorosas, um abraço reconfortador. Alguns anos antes ela escutara a ladainha de irritação de suas amigas sobre suas mães autoritárias sem entender, como se elas estivessem falando coreano.

— A perda calejou você.

— Eu não me apaixono por toda pessoa do sexo oposto que por acaso me venda um saco de tomates.

Ela abriu as gavetas, à procura de um filtro de café. A casa entulhada e caótica de seu pai era proporcionalmente inversa à sua casa arrumada.

— Eu vi Jasmine no Pig's Foot outra noite. — Ele se ilumina. — Que garota maravilhosa ela é. Perguntou por você.

Liv encontra os filtros de papel, abre um e coloca o pó de café ali dentro com destreza.

— É mesmo?

— Ela vai se casar com um espanhol. Ele é parecido com Errol Flynn. Não consegue tirar os olhos dela. Veja bem, nem eu. Ela tem um jeito de andar que é realmente hipnótico. Ele vai assumir o bebê. De outro, acho eu. Vão morar em Madri.

Liv serve uma caneca de café e a entrega ao pai.

— Por que você não a vê mais? Vocês eram tão amigas — pergunta ele.

Ela dá de ombros.

— As pessoas se afastam.

Não pode contar a ele que esta é apenas parte do motivo. Essas são as coisas que não se contam a respeito da perda de um marido, assim como o cansaço, a vontade de dormir e dormir, e os dias em que, ao tentar forçar as pálpebras para acordar, elas voltam a se fechar, e simplesmente atravessar o dia parece um esforço hercúleo — você odeia seus amigos, irracionalmente: cada vez que chega alguém à sua porta ou cruza com você na rua e lhe abraça dizendo que sente muito, você olha para a pessoa, para o marido e os filhos dela, e fica chocada com o tamanho da sua inveja. Como eles podem estar vivos e David estar morto? Como o chato e estúpido Richard, com seus amigos da City e suas viagens de fim de semana para jogar golfe e seu total desinteresse por qualquer coisa fora de seu mundinho fechado, está vivo, quando David, o brilhante, amoroso, generoso e apaixonado David, teve que morrer? Como o bobalhão do Tim consegue se reproduzir, trazer a este mundo mais gerações de pequenos Tims sem imaginação,

quando a mente imprevisível de David, sua bondade, seus beijos, desapareceram para sempre?

Liv se lembra de ter gritado em silêncio em banheiros, de ter saído correndo sem explicação de salas cheias, consciente de sua aparente grosseria, mas incapaz de se deter. Passaram-se anos até ela conseguir ver a felicidade dos outros sem lamentar a perda da sua.

Agora o inconformismo já desapareceu, mas ela prefere ver de longe a satisfação doméstica de pessoas que não conhece bem, como se a felicidade fosse um conceito científico cuja comprovação fosse suficiente para deixá-la contente.

Ela não vê mais as amigas que tinha na época, as Cherrys, as Jasmynes. As mulheres que lhe lembrariam a garota que ela fora. Era muito complicado explicar. E ela não gostava especialmente do que isso dizia sobre ela.

— Bem, acho que você deveria encontrá-la antes que ela viaje. Eu adorava ver vocês duas juntas, a dupla de jovens deusas que vocês eram.

— Quando você vai ligar para Caroline? — pergunta ela enquanto limpa as migalhas da mesa de pinho rústico da cozinha e esfrega uma mancha de vinho tinto.

— Ela não fala comigo. Deixei quatorze recados no celular dela ontem à noite.

— Você precisa parar de dormir com outras pessoas, pai.

— Eu sei.

— E precisa ganhar dinheiro.

— Eu sei.

— E precisa se vestir. Se eu fosse ela e chegasse em casa e visse você assim, eu daria meia volta e iria embora de novo.

— Estou usando o roupão dela.

— Imaginei.

— Ainda tem o cheiro dela. — Ele aspira a manga da roupa de Caroline, com uma expressão profundamente trágica no semblante, e seus olhos ficam cheios d'água. — O que devo fazer se ela não voltar?

Liv olha para ele por um instante com uma expressão séria. Ela se pergunta se seu pai tem alguma ideia de que dia é hoje. Então, olha para aquele homem maltratado, vestido com um roupão feminino, as veias azuis se destacando em sua pele murcha, e se vira de costas para lavar a louça.

— Sabe de uma coisa, pai? Eu não sou a pessoa certa para você perguntar isso.

O velho senta-se com cuidado na cadeira e dá um suspiro, como se atravessar a sala tivesse sido um grande esforço. Seu filho, de pé com o cotovelo apoiado na mão, observa com ansiedade.

Paul McCafferty aguarda, depois olha para Miriam, sua secretária.

— Aceita um chá ou um café? — pergunta ela.

O velho recusa com um pequeno gesto de cabeça.

— Não, obrigado.

Seu olhar parece dizer: *Vamos nos limitar a prosseguir, sim?*

— Então, com licença.

Miriam se retira do pequeno escritório.

Paul abre a pasta. Põe as mãos sobre a mesa, sentindo os olhos do Sr. Nowicki sobre ele.

— Bem, pedi que viesse aqui hoje porque tenho novidades. Quando me procurou, alertei-o que este caso poderia ser complicado pela falta de procedência. Como sabe, muitas galerias relutam em entregar obras sem uma prova mais concreta de...

— Eu me lembro claramente do quadro — diz o velho levantando a mão.

— Eu sei. E o senhor sabe que a galeria em questão relutou muito em tratar conosco, apesar das lacunas em sua própria autenticidade. Este caso era complicado pela valorização acentuada da obra. E foi particularmente difícil porque a lembrança que o senhor tinha não era suficiente para nos dar uma base.

— Como vou descrever um desenho desses com perfeição? Eu tinha dez anos quando fomos obrigados a sair de casa. Dez anos. Poderia me dizer o que havia pendurado nas paredes da casa dos seus pais quando o senhor tinha dez anos?

— Não, Sr. Nowicki; eu não poderia.

— Será que tínhamos que saber na época que nunca nos permitiriam voltar à nossa própria casa? É absurdo esse sistema. Por que sou obrigado a provar que roubaram algo da gente? Depois de tudo por que passamos...

— Pai, já discutimos isso...

O filho, Jason, põe a mão no braço do pai, e o velho contrai os lábios com relutância, como se estivesse acostumado a ser acalmado.

— É sobre isso que eu queria lhe falar — diz Paul. — Eu o alertei que não tínhamos uma base mais forte para ganhar a causa. Quando nos reunimos em janeiro, o senhor me disse algo sobre a amizade de sua mãe com um vizinho, Arthur Bohmann, que se mudou para os Estados Unidos.

— Sim. Eles eram bons vizinhos. Sei que ele viu o quadro na nossa casa. Ele nos visitou muitas vezes. Eu jogava bola com a filha dele... mas ele morreu. Eu lhe disse que ele morreu.

— Bem, consegui localizar essa família sobrevivente em Des Moines. E a neta dele, Anne-

Marie, folheou os álbuns de família e, dentro de um deles, encontrou isto. — Paul pega uma folha de papel na pasta e a passa por cima da mesa para o Sr. Nowicki.

Não é uma cópia perfeita, mas a imagem em preto e branco é bem nítida. Uma família está sentada num sofá estofado. Uma mulher sorri com moderação, tendo ao colo um bebê de olhinhos miúdos. Um homem de vastos bigodes está reclinado, o braço ao longo do encosto. Um menino banguela abre um sorriso rasgado. Atrás deles, pendurado na parede, há um quadro de uma jovem dançando.

— É este — diz baixinho o Sr. Nowicki, levando à boca uma mão artrítica. — O Degas.

— Comparei-o com o banco de imagens, depois com a Fundação Edgard Degas. Mande este quadro para os advogados deles, com uma declaração da filha de Arthur Bohmann, dizendo que ela também se lembrava de ter visto esse quadro na casa dos pais do senhor, e de ter ouvido seu pai contar como o comprou.

Ele faz uma pausa.

— Mas isso não é tudo de que Anne-Marie se lembra. Ela diz que depois que os pais do senhor fugiram, Arthur Bohmann foi uma noite ao apartamento tentar recolher os objetos de valor deixados por sua família. Ele contou à mulher, a avó de Anne-Marie, que a princípio teve a impressão de ter chegado a tempo, pois o apartamento parecia intacto. Só quando estava saindo é que deu por falta do quadro.

“Ela diz que como tudo o mais estava intacto o avô sempre presumiu que sua família tivesse levado o quadro. E então, claro, uma vez que vocês só passaram a se corresponder anos mais tarde, o assunto nunca surgiu.”

— Não — diz o velho, olhando a imagem. — Não. Não tínhamos nada. Só as alianças de casamento e noivado da minha mãe. — Seus olhos ficam cheios d’água.

— É possível que os nazistas tenham marcado o quadro. Há provas de retirada sistemática de importantes obras de arte durante o período nazista.

— Foi o Sr. Dreschler. Ele contou para os nazistas. Eu sempre soube que ele havia contado. E chamava meu pai de amigo!

As mãos dele tremem sobre os joelhos. Não é uma reação incomum, apesar dos mais de sessenta anos passados. Paul vê muitos dos reclamantes lembrarem-se de imagens e acontecimentos dos anos 1940 com muito mais clareza do que se lembram de como chegaram ao seu escritório.

— Sim, bem, nós pesquisamos os registros do Sr. Dreschler, e há uma quantidade de transações não explicadas com os alemães; uma delas se refere simplesmente a um Degas. Não está claro a que Degas, mas as datas e o fato de que não podiam ser muitos em sua área naquela época reforçam o argumento do senhor.

O velho se vira devagar e olha para o filho. *Está vendo?*, diz sua expressão.

— Bem, Sr. Nowicki, ontem à noite recebi uma resposta da galeria. Quer que eu a leia?

— Sim.

Prezado Sr. McCafferty,

À luz das novas evidências apresentadas e de nossas lacunas quanto à origem, bem como de nossa descoberta da extensão do sofrimento passado pelo Sr. Nowicki e sua família, decidimos não contestar sua ação reivindicando o quadro Femme, dansant, de Degas. Os curadores da galeria instruíram seus advogados a não seguir adiante, e aguardamos suas instruções com relação à transferência do objeto físico.

Paul aguarda.

O velho parece imerso em pensamentos. Finalmente, ergue os olhos.

— Estão devolvendo o quadro?

Ele faz que sim com a cabeça. Não consegue deixar de sorrir. Foi um caso longo e difícil, e sua solução foi gratificadamente rápida.

— Estão mesmo nos devolvendo o quadro? Concordam que foi roubado de nós?

— Vocês só precisam informar para onde querem que ele seja enviado.

Há um longo silêncio. Jason Nowicki tira os olhos do pai. Levanta as mãos e enxuga as lágrimas dos olhos.

— Me desculpe — diz — Não sei por quê...

— Isso não é incomum. — Paul puxa uma caixa de lenços de papel de debaixo da mesa e a entrega para ele. — Esses casos são sempre sentimentais. Nunca é apenas um quadro.

— Custou muito. A perda daquele Degas foi como um lembrete constante do que meu pai e meus avós sofreram durante a guerra. E eu não tinha certeza se o senhor... — Ele bufa. — É incrível. — Localizar a família daquele homem. Disseram que o senhor era bom, mas...

Paul balança a cabeça.

— Só estou fazendo o meu trabalho.

Ele e Jason olham para o velho, que continua contemplando a imagem do quadro. Parece ter encolhido, como se tivesse sido esmagado pelo peso dos acontecimentos de várias décadas atrás. A mesma ideia parece ocorrer aos dois ao mesmo tempo.

— Você está bem, pai?

— Sr. Nowicki?

Ele se endireita um pouco, como se tivesse acabado de se lembrar de onde estão. Sua mão está pousada na fotografia.

Paul se recosta na cadeira, com a caneta fazendo uma ponte entre as duas mãos.

— Pois bem. Voltando ao quadro. Posso recomendar uma empresa especializada em transporte de obras de arte. Precisam de um veículo de alta segurança, climatizado e com suspensão a ar. E eu também sugiro que façam um seguro da obra antes que ela chegue às suas

mãos. Não preciso lhes dizer que um quadro como esse é...

— O senhor tem contatos na casa de leilões?

— Como?

O Sr. Nowicki recobrou as cores.

— Tem contatos em alguma casa de leilões? Falei com uma há pouco, mas eles queriam muito dinheiro. Vinte por cento, acho que era. Mais o imposto. É muito.

— O senhor... quer avaliá-lo para o seguro?

— Não. Quero vendê-lo. — Ele abre a carteira de couro gasta sem erguer os olhos e guarda a fotografia lá dentro. — Aparentemente, é um bom momento para vender. Os estrangeiros estão comprando tudo...

Faz um gesto de desdém com a mão.

Jason está olhando surpreso para ele.

— Mas, pai...

— Isso tudo foi muito caro. Temos contas a pagar.

— Mas você disse...

O Sr. Nowicki vira as costas para o filho.

— Será que pode ver isso para mim? Presumo que vai me mandar a fatura pelos seus serviços.

Ali de dentro, ouve-se uma porta bater na rua. O ruído ecoa na fachada dos prédios. Paul ouve a conversa abafada de Miriam ao telefone na sala ao lado. Engole em seco. Mantém a voz serena.

— Farei isso.

Há um longo silêncio. Finalmente, o velho se levanta da cadeira.

— Bem, essa é uma notícia muito boa — diz afinal, e lhe dá um sorriso forçado. — Muito boa mesmo. Muito obrigado, Sr. McCafferty.

— Tudo bem — diz ele, e a seguir levanta-se e estende a mão.

Quando eles saem, Paul McCafferty se senta na cadeira. Fecha a pasta, depois os olhos.

* * *

— Você não pode tomar isso como uma coisa pessoal — diz Janey.

— Eu sei. É só...

— Não é da nossa conta. Nossa função é apenas recuperar.

— Eu sei. É que o Sr. Nowicki ficou falando da importância do quadro para a família e quanto ele representava tudo que tinham perdido e...

— Deixe para lá, Paul.

— Isso nunca aconteceu na Squad. — Ele se levanta e fica andando pela sala entulhada de Janey. Para perto da janela e olha para fora. — A gente devolve as coisas para as pessoas e eles ficavam felizes.

— Você não quer voltar para a polícia.

— Eu sei. Só estou comentando. Sempre acontece isso comigo com essas ações de restituição.

— Bem, você ganhou os nossos honorários numa ação em que eu não tinha certeza de que seria capaz de ganhar. E esse dinheiro todo é para sua mudança de casa, não é? Então nós dois devíamos estar felizes. — Janey empurra uma pasta por cima de sua mesa. — Isto deve animá-lo. Chegou ontem à noite. Parece bem simples.

Paul tira os documentos de dentro da pasta. Tratam do desaparecimento, em 1916, do retrato de uma mulher, cujo roubo só foi descoberto uma década atrás, em uma auditoria da obra do artista feita por seus familiares sobreviventes. E ali, na página seguinte, uma imagem do quadro em questão, agora pendurado descaradamente numa parede minimalista. Publicado numa revista sofisticada há vários meses.

— Primeira Guerra Mundial?

— O estatuto não se aplica, aparentemente. Parece bem definido. Eles dizem ter provas de que os alemães roubaram o quadro, durante a guerra, e ele nunca mais foi visto. Alguns anos atrás, um membro da família abre uma revista antiga e adivinha o que está nas duas páginas centrais?

— Eles têm certeza de que é o original?

— O quadro nunca foi reproduzido.

Paul balança a cabeça, esquecendo-se por um instante dos acontecimentos da manhã e notando uma breve e involuntária pontada de excitação.

— E aí está ele. Quase cem anos depois. Simplesmente pendurado na parede de um casal rico.

— O artigo se limita a mencionar o centro de Londres. Todos aqueles artigos da *Ideal Home* fazem isso. Eles não querem encorajar os ladrões dando o endereço exato. Mas estou calculando que não deve ser muito difícil localizá-los. Menciona o casal, afinal de contas.

Paul fecha a pasta. Continua visualizando a boca contraída do Sr. Nowicki, o jeito que o filho olhara para o pai, como se nunca o tivesse visto antes.

“Você é americano, não é?”, dissera-lhe o velho, quando estavam parados à porta da sala. “Não pode entender.”

A mão de Janey está pousada de leve em seu braço.

— Como vai indo a procura pela casa?

— Nada bem. Tudo o que é bom já foi comprado por quem pode pagar à vista.

— Bem, se você quiser se animar, a gente podia sair para comer alguma coisa. Não vou

fazer nada hoje à noite.

Paul dá um sorriso. Tenta não demonstrar ter reparado no jeito que Janey leva a mão ao cabelo, no ricto dolorosamente esperançoso de seu sorriso. Ele se afasta.

— Vou trabalhar até tarde. Tenho uns casos que quero resolver. Mas, obrigado. Vou pegar o arquivo novo amanhã logo cedo.

* * *

Liv chega em casa às cinco da tarde, depois de ter feito comida para o pai e passado aspirador no chão da casa dele. Caroline raramente passa aspirador, e as cores das passadeiras persas desbotadas ficaram visivelmente mais realçadas quando ela terminou. À sua volta, a cidade ferve num dia quente de fim de verão, o barulho do tráfego e o cheiro de diesel subindo do asfalto.

— Oi, Fran — diz, ao chegar à porta principal.

A mulher, com um chapéu de lã enterrado na cabeça apesar do calor, faz um cumprimento de cabeça. Ela está vasculhando o interior de uma sacola plástica. Tem uma coleção sem fim delas, amarradas com barbante ou enfiadas umas dentro das outras, que separa e rearruma sem parar. Hoje passou suas duas caixas, cobertas de lona azul, para a proteção relativa da porta do zelador. O zelador anterior tolerou Fran durante anos, até usando-a como ponto de entrega de encomendas não oficial. O atual, diz ela, quando Liv lhe leva um café, fica ameaçando tirá-la dali. Alguns moradores se queixaram de que ela está baixando o padrão.

— Você teve uma visita.

— O quê? Ah. A que horas ela saiu?

Liv não deixara nem bilhete nem chave. Ela se pergunta se devia passar no restaurante para ver se Mo está bem. Mas sabe que não vai passar. Sente-se vagamente aliviada com a perspectiva de uma casa silenciosa e vazia.

Fran dá de ombros.

— Quer beber algo? — pergunta Liv, ao abrir a porta.

— Um chá seria ótimo — diz Fran, acrescentando: — Três torrões de açúcar, por favor. — Como se Liv nunca tivesse feito chá para ela antes. E então, com o ar preocupado de quem tem muito o que fazer para ficar parada conversando, ela volta para as suas sacolas.

* * *

Liv sente o cheiro de cigarro no momento em que abre a porta. Mo está sentada de pernas cruzadas no chão, ao lado da mesa de centro de vidro. Com uma das mãos segura um livro e com a outra, um cigarro pousado num pires branco.

— Oi — diz, sem erguer os olhos.

Liv olha para ela, com a chave na mão.

— Eu... eu achei que você tinha ido embora. Fran disse que você já tinha saído.

— Ah. A senhora lá embaixo? É. Acabei de voltar.

— Voltar de onde?

— Do meu turno da manhã.

— Você trabalha de dia?

— Numa casa de assistência social. Espero não ter incomodado você hoje de manhã. Tentei sair sem fazer barulho. Achei que aquele lance todo da gaveta da mesa poderia acordá-la. Levantar às seis da manhã meio que mata aquele clima de “seja bem-vindo aqui em casa”.

— Lance da gaveta da escrivaninha?

— Você não deixou a chave.

Liv franze a testa. Tem a sensação de estar dois passos atrás nessa conversa. Mo pousa o livro e fala devagar.

— Precisei dar uma vasculhada na casa até encontrar uma chave reserva na gaveta da sua escrivaninha.

— Você mexeu na gaveta da minha escrivaninha?

— Pareceu o lugar mais óbvio. — Ela vira uma página. — Tudo bem. Já botei no lugar. — Acrescenta, baixinho: — Cara, você gosta de tudo arrumado.

Ela volta para o livro. O livro de David, Liv nota ao olhar a lombada. É um exemplar muito manuseado de *Introdução à arquitetura moderna*, um dos favoritos dele. Ela ainda consegue vê-lo lendo este livro, estendido no sofá. Ver o livro na mão de outra pessoa lhe dá um aperto no estômago de aflição. Liv larga a bolsa e vai até a cozinha.

As bancadas de granito estão cobertas de migalhas de torrada. Há duas canecas em cima da mesa, e dois círculos marrons marcados na superfície. Ao lado da torradeira, fatias de pão de forma desmoronam de um saco meio aberto. Há um sachê de chá usado na beirada da pia e uma faca espetada num tablete de manteiga sem sal, parecendo o peito de uma vítima de assassinato.

Liv fica ali parada um instante, depois começa a arrumar, varrendo os restos para a lixeira da cozinha, botando xícaras e pratos na máquina de lavar. Aperta o botão para abrir as persianas do teto, e, quando elas estão completamente abertas, aperta o botão que abrirá o teto de vidro, abanando com a mão o cheiro de cigarro para longe.

Ao se virar, encontra Mo parada na porta.

— Não dá para você fumar aqui dentro. Simplesmente não dá — diz ela.

Há um tom esquisito de pânico em sua voz.

— Ah. Claro. Eu não tinha percebido que tinha um deque na casa.

— Não. No deque também não dá. Por favor. Não fume aqui.

Mo observa a arrumação frenética de Liv na bancada.

— Ei, eu faço isso antes de sair. Mesmo.

— Está tudo bem.

— É óbvio que não está, do contrário você não estaria tendo um ataque do coração. Olhe, deixe que eu limpo a minha própria bagunça. Mesmo.

Liv para. Sabe que está fazendo uma tempestade em copo d'água, tendo uma reação exagerada, mas não consegue evitar. Ela só quer que Mo vá embora.

— Tenho que levar uma xícara de chá para Fran — diz.

Ela desce até o armazém com o sangue latejando nos ouvidos.

Quando volta, a cozinha está arrumada. Mo circula em silêncio pelo cômodo.

— Acho que tenho certa preguiça de arrumar tudo na hora — diz, quando Liv entra. — É esse lance todo de trabalhar sempre arrumando. Para gente velha, cliente em restaurante... A gente faz isso o tempo todo no trabalho que acaba se rebelando em casa.

Liv tenta não se irritar ao ouvi-la usar esse termo. É então que se dá conta de outro cheiro, sobrepujado pelo odor do cigarro. E a luz do forno está acesa.

Ela se abaixa para olhar lá dentro e vê sua assadeira Le Creuset com alguma coisa cheia de queijo borbulhando na superfície.

— Eu fiz o jantar. Macarrão ao forno. Simplesmente misturei tudo que consegui arranjar na loja da esquina. Vai ficar pronto daqui a uns dez minutos. Eu ia jantar mais tarde, mas como você está aqui...

Liv não se lembra da última vez em que acendeu o forno.

— Ah — diz Mo, pegando as luvas de forno. — E ligaram da prefeitura.

— O quê?

— É. Tem algo a ver com imposto.

Liv fica gelada.

— Eu falei que era você, então ele me disse quanto você está devendo. É muito.

Ela lhe entrega um pedaço de papel com algo rabiscado.

Quando Liv abre a boca para protestar, ela diz:

— Bem, eu tinha que saber que ele estava falando com a pessoa certa. Pensei que ele tivesse se enganado.

Liv já sabia mais ou menos quanto seria, mas ver o valor escrito ainda é um choque. Sente os olhos de Mo sobre ela, e por meio de seu silêncio nada típico, deduz que Mo adivinhou a verdade.

— Ei, sente-se aí. Tudo melhora quando a gente está de barriga cheia.

Ela se sente sendo conduzida para uma cadeira. Mo abre a porta do forno, e o cheiro desconhecido de comida feita em casa inunda a cozinha.

— E se não melhorar, bem, conheço um sofá muito confortável.

A comida está boa. Liv come um prato cheio e depois fica sentada com as mãos na barriga, perguntando-se por que está tão admirada com o fato de Mo saber realmente cozinhar.

— Obrigada — diz enquanto Mo liquida o dela. — Estava muito bom. Não me lembro quando foi a última vez que comi tanto.

— Tudo bem.

E agora você tem que ir embora. As palavras que estavam em seus lábios nas últimas vinte horas não saem. Ela não quer ainda que Mo vá embora. Não quer ficar sozinha com o pessoal da prefeitura e suas cobranças fiscais, e seus próprios pensamentos incontroláveis. De repente, sente-se agradecida por ter alguém com quem conversar; uma proteção humana naquele dia.

— Então, Liv Worthing. Esse lance todo de perder o marido...

Liv junta os talheres.

— Prefiro não falar nisso.

Sente que Mo está olhando para ela.

— Tudo bem. Nada de marido falecido. Então, e os namorados?

— Namorados?

— Desde... o Que Não Se Pode Mencionar. Alguém sério?

— Não.

Mo pega um pedaço de queijo ao lado da assadeira.

— Sexo sem compromisso?

— Não.

Mo inclina a cabeça.

— Nem umazinha? Faz quanto tempo?

— Quatro anos — resmungava Liv.

É mentira. Houve uma, há três anos, depois que as amigas bem-intencionadas haviam insistido no fato de que ela precisava “seguir em frente”. Como se David tivesse sido uma espécie de obstáculo. Ela bebera quase até sair do ar para conseguir fazer aquilo, e depois ficou aos prantos, inconsolável, sentindo-se culpada e com nojo de si mesma. O homem, cujo nome ela nem se lembra, mal conseguira conter o alívio quando ela dissera que ia para casa. Mesmo agora, quando pensa nisso, fica morta de vergonha.

— Nada em quatro anos? E você tem... o quê? Trinta anos? O que é isso, uma espécie de *sati* sexual? O que está fazendo, Worthing? Está se guardando para o Sr. Falecido Marido no além?

— Eu sou Halston. Liv Halston. E... eu só... não conheci ninguém com quem eu quisesse...

— Liv resolve mudar de assunto. — Bem, e você? Algum emo autodestrutivo na área?

A atitude defensiva a deixava azeda.

Os dedos de Mo vão indo de fininho para o maço de cigarro e recuam novamente.

— Estou bem.

Liv aguarda.

— Eu tenho um acordo.

— Um acordo?

— Com Ranic, o sommelier. A cada duas semanas a gente se junta para uma cópula tecnicamente eficiente, mas basicamente sem alma. Ele era bem ruim quando a gente começou, mas está pegando o jeito. — Ela come outro pedaço perdido de queijo. — Mas ainda assiste a muito filme pornô. Dá para notar.

— Ninguém sério?

— Meus pais pararam de falar em netos por volta da virada do século.

— Ai, meu Deus. Isso me lembra que prometi ligar para meu pai. — Liv tem uma ideia repentina. Levanta e pega a bolsa. — Ei, que tal se eu der um pulinho na loja lá embaixo e comprar uma garrafa de vinho?

Vai ser bom, diz a si mesma. Vamos falar de nossos pais e de gente de quem eu não me lembro, e da faculdade, e dos trabalhos da Mo, e vou evitar que ela fique falando sobre sexo, e antes que eu me dê conta já vai ser amanhã e a minha casa vai estar normal e vai ficar faltando um ano inteiro para a data de hoje se repetir.

Mo afasta a cadeira da mesa.

— Para mim, não — diz, apanhando o prato. — Tenho que mudar de roupa e me mandar.

— Se mandar?

— Para o trabalho.

Liv está com a bolsa na mão.

— Mas... você disse que tinha terminado.

— O turno da manhã. Agora começo o da noite. Bem, daqui a uns vinte minutos. — Ela puxa o cabelo para cima e o prende. — Você lava a louça numa boa? E tudo bem se eu levar de novo aquela chave?

A curta sensação de bem-estar que chegara com a refeição se desmancha no ar, como uma bolha de sabão. Ela se senta à mesa ainda por tirar, ouvindo Mo cantarolar desafinado, escovar os dentes no banheiro de hóspedes e fechar devagar a porta do quarto.

Ela grita para o andar de cima.

— Acha que precisam de mais alguém hoje à noite? Quero dizer, eu poderia ajudar. Talvez Garanto que dou conta do trabalho de garçonete.

Não há resposta.

— Já trabalhei num bar uma vez.

— Eu também. Fiquei com vontade de furar os olhos das pessoas. Mais ainda do que servindo mesas.

Mo está de volta ao corredor, com uma camisa preta, um anoraque e um avental debaixo do

braço.

— Vejo você mais tarde — diz — A menos que eu dê sorte com o Ranic, claro.

E ela se foi, atraída de volta para o mundo dos vivos. E à medida que o eco de sua voz vai morrendo, o silêncio da Casa de Vidro vira algo concreto e pesado e Liv percebe, cada vez mais apavorada, que sua casa, seu refúgio, está se preparando para traí-la.

Ela sabe que não pode ficar sozinha ali esta noite.

Estes são os lugares onde não é boa ideia você beber sozinha se for mulher.

1. Bazoocas: antes se chamava White Horse, um pub sossegado na esquina em frente à cafeteria, cheio de bancos de veludo faltando enchimento, algumas placas de cavalo de bronze e o letreiro com a tinta meio desgastada pelo tempo. Agora é um bar de striptease, com luzes de néon, onde empresários aparecem tarde da noite, e garotas excessivamente maquiadas vão embora de madrugada em cima de sapatos de plataforma, fumando freneticamente e reclamando das gorjetas.
2. Dino's: o bar de vinhos da região, que vivia lotado nos anos 1990, se reinventou como um restaurante pé-sujo para mamães gostosas durante o dia. Atualmente, depois das oito da noite ele de vez em quando oferece sessões de encontros para solteiros. O resto do tempo, exceto às sextas-feiras, as janelas que vão do piso ao teto revelam que está desoladamente vazio.
3. Qualquer um dos pubs mais antigos nas ruas laterais localizados além do rio, que atraem pequenos grupos de gente ressentida do bairro, homens que fumam cigarros enrolados à mão acompanhados de pit bulls e que olham para uma mulher sozinha num pub do mesmo modo que um mulá olharia para uma passeando de biquíni.
4. Qualquer um dos bares novos e lotados perto do rio que ficam cheios de gente mais jovem que você, em geral grupos de amigos com seus notebooks e óculos escuros grossos, todos os quais a farão se sentir mais sozinha do que se você simplesmente tivesse ficado em casa.

Liv brinca com a ideia de comprar uma garrafa de vinho e levá-la para casa. Mas, toda vez que se imagina sentada sozinha, é invadida por um medo inusitado. Ela não quer assistir à televisão: os últimos três anos lhe mostraram que esta é a noite das piadas cósmicas, em que tragicomédias normalmente banais, de repente, de forma pungente, matam um marido, ou substituem um programa sobre vida selvagem por outro sobre morte súbita. Ela não quer se ver em pé na frente de *A garota que você deixou para trás*, recordando o dia em que eles compraram o quadro juntos, vendo na expressão daquela mulher o amor e a plenitude que ela sentia. Não quer se ver catando as fotografias em que está com David, cansada de saber que nunca mais vai amar ninguém assim, e que embora seja capaz de lembrar exatamente o seu jeito de franzir os olhos, ou de segurar uma caneca, já não é capaz de trazer à mente esses três elementos combinados.

Ela não quer sentir nem a mínima tentação de ligar para o celular dele, como fizera obsessivamente no primeiro ano após sua morte, para poder ouvir sua voz no serviço de caixa postal. Quase todos os dias agora, a perda dele faz parte dela, um peso esquisito que ela carrega, invisível aos outros, alterando sutilmente a forma como passa o dia. Mas hoje, o aniversário de morte de David, é um dia em que tudo pode acontecer.

E então ela se lembra de algo que uma das mulheres lhe dissera no jantar na noite anterior.

Quando quer sair sem ser assediada, minha irmã procura um bar gay. É muito divertido. Há um bar gay a menos de dez minutos a pé dali. Ela passou por lá cem vezes sem jamais se perguntar o que havia por trás das telas protetoras de arame nas janelas. Ninguém a assediará num bar gay. Liv pega a jaqueta, a bolsa e as chaves. Pelo menos, ela tem algo para fazer.

* * *

— Bem, isso é estranho.

— Foi só uma vez. Meses atrás. Mas eu tenho a sensação de que ela nunca esqueceu completamente.

— Porque você é MUITO BOM. — Greg limpa outro copo de meio litro, sorrindo, e o coloca na prateleira.

— Não... Bem, tudo bem, claro — diz Paul. — Falando sério, Greg, eu me sinto culpado sempre que ela olha para mim. Como... como se eu tivesse prometido algo que não posso cumprir.

— Qual é a regra de ouro, irmão? Nunca cagar em frente à porta de casa.

— Eu estava de porre. Foi na noite em que Leonie me comunicou que ela e Jake iam morar com Mitch. Eu estava...

— Você baixou a guarda. — Greg faz a sua voz de programa de TV matinal. — Sua chefe o pegou quando estava vulnerável. Insistiu para você beber. E agora você simplesmente se sente usado. Agente...

Ele sai para atender um cliente. A casa está movimentada para uma quinta-feira à noite; todas as mesas tomadas, um fluxo contínuo de pessoas no bar, um burburinho de conversa animada se elevando acima da música. Ele tivera a intenção de ir para casa depois do expediente no escritório, mas raramente tem chance de pôr o papo em dia com o irmão, e é bom tomar umas e outras de vez em quando. Mesmo tendo que ficar o tempo todo evitando fazer contato visual com setenta por cento dos clientes.

Greg registra uma quantia no caixa e volta para perto de Paul.

— Olhe, eu sei o que isso parece. Mas ela é uma boa mulher. E é um horror ter que rejeitá-la o tempo todo.

— É um saco ser você.

— Como se você entendesse.

— Porque ninguém nunca dá em cima de você quando você está com alguém. Não num bar de gays. Ah, não. — Greg põe outro copo na prateleira. — Olhe, por que você não faz ela se sentar, diz que é mesmo um amor de pessoa, blá-blá-blá, mas que não está interessado nela?

— Porque é esquisito. A gente trabalha tão junto e tudo o mais.

— E isso não é? Esse negócio todo de “Ah, bem, se alguma hora você estiver a fim de dar

uma rapidinha quando tiver terminado esse caso, Paul”. — A atenção de Greg vai para a outra extremidade do bar. — Uau. Acho que temos uma ao vivo.

Paul passou a noite toda vagamente consciente da presença da jovem. Ela chegara com um ar absolutamente sereno e ele presumira que ela aguardava alguém. Agora, está tentando se sentar no banco do bar. Faz duas tentativas e cai canhestramente para trás na segunda. Afasta o cabelo do rosto e olha para o balcão como se ele fosse o pico do Everest. Dá um impulso para subir. Quando aterrissa no banco, estende as duas mãos para se firmar e pisca com força, como se custasse a acreditar que realmente tivesse conseguido. Levanta o rosto para Greg.

— Com licença. Quer me ver mais um vinho?

Ela ergue um copo vazio.

O olhar de Greg, divertido e cansado, vai até Paul e depois se desvia.

— Fecharemos em dez minutos — diz, colocando o pano de prato no ombro.

Ele é bom com bêbados. Paul nunca viu Greg perder a calma. Eles eram, segundo a mãe deles, como água e vinho.

— Então tenho dez minutos para beber o vinho? — diz ela, com o sorriso um pouco hesitante.

Ela não tem cara de lésbica. Mas, até aí, poucas têm, atualmente. Ele não diz isso ao irmão, que riria dele e lhe diria que ele passara muito tempo na polícia.

— Querida, vou dizer isto com a melhor das intenções, mas, se você beber algo mais, vai me deixar preocupado. E se tem coisa uma coisa que eu detesto é terminar o meu turno me preocupando com um cliente.

— Unzinho — pede ela. Seu sorriso é de cortar o coração. — Normalmente eu nem bebo.

— Sim. É com vocês que eu me preocupo.

— Hoje... — diz ela com olhos pesados. — Hoje é um dia difícil. Um dia muito difícil. Por favor, posso tomar só mais um copo? Depois você pode chamar um táxi respeitável, de uma empresa respeitável, e eu vou para casa desmaiar e você pode ir para casa sem se preocupar comigo.

Ele olha para Paul e suspira. *Está vendo o que eu tenho que aguentar?*

— Unzinho — diz ele. — Bem pequenininho.

O sorriso dela se desvanece, as pálpebras quase fecham, e ela se abaixa, balançando, para pegar a bolsa no chão. Paul se vira para o balcão, verificando se tem mensagens no celular. É a vez dele de ficar com Jake no dia seguinte, e embora a situação entre ele e Leonie agora esteja amigável, uma parte dele ainda teme que ela encontre um motivo para cancelar.

— Minha bolsa!

Ele olha.

— Minha bolsa sumiu!

A mulher desceu deslizando do banco e olha o chão, segurando a beira do balcão com uma das mãos. Quando ergue os olhos, sua cara está lívida.

— Você foi ao banheiro com ela? — pergunta Greg, debruçando-se no bar.

— Não — diz ela, lançando um olhar em volta do bar. — Ela estava enfiada embaixo do meu banco.

— Você deixou a bolsa embaixo do banco? — Greg estala a língua em desaprovação. — Não leu os avisos?

Há avisos por todo o bar. *Não se separe de sua bolsa: há ladrões agindo nesta região.* Só de onde está sentado, Paul consegue contar três deles.

Ela não leu os avisos.

— Sinto muito. Mas estas redondezas não são boas.

A mulher olha rapidamente para um e para outro e Greg vê que, apesar de bêbada, ela adivinha o que eles estão pensando. *Bêbada boba.*

Paul pega o celular.

— Vou chamar a polícia.

— E dizer que fiz a burrice de deixar a bolsa embaixo de um banco? — Ela esconde o rosto com as mãos. — Ah, Deus. Eu tinha acabado de sacar duzentas libras para o imposto municipal. Não acredito. Duzentas libras.

— Já tivemos dois casos esta semana — diz Greg. — Estamos aguardando a instalação do circuito fechado de TV. Mas é uma epidemia. Sinto muito mesmo.

Ela ergue os olhos e enxuga o rosto. Deixa escapar um suspiro longo e oscilante. Está claramente tentando não cair em prantos. O copo de vinho está intacto no balcão.

— Desculpe. Mas acho que não vou conseguir pagar isto.

— Não es quente a cabeça — diz Greg. — Olhe, Paul, chame a polícia. Eu vou pegar um café para ela. Certo. Tempo, senhoras e senhores, por favor...

* * *

A polícia da região não sai em busca de bolsas desaparecidas. Eles dão à mulher, cujo nome é Liv, o número do protocolo da queixa e a promessa de uma carta sobre apoio à vítima, e lhe dizem que entrarão em contato se encontrarem algo. É óbvio para todos que eles não pretendem entrar em contato.

Quando ela termina a ligação, o bar já está vazio há muito tempo. Greg abre a porta para eles saírem e Liv pega a sua jaqueta.

— Tenho uma hóspede em casa. Ela tem uma chave reserva.

— Quer ligar para ela?

Paul oferece seu telefone.

Ela olha inexpressivamente para ele.

— Não sei o telefone dela. Mas sei onde ela trabalha.

Paul espera.

— É um restaurante a uns dez minutos a pé daqui. Para o lado da Blackfriars.

É meia-noite. Paul olha para o relógio. Está cansado e seu filho vai ser deixado em sua casa no dia seguinte às sete e meia da manhã. Mas ele não pode permitir que uma mulher embriagada, que nitidamente tenta não chorar há quase uma hora, ande pelas ruelas da South Bank à meia-noite.

— Vou com você — diz

Ele capta o olhar desconfiado dela, preparando-se para recusar. Greg toca no braço dela.

— Você ficará bem, querida. Ele é ex-policial.

Paul sente estar sendo reavaliado. A maquiagem da mulher está borrada embaixo de um olho e ele se controla para não limpá-la.

— Posso garantir o bom caráter dele. Ele é geneticamente programado para fazer isso, uma espécie de São Bernardo em forma de gente.

— É. Obrigado, Greg.

Ela veste a jaqueta.

— Se tem certeza de que não se incomoda, seria muita bondade sua.

— Ligo amanhã, Paul. E boa sorte, Srta. Liv. Espero que tudo se resolva.

Greg aguarda até eles seguirem mais um pouco na rua, depois tranca a porta.

* * *

Eles caminham num ritmo acelerado, com os passos percutindo no calçamento das ruas desertas e ecoando nos prédios silenciosos em volta deles. Começou a chover, e Paul enfia as mãos nos bolsos e enterra o pescoço na gola. Passam por dois rapazes de capuz, e ele percebe que ela chega ligeiramente para mais perto dele.

— Cancelou seus cartões? — pergunta ele.

— Ah. Não. — O ar frio está fazendo efeito nela. Parece abatida, e de vez em quando dá um tropeção. Ele lhe ofereceria o braço, mas acha que ela não aceitaria. — Não pensei nisso.

— Lembra-se dos que tem?

— Um Mastercard, um Barclays.

— Espere aí. Conheço uma pessoa que pode ajudar. — Ele digita um número. — Sherrie?... Oi. É McCafferty... Sim, bem, obrigado. Tudo bem, e você? — Ele aguarda. — Escute, você poderia me fazer um favor? Pode me mandar um torpedo com os telefones para comunicar roubo de cartões de crédito? Mastercard e Barclays. Acabaram de roubar a bolsa de uma amiga minha... É. Obrigado, Sherrie. Dê um abraço no pessoal por mim. Sim, a gente se vê.

Ele liga para os números enviados por torpedo e entrega o telefone a ela.

— Policiais — diz ele. — O mundo é pequeno.

E depois anda em silêncio enquanto ela explica a situação ao atendente.

— Obrigada — diz ela, devolvendo-lhe o telefone.

— De nada.

— De qualquer maneira, eu ficaria surpresa se conseguissem sacar algum dinheiro com esses cartões. — Liv sorri com pesar.

Eles estão no restaurante, uma casa espanhola. As luzes estão apagadas e as portas, trancadas. Ele se esgueira para a entrada, e ela espia pela janela, tentando ver algum distante sinal de vida.

Paul olha para o relógio.

— Meia-noite e quinze. Eles já devem ter fechado.

Liv fica parada e morde o lábio. Volta-se para ele.

— Talvez ela esteja lá em casa. Por favor, pode me emprestar de novo seu telefone?

Ele o entrega a ela, que o segura sob a luz de sódio para ver melhor a tela. Paul observa enquanto Liv digita um número, depois se afasta, passando a mão inconscientemente pelo cabelo. Ela olha para trás e lhe dá um sorriso rápido e inseguro, depois vira as costas. Digita outro número, e mais outro.

— Mais alguém que você possa ligar?

— Meu pai. Acabei de tentar ligar para ele. Ninguém atende lá também. Embora seja bem possível que ele esteja dormindo. Ele dorme pesado.

Ela parece totalmente perdida.

— Olhe, posso reservar um quarto para você num hotel? Você pode me pagar quando receber os cartões.

Ela fica ali, mordendo o lábio. *Duzentas libras*. Ele se lembra do jeito com que ela disse isso, desesperada. Não é uma pessoa que parece poder bancar um quarto de hotel no centro de Londres.

Chove mais forte agora, respingando nas pernas deles, e a água gorgoleja nos bueiros à frente. Ele fala antes mesmo de pensar.

— Sabe de uma coisa? Está ficando tarde. Moro a uns vinte minutos daqui. Quer pensar a respeito e decidir quando chegarmos à minha casa? Podemos resolver tudo de lá se você quiser.

Ela lhe entrega o telefone. Ele percebe uma luta interna. Depois ela sorri, meio desconfiada, e emparelha com ele.

— Obrigada. E me desculpe. Eu realmente não pretendia estragar a noite de outra pessoa também.

* * *

À medida que se aproximam do apartamento dele, Liv fica cada vez mais calada, e ele calcula

que ela esteja ficando sóbria: alguma parte sensata dela está se perguntando com o que ela acabou de concordar. Ele se pergunta se ela está sendo aguardada por alguma namorada em algum lugar. Ela é bonita, mas do jeito que as mulheres são quando não querem chamar a atenção do sexo masculino sobre elas: sem maquiagem, cabelo puxado para trás num rabo de cavalo. Será que isso é coisa de gay? Sua pele é muito boa para que ela seja uma bebedora contumaz. Tem pernas firmes e um passo largo, que indicam o hábito de se exercitar. Mas anda na defensiva, de braços cruzados.

Chegam ao apartamento dele, um duplex em cima de um café nos arredores de Theaterland, e ele se coloca bem atrás dela ao abrir a porta.

Paul acende as luzes e vai direto para a mesa de centro. Recolhe os jornais e a caneca daquela manhã, vendo o apartamento com os olhos de um estranho: muito pequeno, entulhado de livros de referências, fotografias e móveis. Felizmente, sem meias ou roupa suja espalhadas. Ele entra na cozinha e liga a chaleira, pega uma toalha para enxugar o cabelo e observa enquanto ela circula com hesitação por ali, aparentemente tranquilizada pelas estantes abarrotadas, as fotografias no console: ele de uniforme, ele e Jake rindo, abraçados.

— É seu filho?

— É.

— Ele se parece com você.

Ela pega uma fotografia dele, Jake e Leonie, tirada quando Jake tinha quatro anos. O outro braço continua rígido em volta da barriga. Ele lhe ofereceria uma camiseta, mas não quer que ela pense que ele esteja tentando fazê-la tirar a roupa.

— É a mãe dele?

— É.

— Você... não é gay, então?

Paul por um instante não sabe o que dizer.

— Não! Ah. Não, aquele é o bar do meu irmão.

— Ah.

Ele aponta para a fotografia em que está de uniforme.

— Aí eu não estou fazendo um número do Village People. Eu realmente era policial.

Ela começa a rir, o tipo de riso que vem quando a única alternativa são as lágrimas. Então enxuga os olhos e lhe dá um sorriso encabulado.

— Sinto muito. Hoje é um dia ruim. E já era antes de terem roubado minha bolsa.

Ela é muito bonita, pensa ele de repente. Tem um ar vulnerável, como se a tivessem despidido de uma camada de pele. Ela se vira para ele, e ele desvia o rosto bruscamente.

— Paul, você tem alguma bebida aí? Sem ser café. Sei que provavelmente me acha uma bêbada inveterada, mas eu realmente estou precisando de uma bebida agora.

Ele desliga a chaleira, serve uma taça de vinho para os dois e volta para a sala. Ela está

sentada na beirada do sofá, com os cotovelos metidos entre os joelhos.

— Quer conversar? Um ex-policial geralmente já ouviu muita coisa. — Ele lhe entrega a taça de vinho. — Muito piores que a sua. Eu apostaria dinheiro nisso.

— Mais ou menos. — Ela dá um gole ruidoso no vinho. Então, bruscamente, vira-se para ele. — Na verdade, sim. Hoje faz quatro anos que meu marido morreu. Ele morreu. Muita gente não conseguia nem mencionar a palavra quando ele morreu, e agora ficam me dizendo que eu devia seguir em frente. Não tenho ideia de como seguir em frente. Tem uma gótica morando na minha casa, e eu nem me lembro do sobrenome dela. Estou devendo a Deus e todo mundo. E fui a um bar gay hoje porque eu não podia encarar a solidão em casa, e roubaram a minha bolsa com as duzentas libras que saquei, emprestadas do meu cartão de crédito, para pagar o imposto da prefeitura. E quando você perguntou se havia mais alguém para quem eu poderia ligar, a única pessoa que me ocorreu foi Fran, a mulher que mora numas caixas de papelão no fim do meu quarteirão.

Ele está tão ocupado digerindo a palavra “marido” que mal ouve o resto.

— Bem, posso lhe oferecer uma cama.

Aquele olhar desconfiado de novo.

— A cama do meu filho. Não é a mais confortável do mundo. Quer dizer, meu irmão dormiu nela algumas vezes quando brigou com o último namorado, e diz que desde então precisa ir ao ortopedista, mas é uma cama.

Ele faz uma pausa.

— Deve ser melhor do que umas caixas de papelão.

Ela olha de lado para ele.

— Tudo bem. Um pouquinho melhor.

Ela dá um sorriso sarcástico dentro do copo.

— Eu não poderia pedir à Fran, afinal de contas. Ela nunca me convida para entrar.

— Poxa, que grosseria. Eu não gostaria de ir à casa dela, mesmo. Fique aí. Vou arranjar uma escova de dentes para você.

* * *

Às vezes, Liv pensa, é possível cair num universo paralelo. A pessoa sabe o que a espera — uma noite chata na frente da TV, beber num bar, esconder-se da sua história — e de repente dá uma guinada e chega a um destino que ela nem sabia que existia. É tudo, aparentemente, um desastre: o roubo da bolsa, a perda do dinheiro, a morte do marido, o desacerto da vida. E aí está ela, sentada no pequeno apartamento de um americano de olhos azuis e cabelo grisalho e são quase três da manhã, e ele está fazendo ela rir, rir mesmo, como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo.

Ela bebeu muito. Foram pelo menos três taças desde que chegou ali, sem contar com o que consumiu no bar. Mas ela atingiu aquele raro e agradável estado de equilíbrio alcoólico. Não está bêbada o bastante para se sentir enjoada ou tonta. Está alegre o suficiente para ficar leve, flutuando naquele momento prazeroso, com o homem e as risadas, e o pequeno apartamento entulhado que não lhe traz lembranças. Eles conversaram e conversaram e conversaram, suas vozes ficando cada vez mais altas. E ela lhe contou tudo, liberada pelo choque e pelo álcool, e pelo fato de ele ser um estranho que ela provavelmente não veria de novo. Ele lhe contou do terrível divórcio, da política da polícia e por que ele era inadequado para isso, e por que sente falta de Nova York, mas não pode voltar até o filho crescer. Ela quer lhe contar tudo, porque ele parece entender tudo. Fala da sua dor e da sua raiva, e como olha para os outros casais e simplesmente não consegue enxergar o porquê de tentar de novo. Porque nenhum deles parece propriamente muito feliz. Nenhum.

— Olhe, farei papel de advogado do diabo aqui. — Paul pousa o copo. — E isso vem de uma pessoa que ferrou completamente com a própria relação. Mas você ficou casada quatro anos, certo?

— Certo.

— Não quero parecer cínico nem nada, mas não acha que uma das razões dessa perfeição na sua cabeça é o fato de ele ter morrido? Tudo sempre fica perfeito quando é cortado antes do tempo. Há uma indústria de ícones mortos do cinema para provar isso.

— Então você está dizendo que se ele estivesse vivo nós teríamos ficado ranzinhas e fartos um do outro como todo mundo?

— Não necessariamente. Mas o convívio e os filhos, o trabalho e o estresse da vida diária podem acabar com o romance, com certeza.

— A voz da experiência.

— É. Pode ser.

— Bem, não acabou.

Ela balança a cabeça enfaticamente. O ambiente roda um pouco.

— Ah, espere aí, deve ter havido algumas vezes em que você ficou meio cheia dele. Todo mundo fica. Quando ele reclamava, por exemplo, por você gastar demais, soltar pum na cama ou deixar o tubo da pasta de dentes destampado...

Liv torna a balançar a cabeça.

— Por que todo mundo faz isso? Por que todo mundo quer tanto diminuir o que tivemos? Quer saber? A gente era feliz. A gente não brigava. Não por causa de pasta de dente nem por soltar pum ou seja lá o que for. A gente simplesmente se gostava. Éramos... felizes.

Ela está lutando contra o choro e vira a cabeça para a janela, reprimindo as lágrimas. Hoje não vai chorar. Não vai.

Há um longo silêncio. *Filho da puta*, pensa ela.

— Então vocês eram felizardos — diz a voz atrás dela.

Ela se vira e Paul McCafferty está lhe oferecendo o restinho da garrafa.

— Felizardos?

— Poucos conseguem isso. Mesmo por quatro anos. Você devia ser agradecida.

Agradecida. Faz todo o sentido quando ele fala isso daquela maneira.

— Sim — diz ela logo depois. — Devia, sim.

— Na verdade, histórias como a sua me dão esperança.

Ela sorri.

— É gentil dizer isso.

— Bem, é verdade. Um brinde a... Como é o nome dele? — Paul ergue o copo.

— David.

— A David. Um dos caras bons.

Ela está sorrindo; um sorriso rasgado e inesperado. Nota o vago olhar de surpresa dele.

— Sim — diz ela. — A David.

Paul bebe um gole do vinho.

— É a primeira vez que convido uma mulher para minha casa e acabo brindando ao marido dela.

E lá está de novo: o sorriso, borbulhando dentro dela, um visitante inesperado.

Ele se vira para ela.

— Sabe, andei querendo fazer isso a noite inteira. — Ele se inclina e, antes que ela tenha tempo de se imobilizar, ele estica o polegar e limpa delicadamente embaixo de seu olho esquerdo. — A sua maquiagem — diz ele, mostrando o polegar. — Eu não tinha certeza se você sabia.

Liv fica olhando para ele, e uma sensação inesperada e elétrica a percorre. Ela olha para aquelas mãos fortes e sardentas, o jeito que o colarinho dele encontra o pescoço, e sua mente se esvazia. Pousa os óculos, inclina-se para a frente e, antes que ele possa dizer algo, ela faz a única coisa que lhe vem à cabeça e coloca os lábios nos dele. Há um breve choque entre eles, depois ela sente a respiração dele na sua pele, uma das mãos se levantando para chegar à sua cintura e ele está correspondendo, com seus lábios macios e quentes e com um leve gosto de vinho. Ela se deixa fundir com ele, sua respiração se acelerando, flutuando em álcool e em emoção e na ternura de simplesmente se deixar abraçar. Ah, Deus, mas *este homem*. Ela tem os olhos cerrados, a cabeça rodando, os beijos dele são macios e deliciosos.

E aí, ele recua. Ela custa um pouco a se dar conta. Recua também, só uns centímetros, a respiração presa no peito. *Quem é você?*

Ele olha nos olhos dela. Pisca.

— Sabe... acho você absolutamente encantadora. Mas tenho regras em relação a esse tipo de coisa.

Os lábios dela parecem inchados.

— Você está... com alguém?

— Não. Eu só... Eu só... — Ele passa a mão no cabelo. Cerra os lábios. — Liv, você não parece...

— Estou bêbada.

— Sim, está.

Ela suspira.

— Eu fazia um sexo maravilhoso quando estava bêbada.

— Agora você precisa parar de falar. Estou tentando ser muito, muito bom aqui.

Ela se atira nas almofadas do sofá.

— É verdade. Algumas mulheres são um lixo quando estão de porre. Eu não era.

— Liv...

— E você é... delicioso.

A barba dele já desponta no queixo, como se quase os alertando para o fato de que a manhã se aproxima. Ela quer correr os dedos por aqueles pequenos pelos, sentir sua aspereza na pele. Ela estende a mão, e ele se afasta dela.

— *Beeem...* estou indo. Tudo bem, sim, estou indo. — Ele se põe de pé, respira fundo. Não quer olhar para ela. — Hã, ali é o quarto do meu filho. Se precisar beber água ou qualquer coisa, tem uma torneira. Hã, sai água dela.

Ele pega uma revista e a coloca no mesmo lugar. E então, faz a mesma coisa com outra revista.

— E há revistas. Se quiser algo para ler. Montes de...

Isso não pode parar aí. Ela o quer tanto que é como se o seu corpo todo irradiasse isso. Ela poderia até mesmo implorar, agora. Ainda sente o calor da mão dele em sua cintura, o gosto de seus lábios. Eles ficam se olhando um instante. *Não está sentindo isso? Não vá embora*, deseja ela em silêncio. *Por favor, não me deixe.*

— Boa noite, Liv — diz ele.

Ele olha para ela mais um instante, depois vai pisando de leve pelo corredor e fecha a porta do seu quarto sem fazer barulho.

* * *

Quatro horas depois, Liv acorda num cubículo com um edredom do Arsenal e a cabeça latejando tanto que ela tem que pôr a mão para ver se não está sendo atacada. Pisca, nota com o olhar turvo as figuras de desenho animado japonês na parede em frente e deixa sua mente juntar lentamente as informações da noite anterior.

Bolsa roubada. Ela fecha os olhos. Ah, não.

Cama desconhecida. Ela não tem chave. Ah, meu Deus, ela não tem chave. Nem dinheiro. Tenta se mexer, e a cabeça dói tanto que ela tem vontade de gritar.

Então, lembra-se do homem. *Pete? Paul?* Ela se vê andando por ruas desertas de madrugada. E então se vê atirando-se para beijá-lo, e o recuo cortês dele. *Você é... delicioso.*

— Ah, não — diz baixinho, depois tapa os olhos com as mãos. — Ah, eu não...

Senta-se e vai para a beira da cama, notando um carrinho amarelo de plástico perto do seu pé direito. Então, quando ouve uma porta se abrindo e um chuveiro sendo ligado, Liv pega os sapatos e a jaqueta, e sai do apartamento para o dissonante dia que começa.

— Está parecendo que fomos invadidos. — O CEO dá um passo para trás, os braços cobertos por uma camisa de manga comprida estão cruzados no peito, e ele ri nervosamente. — Será que... todo mundo tem essa sensação?

— Ah, sim — diz ela. — Não é uma reação incomum.

Em volta dela, uns quinze adolescentes andam depressa pelo vasto saguão da Conaghy Seguros. Dois deles, Edun e Cam, estão saltando por cima das grades que correm ao longo da parede de vidro, para trás e para a frente, impulsionados habilmente por suas mãos largas, e os agasalhos brancos sobressaindo quando eles se levantam do chão de calcário. Outros tantos já entraram no átrio central, cambaleando e dando risadas estridentes à beira das passarelas perfeitamente alinhadas, apontando para baixo ao verem a enorme carpa koi nadando placidamente entre os poços angulares.

— São sempre... tão barulhentos assim? — pergunta o CEO.

A jovem Abiola está ao lado de Liv.

— Sim. Normalmente lhes damos dez minutos para se adaptarem ao espaço. Depois eles sossegam com uma rapidez surpreendente.

— E... nada é danificado?

— Nunca. — Liv observa Cam correr agilmente por um anteparo de madeira elevado, pulando na ponta do pé ao chegar ao fim. — Da lista de companhias anteriores que lhe dei, não tivemos nem um pedaço de carpete deslocado. — Ela vê a expressão incrédula dele. — É preciso lembrar que a criança britânica média mora numa casa com uma área de menos de setenta e seis metros quadrados. — Ela balança a cabeça positivamente. — E estas devem ter sido criadas em lugares bem menores. É inevitável que, quando soltas num lugar novo, elas fiquem com um pouco de coceira nos pés. Mas observe. O espaço funciona em volta delas.

Uma vez por mês, a Fundação David Halston, parte da Solberg Halston Arquitetos, organiza uma visita de crianças desfavorecidas a um prédio de interesse arquitetônico especial. David achava que não só se devia ensinar aos jovens sobre as construções em seu ambiente, mas também deixá-los soltos nesse ambiente, para usar o espaço do jeito deles, entender o efeito do espaço. Ele queria que os jovens aproveitassem isso. Liv ainda se lembra da primeira vez em que assistiu a um debate dele com um grupo de garotos bengaleses de Whitechapel.

“O que esta entrada lhes diz quando vocês passam por ela?”, perguntara David, apontando para a enorme estrutura.

“Dinheiro”, respondera um dos garotos, e todos riram.

“É exatamente isso”, afirmara David sorrindo, “que se espera que seja dito. Aqui é uma corretora de valores. Esta porta, com suas enormes colunas de mármore e sua inscrição dourada, está lhe dizendo: ‘Dê-nos seu dinheiro. E nós faremos MAIS DINHEIRO’.” E completou, do jeito mais enfático possível: “Nós Entendemos de Dinheiro.”

“Por isso, Nikhil, a sua porta tem três metros de altura, cara.”

Um dos garotos empurrara um outro e ambos caíram no chão, rindo.

Mas funcionara. Liv viu como funcionara. David os fizera refletir sobre o espaço em volta deles, se este espaço fazia com que se sentissem livres, raivosos ou tristes. Ele lhes mostrara como a luz e o espaço se moviam, quase como se fossem vivos, ao redor dos prédios mais estranhos.

“Eles têm que ver que há uma alternativa para as caixinhas em que moram”, disse ele. “Têm que entender que são afetados pelo ambiente em que vivem.”

Desde que David morrera, Liv, com o incentivo de Sven, assumira o papel dele, reunindo-se com diretores de empresas, persuadindo-os dos benefícios do projeto e fazendo-os aceitá-los. Isso a ajudara a passar os primeiros meses, quando sentira que sua existência não tinha muito sentido. Agora, essa era a única coisa que ela aguardava com ansiedade a cada mês.

— Moça? Posso tocar no peixe?

— Não. Nada de tocar, infelizmente. Estão todos aqui? — Ela espera enquanto Abiola fazia uma rápida contagem.

— Então vamos começar. Só quero que vocês fiquem parados por dez segundos e me digam o que sentem neste espaço.

— Paz — diz um, depois que as risadas terminam.

— Por quê?

— Sei lá. É a água. E o barulho daquela cascata. É sossegado.

— O que mais os faz sentir paz?

— O céu. Não tem teto?

— Isso mesmo. Por que acha que esse pedaço não tem teto?

— Ficaram sem dinheiro. — Mais risadas.

— E quando sai, qual é a primeira coisa que você faz? Não, Dean, sei o que você tem a dizer. E não é isso.

— Respirar fundo. Respirar.

— Só que o nosso ar é cheio de merda. Este ar, eles devem passar por um filtro e coisa e tal.

— É aberto. Eles não podem filtrar.

— Mas eu respiro, sim. Bem fundo. Odeio estar trancado em lugares pequenos. Meu quarto não tem janela e tenho que dormir com a porta aberta senão parece que estou dentro de um caixão.

— O quarto do meu irmão não tem janela e minha mãe arranjou para ele um pôster com uma janela.

Eles começam a comparar os quartos. Ela gosta desses meninos e teme por eles, uma ou outra privação que jogam no seu caminho, o modo como revelam que vivem noventa e nove por cento de sua vida dentro de menos de cinco quilômetros quadrados, contidos por limites físicos ou

tolhidos pelo medo genuíno das gangues rivais e de invadir uma área proibida.

É uma obra de caridade modesta. Uma oportunidade de fazer com que ela sinta que a vida de David não foi em vão; que as ideias dele continuam. Às vezes, surge um garoto muito inteligente, que de imediato se identifica com as ideias de David, e ela tenta ajudá-los de alguma forma, falar com seus professores ou conceder bolsas de estudo. Por duas vezes ela chegou a conhecer os pais de alguns deles. Um dos primeiros *protégés* de David está fazendo faculdade de arquitetura, com uma bolsa da fundação.

Mas para a maioria deles, trata-se apenas de uma breve janela para um mundo diferente, uma ou duas horas para praticar suas habilidades de *parkour* em escadarias, corredores e átrios em mármore alheios, uma chance de ver Mammon por dentro, apesar dos olhares perplexos dos ricos que ela persuadiu a recebê-los.

— Um estudo feito alguns anos atrás mostrou que quando se reduz a quantidade de espaço por criança de dois e meio metros quadrados para um metro e meio, elas ficam mais agressivas e menos propensas a interagir umas com as outras. O que vocês acham disso?

Cam está balançando uma grade de proteção.

— Tenho que dividir um quarto com meu irmão e passo metade do tempo querendo bater nele. Ele vive invadindo o meu espaço.

— Então, em que lugares você se sente bem? Será que este lugar o faz se sentir bem?

— Ele me faz sentir como se eu não tivesse preocupações.

— Gosto das plantas. Dessas de folha grande.

— Ih, cara. Eu simplesmente ficaria sentado aqui olhando os peixes. Isso aqui é tranquilo.

Ouve-se um murmúrio de unanimidade.

— E aí, eu pescaria um e mandaria a minha mãe fritar umas batatas para comer com ele, né?

Eles todos riem. Liv olha para Abiola e, sem querer, começa a rir também.

* * *

— Correu tudo bem? — Sven se levanta da mesa para recebê-la. Ela lhe dá dois beijos no rosto, pousa a bolsa e se senta na cadeira Eames de couro branco em frente. Já é uma rotina ela ir à Solberg Halston Associados depois de cada excursão, para tomar um café e fazer o relatório. Está sempre mais cansada do que espera.

— Foi ótimo. Quando percebeu que eles não iam mergulhar nas piscinas do átrio dele, o Sr. Conaghy ficou bastante inspirado, acho. Ele ficou por perto para falar com eles. Acho que eu poderia até ter conseguido persuadi-lo a conceder um patrocínio.

— Ótimo. Boa notícia. Fique aí que vou pegar um café. Como você está? Como vai o seu parente gravemente doente?

Ela olha inexpressiva para ele.

— Sua tia.

O rubor lhe sobe às faces.

— Ah. Ah. Sim, vai indo, obrigada. Melhor.

Sven lhe entrega um café e seu olhar fixa o dela por mais um momento. Sua cadeira range baixinho quando ele se senta.

— Você tem que perdoar a Kristen. Ela simplesmente se deixa levar. Eu disse a ela que achava o homem um idiota.

— Ah. — Ela torce o nariz. — Isso era tão transparente?

— Não para Kristen. Ela não sabe que o Ebola em geral não se conserta por cirurgia. — Liv dá um suspiro e ele sorri. — Não esquite a cabeça com isso. Roger Folds é uma anta. Mas, pelo menos, foi bom ver você saindo de novo. — Ele tira os óculos. — É verdade. Você devia fazer isso com mais frequência.

— Bem, hum, eu tenho feito um pouco, ultimamente.

Ela enrubescer, pensando em sua noite com Paul McCafferty. Ela se pega voltando a isso sempre, desde então, preocupando-se com os acontecimentos da noite, como quando a língua procura um dente perdido. O que a fez agir daquela maneira? O que ele pensara dela? E depois, o arrepio inesperado, a impressão daquele beijo. Ela está gelada de vergonha, mas arde suavemente, sentindo o resíduo do beijo nos lábios. Tem a sensação de que uma parte sua há muito adormecida ganhou vida novamente. É um pouco desconcertante.

— Então, como vai o Goldstein?

— Agora não falta muito. Tivemos problemas com as novas regras de construção, mas estamos quase lá. Os Goldstein estão felizes, afinal de contas.

— Tem algumas fotos?

O Edifício Goldstein fora a encomenda dos sonhos de David: uma ampla estrutura orgânica em vidro estendendo-se ao redor de meia praça no limite da City. Ele passara dois anos do casamento trabalhando no prédio, persuadindo os ricos irmãos Goldstein a compartilhar sua visão ousada, a criar algo diferente dos castelos retos de concreto em volta deles, e ainda trabalhava nele quando morreu. Sven assumira o projeto e supervisionara todos os estágios do planejamento, e agora administrava sua construção propriamente dita. Fora um processo problemático, com atraso nos fretes de materiais da China, vidros errados, fundações inadequadas para o solo de Londres. Mas agora, finalmente, o prédio está subindo exatamente como planejado, cada painel de vidro brilhando como as escamas de uma serpente gigantesca.

Sven folheia uns documentos em sua mesa, pega uma fotografia e a entrega a Liv. Ela olha para a vasta estrutura, cercada de tapumes azuis, mas de alguma forma, ainda que indefinível, uma obra de David.

— Vai ser glorioso.

Ela não consegue deixar de sorrir.

— Eu queria lhe contar. Concordaram em colocar uma pequena placa no saguão em memória dele.

— É mesmo?

Sua garganta se fecha.

— É, Jerry Goldstein me contou na semana passada. Acharam que seria simpático lembrar David de alguma maneira. Gostavam muito dele.

Ela deixa essa ideia assentar.

— Que... que maravilha.

— Eu também achei. Você irá à inauguração?

— Eu adoraria.

— Ótimo. E como vai tudo o mais?

Ela toma um gole de café. Sempre se sente ligeiramente inibida de falar sobre sua vida com Sven. É como se sua falta de perspectiva pudesse desapontá-lo.

— Bem, parece que arranjei uma pessoa para morar comigo. O que é... interessante. Continuo correndo. O trabalho anda meio parado.

— Está ruim até que ponto?

Ela tenta sorrir.

— Com franqueza? Provavelmente eu estaria ganhando mais numa fábrica de Bangladesh exploradora de mão de obra.

Sven baixa o olhar para as mãos.

— Você... não pensou que poderia ser hora de começar a fazer outra coisa?

— Eu não estou preparada para mais nada.

Ela sabe há muito tempo que não foi a atitude mais sábia abrir mão do trabalho para acompanhar David durante o tempo em que foram casados. Enquanto suas amigas construíam carreiras, trabalhavam doze horas por dia no escritório, ela simplesmente viajava com ele, para Paris, Sydney, Barcelona. Ele não precisava que ela trabalhasse. Parecia burrice ficar longe dele o tempo todo. E, depois, ela não seria boa em quase nada. Não por muito tempo.

— Tive que hipotecar a casa no ano passado. E agora não consigo manter os pagamentos em dia — diz ela como uma pecadora no confessionário.

Mas Sven não parece surpreso.

— Sabe... Se algum dia você quiser vendê-la, eu poderia facilmente arranjar um comprador.

— Vender?

— É uma casa grande para se morar. E... não sei. Você está muito isolada lá. Foi uma coisa maravilhosa para David ganhar experiência e um refúgio agradável para vocês dois, mas não acha que devia voltar para o meio das coisas de novo? Num lugar com um pouquinho mais de

vida? Um bom apartamento em Notting Hill ou Clerkenwell, talvez.

— Não posso vender a casa de David.

— Por quê?

— Porque seria simplesmente errado.

Ele não diz o óbvio. Não precisa: está ali, no jeito que ele se recosta na cadeira e fecha a boca sobre as palavras.

— Bem — diz, debruçando-se na mesa. — Só estou pensando alto.

Atrás dele, há um enorme guindaste em movimento, vigas de ferro cortando o céu enquanto são transportadas em direção a um cavernoso espaço de cobertura do outro lado da rua. Quando a Solbert Halston Arquitetos se mudou para aquele lugar, cinco anos antes, a vista era uma sucessão de lojas malconservadas — casa de apostas, lavanderia automática, roupas usadas —, com ladrilhos encardidos, janelas cobertas por anos de fuligem e poeira acumulados. Agora só há um buraco. É possível que da próxima vez ela não reconheça a vista.

— Como vão as crianças? — pergunta ela de repente.

E Sven, com o tato de alguém que a conhece há anos, muda de assunto.

* * *

É entre uma reunião mensal e outra que Paul nota que Miriam, a secretária que compartilha com Janey, está sentada não numa cadeira, mas em duas grandes caixas de arquivos. Ela está numa má posição, com as pernas de lado, numa tentativa de manter a saia em um comprimento recatado, as costas apoiadas em outras caixas.

A certa altura, em meados dos anos 1990, a recuperação de obras de arte roubadas virara um grande negócio. Ninguém na Trace and Return Partnership parecia ter previsto isso, portanto, quinze anos depois, as reuniões são realizadas na sala cada vez mais apertada de Janey, os três espremidos entre pilhas bambas de pastas, caixas de faxes ou fotocópias, ou, se há clientes envolvidos, no café do bairro. Ele já disse muitas vezes que deviam procurar instalações novas. Todas as vezes, Janey olha para ele como se fosse a primeira vez que ouve aquilo, e diz, sim, sim, boa ideia. E nada faz a respeito.

— Miriam?

Paul se levanta, oferece sua cadeira, mas ela recusa.

— Estou bem — diz Miriam. — De verdade.

Ela fica balançando a cabeça, como se para se convencer disso.

— Você está caindo dentro de “Disputas Não Resolvidas: 1966” — diz Paul. Ele gostaria de acrescentar: *E eu posso ver até a metade de sua saia.*

— É sério. Estou bastante confortável.

— Miriam. Sério, eu posso simplesmente...

— Miriam está bem, Paul. Mesmo.

Janey ajusta os óculos no nariz.

— Ah, sim. Estou muito confortável aqui.

Ela continua balançando a cabeça até ele olhar para o outro lado. Isso faz com que se sintam mal.

— Ok, então. Em que ponto estamos?

Sean, o advogado, começa repassar seus próximos compromissos. Um contato com o governo espanhol para devolver um Velázquez roubado a um colecionador particular, duas notáveis recuperações de esculturas, uma possível alteração da legislação para ações de restituição. Paul se recosta na cadeira e pousa a esferográfica no bloco.

E ela está ali de novo, sorrindo melancólica. Sua gargalhada inesperada. A tristeza nas pequenas rugas em volta de seus olhos. *Eu fazia um sexo maravilhoso quando estava bêbada.*

Ele não quer confessar a si mesmo quão desapontado ficou quando ao sair do banheiro naquela manhã viu que ela simplesmente abrira a porta e fora embora. O edredom do seu filho estava esticado, e havia apenas uma ausência no lugar dela. Nada de bilhete. Nada de número de telefone. Nada.

— Ela é uma cliente habitual? — perguntou a Greg, como quem não quer nada, ao telefone naquela noite.

— Não. Eu nunca tinha visto. Me desculpe por ter jogado ela em cima de você daquele jeito, irmão.

— Tudo bem — disse ele.

Não se dera o trabalho de dizer a Greg para ficar de olho caso ela voltasse. Algo lhe dizia que ela não voltaria.

— Paul?

Ele se concentra de novo no bloco A4 à sua frente.

— Hum... Bem, como você sabe, conseguimos a devolução do quadro Nowicki. Vai ser posto em leilão. O que é, obviamente, hum, recompensador. — Ele finge não ver o olhar de alerta de Janey. — E este mês tenho uma reunião sobre a coleção de estatuetas da Bonhams, uma pista de um Lowry que foi roubado de uma mansão em Ayrshire e... — Ele folheia os papéis. — Esta obra francesa que foi saqueada na Primeira Guerra Mundial e apareceu na casa de um arquiteto em Londres. Imagino que, pelo valor, não vão abrir mão dela sem alguma briga. Mas parece bastante simples se conseguirmos comprovar que foi mesmo roubada. Sean, talvez você queira desencavar algum precedente legal em relação a objetos da Primeira Guerra Mundial.

Sean toma nota.

— Além disso, acabei de pegar os casos do mês passado que estou tocando e estou vendo com algumas seguradoras se elas querem se envolver com um novo registro de belas-artes.

— Outro? — diz Janey.

— É a Brigada de Antiguidades e Obras de Arte em menor escala — diz Paul. — As seguradoras estão ficando nervosas.

— Mas poderia ser uma boa notícia para nós. Em que pé estamos em relação ao Stubbs?

Ele dá uma batidinha na ponta da caneta.

— Parados.

— Sean?

— É um caso complicado. Andei buscando precedentes, mas pode ir a julgamento.

Janey faz que sim com a cabeça, depois ergue os olhos quando o celular de Paul toca.

— Me desculpem — diz ele e tira o aparelho do bolso. Ele examina o nome no visor. — Na verdade, se me dão licença, acho que devo atender essa ligação. Sherrie! Oi.

Paul sente os olhos de Janey queimando por trás dele quando passa cuidadosamente por cima das pernas dos colegas e entra na sua sala. Ele fecha a porta ao passar.

— Conseguiu?... O nome dela? Liv. Não. É só o que tenho... Tem? Pode descrever?... Sim, parece ela. Cabelo castanho médio, talvez loura, na altura do ombro. Usa rabo de cavalo?... Telefone, carteira, não sei o que mais. Nada de endereço?... Não, não tenho. Claro, Sherrie, você me faz um favor? Posso buscar a bolsa?

Ele olha pela janela.

— Sim. Sim. Eu tenho. Acabei de me dar conta... acho que já sei como devolvê-la a ela.

* * *

— Alô?

— É a Liv?

— Não.

Ele faz uma pausa.

— Hã... ela está?

— Você é oficial de justiça?

— Não.

— Bem, ela não está.

— Sabe a que horas volta?

— Tem certeza de que você não é oficial de justiça?

— Eu realmente não sou oficial de justiça. Estou com a bolsa dela.

— Você é ladrão de bolsa? Porque se estiver tentando fazer chantagem com ela, está perdendo seu tempo.

— Não sou ladrão de bolsa. Nem oficial de justiça. Sou um homem que encontrou a bolsa

dela e está tentando devolvê-la.

Ele puxa o colarinho.

Há uma longa pausa.

— Como consegui este número?

— Está no meu telefone. Ela pegou emprestado quando tentou ligar para casa.

— Você estava com ela?

Ele sente um pequeno vislumbre de prazer. Hesita, tenta não parecer muito entusiasmado.

— Por quê? Ela falou em mim?

— Não. — Barulho de chaleira fervendo. — Eu só estava sendo intrometida. Olhe. Ela está só fazendo o passeio anual dela para fora de casa. Se você vier lá pelas quatro, ela já deverá estar de volta. Se não, eu recebo por ela.

— E você é?

Uma longa pausa de desconfiança.

— Eu sou a mulher que recebe bolsas roubadas para Liv.

— Certo. Então qual é o endereço?

— Você não sabe? — Faz-se outro silêncio. — Humm. Olha só, venha à esquina da rua Audley com a Parkers Lane, e alguém vai encontrá-lo lá...

— Não sou ladrão de bolsa.

— É o que você fica repetindo. Ligue quando estiver lá. — Dá para ele ouvir a mulher pensando. — Se ninguém atender você pode entregar a bolsa à mulher nas caixas de papelão perto da porta dos fundos. O nome dela é Fran. E se a gente decidir encontrar você, nada de gracinhas. A gente tem uma arma.

Antes que ele possa dizer algo, ela já desligou. Ele se senta à sua mesa, olhando para o telefone.

Janey entra em sua sala sem bater. Esse seu hábito já começa a aborrecê-lo. Faz com que ele ache que ela está tentando apanhá-lo no meio de alguma coisa.

— O quadro de Lefèvre. Já mandamos a carta de apresentação?

— Não. Ainda estou checando se ele já foi exposto.

— Temos o endereço dos donos atuais?

— A revista não mantém um registro disso. Mas tudo bem. Vou mandar a carta para o endereço comercial dele. Se é arquiteto, não deve ser difícil de ser encontrado. A empresa provavelmente está no nome dele.

— Ótimo. Acabei de receber uma mensagem dizendo que os autores da ação vêm a Londres dentro de algumas semanas e querem uma reunião. Vai ser maravilhoso se conseguirmos uma resposta inicial antes disso. Pode me dar umas datas?

— Vou dar.

Ele fica olhando fixo para a tela do computador, embora só tenha à sua frente o descanso de

tela, até Janey se tocar e sair.

* * *

Mo está em casa. Ela tem um aspecto surpreendentemente discreto, mesmo com o preto retinto de seu cabelo e suas roupas. De vez em quando, Liv meio que acorda às seis horas e a ouve andando de mansinho, preparando-se para sair para o seu turno da manhã na casa de assistência social. Liv acha a presença de outra pessoa em casa estranhamente confortadora.

Mo cozinha diariamente ou traz para casa comida do restaurante, deixando pratos cobertos com papel alumínio na geladeira e bilhetes com instruções na mesa da cozinha. “Esquente por 40 mins a 180. Isso significaria ACENDER O FORNO” e “ACABE COM ISSO, POIS AMANHÃ VAI SAIR DO RECIPIENTE E NOS MATAR.” A casa já não cheira a cigarro. Liv desconfia que Mo fuma escondido no deque, mas não pergunta.

Elas entraram numa espécie de rotina. Liv se levanta, sai para suas caminhadas, os passos retumbando, a cabeça cheia de barulho. Parou de comprar café, então faz um chá para Fran, come sua torrada e se senta diante da escrivaninha tentando não se preocupar com a falta de trabalho. Mas agora descobre que meio que espera com ansiedade ouvir a chave na fechadura às três da tarde, quando Mo chega. Mo não se ofereceu para pagar o aluguel — e ela não sabe bem se alguma delas quer pensar se isso é um acerto formal —, mas, quando soube da bolsa de Liv, no dia seguinte apareceu um monte de dinheiro amassado na mesa da cozinha. *Taxa de emergência do conselho*, dizia o bilhete que acompanhava o dinheiro. *Não comece a ficar toda esquisita com isso.*

Liv não ficou nem remotamente esquisita com aquilo. Não tinha escolha.

* * *

Elas estão tomando chá e lendo um jornal gratuito quando o telefone toca. Mo ergue os olhos, como um cão de caça farejando o ar, olha o relógio e diz:

— Ah, eu sei quem é. — Liv volta a ler o jornal. — É o homem com a sua bolsa.

A caneca de Liv para no ar.

— O quê?

— Esqueci de contar. Ele ligou mais cedo. Mandei esperar na esquina que a gente descia.

— Que tipo de homem?

— Sei lá. Eu só me certifiquei de que ele não era oficial de justiça.

— Ai, Deus. Ele está mesmo com a bolsa? Acha que vai querer uma recompensa?

Ela procura nos bolsos. Tem quatro libras em moedas e uns trocados, que ela segura à sua frente.

— Não parece muito, parece?

— Fora os prazeres sexuais é mais ou menos tudo o que você tem.

— São quatro libras.

Elas entram no elevador, e Liv aperta o dinheiro na mão. Mo dá uma risadinha.

— O que foi?

— Eu só estava pensando. Seria engraçado se a gente roubasse a bolsa *dele*. Sabe, assaltasse ele. Garotas assaltantes. — Ela ri. — Uma vez roubei giz do correio. Tenho histórico.

Liv fica chocada.

— Ah, eu tinha sete anos — diz Mo séria.

Elas ficam caladas até o elevador chegar ao térreo. Quando a porta abre, Mo diz:

— A gente podia mesmo fugir. Ele não sabe seu endereço.

— Mo... — começa Liv, mas, ao sair da portaria, vê o homem na esquina, a cor do seu cabelo, o jeito que ele passa a mão no alto da cabeça, e dá meia-volta, com as faces em chamas.

— O que foi? Onde você vai?

— Não posso ir lá fora.

— Por quê? Estou vendo sua bolsa. Ele parece direito. Acho que não é um assaltante. Está de sapato. Nenhum assaltante usa sapato.

— Você pode ir pegá-la para mim? Eu não posso falar com ele.

— Por quê? — Mo a observa tentando entender. — Por que você ficou tão vermelha?

— Olhe, eu dormi na casa dele. E isso é constrangedor.

— Ai, meu Deus. Você deu para aquele homem?

— Não, não dei.

— Você deu. — Mo franze os olhos para ela. — Ou quis dar. VOCÊ QUIS DAR. Está muito perturbada.

— Mo... dá para você pegar a bolsa para mim, por favor? Diga a ele que não estou em casa. Por favor.

Antes de Mo poder dizer qualquer coisa, Liv está de volta ao elevador, apertando o botão para levá-la ao último andar, atordoada. Quando chega à Casa de Vidro, Liv encosta a testa na porta e escuta o coração retumbando nos ouvidos.

Tenho trinta anos, diz a si mesma.

Atrás dela, a porta do elevador se abre.

— Ai, meu Deus, obrigada, Mo, eu...

Paul McCafferty está diante dela.

— Onde está Mo? — pergunta Liv, bruscamente.

— É a garota que mora com você? Ela é... interessante.

Liv não consegue falar. Sua língua inchou e lhe encheu a boca. Ela leva a mão ao cabelo:

está consciente de que não o lavou.

— Enfim — diz ele. — Oi.

— Olá.

Ele estende a mão.

— Sua bolsa. É a sua, certo?

— Não acredito que você a achou.

— Sou bom em achar coisas. É o meu trabalho.

— Ah. Sim. O lance do ex-policia! Bem, obrigada. Mesmo.

— Estava numa lixeira se lhe interessa saber. Com duas outras. Na frente da Biblioteca da University College. O zelador as achou e entregou. Acho que seus cartões e seu telefone se foram... A boa notícia é que o dinheiro ficou.

— O quê?

— É. Incrível. Duzentas libras. Eu conferi.

O alívio a inunda, como um banho quente.

— Mesmo? Deixaram o dinheiro? Não entendo.

— Nem eu. Acho que o dinheiro só pode ter caído da carteira quando a abriram.

Ela pega a bolsa e revira o conteúdo. Há duzentas libras soltas no fundo, com a sua escova de cabelo, o livro que ela estava lendo naquela manhã e um batom aberto.

— É a primeira vez que vejo uma coisa dessas. Mesmo assim, isso vai ajudar, não é? Menos uma preocupação.

Ele está sorrindo. Não um sorriso compreensivo, tipo ah, sua alcoólatra que deu em cima de mim, mas sim o sorriso de alguém que está muito satisfeito.

Ela se pega sorrindo também.

— Isso é... simplesmente incrível.

— Então posso receber minha recompensa de quatro libras? — Ela pisca para ele. — Mo me contou. Brincadeira. Mesmo. — Ele ri. — Mas... — Ele olha para os pés um instante. — Liv, você gostaria de sair qualquer hora? — Ela não responde de imediato e ele acrescenta: — Não precisa ser nada de mais. A gente podia não se embriagar. E não ir a um bar gay. Podíamos dar uma volta por aí, cada um com a sua chave de casa, sem deixar nossas bolsas serem roubadas.

— Tudo bem — diz ela devagar e percebe que está sorrindo de novo. — Gostaria, sim.

* * *

Paul McCafferty faz todo o trajeto de descida assobiando para si mesmo no elevador barulhento e instável. Quando chega ao térreo, pega o recibo do caixa eletrônico no bolso, amassa-o e o joga na lixeira mais próxima.

Eles saem quatro vezes. Na primeira, comem uma pizza e ela se atém à água mineral até ter certeza de que ele não a considera mesmo uma esponja, e aí se permite um gim-tônica. É o gim-tônica mais delicioso que já tomou. Ele a acompanha até sua casa e dá a impressão de já estar quase indo embora, então, após um instante de leve constrangimento, dá um beijo no rosto dela e ambos riem, como se soubessem que aquilo tudo é meio embaraçoso. Sem pensar, ela se inclina para a frente e o beija propriamente, um beijo rápido, mas decidido. Um beijo que insinua algo dela. Isso a deixa meio sem fôlego. Ele entra no elevador de costas e continua sorrindo quando as portas se fecham.

Ela gosta dele.

Na segunda vez, eles vão assistir ao show de uma banda recomendada pelo irmão dele, e é horrível. Depois de vinte minutos, ela vê, com certo alívio, que ele também está achando ruim, e, quando ele pergunta se ela quer ir embora, eles se veem de mãos dadas para não se perderem ao abrirem caminho pelo bar repleto de gente. De certa forma, eles não se largam até chegarem ao apartamento dele. Ali conversam sobre suas infâncias, e as bandas de que gostam e os tipos de cachorro e o horror a abobrinhas, depois se beijam no sofá até ela ficar com as pernas meio bambas. Ela passa dois dias inteiros com o queixo vermelho depois disso.

Alguns dias depois, ele lhe telefona na hora do almoço para dizer que por acaso está passando perto de uma cafeteria nas redondezas e pergunta se ela quer tomar um café rapidamente.

— Você estava de passagem mesmo? — pergunta ela, depois que esticaram o café e o bolo o máximo que a hora de almoço dele permite.

— Claro — diz ele, e depois, para alegria dela, as orelhas dele ficam vermelhas. Ele a vê olhando e leva a mão ao lobo esquerdo. — Ah, cara. Eu não sei mesmo mentir.

Na quarta vez, eles vão a um restaurante. O pai dela liga justo antes de chegar a sobremesa para dizer que Caroline o deixou de novo. Ele geme tão alto ao telefone que Paul tem um sobressalto do outro lado da mesa.

— Tenho que ir — diz ela e não aceita a ajuda que ele oferece.

Ela não está preparada para um encontro entre os dois homens, especialmente com a possibilidade de seu pai não estar usando calças.

Quando ela chega à casa do pai meia hora depois, Caroline já está lá.

— Esqueci que era a noite dela de modelo-vivo — diz ele, envergonhado.

Paul não tenta forçar a situação. Ela se pergunta por um instante se fala muito sobre David. Se de alguma maneira se colocou em território proibido. Mas, então, pensa que ele pode simplesmente estar tentando ser cavalheiro. Outras vezes pensa, quase com indignação, que David faz parte dela, e se Paul quer estar com ela, bem, terá que aceitar isso. Ela tem várias conversas e duas discussões imaginárias com Paul.

Acorda pensando nele, em seu jeito de se inclinar para a frente quando ouve, como se determinado a não perder uma palavra do que ela diz, no seu cabelo prematuramente grisalho nas têmporas, em seus olhos azuis, azuis. Ela já esqueceu como é acordar pensando numa pessoa, querer estar fisicamente junto dela. Sentir-se meio tonta ao se lembrar do cheiro da pele dela. Ainda não tem trabalho suficiente, mas isso a incomoda menos. Às vezes, ele lhe manda uma mensagem de texto no meio do dia e ela a ouve falada com um sotaque americano.

Tem medo de mostrar a Paul McCafferty quanto gosta dele. Teme dar uma impressão equivocada: as regras parecem ter mudado desde a última vez que saiu com alguém nove anos atrás. Ouve Mo e suas observações impassíveis sobre encontros na internet, sobre “amizade colorida”, sobre o certo e o errado em termos de sexo — como ela deve se depilar e aparar e ter “técnicas”. E é como se estivesse ouvindo alguém falar polonês.

Acha difícil enquadrar Paul McCafferty nas afirmações de Mo sobre os homens: desleixados, aventureiros, egoístas, obcecados por pornografia. Ele é serenamente direto, um aparente livro aberto. Por isso, subir de status em sua unidade especial no Departamento de Polícia de Nova York não lhe convém, ele diz.

— Todos os pretos e brancos vão ficando bem cinzentos à medida que a pessoa sobe de status. — Ele só demonstra alguma insegurança, titubeando ao falar, quando o assunto é o filho. — O divórcio é uma merda. A gente diz a si mesmo que os filhos estão bem, que é melhor assim do que duas pessoas infelizes gritando uma com a outra, mas nunca ousamos perguntar a verdade a eles.

— A verdade?

— O que eles querem. Porque sabemos a resposta. E ela nos deixaria arrasados.

Ele foca em algum ponto à frente e, então, segundos depois, torna a sorrir.

— Mesmo assim, Jake é bom. Ele é ótimo. Melhor do que nós dois merecemos.

Ela gosta do americanismo dele, de como isso o deixa ligeiramente estrangeiro e completamente distante de David. Ele tem uma cortesia inata; é o tipo de homem que abre a porta para uma mulher por instinto, não por estar fazendo um gesto cavalheiresco, mas sim porque não lhe ocorreria não abrir a porta se alguém precisasse passar por ela. Ele tem uma espécie de autoridade sutil: as pessoas realmente saem da frente dele quando ele passa na rua. Ele não parece se dar conta disso.

— Ai, meu Deus, você está perdida — diz Mo.

— O quê? Só estou dizendo. É bom sair com uma pessoa que parece...

Mo suspira.

— Ele vai transar *muito* essa semana.

Mas ela não o convidou para voltar à Casa de Vidro. Mo percebe sua hesitação.

— Tudo bem, Rapunzel. Se vai ficar aí nessa sua torre, vai ter que deixar o príncipe que aparecer de vez em quando passar os dedos pelo seu cabelo.

— Não sei...

— Então eu andei pensando — diz Mo. — Devíamos mudar o seu quarto. Mudar um pouco a casa. Do contrário você vai sempre sentir que está trazendo alguém para a casa de David.

Liv desconfia que vai sentir isso qualquer que seja a disposição dos móveis. Mas na terça-feira à tarde, quando Mo está de folga, elas mudam a cama para o outro lado do quarto, encostando-a na parede de concreto cor de alabastro que corre como uma espinha dorsal arquitetônica pelo centro da casa. Não é um lugar natural para a cama se a pessoa for muito exigente, mas ela admite que é estimulante dar uma cara nova ao ambiente.

— Agora — diz Mo, olhando para *A garota que você deixou para trás* — Quer pendurar este quadro em outro lugar?

— Não. Ele fica.

— Mas você disse que David o comprou para você. E isso significa...

— Eu não me importo. Ela fica. Além do mais... — Liv franze os olhos para a mulher dentro da moldura. — Acho que ela ficaria estranha numa sala. Ela é muito... íntima.

— Íntima?

— Ela é... sexy. Não acha?

Mo franze os olhos para o retrato.

— Não consigo enxergar isso. Se o quarto fosse meu, eu teria uma enorme tevê de tela plana ali.

Mo sai, e Liv fica olhando para o quadro, e, pela primeira vez, não se sente angustiada. *O que acha?*, pergunta ela à garota. *Será que afinal está na hora de seguir em frente?*

* * *

Começa a dar tudo errado na sexta-feira de manhã.

— Então, você tem um encontro!

Seu pai se adianta e a envolve num abraço de urso. Ele é cheio de *joie de vivre*, expansivo e sábio. Está, de novo, falando em pontos de exclamação. E está vestido.

— Ele só... Não quero dar muita importância a isso, pai.

— Mas é maravilhoso! Você é uma moça linda! É a lei natural. Você devia estar saindo, agitando essas plumas, desfilando essa gostosura!

— Eu não tenho plumas, pai. — Ela toma um gole de chá. — E não estou cem por cento convencida da gostosura.

— O que vai usar? Uma roupa mais alegre? Caroline, o que ela deve usar?

Caroline entra na cozinha, prendendo o longo cabelo ruivo. Ela anda trabalhando em suas tapeçarias e recende vagamente a ovelha.

— Ela tem trinta anos, Michael. Pode escolher o próprio guarda-roupa.

— Mas veja só como ela se cobre! Ela ainda tem a estética de David: só preto e cinza e roupas largas. Você devia seguir o exemplo da Caroline, querida. Olhe as cores que ela usa! Uma mulher assim chama atenção...

— Uma mulher vestida como um iaque chamaria sua atenção — diz Caroline, ligando a chaleira.

Mas diz isso sem rancor. Michael está atrás dela, colado no seu corpo. Ele fecha os olhos extasiado.

— Nós homens... somos criaturas primais. Nossos olhos inevitavelmente são atraídos para a alegria e a beleza. — Abre um olho, estudando Liv. — Talvez... pelo menos você possa usar algo menos masculino.

— Masculino?

Ele recua.

— Suéter preto grande. Jeans pretos. Nada de maquiagem. Não é exatamente um canto de sereia.

— Use qualquer roupa que a deixe confortável, Liv. Não ligue para ele.

— Acha que tenho um ar masculino?

— Lembre-se, você disse que conheceu o cara num bar gay. Talvez ele goste de mulher meio com cara de... menino.

— Você é um velho bobo — diz Caroline e sai da sala levando a caneca de chá.

— Então eu tenho cara de lésbica.

— Só estou dizendo que você poderia realçar um pouquinho mais seus melhores atributos. Uma onda no cabelo, talvez. Um cinto marcando a cintura...

Caroline enfia a cabeça pela abertura da porta.

— O que você veste não importa, querida. Só não deixe de usar roupa de baixo boa. Em última instância, a lingerie é tudo o que importa.

Seu pai observa Caroline desaparecer e sopra um beijo silencioso.

— Lingerie! — diz ele com reverência.

Liv olha para suas roupas.

— Bem, obrigada, pai. Estou me sentindo ótima agora. Ótima.

— É um prazer. Quando você quiser. — Ele bate com a mão espalmada na mesa de pinho. — E me diga como aconteceu. Um encontro! Emocionante.

* * *

Liv se olha no espelho. Há três anos um homem não vê seu corpo, e, há quatro, um homem não o vê estando sóbrio o bastante para dar valor. Ela fez o que Mo sugeriu: depilou todos os vestígios de pelos corporais, usou esfoliante no rosto, fez hidratação no cabelo. Examinou a gaveta de roupa

íntima até encontrar algo que poderia definir como vagamente sedutor, sem ter perdido a cor por causa do tempo. Pintou as unhas dos pés e lixou as unhas das mãos em vez de só cortá-las com alicate.

David nunca ligou para essas coisas. Mas David não está mais aqui.

Ela examinou seu armário, revistando fileiras de calças pretas e suéteres discretos pretos e cinza. Sim, ela tem que admitir, é um guarda-roupa utilitário. Finalmente, decide-se por uma saia justa preta e um suéter de decote em V. Escolhe um par de sandálias de salto com borboletas nos dedões, que ela comprou e só usou uma vez, num casamento, mas nunca jogou fora. Talvez não estejam muito na moda, mas não podem ser confundidas com o que as lésbicas usam.

— Nossa! Olhe só!

Mo está parada à porta, de jaqueta, mochila no ombro, pronta para sair para o trabalho.

— Está exagerado? — Ela estica o pé em dúvida.

— Você está ótima. Não está usando calcinha de avó, está?

Liv respira fundo.

— Não, não estou usando calcinha de avó. Não que eu me sinta realmente na obrigação de manter as pessoas atualizadas sobre a lingerie que escolhi.

— Então vá em frente e tente não engravidar. Deixei o prato de frango que prometi, e tem uma tigela de salada na geladeira. É só acrescentar o molho. Vou dormir na casa do Ranic hoje, então não vou ficar no seu pé. É tudo seu. — Ela lança um sorriso significativo para Liv, depois desce as escadas.

Liv se vira para o espelho. Uma mulher excessivamente maquiada, de saia, olha para ela. Ela anda pela sala, meio trôpega, usando calçados com os quais não está familiarizada, tentando entender o que a deixa tão desequilibrada. A saia cai-lhe impecavelmente. A corrida deu às suas pernas uma forma atraente e bem torneada. A cor das sandálias faz um bom contraste com o restante da roupa. A lingerie é bonita sem ser vulgar. Ela cruza os braços e se senta na beira da cama. Ele deve chegar em uma hora.

Ela olha para *A garota que você deixou para trás*. Quero ser igual a você, diz em silêncio.

Pela primeira vez, aquele sorriso não lhe oferece nada. Quase parece zombar dela.

Diz: *Chance zero*.

Liv fica um instante de olhos fechados. Então pega o telefone e manda uma mensagem para Paul.

Mudança de planos. Você se incomoda se a gente se encontrar em algum lugar para beber alguma coisa?

— Então... cansou de cozinhar? Porque eu poderia ter levado algo para comermos.

Paul se recosta na cadeira, olhando de relance para um grupo de funcionários de escritório

aos gritos, que parecem ter estado ali a tarde inteira, a julgar pelo ar generalizado de flerte e embriaguez. Discretamente, ele estava se divertindo com eles, com as mulheres assanhadas, o contador cochilando no canto.

— Eu... só estava precisando sair de casa.

— Ah, sim. Trabalhar em casa... Eu me esqueço de como isso pode deixar a pessoa louca. Quando meu irmão se mudou para cá, ele passou semanas escrevendo para empresas, candidatando-se a empregos, e, quando eu chegava do trabalho, ele literalmente passava uma hora falando comigo sem parar.

— Vocês vieram juntos dos Estados Unidos?

— Ele veio para me dar apoio quando eu me divorciei. Fiquei péssimo. E depois ele acabou ficando.

Paul fora para a Inglaterra dez anos antes. Sua mulher inglesa era muito infeliz, sentia falta de casa, especialmente quando Jake era bebê, e ele largou o Departamento de Polícia de Nova York para deixá-la feliz.

— Quando chegamos aqui, vimos que era a gente, não o lugar, que estava completamente errado. Olha lá! O Homem de Terno Azul vai dar em cima da moça de cabelo bonito.

Liv dá um gole em seu drink

— Aquilo não é cabelo de verdade.

Ele franze os olhos.

— O quê? Está de brincadeira comigo. É peruca?

— Aplique. Dá para ver.

— Eu não consigo. Não vai me dizer que os seios são falsos também?

— Não, são de verdade. Ela tem peito quádruplo.

— Peito quádruplo?

— O sutiã é muito pequeno. Dá a impressão de que ela tem quatro peitos.

Paul ri tanto que começa a sufocar. Não se lembra da última vez em que riu assim. Ela sorri para ele, quase com relutância. Está meio estranha aquela noite, como se uma conversa interna paralela estivesse tornando mais lentas todas as suas reações.

Ele consegue controlar o riso.

— Então, o que achamos? — pergunta, tentando fazê-la relaxar. — A Garota do Peito Quádruplo vai topiar?

— Talvez com mais um drink. Não estou convencida de que ela goste muito dele.

— É. Ela fica olhando por cima do ombro dele enquanto fala. Acho que ela gosta de sapatos cinza.

— Nenhuma mulher gosta de sapatos cinza. Pode acreditar.

Ele ergue uma sobancelha, pousa seu drink

— Agora, você vê, é por isso que os homens acham mais fácil dividir moléculas e invadir

países do que entender o que se passa na cabeça das mulheres.

— Ora, se você tiver sorte, um dia vou deixar você dar uma olhadinha no regulamento.

Ele olha para ela fazendo-a corar, sentindo-se como se tivesse falado demais. De repente, faz-se um silêncio inexplicavelmente constrangedor. Ela fica olhando para seu drink.

— Sente falta de Nova York?

— Gosto de ir para visitar. Quando vou para casa agora, todo mundo debocha do meu sotaque.

Parece que ela só está ouvindo parcialmente.

— Não precisa ficar tão aflita — diz ele. — Mesmo. Estou feliz aqui.

— Ah. Não. Me desculpe. Não tive intenção... — As palavras morrem em seus lábios. Há um longo silêncio. Então, ela olha para ele e fala, com o dedo pousado na borda do copo. — Paul... eu queria convidar você para ir lá em casa hoje à noite. Eu queria que a gente... Mas eu... eu só... É muito cedo. Eu não posso. Não posso fazer isso. Por isso cancelei o jantar.

As palavras se diluem no ar. Ela enrubescce até a raiz dos cabelos.

Ele abre a boca e depois a fecha. Inclina-se para a frente e diz, baixinho:

— Bastaria você dizer “não estou com muita fome”.

Ela arregala os olhos, depois desaba um pouco em cima da mesa.

— Ai, meu Deus. Sair comigo é um pesadelo, não é?

— Talvez seja um pouco mais sincera do que precisa ser.

Ela suspira.

— Me desculpe. Não tenho ideia do que eu...

Ele chega para a frente, toca de leve na mão dela. Quer que ela pare de parecer aflita.

— Liv — diz com tranquilidade —, gosto de você. Acho você ótima. Mas dá para ver bem que há muito tempo você está no seu próprio espaço. E eu não... eu não... — As palavras também lhe escapam. Parece muito cedo para uma conversa como essa. E subjacente a tudo isso, apesar dele mesmo, ele luta contra a decepção. — Ah, droga, quer comer uma pizza? Porque eu estou faminto. Vamos comer alguma coisa e nos sentir constrangidos em outro lugar.

Ele sente o joelho dela encostado no dele.

— Sabe, eu tenho comida em casa, sim.

Ele ri. E para.

— Tudo bem. Bem, agora eu não sei o que dizer.

— Diga: “Seria ótimo.” E depois pode acrescentar: “Por favor, agora cale a boca, Liv, antes de complicar mais as coisas.”

— Seria ótimo, então — diz Paul.

Ele segura o casaco para ela vestir, e em seguida os dois saem do pub.

Dessa vez, não andam em silêncio. Algo se soltou entre eles, talvez por causa do que ele disse ou da sensação de alívio que de repente ela sentiu. Quase tudo que ele fala a faz rir. Vão desviando dos turistas, se metem ofegantes num táxi, e quando, ao se sentar no banco traseiro, ele estica o braço para acomodá-la, ela corresponde, aspirando o seu perfume limpo e másculo, e fica meio tonta com aquela sua sorte inesperada.

Eles chegam à quadra dela, e ele ri do primeiro encontro deles; de Mo e de sua aparente convicção de que ele era um ladrão de bolsas.

— Vou fazer você pagar aquela recompensa de quatro libras — diz ele, impassível. — Mo disse que eu tinha direito a ela.

— Mo também acha que é absolutamente aceitável colocar detergente nas bebidas de clientes de quem a gente não gosta.

— Detergente?

— Aparentemente ele faz com que passem a noite toda fazendo xixi. É como ela brinca de Deus com possibilidades românticas de seus clientes. Você nem queira saber o que ela faz com os cafês das pessoas que realmente a incomodam.

Ele balança a cabeça admirado.

— Mo está sendo desperdiçada nesse trabalho. Tem lugar para essa moça no crime organizado.

Eles saltam do táxi e entram no armazém. O ar está frio com a chegada do outono, e Liv fica arrepiada. Eles entram depressa no calor abafado do saguão. Ela se sente meio tola agora. De alguma forma, vê que nas últimas quarenta e oito horas Paul McCafferty deixou de ser uma pessoa e começou a virar uma ideia, uma coisa. Um símbolo de mudança. Era muito peso para uma novidade tão grande.

Ela ouve a voz de Mo em seus ouvidos: *Ei, moça. Você pensa demais.*

E depois, quando ele fecha a porta do elevador, eles ficam quietos. O elevador sobe lentamente, chacoalhando e fazendo barulho, as luzes piscando, como sempre. Passa pelo primeiro andar, e eles ouvem ao longe o eco de alguém subindo escadas, acordes de violoncelo vindo de algum vizinho.

Liv está profundamente consciente da presença dele no espaço fechado, do aroma penetrante de sua loção pós-barba, da impressão do braço dele em volta dos seus ombros. Olha para baixo e de repente deseja que não tivesse trocado de roupa e escolhido aquela saia careta com o sapato baixo. Ela queria estar com os sapatos de borboleta.

Ergue os olhos e vê que ele a observa. Ele não está rindo. Estende a mão, e, quando ela a segura, ele a puxa devagarinho pelos dois passos que os separam no elevador e abaixa o rosto até a altura do dela, de modo que ficam quase encostados. Mas não a beija.

Seus olhos azuis passeiam lentamente pelo rosto dela: olhos, pestanas, sobrancelhas e boca, até ela se sentir curiosamente exposta. Ela sente a respiração dele na pele, e as duas bocas estão tão próximas que ela poderia avançar e dar-lhe uma mordida leve.

Mesmo assim, ele não a beija.

E, com isso, ela estremece de desejo.

— Não consigo parar de pensar em você — murmura ele.

— Ótimo.

Ele encosta o nariz no dela. A parte superior de seus lábios se tocam. Ela sente o peso dele contra o seu corpo. Acha que talvez suas pernas tenham começado a tremer.

— Sim, está bem. Quero dizer, não, estou apavorada. Mas de um jeito bom. Eu... eu acho que...

— Pare de falar — murmura ele.

Ela sente nos lábios as palavras dele, as pontas dos dedos dele lhe descendo pelo pescoço, e não consegue falar.

E então chegam ao último andar se beijando. Ele abre a porta do elevador, e eles saem trôpegos, ainda colados um no outro, um turbilhão de desejo entre eles. Ela tem uma das mãos entre a camisa e as costas dele, absorvendo o calor de sua pele. Estende a outra para trás de si, tateando até abrir a porta.

Eles entram na casa. Ela não acende a luz. Vai cambaleando de costas, atônita com aquela boca colada na sua, aquelas mãos em sua cintura. Ela o deseja tanto que suas pernas se dissolvem. Ela colide com a parede e ouve-o xingar baixinho.

— Aqui — murmura ela. — Agora.

O corpo dele está duro contra o dela. Eles estão na cozinha. A lua paira sobre a claraboia, banhando o ambiente com um frio luar azulado. Algo perigoso entrou ali, algo escuro, vivo e delicioso. Ela hesita um segundo e tira o suéter pela cabeça. É uma pessoa que conheceu faz muito tempo, destemida, ávida. Fitando-o nos olhos, desabotoa a blusa. Um, dois, três botões. A blusa lhe escorrega dos ombros, e ela está despida até a cintura. Sua pele nua encolhe com o frio. Os olhos dele percorrem o seu torso e a respiração dela se acelera. Tudo para.

A cozinha está em silêncio, a não ser pela respiração deles. Ela se sente magnetizada. Chega para a frente, algo crescendo intenso e maravilhoso nesse breve hiato, e eles estão se beijando, um beijo que ela tem a sensação de estar esperando há anos, um beijo que ainda não tem um ponto final em mente. Ela aspira a loção pós-barba dele, fica atordoada, não pensa em mais nada. Esquece quem eles são. Ele se afasta com delicadeza, sorrindo.

— O que foi?

Ela está vidrada, sem fôlego.

— Você.

Ele não sabe o que dizer. O sorriso dela vai de orelha a orelha, e, assim, ela o beija até ficar

perdida, tonta, até a razão se esvair por seus ouvidos e ela só escutar o zumbido crescente e insistente de seu próprio desejo. *Aqui. Agora.* Os braços dele se estreitam em volta dela, e ele cola os lábios em sua clavícula. Ela o procura; a respiração está entrecortada, o coração disparado. A sensibilidade à flor da pele a faz estremecer quando os dedos dele passeiam na sua pele. Ela quer rir de alegria. Ele arranca a camisa pela cabeça. Seus beijos ficam mais intensos, exigentes. Ele a coloca desajeitadamente na bancada e ela enrosca as pernas nele. Ele se curva, levanta a saia dela até a cintura e ela se joga para trás, deixa a pele encontrar o granito frio e seu olhar se volta para o teto de vidro; suas mãos estão enredadas no cabelo dele. Em volta dela, as persianas estão abertas, as paredes de vidro são uma janela para o céu noturno. Ela olha para a escuridão pontilhada e pensa, quase triunfantemente, com sua última parte racional: *ainda estou viva.*

Então, fecha os olhos e abandona os pensamentos.

* * *

A voz dele ressoa nela.

— Liv?

Ele a está abraçando. Ela ouve a própria respiração.

— Liv?

Um tremor residual é liberado.

— Você está bem?

— Desculpe. Estou. Faz... faz muito tempo.

Os braços dele a estreitam, numa resposta silenciosa.

— Está com frio?

Ela controla a respiração antes de responder.

— Gelada.

Ela a desce da bancada e pega sua camisa no chão, enrolando-a nela devagar. Eles se olham na penumbra.

— Bem... foi...

Ela quer dizer algo espirituoso, descontraído. Mas não consegue falar. Está paralisada. Tem medo de soltá-lo, como se só ele a estivesse ancorando à terra.

O mundo real se impõe. Ela escuta o barulho do tráfego na rua, um pouco alto demais e sente o chão frio com o pé descalço. Parece que perdeu um sapato.

— Acho que deixamos a porta da frente aberta — diz ela, olhando o corredor.

— Hum... esqueça o sapato. Sabia que o seu teto sumiu?

Ela olha para cima. Não se lembra de tê-lo aberto. Deve ter encostado no botão sem querer quando eles entraram na cozinha. O ar outonal baixa em volta deles, deixando-a toda arrepiada,

como se sua pele também tivesse acabado de perceber o que acontecera. O suéter preto de Mo está pendurado nas costas de uma cadeira, como as asas abertas de um abutre ao pousar.

— Espere aí — diz ela.

Atravessa a cozinha e aperta o botão, escutando o zumbido do teto se fechando. Paul olha para a claraboia gigante, depois de novo para ela, e dá um giro completo, devagar, enquanto sua vista se adapta à penumbra, enxergando o que há em volta.

— Bem, isso... isso não é o que eu esperava.

— Por quê? O que você esperava?

— Não sei... Essa coisa toda do seu imposto municipal... — Ele olha para o teto aberto. — Uma casinha caótica. Mais ou menos como a minha. Essa é...

— A casa de David. Construída por ele.

A expressão dele muda.

— Ah. Muito ostensiva?

— Não. — Paul olha a sala e suspira. — Você tem permissão. Ele... hã... devia ser um cara incrível.

Ela serve um copo d'água para cada um e tenta não se sentir constrangida enquanto se vestem. Ele segura a saia para ela vestir. Eles se entreolham e acham certa graça, sentindo-se tremendamente tímidos depois de vestidos.

— Então... e agora? Você precisa de espaço? — Ele acrescenta: — Tenho que lhe avisar... se quiser que eu saia, talvez eu tenha que esperar até minhas pernas pararem de tremer.

Ela olha para Paul McCafferty, para o corpo dele, com o qual já estava completamente familiarizada. Não quer que ele vá embora. Quer deitar-se ao lado dele, envolver-se em seus braços, a cabeça aninhada em seu peito. Quer acordar sem precisar fugir dos próprios pensamentos. Em sua consciência, ecoa uma dúvida — *David* —, mas ela a afasta. Está na hora de viver o presente. Ela é mais do que a garota que David deixou para trás.

Sem acender a luz, ela pega a mão de Paul e o conduz pela casa escura, subindo as escadas em direção à cama.

* * *

Eles não dormem. As horas viram um miasma glorioso e confuso de pernas e braços enroscados e murmúrios. Ela havia esquecido a alegria absoluta de estar agarrada a um corpo que não consegue soltar. Sente como se tivesse sido recarregada, como se ocupasse um lugar novo na atmosfera.

São seis da manhã quando a fria centelha cintilante da aurora finalmente começa a se insinuar no quarto.

— Esse lugar é incrível — murmura ele, olhando pela janela.

Estão com as pernas enroscadas. Ela tem as impressões dos beijos dele pelo corpo todo. Sente-se drogada de felicidade.

— É sim. Mas eu não posso realmente me dar o luxo de ficar aqui. — Ela olha para ele na semiescuridão. — Estou meio encrencada financeiramente. Já me disseram que devo vender a casa.

— Mas você não quer.

— É como se fosse... uma traição.

— Bem, dá para ver por que você não quer sair daqui — diz ele. — A casa é linda. Muito tranquila. — Ele torna a olhar para cima. — Uau. Só de poder eliminar o teto sempre que lhe der vontade...

Ela se solta um pouco do abraço dele para se virar para a janela comprida, com a cabeça encaixada em seu braço.

— Há manhãs que gosto de ver as barcas indo na direção da Tower Bridge. Olhe. Com a luz certa, o rio vira uma corrente dourada.

— Uma corrente dourada, hein?

Eles se calam, e, enquanto estão observando o rio, o quarto começa a brilhar gentilmente. Ela olha para o rio, vendo-o iluminar-se gradativamente, como uma linha do futuro dela. *Isso é certo?*, ela se pergunta. *Tenho permissão para ser feliz assim de novo?*

Paul está tão calado que ela se pergunta se ele afinal adormeceu. Mas, quando ela se vira, ele está olhando para a parede em frente à cama. Está olhando para *A garota que você deixou para trás*, apenas agora visível à luz da aurora. Ela vira de lado e o observa. Ele está petrificado, sem desgrudar os olhos da imagem enquanto o dia vai clareando. *Ele a entende*, pensa ela. Sente uma pontada de algo que poderia na verdade ser pura alegria.

— Gostou dela?

Ele parece não ouvir.

Ela torna a se aninhar nele, encostando o rosto em seu ombro.

— Vai ver as cores dela com mais clareza daqui a pouco. Ela se chama *A garota que você deixou para trás*. Ou pelo menos nós... eu... acho que se chama. Está escrito no verso da moldura. Ele é... o meu objeto favorito nesta casa. Na verdade, é o meu objeto favorito no mundo inteiro. — Faz uma pausa. — David me deu na lua de mel.

Paul está calado. Ela corre o dedo pelo braço dele.

— Sei que parece bobagem, mas depois que ele morreu, eu simplesmente não queria participar de nada. Passei semanas sentada aqui. Eu... eu não queria ver outros seres humanos. E mesmo quando a situação estava muito ruim, havia algo na expressão dela... O rosto dela era o único que eu suportava. Ela era como um lembrete de que eu sobreviveria. — Liv dá um suspiro profundo. — E depois, quando você veio, me dei conta de que ela estava me lembrando de algo mais: da garota que eu era. Que não vivia se preocupando. E sabia se divertir e simplesmente...

fazia as coisas. A garota que eu quero ser outra vez.

Ele continua calado.

Ela já falou demais. O que quer é que Paul encoste o rosto no dela, é sentir seu peso em cima dela.

Mas ele não fala. Ela aguarda um instante e depois diz, só para quebrar o silêncio:

— Acho que parece bobagem... ser tão apegada a um quadro...

Quando se vira para ela, ele está com uma expressão estranha: tensa e contraída. Mesmo à meia-luz ela vê. Ele engole em seco.

— Liv... como é o seu nome?

Ela faz uma careta.

— Liv. Você sabe o...

— Não. O seu sobrenome.

Ela pisca.

— Halston. Meu sobrenome é Halston. Ah. Acho que nós nunca...

Ela não consegue imaginar onde isso vai dar. Quer que ele pare de olhar para o quadro. De repente percebe que a descontração evaporou e algo estranho tomou o seu lugar. Eles ficam ali deitados num silêncio cada vez mais desconfortável.

Ele leva a mão à cabeça.

— Hum... Liv? Você se importa se eu for embora? Estou... Tenho umas coisas de trabalho para ver.

É como se tivessem dado corda nela. Ela custa um pouco a falar, e, quando o faz, sua voz sai muito alta.

— Às seis da manhã?

— É. Me desculpe.

— Ah. — Ela pisca. — Ah. Certo.

Ele se levanta e se veste. Atordoada, ela o observa vestindo e abotoando as calças, a agilidade com que põe a camisa. Vestido, ele se vira, hesita, depois se abaixa e lhe dá um beijo no rosto. Inconscientemente, ela puxa o edredom até o queixo.

— Tem certeza de que não quer tomar café?

— Tenho. Eu... me desculpe. — Ele não sorri.

— Tudo bem.

Ele não consegue sair tão depressa quanto pretende. O desgosto começa a se instilar nela, como veneno em seu sangue.

Quando chega à porta do quarto, ele mal consegue olhar nos olhos dela. Balança a cabeça, como alguém tentando enxotar uma mosca.

— Hã... Olha. Eu... eu ligo para você.

— Tudo bem. — Ela tenta soar leve. — Você é quem sabe.

Quando a porta se fecha atrás dele, ela se inclina para a frente.

— Tomara que o lance do trabalho dê...

Liv fica olhando incrédula para o espaço que ele ocupou, suas falsas palavras de incentivo ecoando pela casa silenciosa. O vazio se insinua no espaço que Paul McCafferty de alguma maneira abriu dentro dela.

O escritório está deserto como Paul sabia que ia estar. Ele entra correndo enquanto as velhas lâmpadas fluorescentes piscam antes de acender completamente e vai direto para sua sala. Uma vez lá dentro, revira as pilhas de arquivos e pastas em sua mesa, até encontrar o que procura. Então, acende a luminária da mesa, e estende o artigo fotocopiado à sua frente, alisando-o com as mãos.

— Tomara que eu esteja errado — murmura. — Tomara que eu tenha entendido errado.

A parede da Casa de Vidro está apenas parcialmente visível, pois a imagem do quadro foi ampliada para preencher a folha de papel A4. Mas o quadro é de fato *A garota que você deixou para trás*. E, à direita dele, a janela do piso ao teto que Liv lhe mostrou, a vista que se estendia em direção a Tilbury.

Ele examina o fragmento de texto.

Halston desenhou este quarto para que seus ocupantes fossem despertados pelo sol da manhã. “Num primeiro momento, eu quis colocar algum tipo de sistema de proteção para as horas de claridade no verão”, diz ele. “Mas, na verdade, a gente descobre que se cansa menos quando acorda naturalmente. Então, nunca me dei o trabalho de instalar nada.”

Ao lado do quarto principal há, em estilo japonês

O texto é interrompido, cortado pela fotocópia. Paul olha um instante para aquilo, depois liga o computador e digita DAVID HALSTON no mecanismo de busca. Seus dedos tamborilam na mesa enquanto ele espera a informação carregar.

* * *

Ontem, foram rendidas homenagens ao arquiteto modernista David Halston, que faleceu subitamente em Lisboa aos trinta e oito anos. As primeiras notícias sugerem que sua morte tenha sido consequência de uma insuficiência cardíaca não diagnosticada. A polícia local não estaria tratando a morte dele como suspeita.

Sua mulher, com quem esteve casado por quatro anos, Olivia Halston, vinte e seis, encontrava-se ao seu lado na ocasião, e está sendo consolada por familiares. Um membro do consulado britânico em Lisboa pediu que a privacidade da família fosse respeitada para que possam chorar a dor da sua perda.

A morte de Halston interrompe uma carreira estelar, notável pelo uso inovador do vidro, e os colegas arquitetos fizeram fila para render tributo ao

Paul se encosta devagar na cadeira. Folheia o resto da papelada, depois relê a carta dos

advogados da família Lefèvre.

um caso inequívoco, cuja prescrição é improvável dadas as circunstâncias... roubado de um hotel em St Péronne circa 1917, pouco antes da detenção da esposa do artista pelas forças de ocupação alemãs...

Esperamos que a TARP, o programa de restituição de propriedade, possa levar este caso a uma conclusão rápida e satisfatória. Há alguma folga no orçamento para ressarcir os donos atuais, mas é improvável que se aproxime do valor estimado pelo leilão.

Paul poderia apostar que Liv não tinha ideia de quem era o autor do quadro. Ouve a voz dela, tímida e estranhamente orgulhosa do seu bem: “É o meu objeto favorito nesta casa. Na verdade, é o meu objeto favorito no mundo inteiro.”

Paul deixa a cabeça cair entre as mãos. Fica assim até o telefone do escritório começar a tocar.

* * *

O sol nasce nas planícies a leste de Londres, inundando o quarto de um dourado claro. As paredes brilham por um instante, a luz quase fosforescente reverberando nas superfícies brancas de um modo que, em outra ocasião, poderia ter feito Liv gemer, fechar os olhos e esconder o rosto embaixo do edredom. Mas ela está deitada imóvel na cama muito larga, com a cabeça apoiada num travesseiro grande, e contempla o amanhecer, com os olhos vazios fixos no céu.

Ela entendeu tudo errado.

Continua vendo o rosto dele, ouvindo-o desembaraçar-se dela com a maior educação. *Você se importa se eu for embora?*

Ela está ali deitada há quase duas horas, segurando o celular, se perguntando se deve enviar uma mensagem de texto.

Estamos bem? Você pareceu de repente...

Me desculpe se falei demais no David. É difícil lembrar que nem todo mundo...

Adorei ver você ontem à noite. Espero que seu trabalho acalme logo. Se você estiver livre domingo eu...

O que eu fiz de errado?

Ela não envia nenhuma delas. Lembra e relembra os estágios da conversa, repassando cada frase, cada palavra, meticulosamente, como um arqueólogo selecionando ossos. Será que foi aí que ele mudou de ideia? Foi algo que ela fez? Alguma questão sexual que ela não percebeu? Terá sido simplesmente estar na Casa de Vidro? Uma casa que, embora já não guardasse nenhum dos pertences dele, representava David de forma tão palpável que era como se a imagem dele estivesse gravada em todo lugar como uma inscrição numa pedra? Será que ela interpretou Paul

de modo totalmente equivocado? Cada vez que considera esses potenciais erros, Liv sente seu estômago contrair de ansiedade.

Gostei dele, pensa. Realmente gostei dele.

Então, sabendo que o sono não vai chegar, ela se levanta da cama e desce para a cozinha. Seus olhos ardem de cansaço, e ela se sente vazia. Faz um café e está sentada à mesa da cozinha, soprando o café, quando a porta da frente é aberta.

— Esqueci meu cartão do seguro social. Não posso entrar na casa de assistência sem ele a essa hora. Me desculpe... eu ia chegar de mansinho para não perturbar você. — Mo para e olha para trás, como se procurasse alguém. — Então... Como foi? Você transou com Paul?

— Ele foi para casa.

Mo pega a jaqueta reserva no armário e começa a revistar seu bolso. Encontra o cartão do seguro social e o coloca no bolso.

— Você vai ter que superar isso, sabe. Quatro anos é muito tempo para não...

— Eu não queria que ele fosse embora. — Liv engole em seco. — Ele fugiu.

Mo dá uma risada e de repente para ao ver que Liv está falando sério.

— Ele realmente saiu correndo do quarto.

Ela não se importa de estar soando trágica. Não poderia se sentir pior do que já se sentia.

— Antes ou depois de você ter transado com ele?

Liv dá um gole no seu café.

— Adivinha?

— Ai, droga. Foi tão ruim assim?

— Não, foi ótimo. Bem. Achei que tinha sido. Tudo bem que ultimamente não tenho tido muito com o que comparar.

Mo olha em volta, como se à procura de pistas.

— Você guardou as fotos do David, certo?

— Claro que guardei.

— E não disse, tipo, o nome do David na hora H?

— Não. — Ela se lembra do jeito que Paul a abraçara. — Eu disse que ele tinha mudado o modo como eu me via.

Mo balança a cabeça com tristeza.

— Ih, Liv. Que azar. Você conheceu um Solteirão Convicto.

— O quê?

— Ele é o homem perfeito. É direto, carinhoso, atencioso. Chega superforte. Até se dar conta de que você também gosta dele. E aí ele sai correndo. Criptonita para certo tipo de mulher carente e vulnerável. Essa seria você. — Mo franze a testa. — No entanto, isso me surpreende. Sinceramente não achei que ele fosse o tipo.

Liv olha para sua caneca. Então diz, um pouco na defensiva:

— É possível que eu tenha falado algo sobre David. Quando eu estava mostrando o quadro para ele.

Os olhos de Mo se arregalam, depois se reviram.

— Bem, pensei que eu pudesse ser direta sobre tudo. Ele sabe da minha história. Pensei que aceitasse numa boa.

Ela ouve a própria voz: irritada.

— Ele disse que aceitava.

Mo se levanta e vai à cesta de pão. Pega uma fatia, dobra-a ao meio e dá uma mordida.

— Liv, você não pode ser sincera a respeito de outros homens. Homem nenhum quer ouvir sobre quão fantástico era o anterior, mesmo que ele tenha morrido. Seria o mesmo que discorrer sobre os Pênis Enormes que Conheci.

— Não posso fingir que David não faz parte do meu passado.

— Não, mas ele também não tem que ser todo o seu presente. — Liv a fuzila com os olhos, e Mo continua: — Honestamente? É como se você estivesse num circuito fechado. Acho que mesmo quando não está falando dele você está pensando em falar dele.

Isso até poderia ter sido verdade algumas semanas antes. Mas não agora. Liv quer seguir em frente. Queria ter seguido em frente com Paul.

— Bem. Isso não importa muito, importa? Eu estraguei tudo. Acho que ele não vai voltar. — Ela dá um gole no café, que queima sua língua. — Foi burrice minha me iludir.

Mo coloca a mão em seu ombro.

— Os homens são esquisitos. Não era que não fosse óbvio que você estava um lixo. Ah, merda, a hora. Olhe, vai dar uma daquelas suas corridas doidas. Volto às três horas e vou ligar para o restaurante dizendo que não me sinto bem, e a gente pode dizer muito palavrão e pensar em castigos medievais para homens filhos da mãe que uma hora querem uma coisa, outra hora querem outra. Tenho massa de modelar lá em cima que uso para fazer figuras de vudu. Será que pode arranjar uns palitinhos de aperitivo? Ou uns espetos? Fui.

Mo pega sua chave reserva, acena com a fatia de pão dobrada e sai antes que Liv diga qualquer coisa.

* * *

Nos cinco anos anteriores, a TARP devolveu mais de duzentas e quarenta obras de arte a proprietários, ou descendentes de proprietários, que haviam julgado talvez nunca mais tornar a vê-las. Liv ouviu histórias de brutalidades da guerra muito mais terríveis que qualquer coisa que viu enquanto trabalhou no Departamento de Polícia de Nova York. Elas são repetidas com uma clareza de memória que sugere que poderiam ter acontecido ontem, e não sessenta anos atrás.

Ele viu o sofrimento, carregado como uma herança preciosa durante anos e levado às últimas consequências nos rostos dos que foram deixados para trás.

Ele já segurou as mãos de senhoras idosas que choraram lágrimas amargas por estarem na mesma sala que um pequeno retrato que foi roubado de seus pais assassinados, já presenciou o assombro silencioso de membros mais jovens de uma família vendo pela primeira vez um quadro há muito desaparecido. Já teve discussões violentas com os dirigentes de importantes galerias de arte nacionais e já mordeu o lábio quando esculturas em disputa havia muito tempo foram devolvidas para as famílias, e depois imediatamente colocadas à venda. Mas, de modo geral, seu trabalho, nos cinco anos em que se dedica a ele, permitiu-lhe sentir que está do lado de um direito básico. Ao ouvir as histórias de horror e traição de famílias assassinadas e exiladas pela Segunda Guerra Mundial, como se esses crimes tivessem sido cometidos no dia anterior, e sabendo que aquelas vítimas ainda conviviam diariamente com injustiças, ele se sentia satisfeito por participar dessa pequena compensação.

Ele nunca teve que lidar com nada parecido com isso.

— Merda — diz Greg. — É difícil.

Estão passeando com os cachorros de Greg, dois *terriers* hiperativos. A manhã está atipicamente fria para a estação, e Paul gostaria de ter colocado mais um suéter.

— Eu não conseguia acreditar. O próprio quadro. Olhando para mim, frente a frente.

— O que você disse?

Paul sobe o cachecol no pescoço.

— Eu não disse nada. Não consegui pensar em nada para dizer. Simplesmente... fui embora.

— Você fugiu?

— Eu precisava de tempo para pensar naquilo.

Pirate, o menor dos cachorros de Greg, atravessou o matagal como um míssil guiado. Os dois pararam para olhar, aguardando ele determinar seu alvo.

— Tomara que não seja um gato, tomara que não seja um gato. Ah, tudo bem. É a Ginger.

— Ao longe, Pirate se atira alegremente em cima de uma *springer spaniel* e os dois cachorros correm loucamente, um atrás do outro, em círculos cada vez maiores na relva alta. — E isso foi quando? Ontem à noite?

— Há duas noites. Sei que eu devia ligar para ela. Só não consigo imaginar o que vou dizer.

— Acho que “Me dá a droga do seu quadro” não é a sua melhor opção. — Greg chama seu cachorro maior e leva a mão à testa, tentando acompanhar o trajeto de Pirate. — Irmão, acho que você tem que aceitar que o destino acaba de detonar este seu relacionamento.

Paul enfia a mão nos bolsos.

— Gostei dela.

Greg olha de soslaio para ele.

— O quê? Você gostou mesmo dela?

— É. Ela... mexeu comigo.

Seu irmão estuda o rosto dele.

— Tudo bem. Bem, isso acaba de ficar interessante... *Pirate. Aqui!* Ih, cara. Olhe lá o Vizsla. Odeio esse cachorro. Você falou com sua chefe sobre isso?

— Falei. Porque a Janey definitivamente iria querer falar comigo sobre outra mulher. Não. Só consultei nosso advogado sobre a possibilidade de ganharmos a ação. Ele acha que poderíamos ganhar.

Não há prescrição nesses casos, Paul, dissera Sean, mal erguendo os olhos de seus papéis. *Você sabe disso.*

— Então o que você vai fazer?

Greg torna a prender o cachorro na coleira retrátil e fica ali parado, esperando.

— Não tenho muito o que fazer. O quadro tem que voltar aos donos legítimos. Não sei como ela vai encarar isso.

— Talvez aceite bem. Nunca se sabe. — Greg caminha com passadas largas na relva, indo para onde Pirate corre em círculos, latindo como um louco para o alto, avisando ao céu que não se aproxime. — Ei, se ela está dura e há dinheiro de verdade envolvido, você pode na realidade estar lhe fazendo um favor. — Ele começa a discorrer, e suas últimas palavras voam sobre os seus ombros com o vento. — E ela pode estar se sentindo do mesmo jeito em relação a você e estar cagando para qualquer outra coisa. Você tem que ter em mente, irmão, que, em última instância, é só um quadro.

Paul fica olhando em direção às costas do irmão. Nunca é só um quadro, pensa.

* * *

Jake está na casa de um amigo. Paul chega para buscá-lo às três e meia, como combinado, e o filho aparece na porta da frente, todo desganhado, com a jaqueta pendurada nos ombros, em evidente prenúncio da fase da adolescência. Paul nunca deixa de se assustar com a força do amor parental. Às vezes, se policia para não perturbar o filho com a profundidade de seu amor por ele. Engancha o braço no pescoço do menino, puxa-o para junto de si e tasca-lhe um beijo displicente na cabeça enquanto dirigem-se para a estação de metrô.

— Ei, cara.

— Oi, pai.

Jake está alegre, mostrando as várias fases de um novo jogo eletrônico. Paul balança a cabeça afirmativamente e sorri nos momentos certos, mas, mesmo ao fazer isso, descobre que está conduzindo mentalmente uma discussão paralela. Fica examinando a questão em silêncio. O que deve dizer a ela? Será que deve lhe contar a verdade? Será que ela vai entender se ele explicar? Será que ele deve se limitar a evitá-la? O trabalho é tudo, afinal de contas. Ele aprendeu

isso há muito tempo.

Mas, quando se senta ao lado do filho, observando seus polegares se movimentando nos controles, sua total absorção no jogo, é levado a outro pensamento. Sente Liv, macia e indefesa, encostada nele, vê o jeito sonolento com que ela olhou para ele, como se estivesse atordoada com a profundidade de seus sentimentos.

— Já conseguiu uma casa nova?

— Não. Ainda não.

Não consigo parar de pensar em você.

— Dá para a gente ir comer uma pizza hoje à noite?

— Claro.

— Mesmo?

— Hum-hum.

Ele assente com a cabeça. A expressão magoada dela quando ele se virou para sair. Ela era tão transparente, todas as emoções se registrando em seu rosto como se, do mesmo jeito que sua casa, ela nunca tivesse sabido o que devia esconder.

— E sorvete?

— Claro.

Estou apavorada. Mas de um jeito bom.

E ele fugira. Sem uma palavra de explicação.

— Você compra o Super Mario Smash Bros para o meu Nintendo?

— Não abusa — diz Paul.

* * *

O fim de semana se estende, sob o peso do silêncio. Mo entra e sai. O novo veredicto dela sobre Paul:

— Solteiro Divorciado Convicto. Da pior espécie.

Ela faz para Liv uma pequena figura de barro representando-o e a encoraja a dar espetadas nela.

Liv tem que admitir que o cabelo do Pequeno Paul é de uma precisão alarmante.

— Acha que isso vai dar dor de barriga nele?

Liv pega uma vareta para mexer drinks e, timidamente, faz um umbigo no Pequeno Paul. Na mesma hora se sente culpada e desmancha-o com o polegar. Não consegue associar muito essa versão de Paul com o que ela conhece, mas é inteligente o bastante para entender que vale a pena remoer certas coisas; então, segue o conselho de Mo e corre até provocar uma canelite. Fez uma faxina completa na Casa de Vidro. Jogou no lixo os sapatos de borboleta. Verificou quatro vezes o telefone, depois desligou-o, odiando a si mesma por não parar de pensar nisso.

— Isso é fraco. Você nem quebrou os dedos do pé dele. Quer que eu tente? — diz Mo, examinando o boneco na segunda-feira de manhã.

— Não. Está bom. De verdade.

— Você é muito mole. Vamos fazer o seguinte: quando eu voltar faremos uma bola com ele e vamos transformá-lo em cinzeiro.

Quando Liv volta para a cozinha, Mo espeta quinze fósforos no topo da cabeça dele.

Dois trabalhos chegam na segunda-feira. Um deles é um catálogo de uma empresa de marketing direto, crivado de erros de gramática e ortografia. Às seis da tarde, Liv havia feito tantas modificações que quase reescreveu o texto inteiro. O valor pago por palavra é péssimo. Ela não se importa. Sente um alívio tão grande de estar trabalhando, em vez de pensar, que bem poderia escrever de graça um catálogo inteiro para a Forbex Solutions.

A campainha da porta toca. Mo deve ter deixado a chave dela no trabalho. Liv se levanta da escrivaninha, estica-se e vai até o interfone.

— Você esqueceu a chave.

— É o Paul.

Ela fica gelada.

— Ah. Oi.

— Posso subir?

— Não precisa. Eu...

— Por favor? Precisamos conversar.

Não dá tempo de ver como está seu rosto nem de escovar o cabelo. Ela está em pé, um dedo no botão da porta, hesitando. Pressiona o botão, depois recua, como alguém se preparando para uma explosão.

O elevador sobe chacoalhando, e ela sente um aperto no estômago enquanto o barulho aumenta. Lá está ele, olhando diretamente para ela pela grade do elevador. Ele está usando um casaco de couro marrom e tem o olhar atipicamente cauteloso. Parece exausto.

— Oi.

Ele sai do elevador e espera no hall. Ela está parada, com os braços cruzados, numa atitude defensiva.

— Olá.

— Posso... entrar?

Ela dá um passo para trás.

— Quer beber alguma coisa? Quero dizer... você tem tempo?

Ele capta a ironia na voz dela.

— Seria ótimo, obrigado.

Ela vai para a cozinha, rígida, e ele vai atrás. Enquanto prepara duas canecas de chá, ela percebe os olhos dele nela. Quando lhe entrega uma caneca, ele está esfregando a cabeça

pensativo. Quando seus olhares se cruzam, ele quase parece estar pedindo desculpas.

— Dor de cabeça.

Liv olha para o bonequinho de barro em cima da geladeira com culpa. Ao passar, deliberadamente derruba-o atrás da geladeira.

Paul coloca sua caneca em cima da mesa.

— Bem. Isso é muito difícil. Eu teria vindo aqui antes, mas tive que ficar com meu filho e precisava pensar no que ia fazer. Olhe, vou explicar tudo. Mas acho que talvez você deva se sentar primeiro.

Ela olha para ele.

— Ai, meu Deus. Você é casado.

— Não sou casado. Isso quase seria... mais simples. Por favor, Liv. Sente-se aí.

Ela continua em pé. Ele tira uma carta do bolso paletó e a entrega para ela.

— O que é isso?

— Leia. E depois vou fazer de tudo para explicar.

TARP

Suite 6, 115 Grantham Street

Londres W1

15 de outubro de 2006

Prezada Sra. Halston,

Trabalhamos para uma organização chamada Programa de Restituição de Propriedade, criada para devolver obras de arte àqueles que sofreram perdas em decorrência de saques ou da venda forçada de objetos pessoais em tempos de guerra.

Entendemos que é a proprietária de um quadro do artista francês Édouard Lefèvre, intitulado A garota que você deixou para trás. Recebemos confirmação dos descendentes do Sr. Lefèvre de que esta obra estava em posse da mulher do artista, a qual foi forçada ou coagida a vendê-la. Os autores da ação, que são também de nacionalidade francesa, desejam que a obra seja devolvida à família do artista, e de acordo com a Convenção de Genebra e com os termos da Convenção de Haia para a Proteção de Bens Culturais no Caso de Conflito Armado, desejamos informá-la de que entraremos com a ação em nome deles.

Em muitos casos, tais obras podem ser restituídas a seus donos legítimos com uma intervenção jurídica mínima. Nós a convidamos portanto a entrar em contato conosco para marcar uma reunião entre V.Sa. e representantes da família Lefèvre a fim de que possamos dar início ao processo.

Estamos cientes de que tal aviso possa ser um choque. Mas gostaríamos de lembrar que há um forte precedente legal para a restituição de obras de arte obtidas em consequência de

transgressões em tempo de guerra e ainda acrescentaríamos que talvez haja também um fundo fiduciário para compensar sua perda.

Esperamos que, tal como com outras obras de arte dessa natureza, a satisfação de saber que uma obra está finalmente sendo devolvida a seus donos legítimos dará às partes afetadas uma satisfação adicional.

Por favor, não hesite em nos contatar caso queira discutir mais esta questão.

Paul McCafferty

Janey Dickinson

Diretores, TARP

Liv encara o nome no fim do texto e perde o chão. Relê as palavras, achando que deve ser uma brincadeira. Não, esse é outro Paul McCafferty, um Paul McCafferty completamente diferente. Deve haver centenas deles. É um nome bastante comum. E, depois, ela se lembra exatamente do jeito que ele olhou o quadro três dias atrás, do jeito que ele não conseguiu olhar nos olhos dela após isso. Então se senta pesadamente na cadeira.

— Isso é algum tipo de brincadeira?

— Eu gostaria que fosse.

— Que diabo é essa TARP?

— É um programa de restituição de propriedade. Nós localizamos obras desaparecidas e supervisionamos sua restituição aos donos originais.

— Nós? — Ela olha a carta. — O que... o que isso tem a ver comigo?

— *A garota que você deixou para trás* é objeto de uma ação de restituição. O quadro é de autoria de um artista chamado Édouard Lefèvre. A família quer o quadro de volta.

— Mas... isso é um absurdo. Tenho o quadro há anos. Anos. Quase dez.

Ele põe a mão no bolso e tira outra carta com uma imagem fotocopiada.

— Isto chegou ao escritório há algumas semanas. Estava na minha bandeja de entrada de documentos. Eu estava ocupado com outros assuntos e não liguei um fato a outro. Então, quando você me convidou para vir à sua casa naquele dia, reconheci imediatamente o quadro.

Ela examina a carta e olha para a página fotocopiada. Seu próprio quadro olha para ela de uma página colorida, com cores alteradas pela reprodução.

— *A Architectural Digest*.

— É. Acho que foi.

— Eles vieram aqui fazer um artigo sobre a Casa de Vidro quando nós nos casamos. — Leva a mão à boca. — David achou que isso seria uma boa divulgação para o trabalho dele.

— A família Lefèvre anda fazendo a catalogação de todas as obras de Édouard Lefèvre e descobriu que havia várias faltando. Uma delas é *A garota que você deixou para trás*. Não há história documentada deste quadro após 1917. Pode me dizer onde o adquiriu?

— Isso é loucura. Ele foi... David comprou o quadro de uma americana. Em Barcelona.

— Uma proprietária de galeria? Tem o recibo com você?

— Mais ou menos. Mas não vale nada. Ela ia jogar o quadro fora. Estava no meio da rua.

Paul passa a mão no rosto.

— Sabe quem era essa mulher?

Liv faz que não com a cabeça.

— Isso foi há anos.

— Liv, você tem que lembrar. É importante.

Ela explode:

— Não me lembro! Você não pode entrar na minha casa e me dizer que eu tenho que justificar a propriedade do meu próprio quadro só porque alguém em algum lugar decidiu que há um milhão de anos o quadro era dele! Quero dizer, o que é isso? — Ela dá a volta na mesa da cozinha. — Eu não consigo entender.

Paul apoia o rosto nas mãos. Levanta a cabeça e olha para ela.

— Liv, eu sinto muito. Este é o pior caso que já tive.

— Caso?

— É isso que eu faço. Procuro obras de arte roubadas e as devolvo aos donos.

Ela nota o estranho tom implacável em sua voz.

— Mas esta não é roubada. Foi comprada por David, dentro da lei. E depois ele me deu. É minha.

— Foi roubada, Liv. Há quase cem anos, sim, mas foi roubada. Olha, a boa notícia é que eles estão dispostos a oferecer uma compensação financeira.

— Compensação? Você acha que isso tem a ver com dinheiro?

— Eu só estava falando...

Ela se levanta, leva a mão à testa.

— Sabe de uma coisa, Paul? Acho melhor você ir embora.

— Sei que o quadro significa muito para você, mas tem que entender...

— Sério. Quero que saia agora.

Eles se entreolham. Ela se sente radioativa. Acha que nunca ficou tão furiosa.

— Olhe, vou tentar pensar numa maneira de resolvermos isso de forma...

— Até logo, Paul.

Ela o acompanha até a saída e bate a porta com tanta força ao vê-lo pelas costas que sente o armazém todo tremer lá embaixo.

A lua de mel deles. Uma lua de mel com atividades diversificadas. David andara trabalhando num novo centro de conferência em Barcelona, uma construção monolítica, feita para refletir o céu azul, o mar cintilante. Liv se lembra de sua ligeira surpresa com o espanhol fluente dele e de seu assombro tanto com o que ele sabia quanto com o que ela ainda não sabia sobre ele. Toda tarde, ficavam na cama no hotel, depois passeavam pelas ruas medievais do bairro gótico e de Born, procurando refúgio à sombra, parando para beber mojitos e descansar preguiçosamente encostados um no outro, com a pele colando no calor. Ela ainda se lembra da forma da mão dele pousada em sua coxa. Ele tinha mãos de artesão. Pousava-as ligeiramente abertas, como se elas estivessem sempre espalmadas para prender uma planta invisível.

Estavam passeando por trás da Praça da Catalunha quando ouviram a voz da americana. A mulher andara gritando com três homens impassíveis e estava quase chorando quando eles saíram por uma porta almofadada, jogando móveis, objetos domésticos e quinquilharias na frente do prédio.

— Vocês não podem fazer isso! — exclamou.

David soltou a mão de Liv e se adiantou. A mulher, uma loura de cabelo luminoso, já entrando na meia-idade, deixou escapar um *oh oh oh* de frustração quando jogaram uma cadeira na frente da casa. Um pequeno grupo de turistas parou para olhar.

— Você está bem? — perguntou ele, pondo a mão em seu braço.

— É o proprietário. Ele está removendo todos os pertences da minha mãe. Estou dizendo a ele que não tenho onde pôr nada disso.

— Onde está sua mãe?

— Morreu. Eu vim aqui separar tudo, e ele diz que hoje isso tem que sair. Esses homens estão simplesmente jogando as coisas na rua, e eu não tenho ideia do que fazer com elas.

Ela se lembra como David tomara conta da situação, como dissera a Liv para levar a mulher para o café do outro lado da rua, como protestara com o homem em espanhol enquanto a americana, cujo nome era Marianne Johnson, sentada, tomava um copo de água gelada olhando ansiosa para o outro lado da rua. Ela chegara de avião naquela manhã, contou. Jurava estar totalmente confusa.

— Sinto muito. Quando sua mãe morreu?

— Ah, faz três meses. Sei que eu devia ter tomado alguma providência antes. Mas sem falar espanhol é muito difícil. E tive que mandar transferir o corpo para o nosso país para o sepultamento... e como acabei de me divorciar, sou só eu para fazer tudo...

Seus dedos tinham umas juntas brancas enormes embaixo das quais ela enfiara uma quantidade colossal de anéis de plástico. Usava uma bandana turquesa no cabelo. Ficava tocando na fita, como se buscando segurança.

David estava falando com um homem que poderia ser o proprietário. O homem primeiro

parecera na defensiva, mas, dez minutos depois, os dois apertavam as mãos calorosamente. David reapareceu na mesa delas. Ela devia separar os objetos que quisesse guardar, disse ele, e tinha o telefone de uma transportadora que poderia embalá-los e despachá-los por avião. O proprietário concordara em deixar que ficassem no apartamento até o dia seguinte. O restante poderia ser levado e jogado fora pelos homens da mudança por uma pequena quantia.

— Você está bem de dinheiro? — perguntou ele baixinho.

Ele era esse tipo de homem.

Marianne Johnson quase chorou de gratidão. Eles a ajudaram a arrumar tudo, empilhando objetos à esquerda ou à direita, dependendo do que seria guardado. Enquanto estavam ali, a mulher apontando para as coisas, mudando-as cuidadosamente para um lado e para o outro, Liv olhou com mais atenção para os objetos na calçada. Havia uma máquina de escrever Corona, enormes álbuns encadernados de couro de jornais desbotados.

— Mamãe era jornalista — disse a mulher, colocando os álbuns cuidadosamente num degrau de pedra. — O nome dela era Louanne Baker. Quando eu era pequena, lembro que ela usava essa máquina.

— O que é isso? — Liv apontou para um pequeno objeto marrom. Embora não conseguisse identificar o que era sem chegar mais perto, uma parte visceral dela estremeceu. Ela via o que pareciam ser dentes.

— Ah. Isto. São as cabeças em miniatura da mamãe. Ela colecionava de todos os tipos. Tem um capacete nazista em algum lugar também. Acha que um museu poderia querer esses objetos?

— Você vai se divertir passando com eles pela alfândega.

— Ai, meu Deus. Talvez eu simplesmente largue tudo na rua e vá embora. — Ela parou para enxugar a testa. — Este calor! Estou morrendo.

Então Liv viu o quadro. Encostada numa poltrona, o rosto atraía o olhar mesmo no meio daquele barulho e daquela confusão. Ela se abaixou e o virou com cuidado, colocando-o de frente para ela. Uma mulher olhava da tela, ornada por uma maltratada moldura dourada, com um olhar levemente desafiador. Uma cabeleira ruiva com reflexos dourados lhe caía nos ombros; um leve sorriso transmitia uma espécie de orgulho e algo mais íntimo. Algo sexual.

— É parecida com você — murmurou David, baixinho, atrás dela. — Você é assim mesmo.

O cabelo de Liv era louro, não ruivo, e curto. Mas ela vira imediatamente. O olhar que trocaram fez com que a rua desaparecesse.

David se virou para Marianne Johnson.

— Não quer ficar com isto?

Ela se endireitou, apertou os olhos para ele.

— Ah... não. Acho que não.

David falou mais baixo.

— Você deixaria que eu o comprasse?

— Comprar? Pode ficar com ele. É o mínimo que posso fazer, já que me salvou a vida.

Mas ele recusou. Ficaram os dois ali em pé na calçada, fazendo um bizarro leilão ao contrário. David insistindo em lhe dar mais dinheiro do que ela se sentia bem em receber. Finalmente, enquanto continuava separando uma arara de roupas, Liv viu que eles haviam chegado a um acordo.

— Eu teria tido muito gosto em lhe dar o quadro — disse ela enquanto David contava o dinheiro. — Para dizer a verdade, jamais gostei muito dele. Quando eu era pequena, achava que ela estava zombando de mim. Ela sempre pareceu meio nariz em pé.

Eles a deixaram no fim da tarde com o número do celular dele, a calçada limpa em frente ao apartamento vazio. Marianne Johnson juntou os seus pertences para voltar ao hotel. Foram embora no calor escaldante, e ele ria de orelha a orelha, como se tivesse adquirido um grande tesouro, abraçando o quadro com tanta reverência quanto abraçaria Liv mais tarde naquela noite.

— Isso é o seu presente de casamento — disse ele. — Já que eu nunca lhe dei nada.

— Pensei que você não quisesse nada que interferisse nas linhas limpas das suas paredes — brincou ela.

Eles haviam parado na rua movimentada e levantado o quadro para vê-lo de novo. Ela se lembra que tinha a pele esticada na nuca, queimada de sol, e uma poeira fina brilhando nos braços. Nas ruas quentes de Barcelona, o sol da tarde refletia nos olhos dele.

— Acho que dá para infringir as regras quando a gente gosta de algo.

* * *

— Então você e David compraram aquele quadro de boa-fé, não é? — diz Kristen. Ela faz uma pausa para dar um tapa na mão de um adolescente mexendo na geladeira. — Não. Nada de musse de chocolate. Você não vai jantar.

— Sim. Eu até consegui desencavar o recibo.

Estava com ele na bolsa: um papel velho, rasgado das últimas páginas de um diário. *Recebido com agradecimentos por retrato, possivelmente chamado A garota que você deixou para trás, 300 francos — Marianne Baker (Sra.).*

— Então é seu. Você comprou, tem o recibo. Sem dúvida, isso encerra a questão. Tasmim? Quer dizer a George que o jantar é daqui a dez minutos?

— Acho que sim. E a mulher de quem o compramos disse que o quadro esteve com a mãe dela por cinquenta anos. Ela não ia vendê-lo a nós. Ia dar. David insistiu em pagar.

— Bem, a situação toda é realmente absurda. — Kristen para de misturar a salada e joga as mãos para cima. — Quero dizer, onde isso termina? Se, na Idade Média, alguém tivesse comprado uma propriedade que acabasse sendo usurpada na época, será que isso significa que

algum dia vão reivindicar a sua casa também? Será que temos que devolver o meu anel de diamante porque ele pode ter sido extraído da parte errada da África? Era a Primeira Guerra Mundial, pelo amor de Deus. Quase cem anos atrás. O sistema judiciário está indo longe demais.

Liv se recosta na cadeira. Ligara para Sven naquela tarde, chocada e trêmula, e ele lhe dissera para ir à sua casa à noite. Demonstrara uma calma tranquilizadora quando ela lhe contara sobre a carta e de fato dera de ombros ao lê-la.

— Deve ser coisa de advogado de porta de cadeia. Isso tudo soa muito improvável. Vou verificar, mas eu não me preocuparia. Você tem um recibo, comprou o quadro legalmente, então calculo que não há como esse caso se sustentar num tribunal.

Kristen coloca a tigela de salada na mesa.

— Quem é esse artista, afinal? Você gosta de azeitona?

— O nome dele é Édouard Lefèvre, aparentemente. Mas não está assinado. Sim, gosto. Obrigada.

— Eu tinha intenção de lhe contar... depois da última vez que nos falamos. — Kristen olha para a filha e guia-a em direção à porta. — Vai, Tasmin. A mamãe está precisando de um tempo para ela.

Liv aguarda enquanto Tasmin olha para trás com uma expressão contrariada e sai da sala.

— É o Rog.

— Quem?

— Tenho más notícias. — Ela faz uma careta e debruça-se na mesa. Respira fundo, dramática. — Eu queria contar na semana passada, mas não consegui imaginar o que dizer. Sabe, ele achou você ótima, mas acho que... bem... você não faz o tipo dele.

— Ah, é?

— Ele quer mesmo alguém... mais jovem. Sinto muito. Só achei que você devia saber a verdade. Eu não podia me conformar com a ideia de você esperando sentada uma ligação dele.

Liv está tentando endireitar a expressão quando Sven entra na sala. Ele segura uma folha com anotações.

— Acabei de falar por telefone com um amigo meu da Sotheby's. Então... a má notícia é que a TARP é uma organização respeitada. Eles localizam obras de arte que foram roubadas, mas cada vez mais estão fazendo um trabalho mais difícil, obras de arte que desapareceram na época da guerra. Já devolveram algumas peças bem importantes nos últimos anos, algumas de coleções nacionais. Aparentemente essa é uma área que está se desenvolvendo.

— Mas *A garota* não é uma obra importante. É só um quadro a óleo que conseguimos na nossa lua de mel.

— Bem... isso é verdade até certo ponto. Liv, você tentou saber quem era esse Lefèvre depois que recebeu a carta?

Foi a primeira coisa que ela fizera. Um membro menor da escola Impressionista na virada

do século passado. Havia uma fotografia em sépia de um homem alto, de olhos castanho-escuros e um cabelo que lhe chegava ao colarinho. Trabalhou por algum tempo com Matisse.

— Estou começando a entender por que a obra dele, se é que a obra é dele, poderia ser objeto de uma ação de restituição.

— Continue. — Liv joga uma azeitona na boca. Kristen está em pé ao lado dela, com um pano de prato em punho.

— Não contei a ele sobre a ação, claro, e ele não pode avaliar o quadro sem vê-lo, mas, com base no último leilão que fizeram de um Lefèvre, e na procedência do quadro, eles calculam que pode facilmente valer entre dois e três milhões de libras.

— O quê? — diz Liv sem convicção

— É. O presentinho de casamento de David acabou sendo um investimento bastante bom. Dois milhões de libras *no mínimo*, foram as palavras exatas do advogado. Na verdade, ele recomendou que você mandasse fazer imediatamente uma avaliação para fins de seguro desse quadro. Aparentemente, nosso Lefèvre virou o cara no mercado de arte. Os russos têm uma queda por ele, e isso elevou os preços.

Liv engole a azeitona inteira e começa a engasgar. Kristen bate nas suas costas e lhe serve um copo de água. Liv bebe a água, e as palavras do amigo rodam em sua cabeça. Não parecem fazer nenhum sentido.

— Então, acho que não deve ser surpresa nenhuma o fato de haver pessoas surgindo do nada para tentar se dar bem com isso. Pedi a Shirley no escritório para desencavar uns estudos de caso e mandá-los por e-mail; essas pessoas que entram com ação fazem uma pequena pesquisa na história da família, reclamam o quadro, dizendo que era muito precioso para os avós delas, quão desoladas ficaram por perdê-lo... Depois, conseguem o quadro de volta, e aí?

— E aí? — pergunta Kristen.

— Aí vendem o quadro. E ficam mais ricas do que jamais sonharam.

A cozinha fica em silêncio.

— Dois ou três milhões de libras? Mas... mas a gente pagou duzentos euros por ele.

— É como no *Antiques Roadshow* — diz Kristen, alegremente.

— Esse é o David. Sempre teve o toque de Midas. — Sven se serve de uma taça de vinho. — É uma pena eles saberem que estava na sua casa. Acho que, sem nenhum tipo de prova, não daria para comprovarem que você tinha o quadro. Eles sabem com certeza que está na sua casa?

Ela pensa em Paul. E sente um frio na barriga.

— Sim — diz Liv. — Eles sabem que eu tenho o quadro.

— Tudo bem. Bem, seja como for — Sven se senta ao lado dela e põe a mão em seu ombro —, precisamos arranjar um bom advogado para você. E depressa.

Liv passa os dois dias seguintes em estado de sonambulismo, com a cabeça zumbindo, o coração disparado. Vai ao dentista, compra pão e leite, entrega o trabalho no prazo, leva canecas de chá para Fran na rua e as traz de volta quando Fran reclama que ela esqueceu o açúcar. Ela mal registra esses fatos. Está pensando no jeito que Paul a beijou, naquele primeiro encontro casual, quando generosamente lhe ofereceu ajuda. Será que ele planejou isso desde o início? Dado o valor do quadro, será que ela realmente fora alvo de um golpe? Ela procura Paul McCafferty no Google, lê depoimentos sobre o tempo que ele trabalhou no Art Squad do Departamento de Polícia de Nova York, sua “psicologia criminal brilhante”, seu “raciocínio estratégico”. Tudo em que ela acreditou sobre ele evapora. Suas ideias giram e colidem, dão guinadas para novas e terríveis direções. Por duas vezes, sentiu-se tão enjoada que teve que sair da mesa e jogar água fria no rosto, apoiando-a na porcelana fria do vestiário.

Em novembro último, a TARP ajudou a devolver um pequeno Cézanne a uma família de judeus russos. O valor do quadro, pelo que se ouviu dizer, estava na faixa dos quinze milhões de libras. A TARP, de acordo com a informação de seu site, cobra uma comissão.

Paul lhe envia três vezes a mesma mensagem: *Podemos conversar? Sei que é difícil, mas por favor... será que podemos simplesmente discutir o assunto?* Ele tenta soar sensato. Como uma pessoa quase confiável. Liv dorme esporadicamente e se esforça para comer.

Mo observa isso tudo e, pela primeira vez, não fala nada.

Liv corre. Todas as manhãs e algumas noites também. O ato de correr substituiu o de pensar, o de comer e, às vezes, o de dormir. Ela corre até a canela arder e os pulmões parecerem que vão explodir. Corre por trajetos novos: pelas ruelas de Southwark, atravessando a ponte e pegando os reluzentes passeios da City, desviando dos banqueiros de terno e das secretárias carregando copos de café no caminho.

Está de saída às seis horas da tarde de uma sexta-feira. É uma tarde bela e fresca, do tipo em que Londres inteira parece o pano de fundo de um filme romântico. Sua respiração é visível no ar parado, e ela tem uma touca de lã enterrada na cabeça, que tirará pouco antes de chegar à Ponte Waterloo. Ao longe, as luzes da City brilham no horizonte; os ônibus se arrastam pelo Embankment, as ruas murmuram. Ela coloca os fones de ouvido do iPod, fecha a porta do prédio,afia as chaves no bolso do short e parte numa cadência. Deixa a mente ser inundada pelo ritmo ensurdecedor, uma *dance music* que não deixa espaço para o pensamento.

— Liv.

Ele aparece na frente dela, e ela tropeça, apoiando a mão nele e retirando-a rapidamente, como se tivesse se queimado, ao perceber quem é.

— Liv, precisamos conversar.

Ela está com a jaqueta marrom, com a gola levantada para se proteger do frio, uma pasta de documentos debaixo do braço. Seus olhos se cruzam, e ela dá meia-volta depressa antes de conseguir registrar qualquer tipo de sentimento, e parte, com o coração disparado.

Ele está atrás dela. Ela não olha para trás, mas dá para escutar a voz dele acima do volume

da música. Ela aumenta o volume e quase sente a vibração dos passos dele na calçada às suas costas.

— *Liv.*

Ele tenta pegar o braço dela e, quase instintivamente, ela gira a mão direita para trás e lhe dá uma violenta bofetada no rosto. O choque do impacto é tamanho que ambos tropeçam para trás, ele com a mão colada no nariz.

Ela tira os fones de ouvido.

— Me deixe em paz — grita, reequilibrando-se. — *Desapareça.*

— Quero falar com você. — Ele vê o sangue escorrer entre seus dedos. — Nossa. — Larga as pastas, põe a mão livre no bolso e retira um lenço grande de algodão, com o qual pressiona o nariz. Ele levanta a outra mão num gesto de paz. — *Liv*, sei que você está irritada comigo agora, mas...

— Irritada com você? Irritada com você? Isso nem *começa* a descrever como estou me sentindo em relação à sua pessoa. Você usa um artifício para entrar na minha casa, inventa uma história que encontrou a minha bolsa, consegue me seduzir para que eu o leve para a minha cama, e aí... ah, caramba, que surpresa... lá está o quadro que você acabou de ser contratado para recuperar por uma comissão bem gorda.

— O quê? — A voz dele sai abafada através do lenço. — O quê? Você acha que eu roubei a sua bolsa? Acha que eu *fiz* isso acontecer? Você é louca?

— Fique longe de mim.

A voz dela treme, seus ouvidos zumbem. Ela está andando de costas na rua, afastando-se dele. Pessoas pararam para observá-los.

Ele vai atrás dela.

— *Não.* Escute. Um minuto. Eu sou um ex-policial. Não estou no ramo de roubo de bolsas, nem, francamente, no de devolução delas. Eu a conheci e gostei de você e depois descobri que, por uma cagada do destino, você por acaso tinha o quadro que me contrataram para recuperar. Se eu pudesse ter passado esse trabalho para qualquer outra pessoa, pode acreditar, eu teria passado. Sinto muito. Mas você tem que ouvir.

Ele tira o lenço do rosto. Há sangue em seu lábio.

— Aquele quadro foi roubado, *Liv*. Já examinei a papelada um milhão de vezes. É um retrato de Sophie Lefèvre, a mulher do artista. Ela foi levada pelos alemães, e o quadro desapareceu logo depois. Foi roubado.

— Isso foi *há cem anos*.

— Você acha que, então, isso se justifica? Sabe o que é ter aquilo que gosta tomado de você?

— Curiosamente — dispara ela —, eu sei.

— *Liv*, sei que você é uma pessoa boa. Sei que saber disso é um choque, mas, se pensar um pouco, você vai fazer a coisa certa. O tempo não justifica o que é errado. E o seu quadro foi

roubado da família daquela pobre garota. Foi a última coisa dela que eles tiveram, e o quadro pertence a eles. O certo é ele ser devolvido. — A voz dele é suave, quase convincente. — Quando souber a verdade sobre o que aconteceu com ela, acho que você vai olhar para Sophie Lefèvre de maneira bem diferente.

— Ah, me poupe da sua lenga-lenga hipócrita.

— O quê?

— Acha que não sei quanto vale o quadro?

Ele fica olhando para ela.

— Acha que não procurei saber sobre você e sua empresa? Como você opera? Sei do que se trata, Paul, e não tem nada a ver com os seus certos e errados. — Ela faz uma careta. — Nossa, você deve achar que eu sou uma boba. A idiota na casa vazia dela, ainda chorando a morte do marido, sentada lá em cima sem saber de nada do que está bem na cara dela. É uma questão de *dinheiro*, Paul. Você e quem mais esteja por trás disso quer a garota porque ela vale uma fortuna. Bem, para mim não é uma questão de dinheiro. Eu não posso ser comprada, nem ela. Agora, me deixe em paz.

Antes que ele consiga dizer outra palavra, ela dá meia-volta e continua a correr, e o palpitar ensurdecedor do seu coração abafa todos os outros ruídos em seus ouvidos. Ela só diminui o passo quando chega no South Bank Centre e se vira. Ele sumiu, engolido entre milhares de pessoas atravessando as ruas de Londres a caminho de casa. Quando chega à porta do seu prédio, Liv está segurando as lágrimas. Tem a cabeça cheia de Sophie Lefèvre. *Foi a última coisa dela que eles tiveram. O certo é ele ser devolvido.*

— Seu desgraçado — repete ela baixinho, ao tentar se livrar das palavras dele. *Seu desgraçado seu desgraçado seu desgraçado.*

— Liv!

Ela leva um susto quando o homem sai da entrada do seu prédio. Mas é seu pai, com uma boina preta enterrada na cabeça, um cachecol com as cores do arco-íris enrolado no pescoço e o seu velho sobretudo de tweed até os joelhos. O rosto dele cintila sob a luz da lâmpada de sódio. Ele abre os braços para abraçá-la, revelando uma camiseta desbotada do Sex Pistols por baixo.

— Muito bem! A gente não teve mais notícias suas depois do Grande Encontro. Pensei em dar uma passada para saber como foi!

— Aceita um café?

Liv olha para a secretária.

— Obrigada.

Está sentada muito calada no sofá de couro macio, olhando sem enxergar o jornal que finge ler nos últimos quinze minutos.

Está usando um conjunto de saia e paletó, o único que tem. Possui provavelmente um corte fora de moda, mas ela precisava se sentir contida hoje, estruturada. Sente-se sem chão desde a primeira visita ao escritório dos advogados. Agora, precisa sentir que algo mais que sua coragem a está segurando.

— Henry desceu para esperá-los na recepção. Não vai demorar.

Com um sorriso profissional, a mulher gira nos saltos altos e se afasta.

É café de verdade. E deveria ser mesmo, dado o preço que ela está pagando por hora. Não havia por que entrar nessa briga na justiça, insistira Sven, sem o poder de fogo adequado. Ele consultara seus amigos nas casas de leilão e advogados conhecidos para saber quem seria o melhor profissional para ganhar o processo de restituição. Infelizmente, acrescentou, armas poderosas custam muito dinheiro. Sempre que olha para Henry Phillips, para seu novo corte de cabelo, seus belos sapatos feitos sob medida, o brilho da riqueza em seu rosto rechonchudo, a única coisa em que ela consegue pensar é: *Você é rico por causa de gente como eu.*

Ela ouve passos e vozes em frente ao saguão. Levanta-se, endireitando a saia, serenando a expressão. E lá está ele, usando o cachecol de lã azul, uma pasta debaixo do braço, parcialmente visível atrás de Henry, e duas pessoas que ela não reconhece. Seu olhar cruza com o dela, e ela vira o rosto rapidamente, sentindo a penugem em seu pescoço se arrepiar.

— Liv? Estamos todos aqui. Quer vir para a sala de reunião? Vou pedir que seu café seja servido lá.

Ela olha fixo para Henry, que passa por ela e abre a porta para a outra mulher entrar. Ela sente a presença de Paul, como se ele realmente exalasse calor. Ele está ali, ao lado dela. Usa jeans, como se esse tipo de reunião fosse tão relevante para ele como sair para dar uma volta.

— Enganou mais alguma mulher ultimamente para tomar os bens dela? — diz ela baixinho, tão baixinho que só ele ouve.

— Não. Ando muito ocupado roubando bolsas e seduzindo as vulneráveis.

A sala de reunião é revestida de madeira e as cadeiras, pesadas, são estofadas de couro. Uma parede é forrada de livros com encadernação em couro. Indica anos de acordos jurídicos, está impregnada de sabedoria imponente. Ela acompanha Henry, e em segundos todos se sentam, alinhados dos dois lados da mesa. Ela olha para o bloco de papel, as mãos, o café, qualquer coisa, menos Paul.

— Pois bem. — Henry aguarda o café ser servido, depois une as pontas dos dedos. — Estamos aqui para discutir a ação contra a Sra. Halston por intermédio da organização denominada TARP e tentar identificar se há alguma forma de chegarmos a algum tipo de acordo sem recorrer a medidas legais.

Ela olha para as pessoas sentadas à sua frente. A mulher está na faixa dos trinta e poucos anos. Tem um cabelo escuro que lhe cai em cachinhos em volta do rosto e uma expressão atenta. Está anotando algo num bloco. O homem ao lado dela é francês e tem os traços pesados de um Serge Gainsbourg de meia-idade. Liv muitas vezes pensou ser possível identificar a nacionalidade de qualquer pessoa só pelas feições, sem sequer ouvi-la falar. Este homem é tão gaulês que era como se estivesse fumando um Gauloise e usando um colar de cebolas.

E lá está Paul.

— Acho que seria uma boa ideia começarmos pelas apresentações. Meu nome é Henry Phillips, e estou representando a Sra. Halston. Este é Sean Flaherty, representando a TARP, Paul McCafferty e Janey Dickinson, seus diretores. Este é Monsieur André Lefèvre, da família Lefèvre, autor da ação em conjunto com a TARP. Sra. Halston, a TARP é uma organização especializada em localizar e recuperar...

— Estou ciente — diz ela.

Ah, mas ele está muito perto dela. Bem na sua frente. Ela vê cada veia das mãos dele, o jeito com que os punhos escorregam para fora da camisa. Ele está com a camisa que usava na noite em que se conheceram. Se esticar os pés por debaixo da mesa, ela encosta nos dele. Encolhe-os com cuidado embaixo da cadeira e pega a xícara de café.

— Paul, talvez você queira explicar à Sra. Halston como surgiu essa ação.

— Sim — diz ela, com uma voz gelada. — Eu gostaria de ouvir.

Ela levanta lentamente o rosto, e Paul está com o olhar fixo nela. Ela se pergunta se ele consegue detectar quanto ela está tremendo. Sente que todos devem estar vendo isso; sua própria respiração a trai.

— Bem... eu gostaria de começar com um pedido de desculpas — diz ele. — Tenho consciência de que esta ação deve ter sido recebida com grande surpresa. É uma pena. O triste é que não há como fazer essas coisas de uma maneira simpática.

Paul olha diretamente para Liv. Ela sente que ele aguarda um cumprimento seu, algum sinal. Por baixo da mesa, ela aperta os joelhos, enterrando as unhas na pele para ter algo em que se concentrar.

— Ninguém quer tomar algo que pertence legalmente a outra pessoa. E a nossa intenção não é essa. Mas existe o fato de que, durante a guerra, foi cometida uma injustiça. Os alemães se apoderaram de um quadro de Édouard Lefèvre, *A garota que você deixou para trás*, que era um objeto de estimação da mulher dele.

— O senhor não tem conhecimento disso — diz ela.

— Liv. — Há um tom de advertência na voz de Henry. — Conseguimos uma prova

documental, o diário de uma vizinha de Madame Lefèvre, que sugere que um retrato da mulher do artista foi roubado ou obtido por coerção por um Kommandant alemão que, na época, residia na região. Ora, este caso é inusitado no sentido de que grande parte do trabalho que fazemos baseia-se em perdas sofridas na Segunda Guerra Mundial, e acreditamos que o roubo inicial ocorreu durante a Primeira Guerra Mundial. Mas a Convenção de Haia ainda é válida.

— Então, por que agora? — pergunta ela. — Quase cem anos depois de você dizer que foi roubada. É conveniente que Monsieur Lefèvre apareça quando ela está valendo muito mais dinheiro, não acha?

— O valor é irrelevante.

— Ótimo, se o valor é irrelevante, eu compenso o senhor. Agora mesmo. Quer que eu lhe dê o que pagamos pelo quadro? Porque eu ainda tenho o recibo. Quer aceitar essa quantia e me deixar em paz?

A sala fica em silêncio.

Henry toca no braço de Liv. Ela segura a caneta com tanta força que os nós de seus dedos ficam brancos.

— Se me permitem interromper — diz ele suavemente. — O objetivo desta reunião é apresentar soluções para a questão e ver se alguma delas seria aceitável.

Janey Dickinson cochicha algo com André Lefèvre. Ela ostenta a calma estudada de uma professora primária.

— Tenho que dizer que, no que toca à família Lefèvre, a única solução aceitável é a devolução do quadro que lhe pertence — diz ela.

— Só que o quadro não lhe pertence — diz Liv.

— Pela Convenção de Haia, pertence — diz ela calmamente.

— Isso é uma piada!

— É a lei.

Liv ergue os olhos, e Paul está olhando para ela com uma expressão impassível, mas sugerindo um pedido de desculpas no olhar. Para quê? Esse bate-boca numa mesa de mogno envernizada? Uma noite roubada? Um quadro roubado? Ela não tem certeza. *Não olhe para mim*, ela lhe diz em silêncio.

— Talvez... — diz Sean Flaherty. — Talvez, como Henry diz, a gente possa pelo menos delinear algumas das soluções possíveis.

— Ah, pode delinear-las — diz Liv.

— Há alguns precedentes em tais casos. Um é que a Sra. Halston tem liberdade para extinguir a ação. Isso significa, Sra. Halston, que a senhora pagaria à família Lefèvre o valor do quadro e o conservaria.

Janey Dickinson não levanta os olhos do bloco.

— Como já afirmei, a família não está interessada em dinheiro. Ela quer o quadro.

— Ah, certo — diz Liz — Acha que nunca negocie nada antes? Que não sei o que é um ataque aberto?

— Liv — torna a dizer Henry —, se pudéssemos...

— Eu sei o que está acontecendo aqui. “Ah, não, não queremos dinheiro.” Até chegarmos a um valor equivalente a um prêmio da loteria. Então, de alguma forma, todo mundo consegue superar os ressentimentos.

— Liv... — diz Henry, baixinho.

Ela dá um suspiro. Embaixo da mesa, suas mãos tremem.

— Há ocasiões em que se chega a um acordo para dividir o quadro. No caso do que chamamos bens indivisíveis, como este, vamos admitir, é complicado. Mas já houve casos em que as partes concordaram em, digamos, compartilhar a propriedade de uma obra de arte, ou concordaram em ter dela a posse conjunta, mas permitem que ela seja exibida numa galeria importante. Isso, naturalmente, é acompanhado de avisos informando os visitantes tanto do roubo no passado quanto da generosidade dos últimos donos.

Liv faz um gesto negativo de cabeça, muda.

— Há a possibilidade de leilão e divisão, onde nós...

— Não — dizem Liv e Lefèvre em uníssono.

— Srta. Halston.

— Sra. Halston — corrige Liv.

— Sra. Halston. — Paul endurece o tom. — Sou obrigado a informá-la de que a possibilidade de ganharmos a ação é muito grande. Temos muitas provas a favor da restituição, e um corpo de precedentes que dá peso à nossa causa. Para o seu bem, sugiro que pense bem sobre a questão do acordo.

A sala fica em silêncio.

— Isso é para me assustar? — pergunta Liv.

— Não — diz Paul devagar. — Mas devo lembrar-lhe de que é melhor para todos que isso seja resolvido amigavelmente. A questão não vai desaparecer. Eu... nós não vamos desaparecer.

Liv se lembra de repente daquele braço apoiado em sua cintura nua, aquele cabelo castanho descansando em seu seio esquerdo. Ela se lembra dos olhos dele, sorrindo, à meia-luz.

Empina um pouco o queixo.

— Ela não lhe pertence — conclui. — Nos vemos no tribunal.

* * *

Estão na sala de Henry. Liv tomou uma grande dose de uísque. Nunca havia bebido uísque durante o dia, mas Henry lhe serviu um, como se isso fosse absolutamente esperado. Ele aguarda alguns minutos enquanto ela bebe uns goles.

— Tenho que lhe avisar, vai ser uma ação cara — diz, recostando-se na cadeira.

— Cara quanto?

— Bem, em muitos casos, a obra de arte teve que ser vendida depois da ação simplesmente para pagar as custas legais. Houve o autor de uma ação há pouco tempo em Connecticut que recuperou obras roubadas no valor de vinte e dois milhões de dólares. Mas eles deviam mais de dez milhões em custas legais só a um advogado. Precisaremos pagar peritos, especialmente peritos legais franceses, por causa do histórico do quadro. E esses casos podem se arrastar, Liv.

— Mas eles têm que pagar as nossas despesas se ganharmos, não têm?

— Não necessariamente.

Ela digere isso.

— Bem, estamos falando de quê? Cinco dígitos?

— Eu contaria com seis. Depende do poder de fogo deles. Eles têm precedentes do lado deles. — Henry dá de ombros. — Podemos provar que você tem direitos. Mas parece que há furos na história desse quadro, e se eles tiverem prova de que ele foi retirado durante a guerra, então...

— Seis dígitos? — diz ela, levantando-se e se pondo a andar de um lado para o outro na sala. — É inacreditável. É inacreditável que alguém possa simplesmente chegar na minha vida e exigir levar algo que me pertence. Uma coisa que é minha desde sempre.

— Os argumentos dele estão longe de ser irrefutáveis. Mas tenho que ressaltar que o clima político favorece os autores da ação no momento. A Sotheby's vendeu trinta e oito dessas obras ano passado. Dez anos antes, não vendeu nenhuma.

Ela se sente elétrica, suas terminações nervosas ainda dando choque depois do embate.

— Ele... eles não vão ficar com ela — diz.

— Mas o dinheiro. Você insinuou que já está apertada.

— Faça outra hipoteca — diz ela. — Tem alguma coisa que eu possa fazer para segurar as custas?

Henry se debruça na mesa.

— Se optar por entrar nessa briga, há muita coisa que pode fazer. Principalmente, quanto mais puder descobrir a respeito da origem do quadro, tanto mais forte será a nossa posição. Do contrário, tenho que colocar uma pessoa aqui para isso e cobrar-lhe pelas horas trabalhadas, e isso sem o custo de testemunhas especialistas quando formos para a justiça. Se você puder fazer isso, a gente vê em que pé está, e eu estudo instruir um advogado para atuar no tribunal.

— Vou começar a pesquisa.

Ela fica relembando a certeza na voz deles. *Nossos argumentos são muito fortes. Temos um corpo de precedentes que dá peso à nossa causa.* Vê a expressão de Paul, sua preocupação fingida: *É melhor para todos que isso seja resolvido amigavelmente.*

Ela bebe o uísque e desanima um pouco. Sente-se de repente muito só.

— Henry, o que você faria? Se estivesse no meu lugar, quero dizer.

Ele junta as pontas dos dedos e as encosta no nariz.

— Acho que essa é uma situação terrivelmente injusta. Mas Liv, pessoalmente, eu pensaria duas vezes se entraria na justiça. Esses casos podem ficar... feios. Talvez valha a pena você refletir um pouco mais sobre a possibilidade de fazer um acordo.

Ela continua vendo o rosto de Paul.

— Não — diz corajosamente. — Eles não vão ficar com ela.

— Mesmo que...

— Não.

Ela sente os olhos dele observando-a enquanto recolhe seus pertences e sai da sala.

* * *

Paul digita o número pela quarta vez, coloca o dedo em cima do botão *ligar*, depois muda de ideia e enfia o telefone no bolso de trás. Do outro lado da rua, um homem de terno discute com um guarda de trânsito, gesticulando descontroladamente enquanto o guarda olha para ele impassível.

— Você vem almoçar? — Janey aparece à porta. — Nossa reserva está marcada para a uma e meia.

Ela deve ter acabado de pôr perfume. Dá para sentir o cheiro pungente no ar, mesmo do seu lado da mesa.

— Você realmente precisa de mim no almoço?

Ele não está a fim de conversa fiada. Não quer ser simpático, detalhar o espantoso histórico de recuperações. Ele não quer se ver sentado ao lado de Janey, senti-la se encostando nele quando ri, o joelho virado para o dele. E, acima de tudo, não gosta de André Lefèvre, com aqueles olhos desconfiados e aquela boca virada para baixo. É raro sentir uma antipatia tão imediata por um cliente.

— Posso perguntar quando se deu conta de que o quadro estava desaparecido? — perguntara.

— Descobrimos por meio de uma auditoria.

— Então, pessoalmente, não sentiu falta da tela.

— Pessoalmente? — Ele dera de ombros ao ouvir a palavra usada daquela maneira. — Por que outra pessoa tem que lucrar financeiramente com uma obra que devia estar em nossa posse?

— Por que você não quer vir? — diz Janey. — O que mais você tem para fazer?

— Pensei em botar a papelada em dia.

Janey deixa o olhar pousar sobre ele. Ela está de batom. E salto. E tem boas pernas, sim, pensa ele distraído.

— Precisamos desse caso, Paul. E precisamos dar a André a convicção de que vamos

vencer.

— Nesse caso, acho que o meu tempo seria mais bem empregado estudando o contexto do que almoçando com ele. — Paul não olha para ela. Sua mandíbula parece imobilizada num ângulo obstinado. Ele andou azedo com todo mundo a semana toda. — Leve a Miriam — diz. — Ela merece um bom almoço.

— Acho que o nosso orçamento não dá para mimar as secretárias sempre que desejamos.

— Não vejo por que não. E Lefèvre poderia gostar dela. Miriam? Miriam? — Paul mantém os olhos fixos nos de Janey e recosta-se na cadeira.

A moça coloca a cabeça no vão da porta, com a boca cheia de sanduíche de atum.

— Sim?

— Você gostaria de ir no meu lugar a um almoço com Monsieur Lefèvre?

— Paul, nós... — Janey contrai os lábios.

Miriam olha de um para o outro. Engole o que tem na boca.

— É muita gentileza. Mas...

— Mas a Miriam está comendo um sanduíche. E tem contratos para digitar. Obrigada, Miriam. — Janey aguarda a porta fechar e contrai os lábios, pensativa. — Está tudo bem, Paul?

— Está tudo ótimo.

— Bem. — Ela não consegue disfarçar a irritação na voz. — Estou vendo que não consigo convencê-lo. Estou ansiosa para ouvir o que você descobriu sobre o caso. Tenho certeza de que será conclusivo.

Ela fica ali parada mais um pouco e depois sai. Dá para ele escutá-la falando em francês com Lefèvre quando os dois saem do escritório.

Paul fica sentado olhando para a frente.

— Ei, Miriam?

Ela reaparece, segurando o sanduíche.

— Desculpe. Foi...

— Tudo bem.

Ela sorri, empurra para dentro da boca um pedaço de pão que sobrou e acrescenta algo que ele não consegue decifrar. Não está claro se ela ouviu algo da conversa anterior.

— Alguma ligação?

Ela engole ruidosamente.

— Só o presidente da Associação de Museus, como eu disse antes. Quer que eu faça a ligação para você falar com ele?

O sorriso dele é contido, e os olhos não correspondem.

— Não, não se preocupe.

Ele a deixa fechar a porta, e seu suspiro, embora baixo, ocupa o silêncio.

Liv retira o quadro da parede. Passa os dedos de leve sobre a tela, sentindo a textura da tinta a óleo, o movimento das pinceladas, maravilhando-se com o fato de terem sido colocadas ali pela própria mão do artista, e olha para a mulher representada. A moldura dourada está lascada em alguns lugares, mas ela sempre achou isso encantador, sempre gostou do contraste entre o que era velho e ostensivamente enfeitado, e as linhas limpas e puras ao seu redor. Sempre gostou do fato de *A garota que você deixou para trás* ser o único objeto colorido no quarto, antigo e precioso, brilhando como uma pequena joia em frente a sua cama.

Só que agora ela não é só *A garota*, um pedaço de história compartilhado, uma brincadeira íntima entre marido e mulher. É agora a mulher de um artista famoso, desaparecida, possivelmente assassinada. É o último elo com um marido num campo de concentração. É um quadro desaparecido, alvo de uma ação judicial, futuro foco de investigações. Ela não sabe como se sentir em relação a essa nova versão: só sabe que já perdeu uma parte de si mesma.

O quadro... foi tomado pelos alemães.

André Lefèvre, o rosto inexpressivo e belicoso, mal se dando o trabalho de olhar para a imagem de Sophie. E McCafferty. Toda vez que ela se lembra de Paul McCafferty naquela sala de reuniões, a raiva lhe sobe à cabeça. Às vezes ela chega a arder, como se estivesse permanentemente num estado de superaquecimento. Como ela pode simplesmente entregar Sophie?

Liv tira os tênis de corrida da caixa embaixo da cama, veste a calça esportiva, enfia a chave e o telefone no bolso e sai para correr.

Passa por Fran, sentada em seu caixote virado, que a observa seguir pela margem do rio, e levanta a mão à guisa de saudação. Liv não quer conversar.

É o começo da tarde, e as margens do Tâmisas estão salpicadas de funcionários de escritório vagueando depois de longos almoços, grupos de escolares, liderados e conduzidos por professoras exaustas, jovens mães entediadas escrevendo distraidamente mensagens de texto enquanto empurram carrinhos de bebês. Ela corre, desviando dessas pessoas, num passo que só diminui com a opressão em seus pulmões e uma ou outra pontada, correndo até ser apenas mais um corpo na multidão, invisível, indistinguível. Ela força o corpo. Corre até suas canelas arderem, até o suor formar um T escuro em suas costas, até seu rosto brilhar. Corre até sentir dor, até não conseguir pensar em mais nada senão no simples sofrimento físico.

Está finalmente voltando quando, passando pela Somerset House, seu telefone sinaliza uma mensagem de texto. Ela para, tira o telefone do bolso e limpa o suor que lhe arde nos olhos.

Liv. Me liga.

Liv vai meio andando meio correndo até a beira da água, e então, antes de pensar no que

está fazendo, roda o braço num movimento fluido e atira o telefone no Tâmis. O celular desaparece sem ruído, sem ninguém sequer notar, nas onduladas águas cor de ardósia que correm para o centro.

Fevereiro de 1917

Querida irmã,

Faz três semanas e quatro dias que você foi embora. Não sei se esta carta vai chegar às suas mãos nem se as outras chegaram. O prefeito montou uma nova linha de comunicação e promete que enviará esta carta quando for avisado de que é seguro. Então, eu espero e rezo.

Chove há quatorze dias, transformando o que restava das ruas em lama, que suga as nossas pernas e arranca as ferraduras dos cascos dos cavalos. Raramente nos aventuramos além da praça: está muito frio e muito difícil, e, na verdade, eu já não quero deixar as crianças, nem por alguns minutos. Édith passou três dias sentada junto à janela depois que você foi embora, sem querer se mexer, até eu achar que ela fosse ficar doente e obrigá-la a ir para a mesa e, depois, para a cama. Ela não fala mais, vive com o olhar parado em estado de alerta, as mãos sempre agarradas à barra das minhas saias, como se esperasse que alguém viesse me levar para longe também. Temo quase não ter tido tempo de consolá-la. Já não vêm tantos alemães à noite, mas é a conta para eu ter que trabalhar todo dia até meia-noite só para alimentá-los e arrumar tudo depois que eles vão embora.

Aurélien desapareceu. Foi embora pouco depois de você. Eu soube por Madame Louvier que ele continua em St Péronne, morando com Jacques Arrière em cima do tabac, mas na verdade não tenho vontade de vê-lo. Ele não é diferente do Kommandant Hencken na traição que lhe fez. Apesar de toda a sua confiança na bondade das pessoas, não posso acreditar que, se quisesse mesmo o seu bem, Herr Kommandant a teria arrancado dos nossos braços daquele jeito, para a cidade inteira ficar sabendo dos seus supostos pecados. Não consigo ver nenhum sinal de humanidade nos atos de nenhum deles. Simplesmente não consigo.

Rezo por você, Sophie. Vejo o seu rosto quando acordo de manhã, e quando me viro, uma parte de mim se espanta pelo fato de você não estar ali no outro travesseiro, com o cabelo preso naquela trança grossa, fazendo-me rir e fazendo aparecer comida da sua imaginação. Eu me viro para chamá-la no bar e onde você devia estar só há silêncio. Mimi vai até seu quarto espiar, como se ela também esperasse encontrá-la sentada diante da sua escrivaninha, escrevendo ou olhando para o nada, com a cabeça cheia de sonhos. Você se lembra de quando ficávamos na janela imaginando o que havia além? Quando sonhávamos com fadas e princesas e aqueles nobres que poderiam vir nos resgatar? Eu me pergunto como os nossos olhos infantis veriam este lugar agora, com as suas ruas esburacadas, seus homens como espectros andrajosos e suas crianças famintas.

A cidade anda muito calma depois da sua partida. É como se a alma dela tivesse partido com você. Madame Louvier chega, perversa até o fim, e insiste em fazer todos ouvirem o seu nome. Ela discursa para quem quiser ouvir. Herr Kommandant não está entre os poucos alemães que chegam

para jantar. Acho realmente que ele não consegue me olhar nos olhos. Ou, talvez, saiba que eu gostaria de atravessá-lo com a minha boa faca de cozinha e tenha decidido ficar longe.

Algumas poucas informações ainda chegam: um pedaço de papel embaixo da minha porta outro dia falava de outro surto de gripe perto de Lille, um comboio de soldados aliados capturado em Douai, gente matando os cavalos para ter carne para comer na fronteira da Bélgica. Nada de notícias de Jean-Michel. Nada de notícias suas.

Tem dias que me sinto sepultada numa mina, como se só pudesse ouvir ecos de vozes ao longe. Todas as pessoas que amo, à parte as crianças, foram levadas para longe de mim, e eu já não sei se qualquer um de vocês está vivo ou morto. Às vezes meu temor por causa de vocês fica tão grande que eu me vejo paralisada, isso acontece quando estou preparando uma sopa ou botando a mesa, e tenho que me obrigar a respirar, dizer a mim mesma que preciso ser forte por causa das crianças. Acima de tudo, preciso ter fé. O que Sophie faria?, pergunto a mim mesma com firmeza, e a resposta é sempre clara.

Por favor, querida irmã, tome cuidado. Não inflame mais os alemães, ainda que eles sejam os seus captores. Não se arrisque, por maior que seja o impulso. Tudo o que importa é você voltar para nós sã e salva. Você, Jean-Michel e seu amado Édouard. Digo a mim mesma que esta carta vai chegar às suas mãos. Digo a mim mesma que talvez, apenas talvez, vocês dois estejam juntos, e não do jeito que eu mais temo. Digo a mim mesma que Deus deve ser justo, por mais que escolha brincar com nossos futuros neste dia sinistro.

Seja prudente, Sophie.

*Um beijo carinhoso da sua irmã,
Hélène*

Paul pousa a carta, obtida de um esconderijo de cartas acumuladas por membros da resistência durante a Primeira Guerra Mundial. É a única prova que ele encontrou da família de Sophie Lefèvre e, como as outras, a carta parece não ter chegado às mãos dela.

A garota que você deixou para trás é agora o caso prioritário de Paul. Ele se dá o trabalho de consultar suas fontes habituais: museus, arquivistas, casas de leilão, peritos em ações judiciais de arte internacionais. Confidencialmente, fala com fontes menos benignas: velhos conhecidos da Scotland Yard, contatos do mundo do roubo de arte, um romeno conhecido por gravar quase matematicamente o movimento clandestino de toda uma faixa de obras europeias roubadas.

Paul fez duas descobertas: que Édouard Lefèvre, até recentemente, fora o artista menos famoso da Académie Matisse. E que só existem dois acadêmicos especializados em sua obra, e nenhum dos dois sabe mais do que ele sobre *A garota que você deixou para trás*.

Uma fotografia e alguns diários obtidos pela família Lefèvre revelaram o fato de que o quadro estava pendurado à vista de todos no hotel conhecido como Le Coq Rouge em St Péronne, uma cidade ocupada pelos alemães durante a Primeira Guerra Mundial. O quadro desapareceu sem deixar vestígio algum tempo depois da prisão de Sophie Lefèvre.

E, depois, há um hiato de uns trinta anos até o quadro reaparecer, na posse de uma tal Louanne Baker, que o manteve em sua casa nos Estados Unidos durante trinta anos até se mudar para a Espanha, onde faleceu, e David Halston comprá-lo.

O que aconteceu entre essas datas? Se o quadro realmente foi saqueado, para onde foi levado? O que aconteceu com Sophie Lefèvre, que parece ter simplesmente sumido da história? Os fatos existem, como num quebra-cabeça que manda unir os pontos e no qual a figura nunca fica clara. Há mais escritos sobre o quadro de Sophie Lefèvre do que sobre ela.

Durante a Segunda Guerra Mundial, tesouros saqueados eram guardados em caixas-fortes subterrâneas na Alemanha, protegidos. Essas obras de arte, milhares delas, haviam sido encontradas graças à eficiência militar, com o auxílio de comerciantes e peritos inescrupulosos. Esse tipo de saque não era uma pilhagem aleatória de soldados na batalha: era sistemático, controlado, regulamentado e documentado.

Mas resta pouca documentação da Primeira Guerra Mundial, no que diz respeito à propriedade saqueada, especialmente no Norte da França. Isso significa, afirma Janey, que este é mais ou menos um caso teste. Ela diz isso com certo orgulho. Pois a verdade é que o caso é vital para a empresa deles. Há um número cada vez maior de organizações como a deles surgindo, todas especificando a origem das obras, listando obras que parentes dos falecidos passaram anos tentando localizar. Há hoje firmas que não cobram nada em caso de perda da ação judicial, que prometem mundos e fundos a pessoas dispostas a acreditar em qualquer coisa para reaver seu estimado objeto.

Sean conta que o advogado de Liv já tentou várias medidas judiciais para que a ação fosse

extinta de imediato. Alegou que o prazo prescricional já havia transcorrido, que a venda de Marianne Baker a David fora “inocente”. Por diversas razões complicadas, todas essas medidas falharam. De acordo com um animado Sean, eles vão ter que enfrentar a ação judicial.

— Parece que vai ser na semana que vem. Temos o juiz Berger. Ele sempre tem decidido em favor do autor da ação nesses casos. Está parecendo bom!

— Ótimo — diz Paul.

Há uma fotocópia em papel A4 do quadro de *A garota que você deixou para trás* pregada em sua sala, entre outros quadros desaparecidos ou alvo de pedidos de restituição. Paul ergue os olhos para ela com frequência e todas as vezes deseja que Liv Halston não estivesse olhando para ele. Paul transfere a atenção para os documentos à sua frente. “Esta é uma imagem que não se esperaria encontrar num humilde hotel de província”, escreve o Kommandant à esposa em algum momento. “Na verdade, não consigo tirar os olhos do quadro.”

Do quadro?, Paul se pergunta. Ou da garota?

* * *

A vários quilômetros dali, Liv também está trabalhando. Levanta-se às sete, calça os tênis de corrida e sai de casa, corre ao longo do rio ouvindo música, com o coração batendo no compasso das suas passadas. Chega em casa depois que Mo sai para trabalhar, toma banho, faz o seu café, toma um chá com Fran; mas agora sai da Casa de Vidro e passa os dias em bibliotecas especializadas em arte, em arquivos de galerias, navegando na internet à caça de pistas. Ela está diariamente em contato com Henry, aparecendo no escritório dele sempre que ele convoca uma reunião, explicando a importância do depoimento francês em juízo, a dificuldade de encontrar testemunhas peritas.

— Portanto, basicamente — diz ela —, você quer que eu chegue com provas concretas de um quadro sobre o qual nada foi registrado, representando uma mulher que parece não existir.

Henry sorri apreensivo para ela. Ele faz isso com frequência.

Ela vive e respira o quadro. Não toma conhecimento da chegada do Natal, das ligações queixosas do pai. Não consegue enxergar nada além da sua determinação de não deixar Paul tomar a tela. Henry lhe deu todos os arquivos apresentados da outra parte — cópias de cartas trocadas entre Sophie e o marido, referências ao quadro e à cidadezinha onde eles moravam.

Ela lê centenas de estudos acadêmicos e políticos, reportagens de jornal a respeito de restituições: sobre famílias destruídas em Dachau, seus netos sobreviventes pedindo dinheiro emprestado para recuperar um Ticiano; uma família polonesa cujo único membro sobrevivente morreu feliz dois meses após a devolução da pequena escultura de Rodin pertencente ao seu pai. Quase todos esses artigos são escritos do ponto de vista do autor da ação — a família que perdeu tudo e encontrou o quadro dos avós contra todas as probabilidades. O leitor é convidado a comemorar com eles a recuperação da obra. A palavra “injustiça” aparece em quase todos os

parágrafos. Os artigos raramente apresentam a opinião da pessoa que a comprou de boa-fé e a perdeu.

E em todo lugar que vai, ela detecta as pegadas de Paul, como se estivesse fazendo as perguntas erradas, procurando nos lugares errados, apenas processando informações já conseguidas por ele.

Ela se levanta e se alonga, andando pelo estúdio. Mudou *A garota que você deixou para trás* para uma prateleira enquanto trabalha, como se ela pudesse lhe dar alguma inspiração. Pega-se olhando para ela o tempo todo, como se tivesse consciência de que teriam um tempo de convivência limitado. E a data do julgamento está cada vez mais próxima, sempre presente, como o rufar de tambores de uma batalha distante. *Me dê as respostas, Sophie. Pelo menos uma pista, droga!*

* * *

— Oi.

Mo aparece à porta, comendo um pote de iogurte. Já se passaram seis semanas e ela continua morando na Casa de Vidro. Liv está agradecida por sua presença. Ela se alonga e olha o relógio.

— Já são três horas? Nossa, quase não cheguei a lugar nenhum hoje.

— Talvez você queira dar uma olhada nisso. — Mo saca um exemplar do jornal vespertino de Londres de debaixo do braço e o entrega a Liv. — Página três.

Liv abre o jornal.

Viúva de arquiteto premiado briga por obra de arte de milhões de libras saqueada por nazistas, diz a manchete. Embaixo, há uma foto de meia página de David e ela num evento beneficente anos antes. Ela está com um vestido azul cintilante e tem uma taça de champanhe na mão, fazendo um brinde à câmera. Ao lado, está inserida uma pequena reprodução de *A garota que você deixou para trás* com a legenda: “Quadro impressionista ‘roubado por alemães’ vale milhões”.

— Bonito vestido — diz Mo.

O sangue foge do rosto de Liv. Ela não reconhece a festeira sorridente da foto, uma mulher de outra vida.

— Ai, meu Deus...

Sente-se como se tivessem escancarado as portas da sua casa, do seu quarto.

— Acho que eles têm interesse em mostrar você como uma espécie de bruxa da alta sociedade. Assim podem contar a história do pobre francês vitimado.

Liv fecha os olhos. Se não os abrir, talvez aquilo simplesmente desapareça.

— Está historicamente errado, é óbvio. Quer dizer, não havia nazistas na Primeira Guerra

Mundial. Portanto, duvido que alguém leve em conta. Eu não me preocuparia. — Há um longo silêncio. — E acho que ninguém vai reconhecê-la. Você está muito diferente agora. Muito... — Mo procura as palavras — ...mais pobre. E mais velha.

Liv abre os olhos. Lá está ela, em pé ao lado de David, parecendo uma versão rica e descontraída dela mesma.

Mo tira a colher da boca e a observa.

— Só não olhe a versão on-line, está bem? Alguns dos comentários dos leitores estão um pouco... fortes.

Liv ergue os olhos.

— Ah, você sabe. Todo mundo tem uma opinião hoje em dia. É tudo besteira. — Mo liga a chaleira. — Olhe, tudo bem para você se o Ranic vier para cá este fim de semana? Ele divide a casa com umas quinze pessoas. É bem legal poder esticar as pernas na frente da televisão sem chutar a bunda de alguém.

* * *

Liv trabalha a noite inteira, tentando acalmar a ansiedade crescente. Continua vendo aquela matéria do jornal: a manchete, a socialite com aquela taça de champanhe erguida. Liga para Henry, que lhe diz para não dar importância a isso, que não se poderia esperar outra coisa. Ela se vê prestando uma atenção quase judiciária ao seu tom de voz, tentando avaliar se ele tem a segurança que transmite.

— Olhe, Liv. É um caso importante. Eles vão jogar sujo. Você precisa se preparar.

Henry contratou um advogado de tribunal. Diz o nome do homem, como se ela tivesse obrigação de ter ouvido falar nele. Ela pergunta quanto vai custar e ouve Henry mexendo em papéis. Quando ele lhe diz o valor, é como se ela tivesse levado um soco que a deixasse sem ar nos pulmões.

O telefone toca três vezes. A primeira ligação é de seu pai, ele conta que está trabalhando numa pequena produção itinerante de *Run For Your Wife*. Liv lhe diz distraidamente que está contente por ele, insiste para que ele não dê em cima de mais ninguém.

— Foi *exatamente* o que Caroline disse! — exclama ele e desliga.

O segundo telefonema é de Kristen.

— Ai, meu Deus — diz ela, entrando no assunto sem sequer dizer alô. — Acabei de ver o jornal.

— Sim. Não é a melhor leitura da tarde.

Liv percebe a mão de Kristen no fone, abafando sua voz.

— Sven disse para você não falar com ninguém. Não diga uma palavra.

— Eu não disse.

— Então onde arranjaram essa matéria horrível?

— Henry acha que deve ter saído da TARP. É do interesse deles vazarem informações que façam o caso parecer o pior possível.

— Quer que eu vá aí? Não estou muito ocupada agora.

— Você é um amor, Kristen, mas estou bem.

Liv não quer falar com ninguém.

— Bem, eu posso ir ao tribunal com você se quiser. Ou se quiser que eu divulgue o seu lado da história, garanto que tenho contatos. Talvez algo na *Hello*?

— Isso... não. Obrigada.

Liv pausa o telefone. O assunto vai se espalhar agora. Kristen é uma divulgadora de informações muito mais eficiente que o jornal vespertino. Liv pode antever-se tendo que se explicar para amigos e conhecidos. O quadro, de certa forma, já não é mais seu. É matéria pública, foco de discussão, símbolo de uma injustiça.

Quando ela desliga o telefone, ele imediatamente torna a tocar, assustando-a.

— Kristen, eu...

— É Olivia Halston?

Uma voz masculina.

Liv hesita.

— Sim.

— Meu nome é Robert Schiller. Sou correspondente de arte do *The Times*. Peço desculpas se estou ligando num momento inoportuno, mas estou montando um artigo informativo sobre seu quadro e estava me perguntando se você...

— Não. Não, obrigada.

Ela bate o telefone. Fica olhando desconfiada para o aparelho, depois o tira do gancho, como se temendo que toque de novo. Por três vezes, coloca-o no lugar, e, em todas elas, ele toca na mesma hora. Jornalistas deixam seus nomes e números de telefone. Parecem simpáticos, amáveis. Prometem justiça, desculpam-se por tomar o tempo dela. Ela fica sentada na casa vazia, ouvindo seu coração bater com muita força.

* * *

Mo chega pouco depois da uma da manhã e a encontra na frente do computador, o telefone fora do gancho. Liv está enviando e-mails para todos os especialistas vivos em arte francesa da virada do século XX. *Pergunto-me se o senhor saberia algo sobre...; estou tentando completar as lacunas da história do...; qualquer coisa que tiver, ou souber — qualquer coisa mesmo...*

— Quer um chá? — pergunta Mo, tirando o casaco.

— Obrigada.

Liv não ergue os olhos. Sua vista dói. Ela sabe que chegou a um ponto em que só está pulando às cegas de um site para outro, verificando e tornando a verificar sua caixa de mensagens, mas não consegue parar. Sentir que está fazendo algo, por mais inútil que seja, é melhor que a alternativa.

Mo senta-se à sua frente na cozinha e empurra uma caneca para ela.

— Você está com uma cara péssima.

— Obrigada.

Mo observa-a digitar com indiferença, dá um gole no chá, depois puxa a cadeira mais para perto de Liv.

— Tudo bem. Então vamos ver se minha graduação em História da Arte pode ajudar. Já consultou todos os arquivos dos museus? Os catálogos de leilões? Os marchands?

Liv fecha o computador.

— Já fiz tudo isso.

— Você disse que David comprou o quadro de uma americana. Não poderia perguntar onde a mãe dela o conseguiu?

Ela remexe nos papéis.

— A... outra parte já perguntou a ela. Ela não sabe. Louanne Baker tinha o quadro, e depois a gente comprou. É só o que ela sabe. É só o que precisava saber, droga.

Ela olha para o exemplar do vespertino com aquelas insinuações de que David e ela, pelo fato de serem donos do quadro, estavam, de certa forma, agindo mal, sendo imorais. Ela visualiza o rosto de Paul, seus olhos em cima dela no escritório de advocacia.

O tom de voz de Mo está mais baixo que o normal.

— Você está bem?

— Sim. Não. Adoro esse quadro, Mo. De verdade. Sei que parece idiota, mas a ideia de perdê-lo é... É como perder uma parte de mim.

Mo faz uma cara de espanto.

— Desculpe. Só que... aparecer no jornal como inimiga pública número um é... Ah, poxa vida, Mo, não sei que diabo estou fazendo. Estou brigando com um homem experiente, que faz isso para viver, e estou tentando encontrar indícios e não tenho nenhuma maldita pista.

Ela percebe, humilhada, que está quase chorando.

Mo puxa as pastas.

— Vá lá fora — diz. — Vá lá no deque olhar o céu por dez minutos e lembre-se de que, em última instância, nossa existência é sem sentido e inútil, e que nosso pequeno planeta provavelmente vai ser engolido por um buraco negro, de modo que isso tudo não vai servir para nada. E vou ver se posso ajudar.

Liv suspira.

— Mas você deve estar exausta.

— Nah. Preciso esfriar a cabeça depois de um turno. Isso vai me preparar para dormir bem. Vá em frente.

Ela começa a remexer nas pastas sobre a mesa.

Liv esfrega os olhos, veste um suéter e sai para o deque. Lá fora, sente-se curiosamente leve, no escuro sem fim da noite. Olha para a vasta cidade que se espalha lá embaixo, inspira o ar frio. Alonga-se, sentindo a tensão nos ombros, a rigidez no pescoço. E sempre, lá no fundo, a sensação de que está deixando escapar alguma coisa, segredos que flutuam invisíveis.

Quando entra na cozinha dez minutos depois, Mo está fazendo anotações no bloco.

— Você se lembra do Sr. Chambers?

— Chambers?

— Pintura medieval. Tenho certeza de que você fez essa cadeira. Fico pensando em algo que ele disse que eu memorizei. Foi a única coisa que ficou. Ele disse que às vezes a história de um quadro não é só sobre um quadro. É também a história de uma família, com todos os seus segredos e transgressões. — Mo tamborila com a caneta na mesa. — Bem, estou totalmente confusa aqui, mas também curiosa. Se ela morava com a família quando o quadro desapareceu, quando *ela* desapareceu, e eles todos pareciam bem chegados, por que em nenhum lugar há provas da família de Sophie?

* * *

Liv passa a noite sentada, examinando as grossas pastas de documentos, conferindo e reconferindo. Pesquisa na internet, os óculos na ponta do nariz. Quando finalmente encontra o que está procurando, pouco depois das cinco, agradece a Deus a meticulosidade dos registros civis franceses. Fica então esperando Mo acordar.

— Tem algum jeito de eu poder tirar você do Ranic este fim de semana? — pergunta ela quando Mo surge ainda sonolenta à porta, com o cabelo parecendo um corvo pousado em seus ombros.

Sem o grosso delineador preto, seu rosto se mostra curiosamente rosado e vulnerável.

— Não quero ir correr, obrigada. Nem nada que me faça suar.

— Você falava francês fluentemente, não é? Quer vir a Paris comigo?

Mo vai até a chaleira.

— Esse é o seu jeito de me dizer que passou para o outro lado? Porque, embora eu adore Paris, não gosto de mulher.

— Não. É o meu jeito de dizer que preciso de seu conhecimento como falante de francês para conversar com um homem de oitenta anos.

— O tipo de fim de semana de que mais gosto.

— E posso oferecer um hotel de uma estrela de quinta categoria. E quem sabe um dia nas

Galeries Lafayette. Olhando vitrines.

Mo vira para ela e franze os olhos.

— Como posso recusar? A que horas partimos?

Liv encontra Mo na St Pancras às cinco e meia da tarde, e, ao vê-la acenando laconicamente com um cigarro na mão em frente a um café, percebe que está quase aliviada com a perspectiva de passar dois dias fora. Dois dias longe do silêncio mortal da Casa de Vidro. Dois dias longe do telefone, que ela passou a considerar praticamente radioativo: quatorze jornalistas diferentes já deixaram mensagens de graus variados de simpatia em sua secretária eletrônica. Dois dias longe de Paul, cuja própria existência lhe lembra de tudo que ela entendeu mal.

Na noite anterior, ela contara seu plano a Sven, e ele dissera imediatamente:

— Você pode arcar com essa despesa?

— Posso arcar com qualquer despesa. Hipotequei de novo a casa.

O silêncio de Paul foi pungente.

— Tive que fazer isso. O escritório de advocacia queria garantias.

As custas legais estão comendo tudo. Só o advogado de tribunal lhe custa quinhentas libras por hora, e ele ainda nem se apresentou perante o juiz.

— Ficaré tudo bem quando o quadro for meu novamente — diz com esperança.

Àquela hora, Londres está envolvida num nevoeiro de fim de tarde e o sol poente lança reflexos laranja no céu arroxeadado.

— Tomara que eu não tenha tirado você de nada — diz ela, ao se instalarem em seus assentos.

— Só do karaokê mensal do Comfort Lodge. — Mo coloca na frente delas uma pilha de revistas e uns chocolates. — E as mudanças de acorde de “We’re Going to Hang Out the Washing on the Siegfried Line” não têm mais surpresas para mim. Então, quem é esse homem que vamos encontrar, e que relação ele tem com o seu caso?

Philippe Bessette é filho de Aurélien Bessette, o irmão caçula de Sophie Lefèvre. Aurélien, explica Liv, morava no Le Coq Rouge nos anos de ocupação. Ele estava presente quando Sophie foi levada e continuou na cidade ainda por muitos anos.

— Ele é o único que poderia saber como o quadro desapareceu. Falei com a diretora do asilo onde ele mora, e ela disse que ele continua bastante lúcido, pode conversar, mas tem que ser pessoalmente, e não por telefone, pois ele é bem surdo.

— Bem, estou feliz por ajudar.

— Obrigada.

— Mas você sabe que eu não falo bem francês.

Liv vira a cabeça. Mo está servindo vinho de uma garrafinha em dois copos de plástico.

— O quê?

— Eu não falo francês. Mas sou boa em entender fala enrolada de velho. Talvez consiga pegar alguma coisa.

Liv desaba nas cadeiras.

— Estou *brincando*, você acredita em tudo.

Mo lhe entrega o vinho e bebe um bom gole.

— Às vezes eu me preocupo com você. De verdade.

Mais tarde, ela pouco se lembra da viagem de trem que fizeram. Elas bebem o vinho, e mais duas garrafinhas enquanto conversam. Aquilo é o que mais se aproxima de uma noitada que ela faz em semanas. Mo fala de seu afastamento dos pais, que não conseguem entender sua falta de ambição, e do lar de idosos, que ela adora.

— Ah, sei que nós, cuidadores, estamos no nível mais baixo de todos, mas os velhos são bons. Tem uns espertíssimos, outros, engraçados. Gosto mais deles do que da maioria das pessoas da nossa idade.

Liv espera o “não estou incluindo você” e tenta não se ofender quando a ressalva não vem. Conta a Mo, finalmente, sobre Paul. E Mo fica calada por um tempo.

— Você dormiu com esse cara sem dar um Google nele? — diz ela, quando recupera a fala.

— Ai, meu Deus, quando você disse que finalmente tinha ficado com alguém, eu nem por um minuto pensei... Não se dorme com uma pessoa sem pesquisar os *antecedentes*. Caramba.

Ela se recosta e reabastece o copo. Só por um instante, parece estranhamente animada.

— Nossa. Acabei de me dar conta de uma coisa: você, Liv Halston, talvez venha a ser a pessoa que teve a Transa Mais Cara da História.

* * *

Elas passam a noite no hotel barato, num bairro da periferia de Paris, onde o banheiro é moldado de uma única peça de plástico amarelo e o xampu é exatamente da mesma cor do detergente para lavar louças. Após um croissant duro e gorduroso e uma xícara de café, elas ligam para o lar de idosos. Liv arruma suas coisas, já sentindo um aperto no estômago de nervoso.

— Bem, melou — diz Mo, ao desligar o telefone.

— O quê?

— Ele não está bem. Não vai receber ninguém hoje.

Liv, que estava se maquiando, olha para ela chocada.

— Você disse a eles que a gente veio de Londres?

— Disse que tínhamos vindo de Sydney. Mas a mulher falou que ele estava fraco e ia só ficar dormindo se a gente fosse lá. Dei a ela o número do meu celular, e ela prometeu ligar se ele melhorar.

— E se ele morrer?

— É um resfriado, Liv.

— Mas ele é idoso.

— Calma. Vamos beber algo e olhar roupas que não temos condições de comprar. Se ela ligar, a gente pode entrar num táxi antes de você poder dizer Gérard Depardieu.

Elas passam a manhã perambulando pelas várias seções das Galeries Lafayette, que estão enfeitadas com bolas e repletas de gente fazendo compras de Natal. Liv tenta se distrair, aproveitar o câmbio, mas está profundamente consciente do preço de tudo. Desde quando duzentas libras é um preço aceitável para uma calça jeans? Será que um hidratante de cem libras realmente elimina as rugas? Ela se vê largando os cabides quase tão depressa quanto os pega.

— A situação está tão ruim assim?

— O advogado que vai me representar no tribunal cobra quinhentas libras por hora.

Mo espera um minuto pela piada que não chega.

— Ai. Espero que esse quadro valha isso — diz ela.

— Henry parece achar que temos uma boa defesa. Diz que nossos advogados falam de um jeito convincente.

— Então, pare de se preocupar, Liv, pelo amor de Deus. Divirta-se um pouco. Vamos, este é o fim de semana em que você vai virar o jogo.

Mas Liv não consegue se divertir. Está lá para conseguir informações de um velho de oitenta anos, que pode ou não ter condições de falar com ela. As sessões no tribunal devem começar na segunda-feira, e ela precisa de um poder de fogo maior do que o que já tem.

— Mo.

— Hum?

Mo está segurando um vestido de seda preta. Fica olhando para as câmeras de segurança de um jeito ligeiramente nervoso.

— Posso sugerir outra coisa?

— Claro. Aonde quer ir? Ao Palais Royal? Ao Marais? Quem sabe a gente podia achar um bar para você dançar se estiver de novo naquela de tentar se encontrar.

Ela saca da bolsa o mapa das ruas e começa a abri-lo.

— Não. Quero ir a St Péronne.

* * *

Elas alugam um carro e seguem para o norte. Como Mo não dirige, Liv pega o volante, obrigando-se a se lembrar de manter-se na mão direita da estrada. Faz anos que não dirige. Sente a aproximação de St Péronne como o rufar distante de um tambor. A periferia leva a terras agrícolas, enormes propriedades industriais, e então, finalmente, quase duas horas depois, à planície do Nordeste. Elas seguem as placas, perdem-se por um momento, dão marcha a ré e, pouco antes das quatro da tarde, estão descendo devagar a rua principal da cidade. A rua é sossegada, algumas barracas da feira estão sendo desmontadas e há poucas pessoas na praça

calçada de pedras cinzentas.

— Estou seca. Sabe onde fica o bar mais próximo?

Elas estacionam, olhando para o hotel na praça. Liv abaixa o vidro e contempla a fachada de tijolos.

— É esse aí.

— É esse aí o quê?

— O Le Coq Rouge. É o hotel em que todos eles moravam.

Ela salta do carro devagar, franzindo o olhar para a placa. Aquilo parece reportar à primeira metade do século XX. As janelas estão pintadas de cores vivas, as jardineiras, cheias de ciclames de Natal. No suporte de ferro fundido, há uma placa balançando. Pelo arco que leva a um pátio de cascalho, ela vê vários carros caros. Algo dentro dela se contrai de nervoso ou expectativa, ela não sabe o quê.

— Está indicado pelo Michelin. Excelente.

Liv fica olhando para ela.

— Ora. Todo mundo sabe que os restaurantes estrelados do Michelin têm os funcionários mais bonitos.

— E... Ranic?

— Regras estrangeiras. Todo mundo sabe que quando a gente está em outro país, não conta.

Mo entra no bar. Um homem jovem e incrivelmente bonito, com um avental engomado, a cumprimenta. Liv fica ao lado enquanto Mo conversa com ele em francês.

Liv aspira os aromas de comida no fogo, cera de abelha, rosas perfumadas em vasos, e olha para as paredes. Seu quadro morava ali. Quase cem anos antes, *A garota que você deixou para trás* estava ali, ao lado de quem foi o seu tema. Algo nela espera que o quadro apareça numa parede, como se seu lugar fosse ali.

Ela se vira para Mo.

— Pergunte a ele se os Bessette ainda são donos deste hotel.

— Bessette? *Non*.

— Não. Pertence a um letão, aparentemente. Ele tem uma cadeia de hotéis.

Ela fica desapontada. Imagina o bar cheio de alemães, a garota ruiva atarefada atrás do balcão, o olhar ressentido.

— Será que ele sabe da história do bar? — Ela tira a fotocópia da bolsa e mostra-a.

Mo repete a pergunta num francês fluente. O barman se debruça, dá de ombros.

— Ele só trabalha aqui desde agosto. Diz que não sabe de nada.

O barman torna a falar, e Mo acrescenta:

— Ele diz que ela é uma moça bonita. — Levanta os olhos para o céu. — E que você é a segunda pessoa a fazer essas perguntas.

— O quê?

— Foi o que ele disse.

— Pergunte a ele como era o homem.

Ele nem precisava dizer. Trinta e tantos anos, cerca de um metro e oitenta, fios precocemente grisalhos no cabelo curto.

— *Comme un gendarme*. Deixou o cartão dele — diz o garçom, e o entrega a Liv.

Paul McCafferty

Diretor, TARP

É como se ela tivesse entrado em combustão interna. *De novo? Até aqui* você chegou antes de mim? Ela tem a sensação de que ele está zombando dela.

— Posso ficar com isto? — pergunta.

— *Mais bien sûr*. — O garçom dá de ombros. — Querem que eu lhes arrume uma mesa, *mesdames?*

Liv cora. *Não podemos pagar*.

Mas Mo indica que sim com a cabeça, lendo o menu.

— Sim. É Natal. Vamos fazer uma única refeição incrível.

— Mas...

— Eu convido. Passo a vida servindo comida para os outros. Se vou cometer uma extravagância, vai ser aqui, num restaurante estrelado do Michelin, cercado de Jean-Pierres bonitos. Eu mereço isso. E, vamos combinar, eu devo uma a você.

Elas comem no restaurante. Mo não para de falar, flerta com a equipe de garçons, exclama de uma maneira que não é típica dela ao ver cada prato, queima de maneira ritualística o cartão de visitas de Paul na vela branca alta.

Liv tenta parecer envolvida. A comida está deliciosa, sim. Os garçons são atenciosos, competentes. É comida nirvana, como Mo diz. Mas, enquanto ela está ali sentada no restaurante lotado, algo estranho acontece: ela não consegue enxergá-lo apenas como uma sala de jantar. Vê Sophie Lefèvre no bar, ouve o eco das botas dos alemães batendo nas tábuas antigas de olmo do assoalho. Vê o fogo de lenha na grade, ouve as tropas marchando, o rugido distante dos canhões. Vê a calçada lá fora, uma mulher sendo arrastada para um caminhão militar, uma irmã chorando, a cabeça inclinada neste mesmo bar, prostrada de dor.

— É só um quadro — diz Mo de um jeito meio impaciente quando Liv rejeita o fondant de chocolate e confessa o que está pensando.

— Eu sei.

Quando elas finalmente voltam para o hotel, ela leva a pasta de documentos para o banheiro de plástico e, enquanto Mo dorme, Liv lê e relê à luz fria da lâmpada fluorescente, tentando descobrir o que deixou de ver.

Domingo pela manhã, quando Liv já roeu quase todas as unhas, a diretora do lar de idosos telefona. Ela lhes dá um endereço a nordeste da cidade, e Liv e Mo se dirigem para lá no pequeno carro alugado, brigando com as ruas desconhecidas, a boulevard Périphérique engarrafada. Mo, que bebera quase duas garrafas de vinho na véspera, está desanimada e sensível. Liv também está calada, exausta em função da falta de sono, mil perguntas lhe passando pela cabeça.

Ela de certa forma esperara uma construção deprimente. Um caixote dos anos 1970 de tijolos cor marrom com janelas de PVC e um estacionamento em ordem. Mas o prédio diante do qual estacionam é uma casa de quatro andares, com janelas elegantes, emolduradas por venezianas, e a fachada coberta de hera. É cercado de jardins bem cuidados, com um portão de duas folhas de ferro fundido e caminhos calçados que conduzem a áreas isoladas delimitadas.

Liv toca a campainha e aguarda enquanto Mo retoca o batom.

— Quem é você? — diz Liv, observando-a. — Anna Nicole Smith?

Mo cai na gargalhada, e a tensão se dissipa.

Elas ficam alguns minutos em pé na recepção até que lhes deem alguma atenção. Pelas portas de vidro à esquerda, ouvem um coro de vozes trêmulas, acompanhadas por um órgão elétrico tocado por uma jovem de cabelos curtos. Numa pequena sala, duas mulheres de meia-idade trabalham num gráfico.

Finalmente uma delas se vira.

— *Bonjour*.

— *Bonjour* — diz Mo. — Estamos aqui por quem mesmo?

— Monsieur Bessette.

Mo fala com a mulher num francês impecável.

Ela faz um movimento positivo com a cabeça.

— Inglesas?

— Sim.

— Por favor. Assinem o livro de registro. Lavem as mãos. Depois venham por aqui.

Elas assinam o livro, depois a mulher lhes aponta um dosador de líquido bactericida, que elas esfregam ostensivamente em todos os dedos.

— Lugar simpático — murmura Mo, com ar de entendida.

Então, elas acompanham o passo enérgico da mulher por um labirinto de corredores até chegarem a uma porta entreaberta.

— *Monsieur? Vous avez des visiteurs.*

Elas aguardam sem jeito à porta enquanto a mulher entra e mantém um diálogo em velocidade de metralhadora com o que parece o espaldar de uma poltrona. E depois sai.

— Podem entrar — diz. E em seguida: — Espero que tenham algo para ele.

— A diretora disse que eu devia lhe trazer uns *macarons*.

Ela olha para a caixa luxuosamente embrulhada que Liv tira da bolsa.

— *Ah, oui* — diz e dá um sorrisinho. — Desses ele gosta.

— Antes das cinco, já estarão na sala dos funcionários — murmura Mo quando ela sai.

Philippe Bessette está sentado numa *bergère*, olhando para um pequeno pátio com um chafariz. Um balão de oxigênio em cima de um carrinho liga-se a um pequeno tubo preso à sua narina. Seu rosto é pálido, enrugado, como se tivesse murchado; a pele, transparente em alguns lugares, revela o delicado traçado das veias. Ele tem uma vasta cabeleira branca, e o movimento de seus olhos sugere algo mais vivo do que o que os rodeia.

Elas dão a volta na cadeira, colocando-se diante dele, e Mo se abaixa, diminuindo a diferença de altura. Parece sentir-se logo em casa, pensa Liv. Como se já estivesse enturmada.

— *Bonjour* — diz ela e faz as apresentações. Apertam-se as mãos, e Liv oferece os *macarons*. Ele as observa por um instante, depois dá um tapinha na tampa da caixa. Liv a abre e lhe oferece a bandeja. Ele faz um gesto para ela se servir primeiro, e, quando ela declina, ele escolhe um e aguarda.

— Talvez ele precise que você ponha o doce na boca dele — murmura Mo.

Liv hesita, depois oferece o *macaron*. Bessette abre a boca como um filhote de passarinho, depois a fecha, cerrando os olhos enquanto se permite saborear a iguaria.

— Diga a ele que gostaríamos de lhe fazer umas perguntas sobre a família de Édouard Lefèvre.

Bessette ouve, e suspira alto.

— O senhor conheceu Édouard Lefèvre?

Ela aguarda enquanto Mo traduz.

— Eu nunca estive com ele.

Ele fala devagar, como se as próprias palavras fossem um esforço.

— Mas seu pai, Aurélien, o conhecia?

— Meu pai esteve com ele em várias ocasiões.

— Seu pai morava em St Péronne?

— Toda a minha família morava em St Péronne, até os meus onze anos. Minha tia Hélène morava no hotel, meu pai, em cima do *tabac*.

— Estivemos no hotel ontem à noite — diz Liv. Mas ele não parece registrar. Ela mostra a fotocópia. — Seu pai alguma vez mencionou este quadro?

Ele olha para a garota.

— Aparentemente, o quadro estava no Le Coq Rouge, mas desapareceu. Estamos tentando descobrir mais coisas sobre a história dele.

— Sophie — diz ele afinal.

— Sim — diz Liv, balançando animadamente a cabeça. — Sophie.

Ela sente um vislumbre de empolgação.

Ele contempla a imagem, com os olhos encovados e remelentos, impenetráveis, como se carregassem as alegrias e as tristezas do passado. Ele pisca, com suas pálpebras enrugadas se fechando em câmera lenta, e é como ver uma estranha criatura pré-histórica. Finalmente, ele levanta a cabeça.

— Não posso lhes contar. Não nos incentivavam a falar dela.

Liv olha para Mo.

— O quê?

— O nome de Sophie... não era mencionado na nossa casa.

Liv pisca.

— Mas... mas ela era sua tia, não é? Era casada com um grande artista.

— Meu pai nunca falava sobre isso.

— Não entendo.

— Nem tudo o que acontece numa família é passível de explicação.

O quarto fica em silêncio. Mo parece sem jeito. Liv tenta mudar de assunto.

— Então... o senhor sabe algo sobre Monsieur Lefèvre?

— Não. Mas tive duas obras dele. Depois que Sophie desapareceu, alguns quadros foram mandados por um *marchand* de Paris para o hotel. Isso foi algum tempo antes de eu nascer. Como Sophie não estava na cidade, Hélène ficou com dois e deu dois ao meu pai. Ele disse a ela que não queria os quadros, mas, depois que ele morreu, eu os encontrei no nosso sótão. Foi uma grande surpresa quando descobri quanto valiam. Dei um para a minha filha, que mora em Nantes. O outro vendi algum tempo atrás. Com o dinheiro da venda, eu me mantenho aqui. Este é um lugar simpático para se morar. Então... talvez eu ache que o meu relacionamento com a minha tia Sophie fosse bom, apesar de tudo.

Sua expressão se descontrai por um instante.

Liv se inclina para a frente.

— Apesar de tudo?

A expressão do velho é inescrutável. Ela se pergunta, por um instante, se ele cochilou. Mas então ele começa a falar.

— Corria um boato... uma fofoca... em St Péronne, que dizia que minha tia foi colaboracionista. Por isso meu pai não queria que a gente tocasse no nome dela. Era mais fácil agir como se ela não existisse. Nem meu pai nem minha tia falavam nela quando eu era menino.

— Colaboracionista? Tipo espã?

Ele aguarda um instante antes de responder.

— Não. Que a relação dela com os ocupantes alemães não era... correta. — Ele olha para as duas. — Foi muito doloroso para nossa família. Se vocês não viveram essa época, se não são

de uma família que veio de uma cidade pequena, vocês não podem entender como era para nós. Nada de cartas, nada de imagens, nada de fotografias. A partir do momento em que foi levada, minha tia deixou de existir para meu pai. Ele era... — o velho suspira — um homem implacável. Infelizmente, o resto da família também resolveu apagá-la da nossa história.

— Até a irmã?

— Até Hélène.

Liv está pasma. Durante muito tempo considerou Sophie uma dessas grandes sobreviventes, com aquela expressão triunfante, a adoração pelo marido estampada no rosto. Ela se esforça para conciliar a sua Sophie com a imagem dessa mulher não amada, descartada.

Há um mundo de dor na respiração longa e cansada do velho. Liv de repente se sente culpada por ter feito com que ele revivesse aquela história.

— Sinto muito — fala, sem saber o que mais dizer.

Vê que agora elas não vão conseguir nada. Não admira que Paul não tenha se dado o trabalho de ir até ali.

O silêncio se estende. Mo furtivamente come um *macaron*. Quando Liv ergue os olhos, Philippe Bessette está olhando para ela.

— Obrigada por nos receber, Monsieur. — Toca no braço dele. — Acho difícil associar a mulher que o senhor descreve com a que eu vejo. Eu... tenho o retrato dela. Sempre adorei esse retrato.

Ele levanta um pouco a cabeça. Olha para ela fixamente enquanto Mo traduz.

— Eu sinceramente achava que ela era uma pessoa que se sentia amada. Ela parecia ter coragem.

A enfermeira aparece à porta, observando. Atrás dela, uma mulher com um carrinho olha para dentro com impaciência. Um cheiro de comida penetra no quarto.

Ela se levanta para sair. Mas, aí, Bessette levanta a mão.

— Espere — diz ele, apontando com o indicador para uma estante. — A vermelha.

Liv corre o dedo pelas lombadas até ele fazer que sim com a cabeça. Ela puxa uma pasta surrada da prateleira.

— Esses papéis eram da minha tia Sophie, a correspondência dela. Tem um pouco sobre a relação dela com Édouard Lefèvre, coisas que estavam escondidas e descobriram pelo quarto dela. Nada sobre seu quadro, ao que me lembre. Mas isso pode lhe dar uma imagem mais clara dela. Numa época em que o nome dela estava sendo denegrido essas cartas me revelaram a minha tia como... humana. Um ser humano maravilhoso.

Liv abre a pasta com cuidado. Há cartões-postais, cartas frágeis, pequenos desenhos guardados lá dentro. Ela vê uma letra sinuosa num pedaço de papel frágil, a assinatura de *Sophie*. Ela fica engasgada.

— Achei isso nas coisas do meu pai depois que ele morreu. Ele contou a Hélène que tinha

queimado tudo. Ela foi para o túmulo achando que tudo de Sophie estava destruído. Este é o tipo de homem que ele era.

Ela não consegue tirar os olhos das cartas.

— Vou copiá-las e devolvê-las imediatamente ao senhor — gagueja.

Ele faz um gesto de desdém com a mão.

— Para que eu quero isso? Já não consigo ler.

— Monsieur, tenho que perguntar. Não entendo. Com certeza a família Lefèvre haveria de querer ver esse material todo.

— Sim.

Ela e Mo se entreolham.

— Então, por que não entrega a eles?

Um véu parece baixar sobre os olhos do velho.

— Foi a primeira vez que eles me visitaram. O que eu sabia sobre o quadro? Será que eu tinha algo para ajudá-los? Perguntas, perguntas... — Ele balança a cabeça, levantando a voz — Nunca estiveram interessados em Sophie. Por que devem lucrar às custas dela agora? A família de Édouard não se interessa por ninguém a não ser eles. É só dinheiro, dinheiro, dinheiro. Eu ficaria feliz se eles perdessem a ação.

Sua expressão é obstinada. A conversa está aparentemente encerrada. A enfermeira ronda a porta, sinalizando em silêncio com o relógio. Liv sabe que elas já ficaram mais tempo do que deveriam. Ela alcança seu casaco.

— Monsieur, sabe algo do que aconteceu com sua tia Sophie depois que ela saiu do hotel? Alguma vez descobriu?

Ele olha para o retrato e pousa a mão ali. Seu suspiro vem lá do fundo.

— Ela foi presa e levada pelos alemães para os campos de prisioneiros. E, como tantos outros, desde o dia em que ela foi embora, minha família nunca mais a viu nem soube dela.

1917

O caminhão de gado ia gemendo e sacolejando pelas estradas esburacadas, desviando de vez em quando, com uma guinada, para a relva do acostamento quando cruzava com outro grande demais. Uma chuva fina abafava os ruídos, fazendo as rodas girarem na terra solta, o motor roncando o seu protesto e levantando torrões de lama enquanto as rodas tentavam encontrar um ponto de apoio.

Após dois anos no sossego de nossa cidadezinha isolada, eu estava chocada com a vida e a destruição que havia para além dela. A apenas poucos quilômetros de St Péronne havia aldeias e cidades inteiras irreconhecíveis, destruídas pelos bombardeios, lojas e casas transformadas em escombros. No meio desses escombros, grandes crateras cheias de água, cuja infestação de algas verdes e plantas aquáticas indicava o longo tempo que lá estavam; os aldeões mudos assistiam à nossa passagem. Passei por três cidades sem conseguir identificar onde estávamos e aos poucos entendi a escala do que andara ocorrendo à nossa volta.

Pela aba da lona que balançava, eu via colunas de soldados da cavalaria passando montados em seus cavalos esqueléticos, seus homens de feições pálidas arrastando macas, os uniformes escuros e molhados, os caminhões sem estabilidade de dentro dos quais rostos preocupados olhavam com uma expressão vazia e insondável. Às vezes, o motorista parava o caminhão e trocava algumas palavras com outro motorista, e eu desejava saber um pouco de alemão para poder ter uma ideia sobre aonde estava indo. A visão na noite não era nítida, em função da chuva, mas parecia que seguíamos para sudoeste. A direção de Ardennes, eu disse a mim mesma, tentando manter a respiração sob controle. Eu decidira que a única forma de controlar o medo visceral que ameaçava me sufocar era me convencer de que ia ao encontro de Édouard.

Na verdade, eu me sentia entorpecida. Naquelas primeiras horas na traseira do caminhão, eu não seria capaz de formar uma frase se me pedissem. Ia ali sentada, com as palavras duras dos meus conterrâneos ainda ecoando em meus ouvidos, a expressão de nojo do meu irmão em minha cabeça, a realidade do que acabara de acontecer me deixando com a boca inteiramente seca. Via minha irmã, seu rosto contraído de dor, e sentia a força feroz com que os bracinhos de Édith tentavam se agarrar a mim. Meu medo naqueles momentos era tão intenso que me ocorreu que eu poderia me desgraçar. Vinha em ondas, fazendo minhas pernas tremerem e meu queixo bater. Então, olhando as cidades em ruínas, eu via que, para muitos, o pior já havia passado, e dizia a mim mesma para ter calma: isso era meramente uma etapa necessária para o meu reencontro com Édouard. Era o que eu pedira. Eu tinha que acreditar nisso.

A uma hora de St Péronne, o guarda na minha frente já cochilava de braços cruzados, com a cabeça inclinada para trás, encostada na carroceria do caminhão. Obviamente, decidira que eu não era nenhuma ameaça, ou talvez estivesse tão exausto que não tivesse conseguido resistir ao balanço do veículo. Quando o medo tornava a se insinuar em mim, como um animal predador,

eu fechava os olhos, apertava as mãos em cima da bolsa e pensava em meu marido...

* * *

Édouard ria sozinho.

— O quê? — Entrelacei os braços ao redor do pescoço dele, deixando suas palavras caírem devagarinho em minha pele.

— Estou me lembrando de você ontem à noite, botando Monsieur Farage para correr em volta do próprio balcão dele.

Nossas dívidas haviam ficado muito grandes. Eu arrastara Édouard pelos bares de Pigalle, cobrando o dinheiro dos que lhe deviam, negando-me a sair até nos pagarem. Depois que Farage se recusara e me xingara, Édouard, que normalmente custava a se enfurecer, acertara-lhe um murro com aquele punho pesado. O homem desmaiara antes mesmo de cair duro no chão. Havíamos deixado o bar de pernas para o ar, mesas viradas, copos voando em volta dos nossos ouvidos. Eu me recusara a correr, mas levantara a saia e saíra com calma, parando no caixa para pegar a quantia exata devida a Édouard.

— Você é destemida, mulherzinha.

— Com você ao meu lado, eu sou.

* * *

Devia ter cochilado e acordei com o tranco do caminhão parando, quando bati com a cabeça no teto. O guarda estava fora do veículo, conversando com outro soldado. Olhei para fora, esfregando a cabeça, esticando as pernas e os braços frios e enrijecidos. Estávamos numa cidade, mas a estação de trem tinha um nome alemão diferente, que eu não identificava. As sombras haviam se alongado, sugerindo que a noite não estava longe. A lona subiu e o rosto de um soldado alemão surgiu. Ele pareceu espantado de me ver sozinha lá dentro. Deu um grito, e gesticulou para que eu saltasse. Como não andei agilmente, ele me arrastou pelo braço, eu tropecei e deixei a bolsa cair no chão molhado.

Fazia dois anos que eu não via tanta gente junta. A estação, que compreendia duas plataformas, estava apinhada, principalmente de soldados e prisioneiros, até onde eu podia ver. As braçadeiras e as encardidas roupas listradas identificavam os prisioneiros. Eles mantinham a cabeça baixa. Peguei-me examinando seus rostos à procura de Édouard enquanto me empurravam no meio daquela aglomeração, mas, como me apressavam, as feições ficavam indistintas.

— *Hier! Hier!*

Uma porta deslizou para o lado e fui jogada dentro de um vagão de carga, cujas laterais de tábuas revelaram uma massa imprecisa de corpos no interior. Procurei não largar a bolsa e ouvi

a porta bater atrás de mim enquanto minha vista se ajustava à meia-luz.

Lá dentro, dois bancos estreitos de madeira ao longo de cada lado estavam repletos de pessoas, praticamente coladas umas nas outras. No chão, havia mais. Nas extremidades, alguns iam deitados, descansando a cabeça em pequenas trouxas do que poderiam ser roupas. Tudo era tão imundo que era difícil dizer. O ar estava impregnado do fedor daqueles que, havia algum tempo, não tinham conseguido tomar banho, ou coisa pior.

— *Français?* — disse eu no silêncio. Vários rostos me olharam inexpressivamente. Tentei de novo.

— *Ici* — disse uma voz perto da parede do fundo.

Fui andando com cuidado por toda a extensão do vagão, tentando não perturbar quem dormia. Ouvi falarem numa língua que poderia ser russo. Pisei no cabelo de alguém e fui xingada. Finalmente, cheguei ao fundo do vagão. Um homem de cabeça raspada me olhou. Seu rosto era todo marcado, como se tivesse acabado de ter catapora, e as maçãs do rosto eram proeminentes como as de uma caveira.

— *Français?* — disse ele.

— Sim — respondi. — O que é isso? Aonde estamos indo?

— Aonde estamos indo?

Ele me olhou espantado, e então, quando entendeu que minha pergunta era séria, riu sem achar graça.

— Tours, Amiens, Lille. Como vou saber? Eles ficam rodando com a gente pelo país afora para ninguém aqui saber onde está.

Eu já ia falar de novo quando vi um vulto no chão. Um casaco preto tão familiar que, a princípio, não me atrevi a olhar mais de perto. Dei um passo à frente, passando pelo homem, e me ajoelhei.

— Liliane? — Vi o rosto dela, ainda machucado, embaixo do que lhe restava de cabelo. Ela abriu um dos olhos, como se não confiasse em seus ouvidos. — Liliane! É Sophie.

Ela olhou para mim.

— Sophie — murmurou. Depois, levantou a mão e tocou na minha. — Édith?

Mesmo naquele seu estado frágil, deu para notar o medo em sua voz.

— Está com Hélène. Está a salvo.

Os olhos se fecharam.

— Você está doente?

Foi então que vi o sangue, seco, em volta de sua saia. Sua palidez cadavérica.

— Ela está assim há muito tempo?

O francês deu de ombros, como se já tivesse visto muitos na situação de Liliane para sentir alguma compaixão.

— Ela estava aí quando embarcamos há algumas horas.

Liliane tinha os lábios rachados, os olhos encovados.

— Alguém tem água? — gritei.

Alguns olhares se voltaram para mim.

— Acha que isso é um vagão-restaurante? — perguntou o francês com sarcasmo.

Tentei de novo, falando mais alto.

— Alguém tem um gole d'água?

Eu via as pessoas se entreolhando.

— Essa mulher arriscou a vida para levar informações à nossa cidade. Se alguém tiver água, por favor, só umas gotinhas. — Um murmúrio atravessou o vagão. — Por favor! Pelo amor de Deus!

Então, surpreendentemente, minutos depois, uma tigela de ágata foi passada de mão em mão. Continha no fundo um dedo do que poderia ter sido água da chuva. Agradei em voz alta e levantei a cabeça de Liliane com delicadeza, vertendo as preciosas gotas em sua boca.

O francês pareceu animado por um instante.

— Devíamos estender xícaras, tigelas, qualquer coisa para fora do vagão se possível, enquanto está chovendo. Não sabemos quando será a próxima vez que receberemos comida ou água.

Liliane engoliu penosamente. Posicionei-me no chão para ela poder descansar encostada em mim. Com um guincho e o ruído duro do atrito do ferro com os trilhos, o trem seguiu para o interior.

* * *

Não sei dizer quanto tempo ficamos naquele trem. Ele andava devagar, parando com frequência sem razões claras. Segurando nos braços a sonolenta Liliane, eu olhava pelas frestas das tábuas cheias de farpas, observando o movimento interminável das tropas, prisioneiros e civis através do meu país castigado. A chuva ficou mais forte, e houve mais murmúrios de satisfação quando os ocupantes fizeram circular a água que haviam coletado. Eu estava com frio, mas feliz com a chuva e a baixa temperatura: não dava para imaginar quão infernal esse vagão ficaria no calor quando os odores piorassem.

As horas se estendiam, e o francês e eu conversávamos. Perguntei sobre a placa em seu quepe, a listra vermelha em seu casaco, e ele me disse ter vindo do ZAB — *Zivilarbeiter Battalion*, prisioneiros que eram usados para os piores trabalhos, enviados para o *front*, expostos ao fogo aliado. Contou-me dos trens que ele via todas as semanas, lotados de meninos, mulheres e meninas, atravessando o país para Somme, Escaut e as Ardenes, para servir de mão de obra escrava para os alemães. Naquela noite, disse, pernoitaríamos em quartéis, fábricas ou escolas em ruínas em aldeias evacuadas. Ele não sabia se seríamos levados para um campo de

prisioneiros ou para um batalhão de trabalho.

— Eles nos mantêm em estado de inanição para não termos forças para tentar fugir. Quase todo mundo aqui está agradecido só por continuar vivo. — Ele perguntou se eu tinha comida na bolsa e ficou desapontado quando tive de dizer que não. Dei-lhe um lenço que Hélène pusera lá dentro, sentindo-me na obrigação de lhe dar algo. Ele olhou para aquele pano limpo de algodão como se fosse uma meada de seda. Depois me devolveu. — Guarde-o — disse e fechou a cara. — Use-o para a sua amiga. O que ela fez?

Quando lhe contei da coragem de Liliane, da linha vital de informações que ela trouxera à nossa cidade, ele olhou para ela de outra maneira, como se já não estivesse vendo um corpo, mas sim um ser humano. Eu lhe disse que estava procurando notícias do meu marido e que ele fora enviado para Ardennes. O semblante do francês estava carregado.

— Passei várias semanas lá. Soube que houve epidemia de tifo? Tomara que seu marido tenha sobrevivido.

O medo me fechou a garganta.

— Onde está o restante do seu batalhão? — perguntei-lhe, tentando mudar de assunto.

O trem reduziu a velocidade e passamos por outra coluna de prisioneiros seguindo a pé. Nenhum deles olhou para o trem, como se aquela escravidão forçada os enchesse de vergonha. Olhei bem o rosto de cada um, temendo que Édouard pudesse estar entre eles.

O francês custou um pouco a falar.

— Sou o único que sobrou.

* * *

Várias horas depois de ter anoitecido, entramos num desvio. As portas de correr se abriram ruidosamente, e gritaram em alemão para que saltássemos. Os corpos se levantaram do chão cheios de cansaço, segurando tigelas de ágata, e se encaminharam para um ramal desativado. Nosso caminho estava ladeado de soldados da infantaria alemã, cutucando-nos com suas espingardas para que andássemos em fila. Senti-me como um bicho, conduzida assim, como se não fosse mais humana. Recordei-me da fuga desesperada do jovem prisioneiro em St Péronne, e subitamente tive uma vaga ideia do que o levava a fugir, mesmo sabendo das poucas chances que tinha.

Eu segurava Liliane junto a mim, apoiando-a pelas axilas. Ela andava devagar, muito devagar. Um alemão colocou-se atrás de nós e a chutou.

— Deixe-a! — protestei, e ele me deu com a coronha do rifle na cabeça, fazendo-me tropeçar e cair no chão. Senti mãos me puxando para cima e depois já estava andando de novo, atordoada, com a vista enevoada. Quando botei a mão na têmpora, senti a viscosidade do sangue.

Fomos conduzidos para uma enorme fábrica deserta. O chão coalhado de cacos de vidro rangia sob nossos pés, e um vento forte assobiava pelas janelas. Ao longe, ouvíamos o rugido dos

canhões, até víamos o clarão de uma ou outra explosão. Olhei para fora, perguntando-me onde estávamos, mas tudo em volta estava envolvido pelo manto da noite.

— Aqui — disse uma voz, e o francês se pôs entre nós duas, dando-nos apoio, conduzindo-nos para um canto. — Olhem, tem comida.

Sopa, servida por outros prisioneiros em uma mesa comprida com dois enormes potes. Eu não comia desde de manhã cedo. A sopa era aguada, cheia de formas indistintas, mas meu estômago estava apertado de ansiedade. O francês encheu sua tigela de ágata, e uma xícara que Hélène pusera em minha bolsa, e com três pedaços de pão preto, sentamo-nos num canto e comemos, dando goles para Liliane (que tinha os dedos de uma das mãos quebrados e não podia usá-los), limpando a tigela com os nossos dedos para não desperdiçar nada.

— Nem sempre há comida. Talvez nossa sorte esteja mudando — disse o francês, mas sem convicção. Desapareceu em direção à mesa com os potes onde uma multidão já se reunia na esperança de repetir, e eu me amaldiçoei por não ter agilidade suficiente para ir até lá. Tive medo de deixar Liliane, mesmo por um instante. Minutos depois ele voltou com a tigela cheia. Ficou ao nosso lado, me entregou a tigela e apontou para Liliane.

— Aqui — disse. — Ela precisa de força.

Liliane levantou a cabeça. Olhou para ele como se não se lembrasse como era ser tratada com bondade, e meus olhos se encheram de lágrimas. O francês fez um cumprimento de cabeça para nós, como se estivéssemos em outro mundo e ele estivesse educadamente nos dando boa-noite, depois se retirou para onde os homens dormiam. Sentei-me e alimentei Liliane Béthune, gole por gole, como faria com uma criança. Quando terminou a segunda tigela, ela deu um suspiro trêmulo, encostou a cabeça em mim e adormeceu. Fiquei ali sentada no escuro, rodeada de corpos se mexendo em silêncio, uns tossindo, outros chorando, ouvindo os sotaques de russos, ingleses e poloneses perdidos. No chão, eu às vezes sentia a vibração de um projétil que acertava o alvo, uma vibração que parecia não surpreender mais ninguém. Eu ouvia os canhões distantes e o murmúrio dos outros prisioneiros, e, quando a temperatura caiu, comecei a tremer. Visualizei minha casa, Hélène dormindo a meu lado, as mãos da pequena Édith enroscadas no meu cabelo. E chorei em silêncio no escuro, até que finalmente, vencida pelo cansaço, também adormeci.

* * *

Acordei e, por alguns segundos, não sabia onde estava. O braço de Édouard me envolvia, eu sentia o peso do seu corpo. Havia uma pequena fenda no tempo através da qual jorrou o alívio — *ele estava ali* — até eu perceber que não era meu marido encostado em mim. A mão de um homem, furtiva e insistente, se insinuava por dentro da minha saia, protegida pelo escuro, talvez pela certeza dele do meu medo e cansaço. Será que eu devia gritar? Alguém ligaria se eu gritasse? Será que os alemães tomariam isso como mais um pretexto para me punir? Quando tirei meu braço devagarinho de sob meu corpo, encostei a mão num caco de vidro, frio e afiado,

lançado quando a janela se estilhaçou. Fechei os dedos envolvendo o estilhaço e, quase antes de pensar no que fazia, rolei para o lado e pus a ponta afiada colada à garganta do atrevido desconhecido.

— Encoste em mim de novo e eu passo isso em você — sussurrei.

Eu podia sentir seu mau hálito e seu choque. Ele não esperava resistência. Nem tive certeza se ele entendeu o que eu disse. Mas ele entendeu aquele caco afiado. Levantou as mãos, um gesto de rendição, talvez de desculpas. Fiquei mais um instante com o vidro naquela posição, confirmando minha intenção. Na escuridão quase absoluta, meu olhar cruzou com o dele e vi que ele estava com medo. Ele também encontrara um mundo onde não havia regras, não havia ordem. Se aquele era um mundo onde ele podia atacar uma estranha, também era um mundo onde ela podia degolá-lo. Tão logo afrouxei a pressão, o homem se levantou afobadamente. Mal deu para distinguir seu vulto tropeçando por cima das pessoas dormindo para chegar ao outro lado da fábrica.

Meti o fragmento de vidro no bolso da saia, sentei com as costas retas, protegendo com os braços a forma adormecida de Liliane, e esperei.

* * *

Parecia que eu tinha acabado de adormecer quando fomos acordados com uma gritaria. Guardas alemães se movimentavam pelo meio da sala, despertando as pessoas a coronhadas e pontapés. Endireitei-me. Senti uma dor na cabeça, e engoli um grito. Pela minha visão turvada, vi os soldados se dirigindo para nós e dei um puxão em Liliane, tentando fazê-la se endireitar antes que eles pudessem nos bater.

Na dura luz azul do amanhecer, eu via claramente o que nos cercava. A fábrica era enorme e semiabandonada, com um rombo irregular no meio do teto, vigas e janelas espalhadas pelo chão. Na outra extremidade, as mesas de cavalete estavam servidas de algo que poderia ser café, e um naco de pão preto. Levantei Liliane; eu tinha que atravessar com ela aquele amplo espaço antes que a comida acabasse.

— Onde estamos? — perguntou ela, espiando pela janela quebrada. Uma explosão distante nos disse que devíamos estar perto do *front*.

— Não tenho ideia — eu disse, aliviada por ela se sentir bem o bastante para puxar uma pequena conversa comigo.

Enchemos a xícara de café e conseguimos mais um pouco para a tigela do francês. Procurei-o, aflita com a possibilidade de ele estar se privando por nossa causa, mas um oficial alemão já estava separando os homens em grupos, e alguns deles se afastavam da fábrica em fila. Liliane e eu recebemos ordens de entrar em um grupo separado, predominantemente feminino, e fomos direcionadas para um banheiro comum. De dia, dava para eu ver a sujeira entranhada na pele das outras mulheres, os piolhos cinzentos andando na cabeça delas. Senti

coceira, e vi um na minha saia. Espanei-o com a mão, sentindo que isso era inútil. Não escaparia deles, eu sabia. Era impossível passar tanto tempo em contato direto com outros e evitá-los.

Devia haver trezentas mulheres tentando se lavar e usar o banheiro em paz num espaço planejado para doze pessoas. Quando consegui trazer Liliane para perto dos cubículos, ambas tivemos ânsias de vômito diante do que encontramos. Limpamo-nos na bomba de água fria como pudemos, seguindo o exemplo das outras mulheres: elas mal se despiam, e olhavam em volta preocupadas, como se esperando algum subterfúgio dos alemães.

— Às vezes, eles irrompem banheiro adentro — disse Liliane. — É mais fácil, e mais seguro, ficar vestida.

Enquanto os alemães estavam ocupados com os homens, saí para catar gravetos e pedaços de barbantes entre os escombros, depois fui me sentar com Liliane. Na fraca claridade, entalei os dedos quebrados de sua mão esquerda. Ela foi muito corajosa, aguentando firme mesmo quando eu sabia que devia estar machucando-a. Ela parara de sangrar, mas ainda andava com cuidado, como se sentisse dor. Não me atrevi a perguntar o que lhe acontecera.

— É bom ver você, Sophie — disse ela, examinando a mão.

Lá no fundo, pensei, ainda devia haver uma sombra da mulher que conheci em St Péronne.

— Nunca fiquei tão feliz em ver outro ser humano — eu disse, enxugando seu rosto com meu lenço limpo, e estava sendo sincera.

Os homens foram enviados para realizar um trabalho. Dava para ouvi-los ao longe, fazendo fila para receber pás e picaretas, formados em colunas para marchar em direção ao barulho infernal no horizonte. Fiz uma prece silenciosa para que nada acontecesse com nosso francês caridoso, depois fiz outra, como sempre fazia, por Édouard. As mulheres, enquanto isso, foram direcionadas para um vagão de trem. Fiquei desanimada com a ideia da próxima viagem demorada e fedida, mas aí me censurei. Pode ser que eu só esteja a algumas horas de Édouard, pensei. Pode ser que este seja o trem que me leve a ele.

Embarquei sem reclamar. Embora esse vagão fosse menor, parecia que esperavam embarcar nele todas as trezentas mulheres. Ouviam-se xingamentos e algumas discussões abafadas enquanto tentávamos sentar. Liliane e eu encontramos uma pequena vaga no banco. Sentei-me aos seus pés e soquei a bolsa embaixo dela. Eu cuidava daquela bolsa com zelo, como se ela fosse um bebê. Alguém gritou ao sentir o trem chacoalhar com a explosão de um projétil nas imediações.

— Me conte sobre Édith — disse ela quando o trem partiu.

— Ela está bem-disposta. — Falei com a voz mais convincente possível. — Come bem, dome tranquila, e ela e Mimi estão inseparáveis. Ela adora o bebê, e ele a adora também.

Enquanto eu falava, descrevendo a vida da filha em St Péronne, ela manteve os olhos fechados. Não sei se aliviada ou agoniada.

— Ela está feliz?

Respondi com cuidado:

— Ela é uma criança. Quer a *maman* dela. Mas sabe que está em segurança no Le Coq Rouge.

Eu não podia lhe contar mais nada, mas isso pareceu ser suficiente. Não lhe contei dos pesadelos de Édith, das noites que ela passara soluçando pela mãe. Liliane não era burra: eu desconfiava que, no fundo, ela já sabia de tudo isso. Quando terminei, ela ficou um bom tempo olhando pela janela, pensativa.

— E, Sophie, o que levou você a isso? — perguntou ela, afinal olhando para mim.

Provavelmente não havia ninguém mais no mundo que entenderia melhor que Liliane. Observei o rosto dela, com medo, mesmo naquele momento. Mas a perspectiva de ser capaz de dividir o meu fardo com outro ser humano era um atrativo muito grande.

Contei-lhe. Contei-lhe sobre o Kommandant, a noite em que fui ao alojamento dele, e o trato que lhe propus. Ela ficou me olhando. Não me disse que eu era uma idiota, nem que eu não devia ter acreditado nele, nem que eu poderia morrer, ou causar a morte das pessoas que eu amava por não ter satisfeito os desejos do Kommandant.

Ela não disse absolutamente nada.

— Estou convencida de que ele vai manter a parte dele no trato. Estou convencida de que ele vai me levar até Édouard.

Eu disse isso com toda a fé que consegui juntar. Ela esticou a mão boa e apertou a minha.

* * *

À tardinha, numa pequena floresta, o trem parou de repente. Aguardamos que ele tornasse a andar, mas, dessa vez, as portas de correr abriram na traseira, e as passageiras, muitas das quais haviam acabado de adormecer, resmungaram. Eu estava cochilando e acordei com a voz de Liliane em meu ouvido.

— Sophie. Acorde. Acorde.

Um guarda alemão estava postado à porta. Custei um pouco a perceber que ele chamava meu nome. Levantei-me de um pulo, lembrando-me de pegar a bolsa, e fiz sinal para Liliane vir comigo.

— *Karten* — exigiu ele.

Liliane e eu apresentamos nossas carteiras de identidade. Ele conferiu nossos nomes numa lista e apontou para um caminhão. Ouvimos as outras mulheres chiarem desapontadas quando as portas bateram às nossas costas.

Liliane e eu fomos empurradas para um caminhão. Senti que ela ficava um pouco para trás.

— O que foi? — perguntei.

— Não estou gostando disso — disse ela, olhando para trás, quando o trem tornou a se pôr em marcha.

— É bom — insisti. — Acho que quer dizer que estamos sendo separadas. Isso deve ser coisa do Kommandant.

— É disso que não estou gostando — disse ela.

— E, ouça, não dá para ouvir os canhões. Devemos estar nos afastando do *front*. Isso é bom, com certeza.

Fomos hesitantes para trás do caminhão, e ajudei-a a subir na caçamba, coçando minha nuca. Eu começara a sentir coceira e detectara piolhos na roupa. Tentei ignorá-los. Tinha que ser um bom sinal o fato de terem nos retirado do trem.

— Tenha fé — eu disse e apertei o braço dela. — Pelo menos, temos espaço para mexer as pernas.

Um guarda jovem subiu na caçamba, e nos lançou um olhar furioso. Tentei sorrir, para convencê-lo de que era improvável eu tentar fugir, mas ele me olhou com nojo e colocou o rifle entre nós, como um alerta. Vi então que eu também cheirava mal, e que, com aquela promiscuidade forçada, a minha própria cabeça logo estaria infestada de insetos, e me entretive revistando minhas roupas e catando os que encontrava.

O caminhão partiu e Liliane contraía o rosto a cada solavanco. Não demorou muito para que ela caísse no sono outra vez, exaurida pela dor. Minha própria cabeça latejava, e fiquei agradecida pelo silêncio dos canhões. *Tenha fé*, apelei em silêncio para que conseguíssemos ter força de vontade.

Estávamos havia quase uma hora na estrada aberta, o sol de inverno se pondo lentamente atrás das montanhas ao longe, cristais de gelo brilhando às margens do caminho, quando a lona esvoaçou e deu para entrever uma placa de sinalização. Devo ter me enganado, pensei. Inclinei-me para a frente, levantando a ponta da lona para não perder a placa seguinte, franzindo os olhos por causa da claridade. E lá estava.

Mannheim.

O mundo pareceu parar à minha volta

— Liliane? — murmurei, sacudindo-a para acordá-la. — Liliane. Olha lá. O que vê?

O caminhão diminuía a velocidade ao contornar umas crateras, então, quando ela olhou, eu sabia que ela devia ter visto.

— Devíamos estar indo na direção do sul — eu disse. — Para Ardenes. — Agora eu via que a escuridão estava atrás de nós. Íamos para leste, e já havia um bom tempo. — Mas Édouard está em Ardenes. — Eu não conseguia disfarçar o pânico na voz. — Tive notícias de que ele estava lá. A gente devia estar indo para Ardenes. Ao sul.

Liliane soltou a ponta da lona. Falou sem olhar para mim. Seu rosto perdera todo resquício de cor que ainda tinha.

— Sophie, não ouvimos mais os canhões porque já atravessamos o *front* — disse ela num tom apático. — Estamos entrando na Alemanha.

O trem segue numa grande animação. Um grupo de mulheres no fundo do Vagão Quatorze estoura na gargalhada. Um casal de meia-idade nos assentos em frente, talvez indo para casa após alguma viagem para celebrar o Natal, está coberto de enfeites extravagantes. Os bagageiros estão lotados de compras, o ar, impregnado de aromas de comidas da estação — queijos maduros, vinho, chocolate caro. Mas para Mo e Liv, a viagem de volta à Inglaterra é desanimada. Elas viajam praticamente em silêncio. Mo ainda está de ressaca, e aparentemente tenta remediar a situação com mais garrafinhas de vinho vendidas a preços exorbitantes. Liv lê e relê suas anotações, traduzindo palavra por palavra com seu pequeno dicionário inglês-francês equilibrado em sua mesa-bandeja.

A situação difícil de Sophie Lefèvre lançou uma longa sombra na viagem. O destino da garota que Liv sempre considerara triunfante não lhe sai da cabeça. Será que ela realmente foi uma colaboracionista? O que foi feito dela?

Um atendente empurra um carrinho pelo corredor, oferecendo mais bebidas e doces. Ela está tão absorta na vida de Sophie que mal ergue os olhos. O mundo de maridos ausentes, de desejo, de quase inanição e de medo dos alemães subitamente lhe parece mais real do que este. Ela sente o cheiro de fumaça da lenha do Le Coq Rouge, ouve os passos no chão. Cada vez que fecha os olhos, seu quadro se transforma na expressão apavorada de Sophie Lefèvre, arrastada pelos soldados para um caminhão à sua espera, renegada pela família que ela amava.

As páginas são marrons, frágeis e absorvem a umidade da ponta de seus dedos. Há as primeiras cartas de Édouard para Sophie, quando ele entra para o Régiment d'Infanterie e ela se muda para St Péronne para ficar com a irmã. Édouard sente tanta falta dela, escreveu ele, que algumas noites quase não consegue respirar. Ele lhe conta que a faz aparecer em seu pensamento, pinta retratos dela no ar frio. Em suas cartas, Sophie inveja a própria imagem, reza pelo marido, censura-o. Chama-o de *poilu*. A imagem dos dois despertada pelas palavras de Sophie é tão forte, tão íntima que, mesmo lutando com sua tradução do francês, Liv se sente quase sem ar. Corre os dedos pelas letras desbotadas, maravilhada com o fato de a garota do retrato ser responsável por aquelas palavras. Sophie Lefèvre não é mais uma imagem em uma moldura dourada lascada: tornou-se uma pessoa, um ser vivo, tridimensional, que respira. Uma mulher que fala sobre roupa suja, escassez de comida, o corte do uniforme do marido, seus medos e frustrações. Ela se dá conta, mais uma vez, que não pode deixar o retrato de Sophie ir embora.

Liv passa os olhos em duas folhas. Aqui o texto é mais denso, e interrompido por uma fotografia formal, em sépia, de Édouard Lefèvre, o olhar meio distante.

A Gare du Nord fervilhava, um mar de soldados e mulheres chorosas, o abafamento de fumaça e vapor e as vozes angustiadas das despedidas. Eu sabia que Édouard não havia de querer que eu chorasse. Além do mais, seria apenas uma curta separação. Todos os jornais diziam isso.

“Quero saber tudo que você está fazendo”, eu disse. “Faça muitos esboços para mim. E coma direito. E não faça nenhuma burrice, como se embriagar, brigar e ser preso. Quero você em casa o mais depressa possível.”

Ele me fez prometer que Hélène e eu seríamos cuidadosas.

“Se tiver notícia de que a linha inimiga está se aproximando de você, prometa-me que vai voltar imediatamente para Paris.”

Quando fiz que sim com a cabeça, ele disse: “Não me faça essa cara de esfinge, Sophie. Prometa que vai pensar primeiro em você. Não vou conseguir lutar se achar que você poderia estar em perigo.”

“Você sabe que eu sou forte.”

Ele virou-se para olhar o relógio atrás dele. Em algum lugar ao longe, um trem deu um apito pungente. Fumaça, um fedor de óleo queimado subiu à nossa volta, ocultando as multidões na plataforma. Estiquei o braço para arrumar seu quepe de sarja azul. Depois recuei para olhar para ele. Que homem é o meu marido! Um gigante no meio dos homens. Ombros muito largos dentro daquele uniforme, meia cabeça mais alto que qualquer um ali. Ele tem uma enorme presença física. Vê-lo me enche de orgulho. Eu não podia acreditar que ele estivesse partindo.

Édouard finalizara uma pequena pintura a guache que fizera de mim na semana anterior. Agora batia no bolso do peito.

“Vou levar você comigo.”

Pus a mão no coração.

“E eu levarei você comigo.” No íntimo, eu estava com inveja de não ter uma imagem dele.

Olhei em volta. As portas dos vagões abriam e fechavam, mãos procuravam mãos, entrelando-se pela última vez.

“Não vou ficar vendo você partir, Édouard. Vou fechar os olhos e guardar a sua imagem como você está na minha frente.”

Ele balançou a cabeça. Tinha entendido.

“Antes de você ir”, disse ele de repente. Então me puxou e me beijou na boca, me apertando com força com aqueles braços grandes. Abracei-o, com os olhos bem fechados, e aspirei seu cheiro, absorvendo-o, como se pudesse fazer essa sensação durar por toda a sua ausência. Era como se só então eu tivesse me convencido de que ele estava partindo. Meu marido estava indo embora. E então, quando isso ficou demais, afastei-me, controlando rigidamente meu semblante.

Fiquei de olhos fechados e agarrei sua mão, sem querer ver o que quer que seu rosto expressasse, e depois me virei depressa, de costas bem eretas, fui andando pelo meio da multidão, afastando-me dele.

Não sei por que não quis vê-lo realmente embarcar no trem. Arrependo-me disso todos os dias.

Foi só quando cheguei em casa que pus a mão no bolso. Encontrei um papel que ele deve ter colocado ali enquanto me abraçava: uma pequena caricatura de nós dois, ele como um enorme urso de uniforme, sorrindo, o braço envolvendo a mim, miúda e de cintura fina, o rosto impassível e solene, o cabelo puxado para trás. Embaixo, ele escrevera, em sua letra cursiva sinuosa: "Nunca conheci a verdadeira felicidade até encontrar você."

Liv pisca. Guarda as folhas cuidadosamente na pasta. Mantém-se sentada, pensando. Então, desenrola o retrato de Sophie Lefèvre, e olha para aquele rosto sorridente, de cumplicidade. Como Monsieur Bessette poderia estar certo? Como uma mulher que adorava assim o marido poderia traí-lo, não só com outro homem, mas também com o inimigo? Parece incompreensível. Liv enrola a fotocópia e guarda as anotações em sua bolsa.

Mo puxa os fones do ouvido.

— Então. Meia hora até St Pancras. Acha que conseguiu o que queria?

Liv balança os ombros. Um enorme nó na garganta a impede de falar.

Mo tem o cabelo preto penteado para trás, as maçãs do rosto brancas como o leite.

— Está nervosa por causa de amanhã?

Liv engole em seco e dá um sorriso sem convicção. Não pensou em outra coisa nas últimas seis semanas.

— Se isso vale ou não — diz Mo, como se andasse pensando naquilo houvesse algum tempo —, acho que McCafferty não fez uma armação com você.

— O quê?

— Conheço um monte de gente falsa e mesquinha. Ele não é desse tipo. — Ela puxa uma pele do polegar, depois diz: — Acho que o destino simplesmente decidiu fazer uma brincadeira de mau gosto e botar vocês em lados opostos.

— Mas ele não tinha que vir atrás do meu quadro.

Mo levanta uma sobrancelha.

— É mesmo?

Liv olha pela janela enquanto o trem segue para Londres, lutando com mais um nó na garganta.

Do outro lado da mesa, o homem e a mulher completamente enfeitados estão encostados um no outro. Adormeceram de mãos dadas.

* * *

Mais tarde, ela não sabe bem o que a levou a isso. Mo anuncia em St Pancras que está indo para

a casa de Ranic, deixando Liv com instruções para não passar a noite inteira na internet pesquisando obscuros casos de restituição, e para fazer o favor de botar aquele Camembert na geladeira antes que ele empestee a casa inteira. Liv fica parada no saguão movimentadíssimo, segurando uma sacola plástica com um queijo fedorento e observando a pequena figura se dirigindo para o metrô, com uma bolsa pendurada descontraidamente no ombro. Há um tom confiante e firme no jeito que Mo fala de Ranic, dando a impressão de que algo mudou para os dois.

Ela aguarda até Mo sumir na multidão. Os transeuntes passam por ela, uma pedra no meio de um rio de gente. As pessoas todas estão aos pares, de braços dados, conversando, trocando olhares amorosos, animados, ou, se estão sozinhas, andam cabisbaixas, determinadas, a caminho de casa, ao encontro de quem amam. Ela vê alianças de casamento, anéis de noivado, ouve trechos de conversas murmuradas sobre horários de trens, litros de leite de última hora, e *Será que você pode me buscar na estação?*. Depois ela pensará com sensatez sobre as muitas pessoas que abominam o parceiro para quem voltam, procuram desculpas para não embarcar no trem, se refugiam em bares. Mas, por ora, os entediados, os infelizes, os outros solitários estão invisíveis. Para ela, a multidão só pode ser uma afronta ao seu estado solitário. Eu já fui uma de vocês, pensa, e não consegue imaginar como seria voltar a ser assim.

Nunca conheci a verdadeira felicidade até encontrar você.

O quadro de partidas pisca com seus novos destinos, as lojas de fachada de vidro estão lotadas de pessoas fazendo compras de Natal de última hora. Será que é possível voltar a ser quem se era?, pergunta-se ela. E antes que possa ficar totalmente paralisada pela resposta, Liv pega sua mala e vai meio andando, meio correndo para a estação de metrô.

* * *

O silêncio do apartamento tem algo de peculiar depois que Jake voltou para a mãe. É algo concreto, pesado, totalmente diferente da ausência de barulho que há quando ele passa algumas horas na casa de um amigo. A calma profunda de sua casa nessas horas tem, ele às vezes pensa, um colorido de culpa, uma aura de fracasso. Esse sentimento é agravado pela certeza de que não há chance de o filho voltar em menos de quatro dias. Paul termina de arrumar a cozinha (Jake andou fazendo bolos de chocolate com flocos de arroz, que se espalharam por baixo de todos os equipamentos da cozinha) e depois se senta, olhando para o jornal de domingo que pega toda semana por hábito e invariavelmente não lê.

Logo que Leonie saiu de casa, o que ele mais detestava eram as primeiras horas da manhã. Não sabia quanto gostava de ouvir os passos trôpegos do pequeno Jake pisando descalço e aparecendo no quarto, com o cabelo todo em pé, mal abrindo os olhos, para pedir para se deitar entre eles. A sensação gostosa daqueles pés geladinhos, o calor e o cheirinho de suor da pele dele. Aquela sensação visceral, quando o filho estava enroscado entre eles na cama, de que o mundo

ia bem. E então, depois que os dois se foram, aqueles primeiros meses acordando sozinho, sentindo como se cada manhã simplesmente anunciasse mais um dia em que ele sentiria falta do filho. Outra série de pequenas aventuras ou acidentes, o mosaico de acontecimentos banais que ajudariam a transformá-lo em quem ele se transformaria — e dos quais Paul não faria parte.

Paul enfrentava melhor as manhãs agora (até porque, aos nove anos, Jake raramente acordava antes dele), mas as primeiras horas depois que o menino voltava para Leonie ainda conseguiam desarmá-lo.

Ele vai passar algumas camisas. Talvez vá à academia, depois tome uma chuveirada e coma. Essas poucas atividades darão um sentido à noite. Um pouco de televisão, talvez uma olhada em seus arquivos, só para se certificar de que tudo esteja em ordem, e depois vai dormir.

Está acabando de passar as camisas quando o telefone toca.

— Oi — diz Janey.

— Quem é? — pergunta ele, embora saiba exatamente quem seja.

— Sou eu — diz ela, tentando disfarçar a ligeira reação à afronta na voz. — Janey. Só pensei em dar uma conferida em como estamos para amanhã.

— Estamos bem — afirma ele. — Sean já viu toda a papelada. O advogado está preparado. Não podemos estar melhor.

— Conseguimos mais alguma coisa sobre o desaparecimento inicial?

— Não. Mas temos uma correspondência de terceiros que dá para colocar um grande ponto de interrogação nisso.

Há um breve silêncio do outro lado da linha.

— A Briggs & Sawston está montando a própria agência de localização — diz ela.

— Quem?

— A casa de leilões. Mais um recurso para eles, aparentemente. Eles têm as costas quentes, também.

— Droga. — Paul olha para a pilha de papéis em sua mesa.

— Já começaram a falar com outras agências sobre equipe. Estão pegando ex-membros da Brigada das Antiguidades e Obras de Arte, ao que parece. — Ele ouve a pergunta oculta. — Qualquer um com experiência em trabalho de detetive.

— Bem, eles não me procuraram.

Ela não diz nada. Ele se pergunta se ela acredita nele.

— Temos que ganhar esse caso, Paul. Precisamos aparecer. Mostrar que somos as pessoas que devem procurar para encontrar e devolver tesouros perdidos.

— Eu sei disso — diz ele.

— Eu só quero que... você saiba quão importante você é para a empresa, quero dizer.

— Como eu disse, Janey, ninguém me procurou.

Outro silêncio.

— Tudo bem.

Ela não para de falar, contando-lhe do seu fim de semana, a viagem à casa dos pais, um casamento a que foi convidada em Devon. Fala tanto sobre o casamento que ele se pergunta se ela está arranjando coragem para convidá-lo, e muda de assunto com firmeza. Finalmente, ela desliga.

Paul põe uma música e aumenta o volume para ver se abafa o barulho da rua. Sempre adorou o burburinho, a vitalidade do West End, mas, com o tempo, aprendeu que, se não estiver no estado de espírito certo, aquela boemia escancarada só serve para aumentar a melancolia inerente às noites de domingo. Pressiona o botão do volume. Sabe por que, mas não admite. Não adianta pensar naquilo que não se pode mudar.

Ele acabou de lavar a cabeça quando ouve vagamente o interfone. Solta um palavrão, pega uma toalha e enxuga o rosto. Ia descer enrolado na toalha, mas tem a impressão de que é Janey. Não quer que ela pense que aquilo é um convite.

Já está ensaiando uma desculpa enquanto desce, com a camiseta colada na pele molhada.

Me desculpe, Janey, eu estava de saída.

É. Precisamos discutir isso no trabalho. Devíamos marcar uma reunião, envolver todo mundo.

Janey, acho você maravilhosa. Mas isso não é uma boa ideia. Me desculpe.

Ele abre a porta com esta última frase quase saindo da boca. Mas não é Janey.

Liv Halston está parada na calçada, segurando uma pequena bolsa de viagem. Acima dela, fios de luzes festivas enfeitam o céu noturno. Ela deixa a bolsa no chão e olha para ele com um rosto sério e pálido, como se tivesse esquecido por um instante o que queria dizer.

— O julgamento começa amanhã — diz ele, diante do silêncio dela. Não consegue parar de olhar para ela.

— Eu sei.

— Não podemos nos falar.

— Não.

— Poderíamos arranjar muitos problemas.

Ele fica ali parado, esperando. O rosto dela está muito tenso, emoldurado pela gola grossa do casaco preto, e seus olhos piscam como se houvesse mil conversas acontecendo em seu íntimo que ele não pudesse saber. Ele começa a pedir desculpas. Mas ela fala primeiro.

— Olhe. Sei que isso não deve fazer o menor sentido, mas será que não daria para a gente esquecer a ação? Só por uma noite? — A voz dela está muito vulnerável. — Será que dá para nos limitarmos a ser duas pessoas de novo?

É a voz ligeiramente embargada dela que o vence. Paul McCafferty abre a boca para falar, depois se abaixa, pega a bolsa dela e a conduz para dentro. Antes que qualquer um dos dois possa mudar de ideia, ele a puxa, toma-a nos braços e ficam ali até o mundo externo desaparecer.

— Ei, dorminhoca.

Ela se endireita, registrando aos poucos onde está. Paul está sentado na cama, colocando café numa caneca. Ele a entrega para ela. Parece espantosamente desperto. O relógio marca seis e trinta e dois.

— Trouxe uma torrada também. Achei que você poderia querer um tempo para ir para casa antes...

Antes...

O caso. Ela custa um pouco a absorver essa ideia. Ele espera enquanto ela esfrega os olhos, depois se inclina e a beija de leve. Já escovou os dentes, ela nota e fica inibida por um instante por não ter feito o mesmo.

— Eu não sabia o que você queria na torrada. Tomara que goste de geleia. — Ele pega a torrada da bandeja. — A preferida de Jake. Noventa e oito por cento de açúcar, ou algo assim.

— Obrigada.

Ela pisca ao ver o prato em seu colo. Não se lembra quando foi a última vez que alguém lhe trouxe café na cama.

Eles se entreolham. Nossa, pensa ela, lembrando-se da vez anterior. Todos os outros pensamentos desaparecem. E, como se Paul conseguisse ler a sua mente, os olhos dele se franzem nos cantos.

— Você vai... voltar para cá? — pergunta ela.

Ele se vira para ela, de modo a enroscar suas pernas, quentes e firmes, nas dela. Ela se mexe para ele poder passar o braço em volta de seus ombros, depois se apoia nele e fecha os olhos, limitando-se a se deleitar com a sensação desse contato. Ele tem um cheiro quente e sonífero. Ela só quer encostar o rosto na pele dele e ficar ali, aspirando-o até seus pulmões estarem completamente tomados pelas moléculas de Paul. Ela tem a lembrança repentina de um garoto com quem saiu na adolescência. Ela o adorava. Quando finalmente se beijaram, ela ficou chocada com o cheiro desagradável que ele tinha na pele, no cabelo, no corpo todo. Era como se uma parte fundamental do menino tivesse aquela composição química para repeli-la. Mas a pele de Paul... ela poderia ficar só ali, aspirando-a, como um cheiro realmente muito bom.

— Você está bem?

— Mais do que bem — diz ela.

Ela toma um gole de café.

— Estou começando a gostar das noites de domingo. Não imagino por quê.

— As noites de domingo definitivamente são desvalorizadas.

— Assim como os visitantes inesperados. Eu estava meio preocupado que você fosse uma Testemunha de Jeová. — Ele pensa por um instante. — Embora se uma Testemunha de Jeová

fizesse o que você fez ontem à noite, acho que ela seria muito mais bem recebida.

— Você devia dizer a eles.

— Talvez eu diga.

Há um longo silêncio. Enquanto comem a torrada calados e com cumplicidade, eles ouvem o caminhão do lixo dando marcha a ré na rua, o bater abafado das latas de lixo.

— Senti sua falta, Liv — diz ele.

Ela encosta a cabeça nele. Na rua, há duas pessoas falando alto em italiano. Ela sente uma dor gostosa nos músculos, como se tivesse relaxado depois de uma tensão prolongada que ela mal havia percebido. Sente-se como uma pessoa que ela havia esquecido. Pergunta a si mesma o que Mo diria de tudo isso, depois sorri ao se dar conta de que sabe a resposta.

E então a voz de Paul quebra o silêncio:

— Liv, acho que esse processo vai levá-la à falência.

Ela olha para a caneca de café.

— Liv?

— Não quero falar sobre o processo.

— Não vou... entrar em detalhes sobre isso. Só quero dizer que estou preocupado.

Ela tenta sorrir.

— Bem, não fique. Você ainda não ganhou.

— Mesmo que você ganhe. É muito dinheiro em custas legais. Já estive nessa situação algumas vezes e tenho uma boa ideia de quanto vai custar. — Ele pousa a caneca e pega a mão dela. — Olhe. Semana passada falei com a família Lefèvre em particular. Minha diretora, Janey, nem sabe disso. Expliquei um pouco sua situação, disse a eles quanto você gosta do quadro, quanto resiste em abrir mão dele. E consegui fazê-los concordar em lhe oferecer uma compensação adequada. Uma compensação séria, na casa dos seis dígitos. Isso cobriria suas custas legais até agora e ainda sobraria.

Liv olha para as mãos de ambos, a sua envolvida pela dele. Seu bom humor evapora.

— Você... está tentando me convencer a recuar?

— Não pelas razões que você pensa.

— Como assim?

Ele olha para a frente.

— Descobri algumas coisas.

Uma parte dela fica muito serena.

— Na França?

Ele contrai os lábios, como se tentasse calcular quanto lhe contar.

— Descobri um antigo artigo de jornal, de autoria da jornalista americana que era dona do seu quadro. Ela conta como recebeu esse quadro de um armazém de obras de arte roubadas perto de Dachau.

— E então?

— Então essas obras foram todas roubadas. O que reforçaria nosso argumento de que o quadro foi obtido ilegalmente e tomado pelos alemães.

— É uma suposição importante.

— Ela contamina qualquer aquisição posterior.

— Isso é você que está dizendo.

— Sou bom no que faço. Estamos quase chegando lá. E se houver mais provas, você sabe que vou encontrar.

Ela se sente enrijecer.

— Acho que a palavra importante aí é “se”.

Retira a mão da dele.

Ele se vira para olhá-la de frente.

— Tudo bem. É isso que não entendo. À parte o que é moralmente certo e errado aqui, não entendo por que uma mulher muito inteligente, que tem a posse de um quadro que não custou quase nada, não concordaria em devolvê-lo em troca de muito dinheiro. Muito mais do que pagou por ele.

— Não se trata de dinheiro.

— Ora, *espere aí*, Liv. Estou mostrando o óbvio, aqui. Se você levar esse processo adiante e perder, pode perder centenas ou milhares de libras. Talvez até sua casa. Toda a sua segurança. Por um quadro? Sério?

— O lugar de Sophie não é com eles. Eles não... ligam para ela.

— Sophie Lefèvre já faleceu há mais de oitenta anos. Tenho certeza de que isso não vai fazer qualquer diferença para ela.

Liv se levanta da cama, olha em volta à procura de sua calça.

— Você realmente não entende, não é? — Veste-se, puxando furiosamente o zíper. — Nossa. Você não é nada do homem que imaginei que fosse.

— Não. Sou um homem que, surpreendentemente, não quer ver você perder sua casa por nada.

— Ah, não. Me esqueci. Você é o homem que trouxe essa merda para dentro da minha casa, para começar.

— Acha que outra pessoa não teria feito esse trabalho? É um caso justo, Liv. Existem organizações como a nossa por todo lado que trabalhariam nele.

— Terminamos? — Ela fecha o sutiã e puxa o casaco pela cabeça.

— Olhe. Só quero que você pense sobre isso. Só não quero que perca tudo por uma questão de princípio.

— Ah, então você só está preocupado comigo. Certo.

Ele esfrega a testa, como se tentando manter a calma. Depois, balança a cabeça.

— Sabe de uma coisa? Acho que isso não tem nada a ver com o quadro. Acho que tem a ver com a sua incapacidade de seguir em frente. Abrir mão do quadro significa deixar David no passado. E você não consegue fazer isso.

— Já segui em frente! Você sabe que segui! Que diabo acha que foi esta noite?

Ele olha para ela.

— Quer saber? Não sei. Não sei mesmo.

Quando ela se desvia dele para passar, ele não tenta impedi-la.

Duas horas depois, Liv está sentada no táxi, nervosa, vendo Henry devorar um café e um pão doce.

— Tive que levar as crianças para a escola — diz ele, espalhando migalhas pelas pernas. — Nunca tenho tempo de tomar café.

Ela está com um blazer cinza-escuro, deixando entrever o azul vivo da blusa por baixo. Usa essas roupas como uma armadura. Quer dizer algo, mas sua mandíbula parece estar amarrada com arame. Já não tem nervos: é um nervo exposto. Se encostassem nela, ela poderia dar choque.

— É garantido que justo quando a gente senta com uma caneca de café, um deles entra pedindo torrada, mingau ou outra coisa qualquer.

Ela assente calada. Continua ouvindo a voz de Paul. *Essas obras de arte foram todas roubadas.*

— Acho que passei um ano comendo qualquer coisa que eu pudesse pegar na cozinha quando saísse. Acabei ficando fã de panqueca crua, na verdade.

Há gente diante do tribunal. Uma aglomeração se forma na frente da escadaria principal. A princípio, ela pensa que devem ser turistas, mas Henry pega seu braço quando ela salta do táxi.

— Caramba. Fique de cabeça baixa — diz ele.

— Por quê?

Quando ela põe o pé na calçada, pipocam os flashes. Ofuscada, ela fica paralisada por um instante. Então, o braço de Henry a impele para a frente e eles enfrentam o empurra-empurra dos homens que gritam o nome dela. Alguém coloca um papel em sua mão livre e ela ouve a voz de Henry, com um leve tom de pânico, quando o grupo parece cercá-la. Ela está rodeada por uma confusão de paletós, e o reflexo escuro e insondável de lentes enormes.

— Para trás, todo mundo, por favor. Para trás.

Ela vê o reflexo do metal no uniforme de um policial, fecha os olhos, sente que a empurram para o lado, a mão de Henry apertando seu braço.

Chegam ao fórum silencioso, passam pela Segurança, e já do lado de dentro, ela pisca para ele aturdida.

— Que diabo foi isso? — diz ela, ofegante.

Henry ajeita o cabelo e se vira para olhar pelas portas.

— A imprensa. Acho que parece que o processo chamou muita atenção.

Ela endireita o blazer, depois olha em volta, justo a tempo de ver Paul passando pela Segurança. Ele está usando uma camisa azul-clara e calças escuras e parece absolutamente sereno. Ninguém o incomodou. Quando seus olhos se cruzam, ela lhe lança um olhar contrariado. Ele diminui levemente o passo, mas sua expressão não se altera. Olha para trás e segue em direção ao Tribunal Dois com os documentos embaixo do braço.

Só então vê o pedaço de papel em sua mão. Ela o abre com cuidado.

A posse daquilo que os alemães confiscaram é CRIME. Acabe com o sofrimento do povo judeu. Devolva o que é deles por direito. Faça justiça antes que seja TARDE DEMAIS.

— O que é isso? — Henry espia por cima do ombro dela.

— Por que me deram isso? Os autores da ação nem são judeus! — exclama ela.

— Eu lhe avisei que o saque em tempos de guerra é um tema incendiário. Acho que se pode encontrar todo tipo de grupos de interesse metidos nisso, tenham ou não sido afetados diretamente.

— Mas isso é um absurdo. Não roubamos o raio do quadro. Ele é nosso há mais de dez anos!

— Vamos, Liv. Vamos para o Tribunal Dois. Vou mandar alguém pegar um copo d'água para você.

* * *

A área de imprensa está lotada. Ela vê os repórteres, acotovelados, murmurando e fazendo piadas, folheando os jornais do dia antes da chegada do juiz. Um bando de predadores, relaxados, mas atentos, aguardando a presa. Ela observa as arquibancadas tentando reconhecer algum rosto da confusão na entrada. Quer se levantar e gritar para eles. *Isso é um jogo para vocês, não é? Só vai servir de embrulho para peixe amanhã.* Seu coração está acelerado.

O juiz, diz Henry, acomodando-se em sua cadeira, tem experiência em tais processos e é rigorosamente justo. Mas é vago quando ela lhe pergunta quantas vezes deu ganho de causa aos donos atuais de uma obra.

Cada lado está sobrecarregado com grossas pastas de documentos, listas de testemunhas especialistas, declarações sobre obscuros pontos legais da lei francesa. Henry, de brincadeira, já disse que Liv agora sabe tanto sobre litígio especializado que talvez depois ele lhe ofereça um emprego.

— Posso precisar — diz ela sombria.

— Todos de pé.

— Lá vamos nós.

Henry toca no braço dela e lhe dá um sorriso tranquilizador.

Os Lefèvre, dois homens idosos, já estão sentados no banco com Sean Flaherty, observando em silêncio enquanto seu advogado, Christopher Jenks, resume sua ação. Ela olha para eles, estudando suas expressões severas, o jeito com que cruzam os braços no peito, como se predispostos à contrariedade. Maurice e André Lefèvre são os beneficiários das obras e do espólio de Édouard Lefèvre, explica ele ao tribunal. Seu interesse, diz, reside em salvaguardar sua obra e proteger seu legado para o futuro.

— E recheiar os bolsos — resmungava ela.

Henry balança a cabeça de modo negativo.

Jenks anda de um lado a outro do tribunal, só de vez em quando consultando as anotações, suas considerações dirigidas ao juiz. Como a popularidade de Lefèvre cresceu nos últimos anos, seus descendentes fizeram um levantamento das obras remanescentes, que revelou referências a um retrato intitulado *A garota que você deixou para trás*, que no passado pertencera à mulher do artista, Sophie Lefèvre.

Uma fotografia e alguns diários revelaram o fato de que o retrato estava exposto à vista de todos no hotel conhecido como Le Coq Rouge, em St Péronne, uma cidade ocupada pelos alemães na Primeira Guerra Mundial.

Há registros de que o Kommandant encarregado da cidade, um tal Friedrich Hencken, admirou o quadro em diversas ocasiões. O Le Coq Rouge foi requisitado pelos alemães para seu uso próprio. Sophie Lefèvre fora explícita em sua resistência à ocupação alemã.

Sophie Lefèvre foi presa e afastada de St Péronne no início de 1917. Na mesma época, o quadro desapareceu.

Estes fatos, afirma Jenks, são bastante sugestivos de coerção, de uma aquisição “imoral” de uma obra admirada. Mas esta, diz ele enfaticamente, não é a única indicação de que o quadro foi obtido ilegalmente.

Provas recém-obtidas registram sua aparição durante a Segunda Guerra, em Berchtesgaden, Alemanha, num depósito conhecido como Collection Point, usado para obras de arte roubadas ou saqueadas que haviam ficado em posse dos alemães. Ele diz as palavras “obras de arte roubadas e saqueadas” duas vezes, como se para enfatizar o seu argumento. Aqui, diz Jenks, o quadro passou misteriosamente para a posse de uma jornalista americana, Louanne Baker, que passou um dia no Collection Point e escreveu sobre ele para um jornal americano. Suas reportagens da época mencionam que ela recebeu um “presente” ou um “memento” do acontecimento. Ela guardou o quadro em casa, fato confirmado por sua família, até ele ser vendido dez anos atrás para David Halston, que, por sua vez, deu-o de presente de casamento à sua mulher.

Isso não é novidade para Liv, que já teve acesso integral a todas as provas. Mas ela ouve a história de seu quadro lida em voz alta no tribunal e acha difícil associar seu retrato, o pequeno quadro que está pendurado serenamente na parede de seu quarto, a tal trauma, a tais acontecimentos globalmente significativos.

Ela olha para os bancos da imprensa. Os repórteres parecem extasiados, tal como o juiz. Ela pensa, distraidamente, que se todo o seu futuro não dependesse disso, ela provavelmente também estaria extasiada. No banco, Paul está inclinado para trás, com os braços cruzados, numa atitude combativa.

Liv deixa o olhar vaguear, e ele olha em cheio para ela. Ela cora ligeiramente e vira o rosto. Pergunta a si mesma se ele estará ali todos os dias e se é possível matar um homem num tribunal lotado.

Christopher Jenks está em pé diante deles.

— Meritíssimo, é uma grande lástima a Sra. Halston ter sido atraída involuntariamente para uma série de malfeitos históricos, mas malfeitos eles são. Sustentamos que este quadro foi roubado duas vezes: uma vez da casa de Sophie Lefèvre, e outra, durante a Segunda Guerra Mundial, de seus descendentes, pela alienação do Collection Point como doação indevida, durante um período tão caótico na Europa que a falha permaneceu sem registro, e, até agora, sem ser descoberta.

“Mas a lei, tanto pela Convenção de Genebra quanto pela atual legislação sobre restituições, diz que tais erros devem ser corrigidos. Sustentamos que este quadro tem de ser restituído aos seus legítimos proprietários, a família Lefèvre. Obrigado.”

O rosto de Henry, ao lado dela, é inexpressivo.

Liv olha para o canto da sala, onde, sobre um pequeno cavalete, há uma imagem impressa de *A garota que você deixou para trás* em tamanho natural. Flaherty pedira que o quadro fosse colocado sob custódia enquanto seu destino era decidido, mas Henry dissera que ela não tinha obrigação de aceitar isso.

Mesmo assim, é aflitivo ver *A garota* ali, deslocada, o olhar de certa maneira parecendo zombar do processo à sua frente. Em casa, Liv se vê entrando no quarto só para olhá-la, e com mais atenção ainda em função da possibilidade de nunca mais tornar a vê-la.

A tarde se estende. O ar no tribunal alterna-se entre abafado e mais leve, de acordo com o aquecimento central. Christopher Jenks desmonta a tentativa deles de extinguir a ação penal pela prescrição com a eficiência jurídica de um cirurgião entediado dissecando um sapo. De vez em quando, ela ouve frases como “transferência de título” e “procedência incompleta”. O juiz tosse e examina suas anotações. Paul sussurra para a diretora de sua empresa. Sempre que ele faz isso, ela sorri, mostrando dentes miúdos brancos e perfeitos.

Agora Christopher começa a ler:

— *15 de janeiro de 1917.*

“Hoje levaram Sophie Lefèvre. Uma cena nunca vista. Ela estava cuidando dos assuntos dela no porão do Le Coq Rouge quando dois alemães atravessaram a praça, entraram e a arrastaram escada acima e porta afora, como se ela fosse uma criminoso. Sua irmã implorou e gritou, tal como a filha órfã de Liliane Béthune, todo um grupo de pessoas manifestou o seu protesto, mas eles simplesmente enxotaram todo mundo como moscas. Duas idosas foram realmente derrubadas no chão, no comoção. Juro, mon Dieu, se houver recompensas justas em nossa outra vida, os alemães vão pagar caro.

“Levaram a garota num caminhão de gado. O prefeito tentou impedir, mas ele é uma pessoa fraca, hoje debilitado pela morte da filha, e muito propenso a ser capacho dos boches. Eles não o levam a sério. Quando o veículo finalmente desapareceu, ele entrou no bar do Le Coq Rouge e

anunciou com grande solenidade que elevaria ao máximo possível o nível do hotel. Nenhum de nós lhe deu ouvidos. A pobre irmã dela, Hélène, chorou, com a cabeça no balcão, seu irmão Aurélien fugiu, como um cão escaldado, e a criança que Sophie achara por bem acolher — filha de Liliane Béthune — ficou parada no canto, pálida como um fantasma.

“‘Ei, Hélène vai cuidar de você’, eu lhe disse. Abaixei-me e coloquei uma moeda em sua mão, mas ela olhou para aquilo como se não soubesse o que era. Quando me fitou, tinha os olhos esbugalhados. ‘Você não deve ter medo, menina. Hélène é boa. Ela vai cuidar de você.’”

“Sei que houve uma comoção com o irmão de Sophie antes que ela fosse embora, mas meus ouvidos não são bons e, com o barulho e a confusão, perdi o principal. Mesmo assim, acho que ela foi usada pelos alemães. Eu sabia que, quando eles resolveram se apossar do Le Coq Rouge, a garota estava perdida, mas ela nunca quis me ouvir. Deve tê-los ofendido de alguma maneira. Sempre foi a mais impetuosa. Não posso condená-la por isso: desconfio que se os alemães estivessem na minha casa eu os ofenderia também.

“Sim, tive as minhas diferenças com Sophie Lefèvre, mas esta noite estou com o coração pesado. Vê-la empurrada para aquele caminhão de gado como se já fosse uma carcaça, imaginar seu futuro... Estes são dias negros. Pensar que eu tinha que estar viva para ver essas cenas. Certas noites é difícil não achar que nossa pequena cidade virou um lugar de loucura.”

Em sua voz grave e sonora, Christopher Jenks termina a leitura. O tribunal está mudo, só se ouve o ruído do estenógrafo no silêncio. No teto, um ventilador zumbe preguiçosamente, sem dar conta de deslocar o ar.

— “Eu sabia que, quando eles resolveram se apossar do Le Coq Rouge, a garota estava perdida.” Senhoras e senhores, acho que esta entrada do diário nos diz de maneira bastante conclusiva que qualquer relação que Sophie Lefèvre tivesse com os alemães em St Péronne não era uma relação especialmente feliz.

Ele passeia pelo tribunal como alguém tomando ar em frente a uma praia, estudando displicentemente as páginas fotocopiadas.

— Mas esta não é a única referência. Essa mesma moradora da localidade, Vivienne Louvier, demonstrou ser uma extraordinária cronista da vida na pequena cidade. E se voltarmos vários meses antes, ela escreve o seguinte:

— Os alemães estão fazendo as refeições no Le Coq Rouge. Fazem as irmãs Bessette prepararem para eles uma comida tão boa que o cheiro chega até a praça e quase enlouquece a gente de desejo. Falei para Sophie Bessette — ou Lefèvre, como ela se chama agora — que o pai dela não toleraria isso, mas ela diz que não há nada que eu possa fazer.

Ele levanta a cabeça.

— “Nada que eu possa fazer.” Os alemães invadiram o hotel da mulher do artista, forçaram-na a cozinhar para eles. Ela tem o inimigo realmente em sua casa, e é absolutamente impotente.

Tudo convincente. Mas esta não é a única prova. Uma pesquisa no arquivo Lefèvre revelou uma carta escrita por Sophie Lefèvre ao marido. Aparentemente, a carta nunca chegou às mãos dele, mas acho que isso se demonstrará ser irrelevante.

Ele ergue o papel, esforçando-se para enxergar na luz.

— *Herr Kommandant não é tão tolo quanto Beckenbauer, mas me irrita mais. Ele olha para o retrato que você fez de mim e tenho vontade de dizer a ele que não tem esse direito. Esse quadro, mais que todos os outros, pertence a você e a mim. Sabe a coisa mais engraçada, Édouard? Ele admira mesmo a sua obra. Ele tem conhecimento, conhece a escola de Matisse, de Weber e Purrmann. Como foi estranho me ver defendendo a sua pincelada superior para um Kommandant alemão!*

“Mas eu me recuso a tirar o quadro da parede, não importa o que Hélène diga. Ele me lembra você, e a época em que fomos felizes juntos. Me lembra que a humanidade é capaz de amor e beleza assim como de destruição.

“Rezo pelo seu regresso rápido e em segurança, meu querido.

“Sua para sempre, Sophie.

“Este quadro, mais que todos os outros, pertence a você e a mim.”

Jenks deixa a frase pairar no ar.

— Então, esta carta encontrada muito depois da morte dela, nos mostra o que o retrato representa para a mulher do artista. Diz também de forma bastante conclusiva que um Kommandant alemão estava de olho nele. Não só isso, mas que tinha uma boa ideia do mercado como um todo. Ele era, se quiserem, um *aficionado*. — Ele pronuncia a palavra enfatizando cada sílaba, como se fosse a primeira vez que a usasse.

“E o saque da Primeira Guerra Mundial pareceria prenunciar o da Segunda. Temos aqui oficiais alemães cultos, que sabem o que querem, que conhecem as obras que podem ter valor e que as assinalam...”

— Protesto — Angela Silver, advogada de Liv, está de pé. — Há uma enorme diferença entre a pessoa admirar um quadro e conhecer o artista, e de fato confiscá-la. O meu nobre colega não forneceu nenhuma prova de que o Kommandant se apossou do quadro, simplesmente de que o admirava e que fazia as refeições no hotel onde Madame Lefèvre morava. Tudo isso é circunstancial.

— Aceito — murmura o juiz.

Christopher Jenks seca a testa.

— Só estou tentando pintar um quadro, se quiserem, da vida dentro da cidade de St Péronne em 1916. É impossível compreender como alguém poderia se apoderar oficialmente de um quadro sem entender o contexto da época, e como os alemães tinham *carte blanche* para

requisitar, ou tomar o que gostavam, de qualquer casa que escolhessem.

— Protesto — Angela Silver estuda as anotações. — Irrelevante. Não há prova sugerindo que este quadro tenha sido confiscado.

— Aceito. Atenha-se à questão, Sr. Jenks.

— Só estou tentando, novamente... pintar um quadro, meritíssimo.

— Deixe o quadro para Lefèvre se preferir, Sr. Jenks.

Um burburinho de risadas contidas percorre a sala.

— Minha intenção é demonstrar que houve muitos itens requisitados pelas tropas alemãs que não foram registrados, assim como não foram “pagos”, como prometido pelos líderes alemães da época. Menciono o clima geral de tal comportamento porque sustentamos que *A garota que você deixou para trás* é um desses itens.

“Ele olha para o retrato que você fez de mim e tenho vontade de dizer a ele que ele não tem esse direito.” Bem, defendemos, Meritíssimo, que o Kommandant Friedrich Hencken achou que, de fato, tinha todo o direito. E que este quadro permaneceu em posse dos alemães por mais trinta anos.”

Paul olha para Liv. Ela desvia o olhar.

Concentra-se na imagem de Sophie Lefèvre. *Tolos*, ela parece dizer, com seu olhar impenetrável parecendo enxergar todas as pessoas ali.

Sim, pensa Liv. *Somos, sim*.

* * *

Eles interrompem a sessão às três e meia. Angela Silver está comendo um sanduíche em seu gabinete. Sua peruca está em cima de uma mesa ao seu lado, e há uma caneca de chá sobre sua escrivaninha. Henry está sentado à sua frente.

Eles lhe dizem que o primeiro dia transcorreu como haviam esperado. Mas sente-se o cheiro da tensão pairando no ambiente, como o de sal a quilômetros da costa. Liv folheia sua pilha de traduções fotocopiadas enquanto Henry se vira para Angela.

— Liv, você não disse que, quando falou com o sobrinho de Sophie, ele mencionou algo no sentido de ela ter caído em desgraça? Eu me perguntei se valeria a pena seguir essa linha.

— Não entendi — diz ela.

Ambos a olham com um ar de expectativa.

Silver engole o que tem na boca antes de falar.

— Bem, se ela caiu em desgraça, isso não sugere que o relacionamento dela com o Kommandant poderia ser consensual? A questão é que se conseguirmos provar que era, se conseguirmos sugerir que ela estava tendo um caso extraconjugal com um soldado alemão, podemos afirmar também que o retrato poderia ter sido um presente. Não seria impossível uma

pessoa envolvida em um caso amoroso dar ao amante um retrato seu.

— Mas Sophie não o daria — diz Liv.

— Não temos como saber — diz Henry. — Você me contou que, depois que ela desapareceu, a família nunca mais falou nela. Sem dúvida, se ela fosse inocente, eles haveriam de querer lembrá-la. Em vez disso, parece que o nome dela está envolvido em algo vergonhoso.

— Acho que ela não poderia ter tido uma relação consensual com o Kommandant. Olhem este postal.

Liv torna a abrir sua pasta.

— “Você é a minha estrela guia nesse mundo de loucura.” Este postal é de três meses antes dessa suposta “colaboração” dela. Não parece coisa de marido e mulher que não se amam, parece?

— Isso é certamente um marido que ama a mulher, sim — diz Henry. — Mas não temos ideia se este amor era recíproco. Ela poderia estar loucamente apaixonada por um soldado alemão na época. Poderia estar se sentindo só ou confusa. Só o fato de amar o marido não quer dizer que ela não fosse capaz de se apaixonar por alguém quando ele estivesse longe.

Liv afasta o cabelo do rosto.

— Que horror — diz — Isso é como denegrir o nome dela.

— O nome dela já está denegrido. A família não tem uma palavra decente a dizer sobre ela.

— Não quero usar as palavras do sobrinho contra ela — diz Liv. — Ele é o único que parece gostar dela. Só não... não me convenci de que temos a história completa.

— A história completa é irrelevante. — Angela Silver amassa a embalagem do sanduíche e atira-a com precisão na lixeira. — Olhe, Sra. Halston, se puder provar que ela e o Kommandant tiveram um caso, isso vai aumentar muito as suas chances de conservar o quadro. Enquanto o outro lado conseguir sugerir que o quadro foi roubado, ou obtido por coerção, o seu lado fica mais fraco. — Ela limpa as mãos e recoloca a peruca na cabeça. — Isso é jogo duro. E pode apostar que a outra parte está jogando assim. Em última instância, trata-se do seguinte: até que ponto quer conservar esse quadro?

Liv fica sentada à mesa, seu próprio sanduíche intacto enquanto os dois advogados se levantam para sair. Ela olha para as anotações à sua frente. Não pode sujar a memória de Sophie. Mas não pode deixar o quadro ir embora. O que é mais importante, não pode deixar Paul vencer.

— Vou dar mais uma olhada — diz.

Não tenho medo, embora seja estranho tê-los aqui, comendo e conversando, debaixo do nosso teto. Eles são em grande medida educados, quase solícitos. E acredito, sim, que Herr Kommandant não tolerará quaisquer deslizes da parte de seus homens. Então nossa trégua instável já começou...

O estranho é que Herr Kommandant é um homem culto. Já ouviu falar de Matisse! De Weber e Purrmann! Pode imaginar quão estranho é discutir as sutilezas da sua pintura com um alemão?

Comemos bem hoje à noite. Herr Kommandant entrou na cozinha e disse para comermos as sobras do peixe. O pequeno Jean chorou quando elas acabaram. Rezo para que você tenha comida suficiente, onde quer que esteja...

Liv lê e relê esses trechos, tentando preencher os espaços entre as palavras de Sophie. É difícil encontrar uma cronologia, pois os escritos de Sophie estão em papéis soltos, e em alguns lugares a tinta desbotou, mas sua relação com Friedrich Hencken está definitivamente mais aquecida. Ela dá pistas de longas conversas, de amabilidades aleatórias, de que ele continua lhes dando comida. Sem dúvida, Sophie não discutiria arte nem aceitaria refeições de alguém que considerasse um animal.

Quanto mais lê, mais próxima ela se sente da autora desses trechos. Lê a história do leitãozinho, traduzindo-a duas vezes para ter certeza de que a leu direito. E quer comemorar o seu desfecho. Consulta seus autos do processo, as descrições desdenhosas de Madame Louvier da desobediência da garota, sua coragem, sua bondade. O espírito dela parece saltar da página. Liv deseja, por um instante, poder falar com Paul sobre isso.

Fecha a pasta com cuidado. E, depois, olha culpada para o lado da mesa onde guarda os papéis que não mostrou a Henry.

O Kommandant tem um olhar atento, inteligente, e no entanto de certa forma velado, como se pretendesse esconder seus verdadeiros sentimentos. Eu temia que ele fosse capaz de ver a minha compostura desmoronando.

Falta o restante da folha, arrancado, ou talvez rasgara-se com o tempo.

“Eu danço com o senhor, Herr Kommandant”, eu disse. “Mas só na cozinha.”

E depois há o pedaço de papel com uma letra que não é de Sophie. “Depois de feito”, diz simplesmente, “não pode ser desfeito.” A primeira vez que leu isso, Liv murchou.

Ela lê e relê as palavras, visualiza uma mulher, em segredo, nos braços de um homem que supostamente era seu inimigo. E, então, fecha a pasta e torna a colocá-la com cuidado embaixo

de sua pilha de papéis.

* * *

— Quantas hoje?

— Quatro — diz ela entregando a cota diária de cartas ofensivas. Henry já lhe disse para não abrir nenhuma cuja letra ela não reconheça. Seus assessores farão isso e denunciarão qualquer uma que seja ameaçadora. Ela tenta confiar nesse novo desdobramento, mas, no íntimo, estremece cada vez que vê uma carta estranha. Pensar que todo esse ódio sem foco está por aí, só esperando um alvo. Não pode mais digitar “A garota que você deixou para trás” num mecanismo de busca. Antes só havia duas referências históricas, mas agora há versões eletrônicas de reportagens de jornal do mundo inteiro, reproduzidas por grupos de interesse, e chats na internet discutindo seu aparente egoísmo, o descaso inerente a ela pelo que é certo. As palavras surgem como socos: *Pilhado. Furtado. Roubado. Vaca.*

Por duas vezes, postaram fezes de cachorro na caixa postal da entrada.

Só houve um protesto naquela manhã, uma desleixada mulher de meia-idade, de capa de chuva azul, que insistia em lhe entregar mais um panfleto sobre o Holocausto.

— Isso realmente não tem nada a ver comigo ou com este processo — disse Liv, devolvendo-lhe o panfleto.

— Se não fizer nada, você é cúmplice.

O rosto da mulher estava transtornado de contrariedade.

Henry a retirou dali.

— Não vale a pena se envolver — disse ele.

O estranho é que isso não diminuiu seu vago sentimento de culpa.

Esses são os sinais ostensivos de desaprovação. Há resultados menos visíveis da ação penal em andamento. Os vizinhos já não a cumprimentam com leveza, mas com um aceno de cabeça e olham para o chão quando ela passa. Não foi convidada para mais nada desde que o caso saiu nos jornais. Nem para jantar, nem para um *vermissage* só para convidados, nem para os eventos ligados a arquitetura aos quais ela era sempre convidada, embora em geral não os aceitasse. A princípio, achou que fosse apenas coincidência. Agora começa a ficar intrigada.

Os jornais falam de sua roupa todos os dias, descrevem-na como “sombria”, às vezes “discreta” e sempre “loura”. O apetite deles por todos os aspectos da ação parece não ter fim. Ela não sabe se alguém já tentou contatá-la para ouvir seus comentários: seu telefone está desligado há dias.

Ela olha para o banco repleto de Lefèvre, os rostos sisudos e expressões tomadas de beligerância resignada, como no primeiro dia. Ela se pergunta o que eles sentem quando ouvem como Sophie foi expulsa da família, sozinha, desamada. Será que agora têm outro sentimento em

relação a ela? Ou não registram a presença dela no centro disso, enxergando apenas o dinheiro?

Paul senta-se todos os dias na ponta do banco. Ela não olha para ele, mas sente sua presença como um impulso elétrico.

Christopher Jenks toma a palavra. Resumirá, diz ele ao tribunal, a última prova de que *A garota que você deixou para trás*, de fato, uma obra de arte saqueada. Trata-se de um caso inusitado, diz, no sentido de que as investigações sugerem que o retrato foi obtido por meios escusos não uma, mas duas vezes. A palavra “escusos” nunca deixa de fazê-la contrair o rosto.

— Os atuais donos do quadro, os Halston, compraram-no do espólio de uma Louanne Baker. “A destemida Srta. Baker”, como era conhecida, foi uma repórter de guerra em 1945, pertencente a um grupo seletivo de mulheres. Há recortes do *New York Register* que detalham a presença dela em Dachau no fim da Segunda Guerra Mundial. Fornecem um registro vivo de sua presença quando as tropas aliadas libertaram o campo.

Liv observa os repórteres do sexo masculino escrevendo atentamente.

— Matéria da Segunda Guerra Mundial — murmurou Henry, quando eles se sentaram. — A imprensa adora um nazista.

Dois dias antes, ela jurara que dois deles jogavam o jogo da força.

— Um recorte em particular nos conta como a Srta. Baker passou um dia, na época da libertação, num enorme depósito conhecido como Collection Point, localizado num antigo quartel-general dos nazistas perto de Munique em que as tropas norte-americanas guardavam obras de arte confiscadas.

Ele conta a história de outra repórter, que recebeu um quadro em agradecimento por sua ajuda aos Aliados nessa época. O quadro fora alvo de um processo distinto e voltara aos donos originais.

Henry balança a cabeça de um lado para o outro, num gesto mínimo.

— Meritíssimo, distribuirei agora cópias deste artigo de jornal, datado de 6 de novembro de 1945, intitulado “Como me tornei governadora de Berchtesgaden”, que, sustentamos, demonstra como Louanne Baker, uma humilde repórter, acabou, por meios extremamente não ortodoxos, sendo a proprietária de uma obra-prima moderna.

O tribunal faz silêncio e os jornalistas se inclinam para a frente, com as canetas apontadas para seus blocos de anotações. Christopher Jenks começa a ler.

— *Os tempos de guerra preparam a pessoa para muitas coisas. Mas não me preparou para o dia em que me vi governadora de Berchtesgaden e do butim de Goering no valor de uns cem milhões de dólares em obras de arte roubadas.*

A voz da jovem repórter ecoa pelos anos afora, corajosa, competente. Ela desembarca com as Screaming Eagles na praia de Omaha. Está lotada nessa divisão, perto de Munique. Registra os pensamentos de jovens soldados que nunca haviam se afastado de casa, o fumo, as bravatas, a

nostalgia secreta. E então, uma manhã, ela observa as tropas saírem, rumo a um campo de prisioneiros de guerra a alguns quilômetros dali, e se vê encarregada de dois marines e um caminhão de bombeiro.

— “O exército norte-americano não poderia admitir sequer a possibilidade de um acidente enquanto tais tesouros estivessem sob sua custódia.”

Ela conta da aparente paixão de Goering por arte, da prova de anos da pilhagem sistemática dele encontrada dentro do prédio, de seu alívio quando o exército norte-americano voltou e ela pode se eximir da responsabilidade pelo butim.

Então Christopher Jenks faz uma pausa.

— *Quando fui embora, o sargento me disse que eu poderia levar comigo uma lembrança à guisa de agradecimento pelo que disse ter sido meu “dever patriótico”. Levei, e a tenho comigo até hoje — uma pequena recordação do dia mais estranho da minha vida.*

Ele fica parado e levanta as sobrancelhas.

— E que recordação!

Angela Silver está de pé.

— Protesto. Não há nada neste artigo que diga que a recordação foi *A garota que você deixou para trás*.

— É uma coincidência extraordinária ela mencionar ter sido autorizada a retirar um item do depósito.

— O artigo em nenhum momento diz que o item era um quadro. Muito menos este quadro específico.

— Aceito.

Angela Silver está diante do juiz.

— Meritíssimo, examinamos os registros de Berchtesgaden e não consta em nenhum deles que este quadro vem do depósito de Collection Point. Ele não aparece em nenhuma das listas ou inventários dessa época. Portanto, fazer a associação é uma atitude especiosa do meu colega.

— Já foi documentado aqui que, em tempos de guerra, há sempre coisas que ficam por registrar. Já ouvimos depoimentos de especialistas afirmando que obras de arte que não constavam como tendo sido roubadas, na verdade, o foram.

— Meritíssimo, se meu nobre colega está afirmando que *A garota que você deixou para trás* foi uma pintura saqueada que estava em Berchtesgaden, então ainda cabe aos autores da ação, em primeiro lugar, o ônus da prova, ou seja, estabelecer sem dúvida que esse quadro estava realmente ali. Não há prova concreta de que ele fizesse parte dessa coleção.

Jenks balança a cabeça.

— Em sua *própria declaração*, David Halston disse que, quando comprou o quadro, a filha de Louanne Baker lhe contou tê-lo adquirido em 1945 na Alemanha. Ela não poderia lhe apresentar

a origem e ele não conhecia o mercado de arte o suficiente para saber que deveria ter exigido a documentação.

“Parece extraordinário um quadro desaparecido da França no tempo da ocupação alemã, que consta ter sido cobiçado por um Kommandant alemão, reaparecer então na casa de uma mulher que estivera na Alemanha, que disse ter trazido com ela uma recordação preciosa de sua viagem a esse país e nunca mais quisesse voltar lá.”

O tribunal está em silêncio. No banco, uma mulher de cabelo escuro, vestida de verde-limão, está alerta, inclinada para a frente, as grandes mãos nodosas no encosto do assento à sua frente. Liv se pergunta onde já a viu antes. A mulher faz que não com a cabeça enfaticamente. Há muitos idosos na plateia: quantos deles se lembram da guerra? Quantos perderam seus quadros?

Angela Silver se dirige ao juiz.

— Mais uma vez, meritíssimo, isso é tudo circunstancial. Não há referências específicas a um quadro neste artigo. Uma recordação, como o quadro é referido aqui, poderia ter sido simplesmente a insígnia de um soldado ou um seixo. Este tribunal deve fazer o seu julgamento unicamente com base em provas. Em nenhum trecho deste artigo a autora se refere especificamente a este quadro.

Angela Silver se senta.

— Podemos chamar Marianne Andrews?

A mulher de vestido verde-limão se levanta pesadamente, vai para o banco das testemunhas e, após fazer o juramento, olha em volta, pestanejando ligeiramente. Ela segura a bolsa com tanta força que as enormes juntas dos seus dedos ficam brancas. Liv se sobressalta ao se lembrar de quando a viu antes: numa ruela ensolarada em Barcelona, quase dez anos antes, o cabelo louro em vez do preto retinto de hoje. *Marianne Johnson*.

— Sra. Andrews. A senhora é a única filha de Louanne Baker.

— Srta. Andrews. Sou viúva. E, sim, sou filha única

Liv se recorda daquele sotaque americano carregado.

Angela Silver aponta para o quadro.

— Srta. Andrews. A senhora reconhece o quadro, a cópia do quadro, que se encontra no tribunal à sua frente?

— Com certeza. Esse quadro esteve na nossa sala de estar durante toda a minha infância. Chama-se *A garota que você deixou para trás*, e é de Édouard Lefèvre.

Ela pronuncia “Le Fever”.

— Srta. Andrews, sua mãe algum dia lhe contou sobre o souvenir a que ela se refere no artigo?

— Não, senhora.

— Ela nunca disse que se tratava de um quadro?

— Não, senhora.

— Alguma vez ela mencionou de onde vinha o quadro?

— Não, para mim, não. Mas eu só gostaria de dizer que de jeito nenhum mamãe teria aceitado esse quadro se achasse que ele pertencia a uma vítima daqueles campos. Ela simplesmente não era assim.

O juiz se inclina para a frente.

— Srta. Andrews, temos que ficar dentro dos limites do que conhecemos. Não podemos atribuir motivos a sua mãe.

— Bem, vocês parecem atribuir. — Ela bufa. — Não a conheceram. Ela acreditava em jogo honesto. Os suvenires que ela guardava eram objetos como cabeças encolhidas ou pistolas antigas ou placas de carro. Coisas que não interessariam a ninguém. — Ela pensa um instante. — Bem, tudo bem, as cabeças encolhidas poderiam já ter pertencido a alguém, mas podem apostar que os donos originais não as queriam de volta, certo?

Uma onda de risos se propaga pelo tribunal.

— Ela ficou realmente muito perturbada com o que aconteceu em Dachau. Durante anos mal conseguiu falar no assunto. Sei que ela não teria aceitado nada se achasse que isso poderia magoar mais uma daquelas pobres pessoas.

— Então a senhora não acha que sua mãe tirou esse quadro de Berchtesgaden?

— Minha mãe nunca tirou nada de ninguém. Ela pagava com o dinheiro dela. Ela era assim.

Jenks se levanta.

— Está tudo muito bem, Srta. Andrews, mas, segundo suas palavras, a senhora não tem ideia de como sua mãe conseguiu este quadro, tem?

— Como eu disse, sei que ela não era ladra.

Liv observa o juiz fazendo suas anotações. Ela olha para Marianne Andrews, que faz trejeitos enquanto a reputação de sua mãe é destruída diante dela. Olha para Janey Dickinson, que sorri para os irmãos Lefèvre sem esconder o ar de triunfo. Olha para Paul, que está inclinado para a frente, as mãos cruzadas nos joelhos, como se estivesse rezando.

Liv desvia os olhos da imagem de seu quadro e sente algo pesado, como um manto, cair sobre ela tapando a luz.

* * *

— Oi! — diz ela, ao entrar em casa.

São quatro e meia, mas não há sinal de Mo. Ela vai até a cozinha e pega o bilhete em cima da mesa: “Fui para a casa do Ranic. Volto amanhã. Mo.”

Liv larga o bilhete e dá um pequeno suspiro. Já se acostumou com Mo andando pela casa — o barulho dos passos dela, o cantarolar ao longe, uma banheira enchendo, o cheiro da comida esquentando no forno. Ela sente a casa vazia agora. Nunca a sentira vazia antes de Mo chegar.

Mo anda meio distante há dias. Liv se pergunta se ela já adivinhou o que aconteceu depois de Paris. O que a leva, como tudo, de volta a Paul.

Mas não vale muito a pena pensar em Paul.

Não há correspondência, a não ser uma mala direta para cozinhas planejadas e duas contas.

Ela tira o casaco e prepara uma caneca de chá. Liga para o pai, que saiu. A mensagem barulhenta dele na secretária eletrônica insta-a a deixar seu nome e número de telefone. “Precisa deixar! ADORARÍAMOS ter notícias suas!” Ela liga o rádio, mas a música é muito irritante, as notícias, muito deprimentes. Ela não quer se conectar à internet: é improvável que haja alguma mensagem oferecendo trabalho e ela teme ver algo sobre a ação penal. Não quer a fúria em pixels de um milhão de pessoas que não a conhecem deslizar na tela do seu computador e entrar na sua cabeça.

Não quer sair.

Vamos lá, ela se censura. Você é mais forte que isso. Pense no que Sophie teve que enfrentar.

Liv põe uma música para tocar, só para quebrar o silêncio. Coloca roupa na máquina, para dar uma aparência de normalidade doméstica. E depois pega uma pilha de envelopes e documentos que ignorou nas últimas duas semanas, puxa uma cadeira e começa a examinar tudo.

As contas, ela coloca no meio; cartas de cobrança, à direita. À esquerda, coloca tudo que não seja urgente. Os extratos bancários, ela ignora. Os extratos de conta dos seus advogados vão para uma pilha específica.

Ela tem um bloco grande no qual anota uma coluna de números. Vai seguindo a lista metodicamente, somando e subtraindo, apagando as contas e colocando os resultados na margem da página. Recosta-se na cadeira, rodeada pelo céu negro, e fica um bom tempo olhando os números.

Afinal, se inclina para trás, e olha pela claraboia. Está escuro como se fosse noite fechada, mas, quando ela olha o relógio, não são nem seis horas. Ela olha as linhas retas e irretocáveis da criação de David, o jeito que emolduram uma extensão enorme de céu cintilante, de qualquer que seja o ângulo que ela escolha ver. Ela olha para as paredes, para o vidro térmico intercalado com folhas de um material isolante finíssimo que ele trouxe da Califórnia e da China para deixar a casa silenciosa e aquecida. Olha para a parede cor de alabastro em que uma vez escreveu “POR QUE VOCÊ NÃO VAI À MERDA?” com caneta marcador quando ela e David brigaram por causa da sua desordem no início do casamento. Apesar do tratamento com vários removedores especiais de tinta, ainda se vê a sombra dessas palavras em determinadas condições atmosféricas. Ela olha para o céu, visível pelo menos através de uma parede transparente em cada cômodo, de modo que a Casa de Vidro sempre dava a impressão de estar suspensa no espaço, pairando acima das ruas fervilhantes.

Ela vai para seu quarto e observa o retrato de Sophie Lefèvre. Como sempre, os olhos de Sophie encaram os seus. Hoje, porém, a garota não parece impassível, imperiosa. Hoje, Liv

acha que pode detectar uma informação nova por trás da expressão dela.

O que aconteceu com você, Sophie?

Ela já sabe há dias que terá que tomar essa decisão. Provavelmente sempre soube. No entanto, ainda sente isso como uma traição.

Procura na lista telefônica, pega o telefone e liga.

— Alô? É da agência imobiliária?

— Então, quando seu quadro desapareceu?

— Em 1941. Talvez 1942. É difícil, porque todos os envolvidos estão, como sabe, mortos. —
A loura ri sem achar graça.

— Sim, é o que você disse. E pode me dar uma descrição completa?

A mulher empurra uma pasta na mesa.

— Isso é tudo que temos. A maioria dos fatos está na carta que lhe enviei em novembro.

Paul folheia a pasta, tentando recordar os detalhes.

— Então a senhora localizou o quadro numa galeria em Amsterdã. E fez um primeiro contato...

Miriam bate à porta e entra, trazendo café. Ele aguarda enquanto ela distribui as duas xícaras, acena com a cabeça à guisa de desculpas e recua, como se tivesse feito algo que não devia. Ele agradece, e ela se retira logo.

— Sim, escrevi uma carta para eles. Quanto acha que vale o quadro?

— Como?

— Quanto acha que vale o quadro?

Paul ergue os olhos das anotações. A mulher está recostada na cadeira. Tem um rosto bonito, pele clara, sem revelar ainda os primeiros sinais da idade. Mas também, ele nota, inexpressiva, como se estivesse acostumada a esconder seus sentimentos. Ou talvez seja Botox. Ele olha furtivamente para seu cabelo farto, sabendo que Liv poderia detectar na mesma hora se era completamente natural.

— Por que um Kandinsky deve render por muito dinheiro, certo? É o que meu marido diz.

Paul escolhe as palavras com cuidado.

— Bem, sim, contanto que se possa provar que a obra é sua. Mas isso tudo é para mais tarde. Será que podemos voltar à questão da propriedade? Tem alguma prova de como o quadro foi obtido?

— Bem, meu avô era amigo de Kandinsky.

— Certo. — Ele dá um gole no café. — Tem alguma prova documental?

A expressão dela não diz nada.

— Fotografias? Cartas? Referências à amizade dos dois?

— Ah, não. Mas minha avó falava sempre nisso.

— Ela ainda vive?

— Não. Eu disse isso na carta.

— Me desculpe. Como era o nome do seu avô?

— Anton Perovsky.

Ela soletra o sobrenome, apontando para as anotações dele ao fazê-lo.

— Há algum parente vivo que possa saber sobre isso?

— Não.

— Sabe se a obra já entrou em alguma exposição?

— Não.

Ele soubera que seria um erro começar a fazer publicidade, pois isso levaria a casos esquisitos como esse. Mas Janey insistira.

— Precisamos ser proativos — dissera ela, usando jargão de marketing. — Precisamos estabilizar nosso *market share*, consolidar nossa reputação. Precisamos ter uma ampla presença no mercado, como um terno de má qualidade.

Ela compilou uma lista de todas as outras companhias de localização e recuperação de bens e sugeriu que enviassem Miriam às concorrentes como uma falsa cliente, para ver os métodos delas. Ficou absolutamente impassível quando ele a chamou de louca.

— A senhora fez alguma pesquisa básica sobre essa história? No Google? Em livros de arte?

— Não. Presumi que era para isso que eu lhe pagaria. O senhor é o melhor do ramo, não? Encontrou esse quadro de Lefèvre. — Ela cruza as pernas, olha o relógio. — Quanto tempo acha que esses processos levam?

— Bem, esta é uma pergunta que leva a outra. Alguns podemos resolver bem depressa se tivermos a história e a origem documentadas. Outros, podemos levar anos. Tenho certeza de que já ouviu dizer que a ação penal em si pode ser bastante cara. Não é algo em que eu lhe recomendaria embarcar levemente.

— E o senhor trabalha com base em comissão?

— Varia, mas cobramos uma pequena porcentagem do acordo final, sim. E temos um pequeno departamento jurídico interno.

Ele folheia a pasta. Não há nada lá dentro além de algumas imagens do quadro e uma declaração juramentada de Anton Perovsky afirmando que Kandinsky lhe dera o quadro em 1938. Eles foram retirados de casa em 1941 e nunca mais tornaram a ver a tela. Há uma carta do governo alemão reconhecendo o pleito. Há uma carta do Rijksmuseum em Amsterdã negando cortesmente que o quadro esteja em sua posse. Trata-se de uma estrutura muito fraca para sustentar uma ação penal.

Ele está tentando calcular se há algum mérito na ação quando ela torna a falar.

— Estive na firma nova. Brigg and Sawston's? Eles disseram que cobriam um por cento menos que o senhor.

A mão de Paul fica imóvel no documento.

— Como?

— Comissão. Disseram que cobriam um por cento a menos que o senhor para recuperar o quadro.

Paul aguarda um instante antes de falar.

— Sra. Harcourt, nós operamos uma empresa respeitável. Se quiser que usemos nossos anos de competência, experiência e contatos para localizar e recuperar a obra de arte de estimação da sua família, eu certamente levarei isso em conta e lhe darei meu melhor conselho quanto a essa possibilidade. Mas não vou ficar aqui barganhando com a senhora.

— Bem, é muito dinheiro. Se esse Kandinsky vale milhões, o nosso interesse é conseguir o melhor acordo possível.

Paul sente a mandíbula travando.

— Considerando que a senhora nem sabia que tinha uma ligação com este quadro dezoito meses atrás, acho que, se o recuperarmos, é provável que faça um ótimo negócio.

— Esta é sua maneira de dizer que não consideraria cobrar honorários mais... competitivos?

Ela olha para ele sem piscar. Seu rosto fica imóvel, mas suas pernas estão cruzadas com elegância, uma sandália de salto balançando do pé. Uma mulher acostumada a conseguir o que quer, e fazê-lo sem envolver qualquer sentimento ou emoção.

Paul pousa a caneta. Fecha a pasta e a empurra para ela.

— Sra. Harcourt. Foi um prazer conhecê-la. Mas acho que nosso assunto está encerrado.

Há uma pausa. Ela pisca.

— O que disse?

— Acho que não temos mais nada a dizer.

* * *

Janey está atravessando a sala, segurando uma caixa de chocolates natalina quando para diante da confusão.

— O senhor é o homem mais grosseiro que já conheci — sibila a Sra. Harcourt para ele.

Ela segura a bolsa cara embaixo do braço esquerdo, e ele lhe entrega a pasta de cartas ao acompanhá-la até a porta.

— Duvido muito.

— Se acha que isso é jeito de dirigir uma empresa, o senhor é mais tolo do que imaginei.

— Então ainda bem que não está confiando a mim a procura épica pelo quadro do qual visivelmente tanto gosta — diz ele num tom monocórdio.

Ele abre a porta, e, envolta numa nuvem de perfume caro, a Sra. Harcourt sai, gritando algo incompreensível quando chega à escada.

— Que diabo foi isso? — pergunta Janey, quando ele passa por ela pisando firme ao voltar para sua sala.

— Não pergunte. Simplesmente não pergunte, está bem? — diz ele.

Ele bate a porta ao passar e senta-se à sua mesa. Quando finalmente levanta a cabeça das

mãos, a primeira coisa que vê é o retrato de *A garota que você deixou para trás*.

* * *

Ele digita o número dela parado na esquina da Goodge Street, em frente à estação do metrô. Subiu a Marylebone Road toda pensando no que dizer, e, quando ela atende, não consegue dizer nada.

— Liv?

A leve pausa antes que ela responda lhe diz que ela sabe quem é.

— O que você quer, Paul? — Seu tom é entrecortado, desconfiado. — Porque se for sobre Sophie...

— Não. Não tem nada a ver com... eu só... — Ele põe a mão na cabeça, olha em volta para a rua movimentada. — Eu só queria saber... se você está bem.

Outra longa pausa.

— Bem, ainda estou aqui.

— Eu estava pensando... quem sabe quando isso tudo acabar, que a gente... podia se encontrar...

Ele ouve a própria voz, morna e fraca, diferente dele. Suas palavras, ele percebe de repente, são inadequadas, não estão à altura da confusão que ele desencadeou na vida dela. O que ela fez para merecer isso, afinal?

Então, a resposta dela, quando finalmente chega, não é realmente uma surpresa.

— Eu... eu agora não consigo pensar muito para além da próxima sessão do julgamento. Isso é simplesmente... muito complicado.

Há outro silêncio. Um ônibus passa roncando, guinchando e acelerando com uma fúria impotente, abafando os demais sons, e ele comprime o telefone na orelha. Fecha os olhos. Ela não tenta preencher o silêncio.

E então... vai viajar no Natal?

— Não.

Porque essa ação já comeu todo o meu dinheiro, ele ouve sua resposta silenciosa. *Porque você fez isso comigo*.

— Nem eu. Bem, vou para o Greg. Mas é...

— Como você disse antes, Paul, a gente nem devia estar se falando.

— Certo. Bem, fico feliz que você esteja bem. Acho que é só isso que eu queria dizer.

— Estou bem.

Dessa vez o silêncio é terrível.

— Então tchau.

— Tchau, Paul.

Ela desliga.

Paul fica parado no entroncamento da Tottenham Court Road, com o celular desligado na mão, ouvindo ao longe as canções de Natal; depois enfia o aparelho no bolso e volta devagar para o escritório.

— Então aqui é a cozinha. Como podem ver, há três lados com uma vista espetacular sobre o rio e a cidade propriamente dita. À direita, dá para ver a Tower Bridge, lá embaixo está a London Eye, e, em dias ensolarados, pode-se apertar um botão aqui, não é isso, Sra. Halston?, e simplesmente abrir o teto.

Liv observa enquanto o casal olha para cima. O homem, um empresário na faixa dos cinquenta, usa o tipo de óculos que anuncia seu perfil de designer. Com olhar *blasé* desde que chegou, possivelmente presume que qualquer leve expressão de entusiasmo possa prejudicá-lo se ele decidir fazer uma oferta.

Mas nem ele consegue esconder sua surpresa diante do teto de vidro retrátil. Com um leve zumbido, o teto se abre e eles olham para o céu azul. Um ventinho de inverno entra suavemente na cozinha, levantando as folhas da pilha de papéis na mesa.

— Não pensem que vamos deixar o teto aberto por muito tempo, hein!

O jovem corretor, que já mostrou o apartamento três vezes naquela manhã e ainda não se cansou do mecanismo, treme de modo teatral, depois observa sem esconder a satisfação o teto se fechar primorosamente. A mulher, miúda e japonesa, com uma echarpe no pescoço amarrada de um jeito intrincado, cutuca o marido e murmura algo em seu ouvido. Ele faz um movimento positivo com a cabeça e torna a olhar para cima.

— E o teto, como quase toda a casa, é feito de um vidro especial, que conserva calor tanto quanto uma parede com isolamento médio. É realmente mais sustentável que uma casa com terraço normal.

Esses dois não parecem ter pisado jamais numa casa com terraço normal. A japonesa anda pela cozinha, abrindo e fechando gavetas e armários, estudando os interiores com a atenção de um cirurgião prestes a mergulhar numa ferida aberta.

Liv, calada e imóvel ao lado da geladeira, descobre que está mordendo o interior da bochecha. Já sabia que isso não seria fácil, mas não se dera conta de que ficaria tão constrangida, tão culpada por causa dessas pessoas andando pela casa, examinando seus pertences com olhos insensíveis e possessivos. Ela os observa tocando nas superfícies de vidro, correndo os dedos pelas prateleiras, falando baixinho sobre pendurar quadros e “suavizar um pouco o ambiente”, e quer botá-los porta a fora.

— Todos os eletrodomésticos são de primeira linha e estão incluídos na venda — diz o corretor, abrindo a porta da geladeira dela.

— O forno, em particular, quase não tem uso — acrescenta uma voz da porta. Mo está usando uma sombra roxa cintilante e veste uma parka por cima da túnica do Comfort Lodge Care Home.

O corretor fica meio aturdido.

— Sou a assistente pessoal da Sra. Halston — diz ela. — Vão ter que nos dar licença. Está

quase na hora da medicação dela.

O corretor sorri sem jeito e conduz o casal apressadamente para o hall. Mo puxa Liv de lado.

— Vamos tomar um café — diz.

— Preciso ficar aqui.

— Não precisa, não. Isso é masoquismo. Vamos. Pegue seu casaco.

* * *

É a primeira vez que Liv vê Mo em dias. Sente um alívio inesperado com a presença dela. Percebe que desejou muito a leve impressão de normalidade que agora chega com uma gótica de um metro e meio, de sombra roxa e túnica. Sua vida ficou estranha e deslocada, presa a um tribunal com aqueles dois advogados em duelo, aquelas sugestões e refutações, guerras e Kommandants saqueadores. Sua antiga vida e sua rotina foi substituída por uma espécie de prisão domiciliar, com um novo mundo girando em torno do chafariz do segundo andar da Alta Corte, os implacáveis assentos, o hábito esquisito do juiz de coçar o nariz antes de falar e a imagem do seu quadro no cavalete.

Paul. A milhões de quilômetros no banco dos autores da ação.

— Você está realmente tranquila em relação à venda? — Mo faz um gesto de cabeça em direção à casa.

Liv abre a boca para falar, depois decide que, se começar a discorrer sobre como se sente realmente, não vai parar nunca. Estará ali falando como uma matraca até o Natal que vem. Quer contar a Mo que todos os dias os jornais publicam matérias falando nela e já não significa mais nada ver seu nome ali. As palavras *roubo*, *justiça* e *crime* aparecem com frequência. Ela quer dizer a Mo que já não sai mais para correr: um homem tinha se postado em frente ao prédio só para cuspir nela. Quer lhe contar que o médico lhe receitou pílulas para dormir que ela tem medo de tomar. Na consulta, quando explicou a ele a sua situação, não sabe se também não viu no rosto dele uma expressão de desaprovação.

— Estou bem — diz.

Mo franze os olhos.

— Verdade. É só tijolo e cimento, afinal. Bem, vidro e concreto.

— Eu já tive um apartamento — diz Mo, ainda mexendo o café. — No dia que vendi, me sentei no chão e chorei como um bebê.

A caneca de Liv ainda não chegou à boca.

— Eu era casada. Não deu certo.

Mo dá de ombros. E começa a falar do tempo.

Há algo diferente em Mo. Não é que esteja propriamente evasiva, mas há uma espécie de barreira invisível, uma parede de vidro entre elas. Talvez seja minha culpa, pensa Liv. Tenho

andado tão preocupada com dinheiro e o processo que quase não pergunto nada sobre a vida de Mo.

— Sabe, eu estava pensando no Natal — começa ela, após uma pausa. — Eu me perguntava se Ranic gostaria de passar a noite da véspera aqui. Puro egoísmo meu, realmente. — Ela sorri. — Achei que vocês dois poderiam me ajudar com a comida. Sabe, nunca fiz uma ceia de Natal antes, e papai e Caroline cozinham bastante bem, de modo que não quero fazer feio.

Ela se ouve balbuciando. *Só estou precisando ter algo muito bom para fazer*, ela quer dizer. *Só quero rir sem ter que pensar que músculos usar*.

Mo baixa o olhar para sua mão. Vê um número de telefone borrado em esferográfica azul em seu polegar esquerdo.

— Sim. Quanto a isso...

— Sei o que você disse sobre ter muita gente na casa dele. Então, se ele quiser passar a noite de Natal aqui, está perfeito. Vai ser um pesadelo tentar pegar táxi para voltar para casa. — Ela dá um sorriso forçado. — Acho que vai ser divertido. Acho... Acho que todos estamos precisando nos divertir um pouco.

— Liv, ele não vem.

— O quê?

— Ele não vem.

Mo contrai os lábios.

— Não estou entendendo.

Quando Mo fala, as palavras saem com cuidado, como se ela estivesse considerando as ramificações de cada uma.

— Ranic é bósnio. Os pais dele perderam tudo nos Bálcãs. O seu processo, essa merda... é real para ele. Ele... ele não quer vir comemorar na sua casa. Sinto muito.

Liv fica olhando para ela, depois bufa e empurra o açucareiro na mesa.

— Sim. Certo. Esquece, Mo. Já moro com você há muito tempo.

— O quê?

— Sua boba. Bem, você não vai me pegar dessa vez.

Mas Mo não ri. Nem olha nos olhos da amiga. Enquanto Liv espera, Mo acrescenta:

— Tudo bem, bom, se vamos fazer isso... — Ela para e respira. — Não estou dizendo que concordo com Ranic, mas meio que acho que você devia devolver o quadro.

— O quê?

— Olhe, não quero nem saber a quem o quadro pertence, mas você vai perder, Liv. Todo mundo consegue ver isso, mesmo que você não consiga.

Liv olha para ela.

— Eu leio os jornais. A prova é gritante contra você. Se continuar brigando, vai perder tudo. E por quê? Por umas manchas de óleo numa tela?

— Não dá para eu simplesmente entregar a garota.

— Por quê?

— Essa gente não liga para Sophie. Só pensa no dinheiro.

— Caramba, Liv, é um quadro.

— Não é só um quadro! Ela foi traída por todos que a cercavam. Não teve ninguém no fim!
E ela... ela é tudo que me sobrou.

Mo olha para ela com firmeza.

— É mesmo? Então eu gostaria de ter um monte do seu nada.

Elas se fitam e desviam o olhar. Liv sente o sangue subir-lhe à cabeça.

Mo respira fundo e inclina-se para a frente.

— Entendo que você esteja tendo problemas de confiança por causa de tudo que passou com Paul, mas você precisa se afastar um pouco disso tudo. E sinceramente? Não tem mais ninguém por aqui que vai dizer isso para você.

— Bem, obrigada. Vou me lembrar disso da próxima vez. Vou abrir o maço matinal de correspondência rancorosa ou mostrar minha casa para mais um estranho.

O olhar que as duas trocam é inesperadamente frio. Instala-se o silêncio entre elas. A boca de Mo se contrai, segurando um dique de palavras rompido.

— Certo — diz afinal. — Bem, vou ter que falar, já que a situação não poderia ficar mais constrangedora. Vou sair daqui. — Ela se abaixa e fica mexendo no sapato, então sua voz sai, abafada, de perto do tampo da mesa. — Vou morar com Ranic. Não é o processo. Como você disse, morar aqui nunca foi um plano de longo prazo.

— É isso que você quer?

— Acho que é melhor.

Liv está colada na cadeira. Dois homens se sentam na mesa ao lado, sem interromper a conversa. Um deles compreende o que se passa: olha de soslaio e depois disfarça.

— Estou, sabe, agradecida por... por você ter me deixado ficar tanto tempo.

Liv pisca com força e desvia o olhar. Seu estômago dói. A conversa na mesa ao lado morre, dando lugar a um silêncio constrangido.

Mo dá um último gole no café e empurra a xícara.

— Bem. Acho que é isso aí, então.

— Certo.

— Saio amanhã se não tiver problema. Hoje trabalho até tarde.

— Ótimo. — Ela tenta manter o tom normal. — Isso foi... esclarecedor.

Não tinha a intenção de fazer a frase soar tão sarcástica quanto soou.

Mo aguarda só um instante a mais antes de se levantar, pegar o casaco e pendurar a mochila no ombro.

— Só uma coisa, Liv. E sei que nem conheci ele nem nada. Mas você falou muito nele. É o seguinte. Fico me perguntando: o que David teria feito?

O nome dele causa uma pequena explosão no silêncio.

— Falando sério. Se o seu David ainda estivesse vivo, e esse caso todo tivesse estourado, então, tudo isso sobre a história do quadro, de onde ele poderia vir, o que a garota e a família dela poderiam ter sofrido: o que acha que ele teria feito?

Deixando esse pensamento suspenso no ar, Mo dá meia-volta e se retira do café.

* * *

Sven liga quando Liv sai do café. A voz dele está tensa.

— Dá para passar no escritório?

— Não é uma boa hora, Sven.

Ela esfrega os olhos, olha para a Casa de Vidro. Suas mãos ainda tremem.

— É importante.

Ele desliga o telefone sem lhe dar tempo de dizer mais nada.

Liv dá meia-volta e se dirige para o escritório. Agora, só anda de cabeça baixa, com um chapéu enterrado na cabeça, evitando os olhares alheios. Por duas vezes, teve que discretamente enxugar lágrimas dos cantos dos olhos.

Só restam duas pessoas no escritório da Solberg Halston quando ela chega: Nisha, uma jovem com o cabelo até os ombros, num corte geométrico, e um homem cujo nome ela não se lembra. Como eles parecem preocupados, Liv atravessa o saguão iluminado a caminho da sala de Sven sem cumprimentá-los. A porta está aberta, e depois que ela entra Sven se levanta para fechá-la. Ele lhe beija no rosto, mas não lhe oferece café.

— Como está indo o processo?

— Mais ou menos — diz ela, irritada com a urgência com que ele a chamou. O comentário final de Mo ainda ecoa em sua cabeça: *o que David teria feito?*

Então ela nota como Sven está pálido, levemente abatido e fitando fixamente o bloco à sua frente.

— Está tudo bem? — pergunta ela.

Ela tem um momento de pânico. *Por favor, diga que Kristen está bem, que as crianças estão todas bem.*

— Liv, estou com um problema.

Ela se senta, com a bolsa no joelho.

— Os irmãos Goldstein caíram fora.

— O quê?

— Eles rescindiram o contrato. Por causa do seu processo. Simon Goldstein me telefonou

hoje de manhã. Eles andam acompanhando os jornais. Ele diz... que a família dele perdeu tudo para os nazistas, e que ele e o irmão não podem ser associados a alguém que aceita isso.

O mundo para em volta deles. Ela olha para ele.

— Mas... mas ele não pode fazer uma coisa dessas. Eu não... eu não faço parte da empresa.

— Você ainda é diretora honorária, Liv, e o nome do David está muito envolvido no seu processo de defesa. Simon está ativando uma cláusula em letras miúdas. Ao brigar nesse processo contra todas as provas razoáveis, você aparentemente está desacreditando o nome da empresa. Eu disse a ele que isso era uma tremenda insensatez, e ele diz que podemos contestar, mas ele tem bolsos muito fundos. Textualmente: “Você pode me processar, Sven, mas vou ganhar.” Não pedir a outra equipe para terminar o trabalho.

Ela está estarelecida. O prédio Goldstein fora a apoteose da vida profissional de David: a obra que iria celebrá-lo.

Ela olha para o perfil de Sven, totalmente imóvel. O homem parece ter sido talhado em pedra.

— Ele e o irmão... parecem ter uma opinião muito firme sobre a questão da restituição.

— Mas... mas isso não é justo. Ainda nem sabemos de toda a verdade sobre o quadro.

— A questão não é essa.

— Mas nós...

— Liv, passei o dia todo em cima disso. A única forma de eles concordarem a continuar com a nossa empresa é se... — ele respira fundo — o nome Halston não estiver mais associado a ela. Isso significaria você renunciar ao seu cargo de diretora honorária. E uma mudança de nome para a companhia.

Ela repete mentalmente as palavras em silêncio antes de falar, tentando entendê-las.

— Você quer que o nome de David seja apagado da empresa.

— Sim.

Ela baixa os olhos.

— Me desculpe. Sei que isso é um choque, mas para nós também foi.

Um pensamento lhe ocorre.

— E o que aconteceria com meu trabalho com as crianças?

Ele balança a cabeça de um lado para o outro.

— Sinto muito.

É como se o coração dela tivesse congelado. Há um longo silêncio, e, quando ela fala, o faz devagar, a voz artificialmente alta na sala silenciosa.

— Então vocês decidiram que, pelo fato de eu não querer simplesmente entregar o nosso quadro, o quadro que David comprou legalmente anos atrás, nós devemos ser de certa forma desonestos. E então quer apagar o nosso nome da obra de caridade e do negócio dele. Você quer apagar o nome de David do prédio que ele criou.

— Essa é uma forma muito melodramática de ver a situação. — Pela primeira vez, Sven parece sem jeito. — Liv, esta é uma situação difícilíssima. Mas, se eu concordar com o seu caso, todo mundo nesta empresa pode perder o emprego. Você sabe quanto estamos envolvidos no prédio Goldstein. A Solberg Halston não pode sobreviver se eles caírem fora agora.

Ele se debruça na mesa.

— Clientes bilionários não caem do céu. E tenho que pensar em nosso pessoal.

Do lado de fora da sala, alguém está se despedindo. Ouve-se uma gargalhada rápida. Ali dentro, o silêncio é sufocante.

— Então, se eu entregasse a garota, eles manteriam o nome de David no prédio?

— Isso é algo que ainda não discuti. Possivelmente.

— Possivelmente. — Liv digere isso. — E se eu me negar?

Sven tamborila com a caneta na mesa.

— Dissolveremos a empresa e montaremos uma nova.

— E os Goldstein aceitariam isso.

— É possível, sim.

— Então não importa muito o que eu disser. Esta é basicamente uma visita de cortesia.

— Sinto muito, Liv. Esta é uma situação impossível. Estou numa situação difícil.

Liv fica ali sentada mais um instante. Então, sem uma palavra, levanta-se e retira-se da sala de Sven.

* * *

É uma da manhã. Liv olha para o teto, ouve Mo andando pelo quarto de hóspedes, fechando a mochila e largando-a pesada junto a porta. Ouve a descarga do banheiro, os passos leves no chão, depois um silêncio que lhe faz crer que Mo dormiu. Ela está ali deitada pensando se atravessa o corredor, tenta persuadir Mo a não ir embora, mas as palavras que se embaralham em sua cabeça se recusam a cair em qualquer espécie de ordem útil. Ela pensa num prédio semiacabado a vários quilômetros dali, cujo arquiteto terá o nome enterrado tão fundo quanto as fundações da construção.

Ela pega o celular ao lado da cama. Fica olhando para a pequena tela à meia-luz.

Não há novas mensagens.

A solidão bate nela com uma força quase física. As paredes ao seu redor parecem imateriais, não oferecem proteção contra o mundo hostil para além delas. Esta casa não é transparente e pura como David desejara: seus espaços vazios são frios e insensíveis, suas linhas limpas estão emaranhadas de história, suas superfícies de vidro toldadas pelas entranhas intrincadas das vidas.

Ela tenta sufocar as ondas de um leve pânico. Pensa nos papéis de Sophie, numa prisioneira

embarcada num trem de carga. Se os apresentar em juízo, ela sabe, talvez consiga ficar com o quadro.

E, se eu fizer isso, pensa ela, constará para sempre que Sophie foi uma mulher que dormiu com um alemão, traíndo seu país e seu marido. E eu não serei melhor do que os aldeões que a deixaram na mão.

Uma vez feito, não pode ser desfeito.

1917

Já não choro pelo meu lar. Não poderia dizer por quanto tempo viajamos, pois os dias e as noites se fundiam, e o sono se tornara um visitante fugaz e esporádico. A alguns quilômetros de Mannheim, minha cabeça começara a doer, e logo fui acometida por uma febre que me deixava ora tremendo de frio, ora lutando contra o desejo de tirar as poucas roupas que restavam. Liliane ia sentada ao meu lado, enxugando minha testa com sua saia, ajudando-me quando parávamos. Tinha o semblante contraído de tensão. “Já vou melhorar”, eu lhe dizia, obrigando-me a acreditar que isso não passava de um resfriado, uma consequência inevitável dos últimos dias, da friagem, do choque.

O caminhão sacolejava e contornava as poças, a lona ondulava, deixando entrar respingos de uma chuva gelada, e a cabeça do jovem soldado balançava, seus olhos se abriam com os solavancos maiores e nos fitavam com uma súbita expressão de fúria, como nos alertando a ficar onde devíamos.

Eu cochilava encostada em Liliane e acordava periodicamente, observando o pequeno triângulo de lona que expunha rapidamente a paisagem que deixávamos para trás. Observei as fronteiras bombardeadas e esburacadas darem lugar a cidades mais em ordem, onde havia fileiras inteiras de casa sem danos visíveis, as vigas negras sobressaindo contra o revestimento branco, os jardins repletos de arbustos podados e canteiros bem cuidados de vegetais. Passamos por vastos lagos, cidades movimentadas, caminhos sinuosos no interior de florestas de abeto, onde o veículo gemia e seus pneus lutavam para encontrar um ponto de apoio em trilhas de lama. Liliane e eu recebíamos poucos alimentos: canecas de água e pedaços de pão preto, jogados para dentro da carroceria como se atirariam restos para porcos.

E quanto mais a febre subia, menos eu ligava para a falta de comida. A dor em meu estômago era abafada por outras dores. Na cabeça, nas articulações, na nuca. Meu apetite desapareceu, e Liliane tinha que insistir para que eu deixasse a água descer pela minha garganta dolorida, lembrando-me que eu devia comer enquanto havia comida, que eu tinha que ficar forte. Tudo que dizia tinha uma sutileza, como se ela sempre soubesse muito mais do que optava por dizer a respeito do que nos esperava. A cada parada, seus olhos se arregalavam de ansiedade, e mesmo que a enfermidade confundisse meus pensamentos, o medo dela se tornou contagioso.

Quando Liliane dormia, seu rosto se contorcia com pesadelos. Às vezes, ela acordava arranhando o ar e fazendo ruídos indistintos de ansiedade. Quando podia, eu tocava no braço dela, tentando trazê-la delicadamente de volta ao estado de vigília. Às vezes, olhando para a paisagem alemã, eu me perguntava por que eu fazia isso.

Desde que eu descobrira que já não rumávamos para Ardennes, comecei a perder a fé. O Kommandant e seus tratos agora pareciam a milhões de quilômetros de distância. Minha vida no

hotel, com aquele balcão de mogno lustroso, minha irmã e a aldeia onde eu crescera, haviam se tornado oníricos, como se eu os tivesse imaginado muito tempo antes. Nossa realidade era o desconforto, o frio, a dor, o medo onipresente, como um zumbido em minha cabeça. Eu tentava focar, lembrar-me das feições de Édouard, sua voz, mas até ele me faltava. Eu conseguia visualizar pequenas partes dele: o ondulado de seu cabelo castanho macio em seu colarinho, suas mãos fortes; mas já não conseguia juntar os pedaços num todo reconfortante. Eu estava mais familiarizada agora com a mão quebrada de Liliane pousada na minha. Olhava para ela, com as minhas talas improvisadas nos dedos machucados, e tentava me lembrar de que havia um propósito nisso tudo: que a questão crucial da fé é que ela precisa ser testada. Ficava mais difícil, a cada quilômetro, acreditar nisso.

A chuva passou. Paramos num vilarejo e o jovem soldado esticou as pernas compridas com rigidez e saltou. O motor parou e ouvimos alemães falando do lado de fora. Eu me perguntei por um instante se eu poderia pedir um pouco de água. Meus lábios estavam secos, e meus membros, fracos.

Liliane, sentada em frente a mim, estava imóvel, como um coelho farejando o ar para identificar o perigo. Tentei esquecer minha cabeça latejante e gradualmente percebi os ruídos de um mercado: a divulgação alegre dos comerciantes, as negociações em voz baixa entre as mulheres e os donos das barracas. Só por um instante, fechei os olhos e tentei imaginar que os sotaques alemães eram franceses, e que aqueles eram os ruídos de St Péronne, o pano de fundo da minha infância. Imaginava minha irmã, sua cesta embaixo do braço, pegando tomates e berinjelas, sopesando-os e devolvendo-os.

* * *

Eu quase sentia o sol no rosto, o cheiro do *saucisson*, da *fromagerie*, me via andando devagar por entre as barracas. Então a lona subiu e apareceu o rosto de uma mulher.

Foi tão inesperado que, sem querer, quase deixei escapar um grito. A mulher me olhou e, por um segundo, achei que ela fosse me oferecer comida, mas ela se virou, ainda segurando a lona com a mão pálida, e gritou algo em alemão. Liliane atravessou trôpega a caçamba do caminhão e me puxou.

— Cubra a cabeça — sussurrou ela.

— O quê?

Antes que ela pudesse dizer algo mais, uma pedra atravessou a traseira do veículo e me acertou com força no braço. Olhei para baixo, confusa, e veio mais outra, atingindo em cheio a lateral da minha cabeça. Pisquei, e apareceram mais três ou quatro mulheres, com expressões de ódio, carregando punhados de pedras, batatas podres, pedaços de pau, quaisquer que fossem os mísseis que encontrassem à mão.

— *Huren!*

Liliane e eu nos encolhemos no canto, tentando cobrir a cabeça enquanto os projéteis choviam sobre nós, o impacto machucava minha cabeça, minhas mãos. Eu estava prestes a gritar para elas: *Por que fazem isso? O que lhes fizemos?* Mas o ódio em seus rostos e suas vozes me congelou. Essas mulheres realmente nos desprezavam. Elas nos estraçalhariam se tivessem chance. O medo me subiu à garganta como bilis. Até aquele momento, eu não o sentira como uma coisa física, uma criatura capaz de abalar minha noção de quem eu era, destruir meus pensamentos, soltar meus intestinos com o terror. Rezei... rezei para que fossem embora, para que aquilo tudo parasse. E então, quando me atrevi a erguer os olhos, vi o jovem soldado que viajara conosco. Ele estava em pé, mais afastado, acendendo um cigarro, calmamente olhando para a praça do mercado. Então fiquei furiosa.

O bombardeio continuou provavelmente por alguns minutos, mas pareceram horas. Um caco de tijolo acertou minha boca, e senti o visgo metálico do sangue no lábio. Liliane não gritava, mas estremeceu em meus braços a cada objeto que nos acertava. Eu me segurava a ela como se não houvesse mais nada de sólido em meu universo.

Então, de repente, o bombardeio parou. Meus ouvidos cessaram de vibrar e um fio quente de sangue escorreu para o canto do meu olho. Só consegui distinguir uma conversa do lado de fora. O motor foi ligado, o jovem soldado embarcou descontraidamente na caçamba e o veículo seguiu.

Um soluço de alívio me encheu o peito.

— Filhos da puta — sussurrei em francês. Liliane apertou minha mão com a mão boa. Corações palpitando, voltamos, trêmulas, para os nossos bancos. Quando finalmente saímos do vilarejo, a adrenalina aos poucos se esvaiu do meu corpo, e eu me vi quase morta de exaustão. Tive medo de dormir, medo do que poderia vir a seguir, mas Liliane, com os olhos esbugalhados, examinava o pequeno trecho de paisagem visível pela lona. Uma parte egoísta minha sabia que ela olharia por mim, que não tornaria a dormir. Deitei a cabeça no banco, e, quando minha pulsação finalmente voltou ao normal, fechei os olhos e me permiti afundar no nada.

* * *

Havia neve na parada seguinte: uma planície desolada, apenas com um arvoredor e um galpão em ruínas para quebrar a paisagem plana. Fomos retiradas do veículo no lusco-fusco e empurradas na direção das árvores, instruídas em silêncio, com o aceno de uma pistola, quanto ao que devíamos fazer. Não sobrava mais nada dentro de mim. Tremendo e febril, eu mal me aguentava em pé. Liliane foi mancando para a privacidade relativa do galpão, e, enquanto eu a observava, a paisagem oscilava ao meu redor. Afundei na neve, vagamente consciente dos homens batendo os pés ao lado do caminhão. Parte de mim se deliciava ao sentir o frio gélido nas pernas quentes. Deixei o ar frio se instalar na minha pele, o sangue esfriar nas minhas veias, usufruindo da breve sensação de estar novamente com os pés no chão. Olhei para o céu infinito,

onde surgiam minúsculas estrelas cintilantes, até ficar tonta. Forcei-me a recordar as noites, tantos meses antes, quando eu achara que ele poderia estar por ali, olhando para as mesmas estrelas. Então, com o dedo, abaixei-me e escrevi na superfície cristalina: ÉDOUARD.

Um tempo depois escrevi o nome de novo do meu outro lado, como se para me persuadir de que ele era real, em algum lugar, e que ele — e nós — havíamos existido. Escrevi o nome, pressionando a neve com meus dedos azulados, até estar rodeada por ele. *Édouard, Édouard, Édouard*. Escrevi o nome dele dez, vinte vezes. Era tudo que eu enxergava. Eu estava num grande círculo de Édouards, todos dançando para mim. Seria tão fácil tombar ali, sentar em meu Palácio de Édouard e deixar tudo ir embora. Recostei-me um pouco e comecei a rir.

Liliane saiu de trás do galpão e parou. Eu a vi olhando para mim e, em seu rosto, de repente enxerguei a mesma expressão que Hélène tinha, uma espécie de exaustão, não de dentro, mas de um cansaço do mundo, uma incapacidade momentânea de decidir se esta era uma luta que ela ainda tinha energia para enfrentar. E algo me fez retroceder.

— Eu... eu... minha saia está molhada — eu disse.

Era a única coisa sensata que consegui pensar para dizer.

— É só a neve. — Ela me puxou pelo braço para me levantar, espanou a neve e, ela mancando e eu cambaleando, passamos pelos soldados pouco curiosos e suas pistolas e tornamos a subir no caminhão.

* * *

Luz. Liliane estava me olhando nos olhos, tapando minha boca com a mão. Pisquei e, sem querer, resisti a ela, mas ela levou o dedo aos lábios. Ela esperou até eu fazer um sinal de cabeça, mostrando ter entendido, e, enquanto ela retirava a mão, percebi que o caminhão parara de novo. Estávamos numa floresta. Havia uma camada de neve com trechos manchados no chão, silenciando ruídos e movimentos.

Ela apontou para o guarda. Ele estava dormindo pesado, esticado no banco, a cabeça deitada na mochila. Roncava, completamente vulnerável, o coldre visível, vários centímetros do pescoço descobertos acima do colarinho. Vi minha mão entrar involuntariamente em meu bolso, tocando no caco de vidro.

— Pule — sussurrou Liliane.

— O quê?

— Pule. Se ficarmos naquela vala, ali, onde não há neve, não deixaremos pegadas. Eles podem acordar a horas de distância daqui.

— Mas estamos na Alemanha.

— Falo um pouco de alemão. Vamos encontrar um jeito de sair.

Ela estava animada, cheia de convicção. Acho que não a tinha visto tão viva desde St

Péronne. Pisquei para o soldado adormecido, depois para Liliane, que agora levantava cuidadosamente a aba da lona, espiando a luz azul.

— Mas eles vão atirar em nós se nos pegarem.

— Eles vão atirar em nós se ficarmos. E se não atirarem em nós será pior. Venha. Esta é a nossa chance.

Ela falou apenas com um movimento de lábios, fazendo um gesto para que eu pegasse a minha bolsa.

Levantei-me. Olhei para o bosque. E parei.

— Não consigo.

Ela se virou para mim. Ainda levava a mão quebrada junto ao peito, como se temesse que algo esbarrasse nela. Agora, à luz do dia, eu enxergava os arranhões e hematomas em seu rosto onde os objetos a haviam acertado no dia anterior.

Engoli em seco.

— E se eles estiverem me levando para Édouard?

Liliane olhou para mim.

— Está louca? — sussurrou. — Venha, Sophie. Venha. É a nossa chance.

— Não consigo.

Ela se agachou de novo, olhando nervosa para o soldado adormecido, depois agarrou meu pulso com a mão boa. Sua expressão era feroz e ela falou como sealaria com uma criança particularmente burra:

— Sophie. Eles não estão levando você para Édouard.

— O Kommandant disse...

— Ele é alemão, Sophie! Você o humilhou. Mostrou-o como sendo menos que um homem! Acha que ele vai retribuir com bondade?

— É uma esperança tênue, eu sei. Mas é... só o que me resta. — Enquanto ela me olhava, puxei minha bolsa para mim. — Olhe, vai você. Leve isso. Leve tudo. Você consegue.

Liliane agarrou a bolsa e espiou pela traseira, pensativa. Preparou-se como se calculando aonde seria melhor ir. Observei o guarda, aflita, temendo que ele acordasse.

— Vá.

Eu não entendia por que ela não se mexia. Virou-se para mim devagar, agoniada.

— Se eu fugir, eles vão matar você.

— O quê?

— Por ajudar na minha fuga. Vão matá-la.

— Mas você não pode ficar. Foi pega distribuindo material da resistência. Minha posição é diferente.

— Sophie. Você foi a única que me tratou como humana. Não posso ter sua morte na consciência.

— Eu vou ficar bem. Sempre fico.

Liliane Béthune olhou para minhas roupas sujas, meu corpo magro e febril, agora tremendo na friagem matinal. Ela ficou ali em pé por muitíssimo tempo, depois se sentou pesadamente, largando a bolsa como se já não lhe importasse quem ouvisse o barulho. Olhei para ela, mas ela desviou o olhar. Ambas nos sobressaltamos com a trepidação do caminhão quando o motor pegou. Ouvi um grito. O caminhão arrancou muito devagar, sacolejou ao passar numa poça, jogando-nos de encontro à lateral da carroceria. O soldado deixou escapar um ronco gutural, mas não se mexeu.

Peguei o braço dela, sibilando.

— Liliane, vá. Enquanto pode. Você ainda tem tempo. Eles não vão ouvir.

Mas ela fingiu não me ouvir. Empurrou a bolsa para mim com o pé e sentou-se ao lado do soldado ferrado no sono. Encostou na lateral do caminhão e ficou olhando o vazio.

O caminhão saiu da floresta para uma estrada aberta, e viajamos os quilômetros seguintes em silêncio. Ao longe, ouvimos tiros, vimos outros veículos militares. Diminuímos a velocidade ao passarmos por uma coluna de homens andando com dificuldade, vestidos com roupas cinzentas esfarrapadas. Iam cabisbaixos. Eram como espectros, nem sequer se pareciam com gente de verdade. Observei Liliane olhando para eles e senti a presença dela no caminhão como um peso morto. Ela poderia ter conseguido se não fosse por mim. Poderíamos ter conseguido juntas. Quando minhas ideias ganharam clareza, vi que provavelmente eu havia destruído sua última chance de reencontrar a filha.

— Liliane...

Ela balançou a cabeça, como se não quisesse ouvir.

Prosseguimos. O céu escureceu e começou a chover, uma chuva com neve gelada, que picinava minha pele ao passar pelas frestas do teto. Minha tremedeira se intensificou, e a cada buraco uma dor lancinante percorria meu corpo como se disparada por um raio. Eu queria dizer a ela que sentia muito. Queria lhe dizer que sabia que tinha feito algo terrível e egoísta. Eu deveria ter concedido sua chance. Ela estava certa: eu vinha me enganando ao achar que o Kommandant me recompensaria pelo que eu fizera.

Finalmente, ela falou.

— Sophie?

— Sim?

Eu estava muito desesperada para ela falar comigo. Devo ter soado pateticamente ansiosa.

Ela engoliu em seco, fitando seus sapatos.

— Se... se algo acontecer comigo, você acha que Héléne vai cuidar de Édith? Quero dizer, realmente cuidar dela? Amá-la?

— Claro. É tão impossível Héléne deixar de amar uma criança quanto... sei lá... se juntar aos boches. — Tentei sorrir. Eu estava determinada a parecer menos doente do que me sentia,

tentar garantir-lhe que ainda poderia acontecer algo de bom. Mexi-me no banco, procurando esticar as costas. Todos os ossos do meu corpo doeram quando fiz isso. — Mas você não deve pensar assim. Vamos sobreviver a isso, Liliane, e depois você vai para casa encontrar a sua filha. Talvez em uns meses.

Liliane levou a mão boa ao rosto, seguindo uma cicatriz arroxeadada que lhe descia do canto da sobrancelha até a bochecha. Parecia concentrada. Muito longe de mim. Rezei para que minha convicção a tivesse tranquilizado um pouco.

— Sobrevivemos até agora, não? — continuei. — Já não estamos mais naquele caminhão de gado infernal. E estamos juntas. Com certeza o destino deve ter nos olhado com bondade para fazer isso.

De repente, ela me fez lembrar Hélène em seus dias negros. Eu queria tocar no braço dela, mas estava muito fraca. Mal conseguia me manter reta no banco de madeira.

— Você tem que continuar tendo fé. As coisas podem voltar a ser boas. Eu sei.

— Você acha mesmo que nós duas podemos ir para a nossa terra? Para St Péronne? Depois do que fizemos?

O soldado começou a se endireitar, esfregando os olhos. Parecia irritado, como se nossa conversa o tivesse acordado.

— Bem... talvez não agora — gaguejei. — Mas podemos voltar à França. Um dia. As coisas serão...

— Estamos na terra de ninguém agora, você e eu, Sophie. Não temos mais o nosso país.

Liliane levantou a cabeça então. Seus olhos eram enormes e escuros. Ela estava, agora eu via, completamente diferente da brilhante criatura que eu vira passando vaidosa pelo hotel. Mas não eram só as cicatrizes e os hematomas que modificavam sua aparência: algo dentro dela fora corrompido, maculado.

— Você acha mesmo que os prisioneiros que acabam na Alemanha algum dia saem de lá?

— Liliane, por favor, não fale assim. Por favor. Você só precisa... — Minha voz foi sumindo.

— Sophie, minha querida, com a sua fé, seu otimismo cego na natureza humana. — Ela meio que sorriu para mim, e foi uma coisa terrível e sinistra. — Você não tem ideia do que eles vão fazer conosco.

E com isso, antes que eu pudesse dizer alguma coisa, ela arrancou a pistola do coldre do soldado, apontou para a própria cabeça e puxou o gatilho.

— Então achamos que poderíamos ir ao cinema hoje à tarde. E hoje de manhã Jake vai me ajudar a passear com os cachorros.

Greg dirige mal, ora apertando ora soltando o acelerador, aparentemente no ritmo da música, fazendo com que Paul seja projetado para a frente a intervalos irregulares desde a Fleet Street.

— Posso levar meu Nintendo?

— Não, não pode levar seu Nintendo, menino da tela. Você vai dar de cara numa árvore, como da última vez.

— Estou treinando passar por cima delas, como o Super Mario.

— Boa tentativa, espertinho.

— A que horas você volta, pai?

— Hum?

No banco do carona, Paul está examinando os jornais. Há quatro matérias sobre os acontecimentos da véspera no tribunal. As manchetes sugerem uma vitória iminente para a TARP e os Lefèvre. Ele não se lembra da última vez que se sentiu menos eufórico com um veredicto vitorioso.

— Pai?

— Droga. O noticiário.

Ele olha o relógio, se inclina para a frente, mexe no dial.

“Sobreviventes de campos de concentração alemães pediram que o governo agilize a aprovação de leis que ajudem na devolução de obras de arte saqueadas durante a guerra...”

“Sete sobreviventes morreram só este ano enquanto aguardavam processos de devolução de bens de suas famílias, segundo fontes legais, uma situação que já foi descrita como ‘uma tragédia’.”

“O pedido chega quando a ação penal de um quadro que teria sido saqueado durante a Primeira Guerra Mundial tramita no Supremo Tribunal.”

Paul se inclina mais ainda.

— Como aumento o volume? — *Onde eles estão conseguindo isso?*

— Você devia tentar o Pac-man. Isso sim era um jogo de computador.

— O quê?

— Pai? A que horas?

— Espere aí, Jake. Preciso escutar isso.

“...Halston, que afirma que seu falecido marido comprou o quadro de boa-fé. O polêmico caso ilustra as dificuldades de um sistema jurídico que vem enfrentando um número crescente de ações de devolução complexas na última década. O caso Lefèvre chama atenção do mundo

inteiro, com grupos de sobreviventes...”

— Nossa. Pobre Liv. — Greg balança a cabeça.

— O quê?

— Eu não queria estar na pele dela.

— O que você quer dizer com isso?

— Bem, tudo isso nos jornais, no rádio... a coisa está endurecendo bastante.

— Faz parte do jogo.

Greg lhe lança o olhar que dirige aos clientes que pedem para comprar fiado.

— É complicado.

— É? Pensei que você tivesse dito que essas coisas são sempre preto no branco.

— Quer me deixar em paz, Greg? Ou quem sabe devo dar uma passada depois no seu bar para ensiná-lo a tocar o negócio. Ver como as coisas estão indo.

Greg e Jake se entreolham levantando as sobrancelhas. É surpreendentemente irritante.

Paul se vira para trás.

— Jake, ligo para você quando sairmos do tribunal, certo? Vamos ao cinema ou fazer alguma outra coisa hoje à noite.

— Mas vamos fazer isso de tarde. Greg acabou de contar para você.

— Supremo Tribunal chegando à direita. Quer que eu dê um balão? — Greg faz sinal para a esquerda e freia de modo tão radical que todos são lançados à frente. Um táxi dá uma guinada e passa por eles reclamando aos berros. — Não sei se posso parar aqui. Se eu for multado, você paga, está bem? Ei, não é ela?

— Quem?

Jake se debruça.

Paul olha para a multidão em frente ao Supremo Tribunal do outro lado da rua. A área aberta da frente dos degraus está repleta de gente. A aglomeração aumentou nos últimos dias, mas mesmo em meio à bruma ele detecta algo diferente nas pessoas hoje: uma agressividade, uma expressão mal disfarçada de antipatia no rosto de cada uma.

— Ihhh — diz Greg, e Paul acompanha a direção do olhar dele.

Do outro lado da rua, Liv está se aproximando da entrada do fórum, agarrada à bolsa, cabisbaixa, como se estivesse concentrada. Ergue os olhos, e, quando entende a atmosfera à sua frente, seu rosto fica apreensivo. Alguém grita seu nome. *Halston*. A multidão leva um segundo para registrar, e ela aperta o passo, tenta passar depressa, mas repetem seu nome, um murmúrio grave, que cresce, vira uma acusação.

Henry, apenas visível do outro lado da entrada, anda ligeiro pela calçada em direção a ela, já entendendo o que acontecia. Liv titubeia, e ele avança depressa, mas a multidão a engole, como um organismo gigante.

— Nossa.

— O que...

Paul larga as pastas, salta do carro e atravessa a rua correndo. Mergulha no mar de gente e vai empurrando todo mundo para chegar no meio do bolo. É uma voragem de mãos e faixas, uma gritaria ensurdecedora. Uma faixa com a palavra ROUBO cai à sua frente. Ele vê o flash de uma câmera, entrevê o cabelo de Liv, agarra seu braço e ouve-a gritar apavorada. A multidão avança e quase o derruba. Ele vê Henry do outro lado de Liv, força a passagem até chegar a ele, xingando um homem que agarra seu paletó. Policiais uniformizados com túnicas fosforescentes aparecem, afastando os manifestantes.

— *Dispersar. RECUAR. RECUAR.*

Ele está ofegante, leva uma pancada forte nos rins, e então estão livres, correndo escada acima, um de cada lado de Liv, amparada como uma boneca. Após uma troca de mensagens cheias de interferências, policiais corpulentos os fazem passar pelas barreiras de segurança e chegar à tranquilidade do outro lado. A multidão, contrariada, protesta esbravejando do lado de fora, e o barulho ecoa nas paredes.

Liv está branca como papel. Ela está muda, imóvel, com a mão no rosto; sua bochecha está arranhada e o rabo de cavalo, meio desfeito.

— Nossa. Onde vocês estavam? — Henry endireita o paletó irritado, gritando para os agentes. — Cadê a Segurança? Vocês deviam ter previsto isso!

O agente está balançando a cabeça, fazendo que sim distraidamente para ele, com uma das mãos levantada, a outra segurando o rádio diante da boca, dando instruções.

— Isso é simplesmente inaceitável!

— Você está bem? — Paul larga Liv. Ela faz que sim com um gesto de cabeça e dá um passo para trás às cegas, como se só agora tivesse percebido sua presença. Tem as mãos trêmulas.

— Obrigado, Sr. McCafferty — diz Henry, ajustando o colarinho. — Obrigado por se meter no bolo. Foi... — Sua voz some.

— Será que podemos arranjar uma água para Liv? Um lugar para se sentar?

— Ai, meu Deus — diz Liv baixinho, olhando para a manga. — Cuspiram em mim.

— Aqui. Tire o casaco. Tire logo.

Paul lhe tira o casaco dos ombros. Ela de repente parece menor, os ombros caídos, como se sentindo o peso do ódio lá fora.

Henry pega o casaco da mão dele.

— Não se preocupe com isso, Liv. Vou mandar alguém do escritório limpar. E vamos fazer com que você possa sair pela entrada dos fundos.

— Sim, madame. Nós faremos a senhora sair pelos fundos depois — diz o policial.

— Como uma criminoso — conclui ela, apática.

— Não deixarei isso acontecer de novo com você — diz Paul, adiantando-se para ela. —

Mesmo. Sinto... sinto muito.

Ela olha para ele, franze os olhos e dá um passo para trás.

— O que foi?

— Por que eu confiaria em você?

Antes que ele consiga responder, Henry segura-a pelo cotovelo e ela desaparece no corredor, escoltada até o tribunal por seus advogados, de alguma forma muito pequena naquele blazer escuro, sem ver que continua com o rabo de cavalo meio desfeito.

* * *

Paul atravessa a rua devagar, endireitando os ombros dentro do paletó. Greg está em pé junto do carro, segurando suas pastas dispersas e sua maleta de couro. Começou a chover.

— Você está bem?

Ele faz que sim com um gesto de cabeça.

— E ela?

— Hã... — Paul olha para o tribunal, esfrega a cabeça. — Mais ou menos. Olhe. Tenho que entrar. A gente se vê mais tarde.

Greg olha para ele, depois para a multidão, que agora está tranquila; muita gente conversando como se nada tivesse acontecido dez minutos antes. Sua expressão é atipicamente fria.

— E aí — diz ao entrar no carro —, essa sua posição de defensor do lado bom, como é que está para você?

Greg não olha para o irmão ao sair com o carro. Com o rosto pálido e impassível colado no vidro traseiro, Jake contempla o pai até o carro sumir de vista.

* * *

Janey acompanha-o quando ele sobe os degraus do fórum. Seu cabelo está cuidadosamente preso, e ela usa um batom vermelho-vivo.

— Comovente — diz.

Ele finge não ter ouvido.

Sean Flaherty joga suas pastas num banco e se prepara para passar pela Segurança.

— Isso está ficando meio fora de controle. Nunca vi nada igual.

— É — diz Paul, esfregando a mandíbula. — É quase como... Ah, sei lá. Como se essa merda incendiária toda com que alimentam a mídia esteja surtindo efeito.

Ele se vira para Janey.

— O que isso significa?

— Significa que quem quer que esteja informando os jornalistas e dando corda em grupos de interesse, obviamente está cagando para quanto isso vai ficar desagradável.

— Ao passo você é puro cavalheirismo. — Janey olha para ele com firmeza.

— Janey, você tem algo a ver com aquela manifestação?

A pausa demora só uma fração de segundo a mais.

— Não seja ridículo.

— Minha nossa!

Os olhos de Sean correm de um lado para o outro, como se ele estivesse só agora registrando que uma conversa distinta está acontecendo bem ali na sua frente. Pede licença, murmurando algo sobre dar instruções ao advogado do tribunal. E ficam só Paul e Janey no comprido corredor de pedra.

Ele corre a mão pelo cabelo, olha para o tribunal.

— Não estou gostando disso. Não estou gostando nada disso.

— Faz parte do trabalho. E você nunca ligou antes.

Ela olha para o relógio, depois pela janela. Não se vê o hotel The Strand dali, mas ainda se ouve o coro dos manifestantes, abafado pelos prédios. Ela tem os braços cruzados.

— Enfim, acho que você não pode exatamente bancar o inocente.

— O que quer dizer?

— Quer me contar o que está acontecendo? Com você e a Sra. Halston?

— Não está acontecendo nada.

— Não insulte minha inteligência.

— Tudo bem. Nada que seja da sua conta.

— Se estiver tendo um caso com o alvo da nossa ação, acho que é muito da minha conta.

— Não estou tendo um caso com ela.

Janey chega mais perto dele.

— Não fode, Paul. Você se aproximou dos Lefèvre pelas minhas costas, tentando negociar um acordo.

— Sim. Eu ia falar sobre...

— Vi aquela exibiçãozinha lá fora. E você tenta fazer um acordo para ela, dias antes da decisão?

— Tudo bem. — Paul tira o paletó e se senta pesadamente num banco. — Tudo bem.

Ela espera.

— Tive um caso rápido com ela antes de saber quem ela era. Terminou quando descobri que estávamos em lados opostos. Mais nada.

Janey estuda algo na abóboda do teto. Quando torna a falar, é num tom descontraído.

— Está planejando sair com ela de novo? Depois que isso tudo terminar?

— Isso não é da conta de ninguém.

— Claro que é. Preciso saber que você anda trabalhando tanto quanto pode para mim. Que esse processo não ficou comprometido.

A voz dele explode no espaço vazio.

— Estamos ganhando, não? O que mais você quer?

Os últimos membros da equipe estão entrando no tribunal. O rosto de Sean surge, contornando a pesada porta de carvalho, e manda-os entrar sem emitir o som das palavras.

Paul respira fundo. Fala com voz conciliadora.

— Olhe, assuntos pessoais à parte, acho que o certo seria fazer um acordo. Ainda estaríamos...

Janey pega suas pastas.

— Não vamos fazer acordo.

— Mas...

— Por que cargas-d'água faríamos? Estamos prestes a ganhar o caso mais importante que essa firma já pegou.

— Estamos destruindo a vida de uma pessoa.

— Ela destruiu a vida dela no dia em que resolveu brigar conosco.

— Estamos tomando o que ela acha ser dela. Claro que ela ia brigar conosco. Vamos, Janey, isso é justiça.

— Isso não é justiça. Nada é justiça. Não seja ridículo. — Ela assoa o nariz. Quando vira para ele, seus olhos brilham. — Esta ação está marcada para mais dois dias no tribunal. Se não acontecer nada desfavorável, Sophie Lefèvre voltará depois disso para o lugar dela.

— E você tem muita certeza de onde é.

— Tenho, sim. Como você deveria ter. E, agora, sugiro entrarmos antes que os Lefèvre se perguntem o que ainda estamos fazendo aqui fora.

Ele entra no tribunal, a cabeça zumbindo, ignorando o olhar crítico do meirinho. Senta-se e respira fundo algumas vezes, tentando clarear as ideias. Janey está distraída, conversando com Sean. Quando seus batimentos cardíacos voltam ao normal, ele se lembra de um detetive aposentado com quem costumava conversar quando chegou a Londres, um homem cuja feição risonha espelhava sua visão irônica dos costumes do mundo. “Só o que conta é a verdade, McCafferty”, dizia ele, quando a cerveja ainda não tinha transformado a conversa em tagarelice. “Sem ela, só manipulamos as ideias tolas das pessoas.”

Ele retira o bloco de anotações do paletó e escreve algo, depois dobra o papel cuidadosamente ao meio. Olha para os lados, depois toca nas costas do homem à sua frente.

— Pode dar isso para aquele advogado, por favor?

Ele observa o papel branco passar de mão em mão até o advogado assistente, depois para Henry, que olha o papel e o passa para Liv.

Ela abre o bilhete com uma expressão desconfiada. E, então, ele vê que ela fica petrificada ao digerir o que está escrito.

VOU CONSERTAR ISSO.

Ela vira e o procura com os olhos. Quando o encontra, levanta ligeiramente o queixo. *Por que devo confiar em você?*

O tempo parece parar. Ela desvia o olhar.

— Diga a Janey que tive que ir embora. Reunião urgente — diz ele a Sean.

Paul se levanta e vai abrindo passagem para sair.

* * *

Depois, ele não sabe ao certo o que o leva ali. O apartamento, num prédio atrás da Marylebone Road, é revestido de papel de parede salmão ao qual espirais peroladas acrescentam um leve brilho sedoso. As cortinas são cor-de-rosa. Os sofás, rosa-escuros. Pelas paredes, há prateleiras sobre as quais bichinhos de porcelana disputam espaço com brilhos e cartões de Natal. Muitos são rosa. E ali, em pé à sua frente, de calça e cardigã, está Marianne Andrews. De verde limão dos pés a cabeça.

— O senhor é da turma do Sr. Flaherty.

Ela se abaixa um pouco, por ser grande demais para o vão da porta. Tem o que a mãe de Paul chamaria de “ossos grandes”: eles simplesmente se projetam das suas juntas como os de um camelo.

— Me desculpe chegar assim à sua casa. Eu queria conversar com a senhora. Sobre o processo.

Ela dá a impressão de que vai mandá-lo embora, mas depois levanta a mão.

— Ah, pode entrar. Mas vou logo avisando: estou uma fera com o jeito com que vocês todos falaram da mamãe, como se ela fosse uma espécie de criminosa. Os jornais não ficam atrás. Esses dias tenho recebido ligações de amigos lá da minha cidade que viram a matéria e estão tentando insinuar que ela fez algo terrível. Estava acabando agora mesmo de falar com Myra, minha amiga desde a época da escola, e tive que dizer a ela que mamãe fez mais coisas úteis em seis meses do que o marido daquela desgraçada sentado com aquela bunda gorda durante trinta anos no Bank of America.

— Tenho certeza.

— Ah, aposto que tem, querido. — Faz sinal para ele entrar. Ela tem um andar pesado, arrastado. — Mamãe era uma social progressista. Ela escreveu sobre a situação de trabalhadores, crianças separadas de seus pais. Ficou horrorizada com a guerra. Ela seria tão

incapaz de roubar algo quanto de ter convidado Goering para sair. Bem, acho que o senhor vai querer beber alguma coisa.

Paul aceita uma Coca diet e se instala em um dos sofás baixos. Pela janela da sala superaquecida, chega o ruído da hora do *rush* ao longe. Um gato grande que ele inicialmente confundira com uma almofada se desenrosca e pula em seu colo, onde esfrega as coxas num êxtase silencioso.

Marianne Andrews se senta e acende um cigarro. Respira de um jeito teatral.

— Esse sotaque é do Brooklyn?

— Nova Jersey.

— Hum. — Ela lhe pergunta seu endereço antigo, acena com a cabeça como se para afirmar sua familiaridade com o lugar. — Está aqui há muito tempo?

— Sete anos.

— Estou há seis. Vim com o meu melhor marido, Donald. Ele faleceu em julho passado. — Então, falando com uma voz ligeiramente mais suave, diz — Bem, enfim, como posso ajudá-lo? Não sei se tenho muito mais do que falei em juízo.

— Não sei. Acho que só estou me perguntando se há algo, qualquer coisa, que talvez não tenhamos visto.

— Não. Como eu disse ao Sr. Flaherty, não tenho ideia de onde veio o quadro. Para ser franca, quando mamãe se lembrava do seu tempo de repórter, ela preferia falar da época em que ficou trancada no banheiro de um avião com JFK. E, sabe, papai e eu não estávamos muito interessados. Pode acreditar, quem ouve as histórias de um velho repórter, já ouviu todas.

Paul corre os olhos pelo apartamento. Quando volta a Marianne, vê seus olhos ainda pousados nele. Ela o examina com cuidado, solta um anel de fumaça no ar.

— Sr. McCafferty. Seus clientes virão atrás de mim exigindo uma compensação se o tribunal decidir que o quadro foi roubado?

— Não. Eles só querem o quadro.

Marianne Andrews balança a cabeça.

— Aposto que virão. — Ela descruza as pernas, fazendo uma careta por sentir desconforto com o movimento. — Acho que esse processo todo fede. Não gosto do jeito que o nome da minha mãe está sendo arrastado na lama. Ou o do Sr. Halston. Ele adorava aquele quadro.

Paul olha para o gato.

— É bem possível que o Sr. Halston tivesse uma boa ideia do valor real do quadro.

— Com todo o respeito, Sr. McCafferty, o senhor não estava lá. Se está tentando insinuar que devo me sentir passada para trás, está falando com a mulher errada.

— A senhora não liga mesmo para o valor do quadro?

— Desconfio de que o senhor e eu tenhamos definições diferentes da palavra “valor”.

O gato o encara com um olhar voraz e ligeiramente hostil.

Marianne Andrews apaga o cigarro.

— E eu fico doente por causa da pobre Olivia Halston.

Ele hesita e depois diz baixinho.

— É. Eu também.

Ela levanta uma sobrancelha.

Ele suspira.

— Esse processo é... complicado.

— Não tão complicado para levar a pobre moça à falência?

— Só estou fazendo o meu trabalho, Sra. Andrews.

— Sim. Acho que mamãe ouviu essa frase mil vezes também.

Isso é dito com delicadeza, mas o faz corar.

Ela olha para ele, por um minuto, depois solta de repente um grande *hah!*, enxotando o gato, que pula do colo dele.

— Ah, pelo amor de Deus. Quer algo um pouco mais forte? Porque estou precisando de uma bebida de verdade. Tenho certeza de que já está na hora de abrir o bar. — Ela se levanta e vai até um armário de bebidas. — Bourbon?

— Aceito.

Ele lhe conta então, com o bourbon na mão, o sotaque de sua terra natal nos ouvidos, as palavras saindo espasmodicamente, como se elas não esperassem quebrar o silêncio. A história dele começa com uma bolsa roubada e termina com uma despedida muito brusca em frente a um tribunal. Partes novas vêm à tona, sem que ele tenha consciência. Sua felicidade inesperada perto dela, sua culpa, aquele mau humor permanente que parece ter crescido em volta dele, como uma casca. Ele não sabe por que devia desabafar com essa mulher. E não sabe por que espera que ela, logo ela, entenda.

Mas Marianne Andrews ouve enquanto suas feições generosas fazem trejeitos solidários.

— Bem, o senhor se meteu numa enrascada daquelas, Sr. McCafferty.

— É. Eu sei.

Ela acende outro cigarro, ralha com o gato, que mia lamentoso pedindo comida.

— Querido, não tenho nenhuma resposta para lhe dar. Ou o senhor vai pegar o quadro e deixá-la desolada ou ela vai deixá-lo desolado porque perdeu seu emprego.

— Ou a gente esquece tudo.

— E os dois ficam desolados.

As palavras dela expõem a situação. Eles ficam em silêncio. Na rua, o ar está abafado com o barulho do tráfego quase parado.

Paul bebe seu drink pensativo.

— Sra. Andrews, sua mãe guardou os cadernos dela? As anotações das reportagens?

Marianne ergue os olhos.

— Eu os trouxe de Barcelona, sim, mas infelizmente que tive que jogar um monte fora. Tudo comido por traça. Uma das cabeças encolhidas também. Os prejuízos de um breve casamento na Flórida. Embora... — Ela se levanta, usando os braços compridos para tomar impulso. — O senhor me fez pensar numa coisa. Talvez eu ainda tenha um maço das anotações dela no armário do hall.

— Anotações?

— Diários. Seja lá o que for. Ah, tive a ideia maluca de que alguém podia querer escrever a biografia dela um dia. Ela fez muitas coisas interessantes. Talvez um dos meus netos. Tenho quase certeza de que tem uma caixa com recortes e algumas anotações dela no armário. Deixe eu pegar a chave e vamos dar uma olhada.

* * *

Paul acompanha Marianne Andrews até o corredor. Respirando com dificuldade, ela desce dois lances de escada até onde a escadaria já não é acarpetada, e há várias bicicletas ao longo das paredes.

— Como nossos apartamentos são bem pequenos — diz Marianne Andrews, enquanto espera Paul abrir uma pesada porta corta fogo — alguns moradores alugam armários extras do zelador. São como ouro em pó. Meu vizinho Sr. Chua me ofereceu quatro mil libras para assumir o arrendamento só deste último ano. Quatro mil! Eu disse a ele que ele teria que pagar mais que o triplo.

Eles chegam a uma porta azul alta. Ela examina o chaveiro, falando sozinha até encontrar a que quer.

— Aqui — diz ela, acendendo a luz.

Dentro do armário, a lâmpada fraca revela um comprido compartimento escuro. De um lado há prateleiras reguláveis ao longo da parede, e o chão está cheio de caixas de papelão, pilhas de livros, uma lâmpada velha. Cheira a jornais velhos e vidros de cera de abelha.

— Eu devia realmente me desfazer disso tudo. — Marianne suspira, franzindo o nariz. — Mas, de algum jeito, sempre tem algo mais interessante para fazer.

— Quer que eu pegue algo?

Marianne se encolhe.

— Sabe de uma coisa, querido? Você se importaria se eu deixasse você aqui vasculhando isso tudo? A poeira piora a minha asma. Não há nada de valor. Você fica aqui e dá um grito se encontrar algo. Ah, e se achar uma bolsa verde-azulada com um fecho dourado, pode levar lá para cima. Eu adoraria saber onde ela foi parar.

Paul fica uma hora no armário apertado, passando caixas para o corredor mal iluminado

quando desconfia que possam ser úteis, empilhando-as junto à parede. Há jornais de 1941, com as páginas amareladas e os cantos comidos. O cubículo sem janela parece uma Tardis. Seu conteúdo vai se amontoando no corredor à medida que ele se esvazia — malas cheias de mapas velhos, um globo, caixas de chapéu, casacos de pele comidos de traça, mais uma cabeça encolhida curtida fazendo uma careta para ele com seus quatro dentes enormes. Ele amontoa tudo encostado na parede, cobrindo a cabeça com uma capa de almofada de tapeçaria. A poeira recobre suas mãos, se instala nos vincos do seu rosto. Há revistas com saias até os tornozelos no estilo New Look, fotografias da coroação da rainha Elizabeth II, fitas de gravador de rolo. Ele retira esses objetos de dentro do armário, colocando-os no chão ao seu lado. Suas roupas estão cinzas de tanto pó, os olhos ardendo. Paul encontra alguns cadernos com datas convenientemente indicadas nas capas: 1968, nov. 1969, 1971. Lê sobre a situação dos bombeiros em greve em Nova Jersey, os julgamentos do presidente. De vez em quando há anotações feitas nas margens: “Dean! Baile sexta-feira 19h” ou “Dizer a Mike que Frankie ligou”. Não há nada relevante da época da guerra, nem do quadro.

Ele examina metodicamente cada caixa, verificando entre as folhas de cada livro, olhando o conteúdo de cada pasta. Abre todas as caixas e caixotes, esvazia-os e depois repõe tudo devidamente no lugar. Um aparelho de som velho, duas caixas de livros velhos, uma caixa de chapéu cheia de souvenirs. Dá onze horas, meio-dia, meio-dia e meia. Ele olha o relógio, percebendo que não há esperança.

Paul se endireita, limpando as mãos na calça, louco para fugir do espaço abafado e atravancado. De repente deseja a brancura nua da casa de Liv, suas linhas limpas, sua ventilação.

Ele esvaziou tudo. Onde quer que a verdade esteja não é nesse armário abarrotado ao norte da estrada A40. Então, quase no fundo, ele vê a alça ressecada de uma pasta velha de couro, rachada em duas partes, parecendo um pedaço de carne seca.

Coloca a mão embaixo da prateleira e puxa a alça.

Espirra duas vezes, enxuga os olhos, depois levanta a aba. Lá dentro há seis cadernos de exercício de capa dura em formato A4. Ele abre um e vê a intrincada caligrafia inglesa antiga na primeira página. Procura a data. 1941. Abre outro: 1944. Apressa-se a examiná-los, largando um por um na pressa de encontrar aquele... e lá está ele, o penúltimo: 1945.

Ele sai tropeçando para o corredor, onde é mais claro, e folheia o caderno embaixo da lâmpada fria.

30 de abril de 1945

Bem, com certeza o dia de hoje não saiu como eu esperava. Quatro dias atrás, o tenente-coronel Danes tinha dito que eu poderia entrar no Konzentrationslager Dachau...

Paul continua lendo mais algumas linhas e esbraveja duas vezes, com uma veemência crescente. Fica em pé imóvel, a importância do que tem nas mãos ficando mais significativa a cada segundo. Ele continua folheando as páginas e torna a esbravejar.

Sua cabeça está a mil. Ele poderia enfurnar esses cadernos de volta no fundo do armário, voltar para Marianne Andrews agora mesmo, dizer-lhe que não encontrou nada. Poderia dar Sophie Lefèvre aos seus donos legítimos.

Ou...

Vê Liv, cabisbaixa, maltratada pela opinião pública, as palavras duras de estranhos, a falência iminente. Ele a vê endireitando os ombros, o rabo de cavalo torto, ao entrar em mais um dia de tribunal.

Vê seu sorriso demorado de prazer na primeira vez que se beijaram.

Se fizer isso, não pode voltar atrás.

Paul McCafferty larga o caderno e a pasta ao lado do paletó e começa a empilhar as caixas dentro do armário.

* * *

Marianne aparece à porta quando ele repõe a última caixa, suado e empoeirado depois de todo o esforço. Ela está fumando um cigarro na ponta de uma comprida piteira, como uma melindrosa dos anos 1920.

— Nossa, eu estava começando a me perguntar o que tinha acontecido com você.

Ele se endireita, enxuga a testa.

— Encontrei isto.

Levanta a bolsa verde-azulada.

— Encontrou? Ah, você é um amor! — Ela bate palmas, pega a bolsa da mão dele e alisa-a amorosamente. — Eu estava com muito medo de ter deixado essa bolsa em algum lugar. Sou muito desorganizada. Obrigada. Muito obrigada. Só Deus sabe como a encontrou no meio dessa confusão.

— Achei outra coisa também.

Ela olha para ele.

— Se importa se eu pegar isso emprestado? — Ele levanta a pasta com os diários dentro.

— Isso é o que estou pensando? O que eles dizem?

— Dizem... — ele recupera o fôlego — que o quadro foi mesmo dado de presente para sua mãe.

— Eu disse a vocês! — exclama Marianne Andrews. — Eu disse que minha mãe não era uma ladra! Falei isso o tempo todo.

Há um longo silêncio.

— E o senhor vai entregar os diários à Sra. Halston — diz ela devagar.

— Não sei se isso seria prudente. Esse diário vai efetivamente nos fazer perder a ação.

A expressão dela se anuvia.

— O que está dizendo? Que não vai dar os cadernos a ela?

— É exatamente o que estou dizendo.

Ele pega uma caneta no bolso.

— Mas, se eu os deixar aqui, nada impede que a senhora dê, certo? — Ele escreve um número e entrega para ela. — Este é o celular dela.

Eles ficam um minuto se entreolhando. Ela sorri, como se algo tivesse sido confirmado.

— Farei isso, Sr. McCafferty.

— Sra. Andrews?

— Marianne. Pelo amor de Deus.

— Marianne. Melhor esse assunto ficar entre nós. Acho que não cairia bem em certos círculos.

Ela balança a cabeça positivamente com firmeza.

— Você nunca esteve aqui, rapaz. — Aparentemente uma ideia lhe ocorre. — Você nem quer que eu conte à Sra. Halston? Que foi você que...

Ele balança a cabeça e guarda a caneta no bolso.

— Acho que a ação já era. Vê-la ganhar será suficiente. — Ele se abaixa e lhe dá dois beijos no rosto. — O importante é abril de 1945. O diário com a ponta dobrada.

— Abril de 1945.

Ele está quase tonto com a enormidade do que fez. A TARP, os Lefèvre, vão agora perder a ação. Têm que perder, com base no que ele viu. *Continua sendo traição se a gente faz isso pelas razões corretas?* Ele precisa de uma bebida. Precisa de ar puro. Qualquer coisa. *Será que eu enlouqueci aqui?* Tudo o que ele consegue ver é o rosto de Liv, seu alívio. Quer ver aquele sorriso se esboçando de novo, largo e demorado, surpreendendo-se.

Ele pega o paletó e entrega as chaves do armário. Marianne toca em seu braço, detendo-o.

— Sabe, vou lhe contar uma coisa sobre ter sido casada cinco vezes. Ou ter tido cinco maridos e continuar amiga dos ex que ainda vivem. — Ela faz uma contagem nos dedos nodosos. — São três.

Ele espera.

— Isso ensina tudinho sobre o amor.

Paul começa a sorrir, mas ela ainda não terminou. A força com que segura seu braço é surpreendente.

— O que isso ensina à gente, Sr. McCafferty, é que na vida há coisas muito mais importantes do que vencer.

Henry a encontra no portão dos fundos do fórum. Ele está falando em meio a uma nuvem de migalhas de *pain au chocolat*. Tem o rosto rosado, e quase não se entende o que diz.

— Ela não vai dar isso a mais ninguém.

— O quê? Quem não vai dar?

— Ela está na entrada principal. Venha. *Venha*.

Antes de Liv conseguir perguntar mais alguma coisa, Henry a está empurrando nos fundos do fórum por uma rede de corredores e lances de escadas de pedra, saindo na área de segurança no alto da entrada principal. Marianne Andrews está esperando junto às barreiras, vestida com um casaco roxo e com uma fita xadrez larga na cabeça. Ela vê Liv e dá um suspiro teatral de alívio.

— *Nossa*, você é uma mulher difícil de localizar — censura, ao estender uma pasta cheirando a mofo. — Já lhe telefonei várias vezes.

— Me desculpe — diz Liv piscando. — Não atendo mais o telefone.

— Está aí dentro. — Marianne aponta para o diário. — Tudo o que você precisa. Abril de 1945.

Liv olha para os cadernos velhos em sua mão. E ergue os olhos incrédula.

— Tudo o que eu preciso?

— O quadro — diz a senhora exasperada. — Pelo amor de Deus, menina. Não é uma receita de ensopado de camarão.

Os acontecimentos se desenrolam com rapidez. Henry corre ao gabinete do juiz e solicita um breve adiamento. Os diários são fotocopiados, sublinhados e seu conteúdo é enviado aos advogados dos Lefèvre. Liv e Henry estão sentados num canto da sala, examinando as páginas marcadas, enquanto Marianne fala sem parar com algum orgulho de como sempre soubera que sua mãe não era uma ladra e como aquele raio do Sr. Jenks podia ir lamber sabão.

Um advogado assistente traz café e sanduíches. Liv está muito tensa para comer. Os sanduíches ainda estão intactos na caixa de papelão. Ela continua olhando para o diário, incapaz de acreditar que o caderno com o canto das páginas viradas tem a resposta para os seus problemas.

— O que acham? — pergunta ela quando Angela Silver e Henry terminam de falar.

— Acho que isso poderia ser uma coisa boa — diz ele.

Seu sorriso não reflete seu tom cauteloso.

— Parece bastante simples — diz Angela. — Se pudermos provar que as duas últimas transferências foram inocentes, e há uma prova inconclusiva da primeira transferência, então estamos, como dizem, de novo no jogo.

— Muito obrigada — diz Liv, não se atrevendo a acreditar no novo rumo dos acontecimentos.

— Muito obrigada, Sra. Andrews.

— Ah, eu não poderia estar mais encantada — diz Marianne, acenando um cigarro no ar. Ninguém se deu o trabalho de lhe dizer para não fumar. Ela se inclina para a frente, põe uma mão ossuda no joelho de Liv. — *E* ele encontrou a minha bolsa preferida.

— O que disse?

O sorriso de Marianne falha. Ela disfarça prendendo de novo um broche.

— Ah, nada. Não prestem atenção em mim.

Liv continua olhando para ela enquanto o leve rubor desaparece.

— Não quer esses sanduíches? — pergunta Marianne rapidamente.

O telefone toca.

— Certo — diz Henry, quando desliga. — Está todo mundo tranquilo? Sra. Andrews? A senhora está pronta para ler algumas dessas provas em juízo?

— Os meus melhores óculos de leitura estão na minha bolsa.

— Certo. — Henry respira fundo. — Então está na hora de entrar.

30 de abril de 1945

Bem, com certeza o dia de hoje não saiu como eu esperava. Quatro dias atrás, o tenente-coronel Danes tinha dito que eu poderia entrar no Konzentrationslager Dachau com eles. Ele não é má pessoa, o Danes. Um pouco nariz em pé, num primeiro momento, com escritores comerciais, como muitos deles são, mas como desembarquei com as Screaming Eagles na Praia de Omaha, e ele já entendeu que não sou uma dona de casa inexperiente que vai pressioná-lo por receitas de biscoitos, já recuou um pouco. A 102ª Aérea agora me chama de membro honorário, diz que quando estou com a braçadeira, simplesmente sou um deles. Então, o trato foi eu entrar com eles no campo, escrever meu artigo sobre as pessoas lá dentro, talvez entrevistar alguns dos prisioneiros sobre as condições e depois sair. A rádio WRGS queria uma matéria curta também, então eu tinha o gravador preparado.

Bem, lá estava eu, às seis da manhã, de braçadeira e praticamente pronta, e raios me partam se ele não veio bater à minha porta. “Ora, tentente”, brinquei. Eu ainda estava me penteando. “Você nunca me disse que ligava para isso.” É uma piada corrente entre nós. Ele diz que tem uns pares de botas de marchar mais velhas que eu.

“Mudança de planos, Toots”, diz ele. Estava fumando, o que não era típico dele. “Não posso levá-la.”

Fiquei com as mãos paralisadas na cabeça. “Está brincando comigo, não é?” O editor do Register estava esperando essa matéria. Eles me deram duas páginas sem anúncio.

“Louanne, é... isso vai além do que achamos que iríamos encontrar. Recebi ordens de não deixar ninguém passar até amanhã.”

“Ah, vamos lá.”

“Sério.” Ele falou mais baixo. “Você sabe que eu deixaria você entrar comigo. Mas, bem, você não acreditaria no que vimos lá ontem... Passei a noite toda em claro, eu e os rapazes. Há velhas, crianças andando lá dentro, feito... sabe, crianças pequenas...” Ele balançou a cabeça e olhou para o outro lado. É um homem feito, o Danes, e juro que estava quase chorando como uma criança. “Tinha um trem ali em frente, e os corpos eram simplesmente... milhares deles... Isso não é humano. Com certeza.”

Se ele estava tentando me desanimar, o efeito foi o oposto. “Você tem que me botar lá dentro, tenente.”

“Sinto muito. Ordens estritas. Olhe, mais um dia, Louanne. Depois eu lhe dou todo o acesso que você precisar. Você será a única repórter lá dentro, prometo.”

“Sim. E você ainda vai me amar depois. Ah, vamos lá...”

“Louanne, ninguém a não ser o Exército e a Cruz Vermelha entra ou sai hoje. Preciso de todos os homens que eu tenho para ajudar.”

“Ajudar em quê?”

“A levar os nazistas presos. Ajudar os prisioneiros. Impedir os nossos homens de matar aqueles filhos da mãe dos SS pelo que eles viram. O jovem Maslowicz, quando viu o que fizeram com os poloneses, ficou como um louco, chorando, alucinado. Tive que mandar um suboficial pegar a arma dele. Então tenho que ter uma guarda incontestável. E...”, ele engoliu em seco, “temos que descobrir o que fazer com os corpos.”

“Corpos?”

Ele balançou a cabeça. “Sim, corpos. Milhares deles. Fizeram fogueiras. Fogueiras! Você não iria acreditar...” Ele bufou. “Enfim, Toots. É aí que preciso lhe pedir um favor.”

“Você precisa me pedir um favor?”

“Preciso deixar você encarregada do depósito.”

Fiquei olhando para ele.

“Tem um depósito, na periferia de Berchtesgaden. Nós o abrimos ontem à noite e lá dentro está cheio de obras de arte. Os nazistas, Göring, saquearam tanta coisa que não dá para acreditar. Os graúdos calculam que tem um milhão de dólares em obras de arte ali, a maioria roubadas.”

“O que isso tem a ver comigo?”

“Preciso de uma pessoa da minha confiança para vigiar o depósito, só por hoje. Você vai ter uma brigada de incêndio à sua disposição, e dois marines. A cidade está um caos, e preciso garantir que ninguém entre e ninguém saia. Tem um saque de respeito lá dentro, Toots. Não entendo muito de arte, mas é como, sei lá, a Mona Lisa, ou algo assim.”

Sabe que gosto tem a decepção? Como limalha de ferro no café frio. Foi o gosto que senti na boca quando o velho Danes me levou de carro para o depósito. E isso foi antes de descobrir que Marguerite Higgins tinha entrado nos campos na véspera, com o general de brigada Linden.

Não era um depósito normal, mas um prédio municipal enorme e cinzento, tipo uma escola ou a sede de uma prefeitura. Ele me apontou os dois marines, que bateram continência para mim, e depois a sala perto da porta principal onde eu devia sentar. Tenho que dizer, eu não podia falar não para ele, mas aceitei tudo a contragosto. Era óbvio para mim que a matéria de verdade estava acontecendo em outro lugar. Os rapazes, normalmente animados e cheios de vida, estavam reunidos, fumando e pálidos. Seus superiores falavam em voz baixa, com expressões sérias e chocadas. Eu queria saber o que eles tinham achado ali, por mais horrível que fosse. Precisava estar lá dentro, apurando a matéria. E eu tinha medo: a cada dia que passava ficava mais fácil os graúdos negarem o meu pedido. A cada dia que passava, os meus concorrentes ganhavam uma chance.

“Então, o Krabowski aqui vai lhe providenciar tudo que você precisar, e o Rogerson vai entrar em contato comigo se você tiver qualquer problema. Tudo bem para você?”

“Claro.” Coloquei os pés para cima na mesa e dei um suspiro teatral.

“Fechado. Você faz isso para mim, e eu ponho você lá dentro amanhã, Toots. Prometo.”

“Aposto que você diz isso a todas as garotas”, brinquei. Mas, pela primeira vez, ele nem sorriu.

Fiquei duas horas sentada ali, observando pela janela da sala. Era um dia quente, o sol batendo na pedra das calçadas, mas com algo estranho no ar que parecia fazer cair a temperatura. Havia veículos do Exército passando para cima e para baixo na rua principal, lotados de soldados. Soldados alemães, com as mãos na cabeça, eram obrigados a marchar na direção oposta. Havia rodinhas de mulheres e crianças alemãs imóveis nas esquinas, aparentemente se perguntando o que seria feito delas. (Mais tarde, eu soube que foram convocadas para ajudar a enterrar os mortos.) E o tempo todo, ao longe, as sirenes estridentes das ambulâncias falavam de horrores que não se viam. Horrores que eu estava perdendo.

Não sei por que Danes estava tão preocupado: ninguém parecia olhar duas vezes para esse prédio. Comecei um artigo, amassei o papel, bebi duas xícaras de café e fumei meio maço de cigarro, e meu estado de espírito foi ficando cada vez mais sombrio. Comecei a me perguntar se isso não era um truque só para me manter longe da ação.

“Então vamos lá, Krabowski”, falei finalmente. “Leve-me para conhecer esse pardieiro.”

“Senhora, não sei se a gente...”, começou ele.

“Você ouviu o tentente-coronel, Krabowski. A senhora está no comando hoje. E ela está dizendo para você levá-la para conhecer o prédio.”

Ele me lançou o tipo de olhar que meu cachorro costumava me dar quando achava que ia levar um chute meu você sabe onde. Mas ele trocou uma palavra com Rogerson e lá fomos nós.

A princípio não chamava a atenção. Só salas e salas de sistemas de armazenagem em madeira, um monte de cobertores militares cinzentos pendurados sobre os conteúdos. Mas então cheguei mais perto e puxei um quadro de um dos suportes: uma peça moderna de um cavalo com uma paisagem abstrata no fundo, numa moldura dourada pesada. Suas cores, mesmo com a

iluminação fraca da vasta sala, brilhavam como um tesouro. Virei-a nas mãos. Era um Braque. Fiquei olhando para a tela um instante, depois a repus cuidadosamente no suporte e continuei andando. Comecei a puxar coisas ao acaso: ícones medievais, obras impressionistas, enormes telas renascentistas, com molduras delicadas, em alguns casos apoiadas em armações especialmente construídas. Corri meus dedos sobre um Picasso, espantada com a minha liberdade de tocar fisicamente uma obra de arte que eu só vira antes em revistas ou nas paredes de galerias.

“Meu Deus, Krabowski. Viu isso?”

Ele olhou para a obra.

“Hum... já, minha senhora.”

“Sabe o que é? É um Picasso.”

Ele não reagiu.

“Um Picasso? O famoso artista?”

“Não entendo muito de arte, minha senhora.”

“E acha que sua irmã caçula poderia ter feito coisa melhor, certo?”

Ele me deu um sorriso aliviado.

“É, minha senhora.”

Pus o quadro no lugar e puxei outro. Era um retrato de uma garotinha, as mãos pousadas com garbo nas saias. No verso, dizia: “Kira, 1922.”

“Todas as salas são assim?”

“Há duas salas lá em cima com estátuas, modelos e objetos em vez de quadros. Mas, basicamente, sim. Treze salas de quadros, senhora. Esta é uma das menores.”

“Meu Deus.” Olhei em volta para as fileiras de estantes que iam até o fundo da sala com aquelas pilhas retas arrumadas nas prateleiras, e depois para o retrato em minhas mãos. A garotinha me olhava solenemente. Só então realmente me dei conta de que cada um daqueles quadros tivera um dono. Estivera pendurado na casa de alguém. Fora admirado por alguém. Uma pessoa de verdade posara para ele, ou economizara para comprá-lo, ou o pintara, ou tivera a esperança de deixá-lo para os filhos. Então pensei no que Danes dissera sobre se livrar dos corpos a alguns quilômetros dali. Pensei em seu rosto assombrado e marcado, e estremeci.

Repus o quadro da garotinha cuidadosamente na prateleira e cobri-o com um cobertor. “Vamos, Krabowski, vamos voltar lá para baixo. Você pode me arranjar uma xícara de café decente.”

A manhã deu lugar à hora do almoço e logo chegou a tarde. A temperatura subiu, e o ar em volta do depósito ficou parado. Escrevi um artigo para o Register sobre o depósito e entrevistei Krabowski e Rogerson para um pequeno artigo da Woman’s Home Companion sobre as esperanças dos jovens soldados ao voltar para casa. Então, fui lá fora esticar as pernas e fumar um cigarro. Subi na capota do Jeep do Exército e fiquei ali sentada, a carroceria de aço estava quente embaixo das minhas calças de algodão. O silêncio nas ruas era quase total. Não se ouviam

pássaros, nem vozes. Mesmo as sirenes pareciam ter parado. Então, olhando contra o sol, franzi os olhos ao ver uma mulher caminhando na minha direção.

Ela andava com certo esforço, mancando visivelmente, embora não devesse ter mais de sessenta anos. Usava um lenço de cabeça, apesar do dia quente, e trazia um pacote embaixo do braço. Quando me viu, parou e olhou em volta. Viu minha braçadeira, que eu esquecera de tirar quando a viagem foi cancelada.

“Englische?”

“Americana.”

A mulher fez um gesto de cabeça, como se isso fosse aceitável para ela.

“Hier ist onde os quadros estão guardados, ja?”

Fiquei quieta. Ela não tinha cara de espiã, mas eu não sabia quanto de informação poderia revelar. Tempos estranhos e tudo o mais.

Ela tirou o pacote de debaixo do braço.

“Por favor. Pegue isto.”

Recuei.

Ela me olhou um instante, depois desembulhou o pacote. Era um quadro, um retrato de uma mulher, pelo que consegui ver rapidamente.

“Por favor. Pegue isto. Coloque aí dentro.”

“Senhora, por que está querendo que eu ponha o seu quadro aí?”

Ela olhou para trás, como se fosse constrangedor para ela estar ali.

“Por favor. Fique com este quadro. Não quero isto na minha casa.”

Peguei o quadro dela. Era uma moça, mais ou menos da minha idade, com um cabelo comprido arruivado. Era lindíssima, mas tinha qualquer coisa que não deixava a gente parar de olhar para ela.

“É seu?”

“Era do meu marido.”

Vi então que ela podia ser uma daquelas avós de rosto de pó de arroz, toda fofo e gentil, mas, quando olhava para o quadro, contraía a boca até seus lábios virarem uma linha fina, como se estivesse cheia de amargura.

“Mas é lindo. Por que quer se desfazer de algo tão bonito?”

“Nunca quis essa mulher dentro da minha casa. Meu marido me obrigou. Durante trinta anos, tive que conviver com o rosto dessa pessoa na minha casa. Quando estava cozinhando, fazendo limpeza, quando estava sentada com meu marido, eu tinha que olhar para ela.”

“É só um quadro”, falei. “A senhora não pode ter ciúmes de um quadro.”

Ela mal me ouviu.

“Ela zombou de mim durante trinta anos. Meu marido e eu um dia fomos felizes, mas ela acabou com ele. E tive que aguentar aquele rosto me perseguindo todos os dias do nosso

casamento. Agora que ele morreu, não preciso ter essa garota me olhando. Ela pode finalmente voltar para o lugar dela.”

Vi a senhora enxugar os olhos com as costas da mão.

“Se não quer ficar com o quadro”, ela cuspiu, “então pode tocar fogo nele.”

Peguei-o para mim. O que mais eu poderia ter feito?

Bem, já estou de volta à minha mesa. Danes esteve aqui, branco como um fantasma, prometendo que irei com ele amanhã.

“Tem certeza de que quer ver isso, Toots?”, disse. “Não é bonito. Tenho certeza de que não é cena para os olhos de uma dama.”

“Desde quando você começou a me chamar de dama?”, brinqueei, mas ele não estava para brincadeiras. Danes se sentou pesadamente na beira da minha cama e afundou a cabeça nas mãos. E quando olhei para ele, vi aqueles ombros largos começarem a sacudir. Fiquei ali parada, sem saber o que fazer. Finalmente, peguei um cigarro na bolsa, acendi e entreguei-lhe. Ele aceitou, fazendo um gesto de agradecimento com a mão, e enxugou os olhos, ainda de cabeça baixa.

Fiquei meio nervosa então, e, pode acreditar, nunca fico nervosa.

“Muito... obrigado por hoje. Os rapazes disseram que você fez um ótimo trabalho.”

Não sei por que, não lhe contei sobre o quadro. Acho que devia ter contado, mas o lugar dele não era no raio do depósito, afinal de contas. Não tinha nada a ver com o raio do depósito. Aquela velha alemã estava se lixando para o que acontecesse com o retrato, desde que não estivesse mais olhando para ela.

E sabe de uma coisa? No íntimo, me agrada a ideia de que a gente pode ter um quadro com força suficiente para abalar um casamento. E ela é bem bonita. Não consigo parar de olhar para ela. Em vista de tudo o mais que parece estar acontecendo por aqui, é bom ter algo belo para olhar.

O tribunal está em silêncio absoluto quando Marianne Andrews fecha o diário à sua frente. Liv se concentrou tanto que se sentiu quase desmaiando. Ela dá uma olhada furtiva no banco e vê Paul, os cotovelos nos joelhos, a cabeça caída para a frente. Ao lado dele, Janey Dickinson está escrevendo freneticamente em seu bloco de notas.

Uma bolsa.

Angela Silver está de pé.

— Então vamos esclarecer isso, Sra. Andrews. O quadro que a senhora conhece como *A garota que você deixou para trás* não estava, nem nunca esteve, no depósito quando foi dado para sua mãe.

— Não, senhora.

— E só para reiterar, embora o depósito estivesse repleto de obras de arte saqueadas, roubadas, este quadro específico foi dado para sua mãe, e nem mesmo esteve dentro das

instalações.

— Sim, senhora. Por uma alemã. Como diz o diário dela.

— Meritíssimo, este diário, escrito com a letra de Louanne Baker, prova categoricamente que este quadro nunca esteve no Collection Point. O quadro foi simplesmente dado de presente por uma mulher que nunca o quisera. *Doado*. Seja lá por qual motivo, um ciúme sexual bizarro, um ressentimento histórico, nunca saberemos. O ponto relevante aqui é que este quadro, que, como acabamos de ouvir, quase foi destruído, foi um *presente*.

“Meritíssimo, já ficou muito claro nestas duas últimas semanas que a procedência desse quadro é incerta, como é a de muitos quadros de um século turbulento. O que pode ser provado agora, definitivamente, no entanto, é que as duas últimas transferências do quadro foram impecáveis. David Halston o comprou legalmente para sua mulher em 1997, e ela tem o recibo para comprovar. Louanne Baker, que era a dona anterior, recebeu-o de presente em 1945, e temos sua palavra escrita, a palavra de uma mulher famosa pela honestidade e precisão, para prová-lo. Por isso, defendemos que *A garota que você deixou para trás* deve permanecer com a proprietária atual. Retirá-lo certamente é zombar da lei.”

Angela Silver se senta. Paul olha para ela. No breve instante em que seus olhos se cruzam, Liv tem certeza de que pode detectar um leve sorriso.

* * *

A sessão é interrompida para o almoço. Marianne está fumando na escadaria dos fundos, com a bolsa azul pendurada no ombro, olhando para a rua cinzenta.

— Não foi maravilhoso? — diz em tom de conspiração quando vê Liv se aproximando.

— A senhora foi brilhante.

— Ah, nossa, tenho que confessar, gostei mesmo. Eles agora vão ter que engolir o que disseram sobre minha mãe. Eu sabia que ela nunca pegaria algo que não fosse dela. — Faz um gesto de cabeça afirmativo, bate a cinza do cigarro. — Sabe, ela era chamada de “A Destemida Srta. Baker”.

Liv se debruça na grade em silêncio. Sobe a gola por causa do frio. Marianne fuma o resto do cigarro com tragadas longas e ávidas.

— Foi ele, não foi? — diz Liv finalmente, olhando para a frente.

— Ah, querida, prometi não dizer uma palavra. — Marianne se vira para ela e faz uma careta. — Fiquei danada comigo mesma hoje de manhã. Mas claro que foi. O coitado é louco por você.

* * *

Christopher Jenks se levanta.

— Sra. Andrews. Uma pergunta simples. Sua mãe perguntou como esta senhora generosíssima se chamava?

Marianne Andrews pisca.

— Não tenho ideia.

Liv não consegue tirar os olhos de Paul. *Você fez isso por mim?*, pergunta em silêncio. Estranhamente, o olhar dele já não encontra o dela. Ele está sentado ao lado de Janey Dickinson parecendo constrangido, consultando o relógio e olhando para a porta. Ela não consegue pensar no que dirá para ele.

— É um presente extraordinário para se aceitar sem conhecer de quem o recebe.

— Bem, presente louco, tempos loucos. Acho que era preciso estar lá para ver.

Risadas discretas se propagam pela sala. Marianne Andrews se sacode ligeiramente. Liv detecta ambições teatrais frustradas.

— De fato. Já leu os diários da sua mãe?

— Ah, claro que não — diz ela. — Ali há trinta anos de memórias. A gente... eu... só achei os cadernos ontem à noite. — Seu olhar vai por um instante para o banco. — Mas a gente encontrou a parte importante. A parte em que o quadro é dado para mamãe. Por isso que eu o trouxe aqui. — Ela dá muita ênfase à palavra “dado”, olhando de soslaio para Liv e acenando positivamente com a cabeça para si mesma ao dizer isso.

— Então a senhora ainda não leu o diário de 1948 de Louanne Baker?

Há um breve silêncio. Liv sabe que Henry está pegando seus próprios arquivos.

Jenks estende a mão e o advogado lhe entrega um papel.

— Excelência, peça permissão para incluir o diário de 11 de maio de 1948, a parte intitulada “Mudanças de Casa”?

— O que eles estão fazendo?

A atenção de Liv finalmente é atraída de volta para o processo. Ela se inclina para Henry, que está examinando as folhas.

— Estou procurando — sussurra ele.

— Ali, Louanne Baker fala de sua mudança de casa de Newark, no Condado Essex, para Saddle River.

— Isso mesmo — diz Marianne. — Saddle River. Foi onde eu cresci.

— Sim... Os senhores verão aqui que fornece alguns detalhes da mudança. Menciona tentar encontrar panelas, o pesadelo de estar cercada de caixas por abrir. Acho que todos podem se identificar com isso. Mas, talvez, o que é mais pertinente, ela anda pela casa tentando... — ele faz uma pausa, para ler as palavras *ipsis literis*... — *tentando encontrar o lugar perfeito para pendurar o quadro da Liesl.*

Liesl.

Liv observa os jornalistas procurando em suas anotações. Mas percebe nauseada que já sabe o que ele vai falar.

— Porra — sussurra Henry.

A equipe de Sean Flaherty está bem mais adiantada que eles. Devem ter colocado a equipe inteira para ler os diários na hora do almoço.

— Eu agora gostaria de chamar a atenção do meritíssimo juiz para registros mantidos pelo Exército alemão durante a Primeira Guerra Mundial. O Kommandant lotado em St Péronne desde 1916, o homem que levou seus soldados para o Le Coq Rouge, era um homem chamado Friedrich Hencken. — Ele faz uma pausa para deixar a informação ser digerida. — Os registros afirmam que o Kommandant ali lotado na época, o Kommandant que tanto admirava o retrato da mulher de Édouard Lefèvre, era um Friedrich Hencken.

“E agora eu gostaria de mostrar ao tribunal os registros do censo de 1945 da região em torno de Berchtesgaden. O antigo Kommandant Friedrich Hencken e sua mulher, Liesl, se instalaram ali após a aposentadoria dele. A poucas ruas do depósito do Collection Point. Há também o registro de que Liesl mancava visivelmente, em consequência de uma poliomielite contraída na infância.”

A advogada deles está em pé.

— De novo, isto é circunstancial.

— Sr. e Sra. Friedrich Hencken. Meritíssimo, sustentamos que o Kommandant Friedrich Hencken retirou o quadro do Le Coq Rouge em 1917. Ele o levou para sua casa, aparentemente contra a vontade da esposa, que poderia razoavelmente ter feito objeções a uma imagem tão forte de outra mulher. O quadro ficou ali até a morte dele, quando a Sra. Hencken quis se desfazer do retrato e o levou algumas ruas adiante para o lugar que sabia abrigar milhares de obras de arte, um lugar onde ele seria deixado e nunca mais visto.

Angela Silver se senta.

Jenks prossegue, agora com a energia renovada.

— Sra. Andrews. Vamos voltar às memórias de sua mãe daquela época. Poderia ler o parágrafo seguinte, por favor? Esse trecho, que conste nos autos, vem da mesma entrada do diário. Nele, Louanne Baker aparentemente acha o que acredita ser o lugar perfeito para *A garota*, como ela chama o quadro.

“Assim que eu a coloquei naquela sala da frente, ela pareceu confortável. Ali, ela não pega o sol direto, mas a janela da outra parede, com aquela luz quente, realça as cores dela. Ela parece bem feliz, de alguma forma!”

Marianne lê devagar agora, sem familiaridade com essas palavras da mãe. Olha para Liv, e seus olhos exprimem um pedido de desculpas, como se já soubesse onde isso ia dar.

“Eu mesma preguei os pregos. Howard sempre lasca um grande pedaço de emboço ao fazer isso, mas, quando eu já ia pendurá-la, algo me fez virar o quadro e dar mais uma olhada no verso. E aí pensei na pobre daquela mulher, com aquele rosto triste e amargurado. E me lembrei de uma coisa que eu tinha esquecido desde a guerra.

“Sempre presumi estar vendo algo que não existia. Mas, ao me entregar o quadro, Liesl por um instante vacilou, como se tivesse mudado de ideia. Então esfregou algo no verso, como se tentasse apagar o que estava escrito. Ficou esfregando, como louca. Esfregou com tanta força que achei que realmente tivesse machucado os dedos.”

O tribunal está em silêncio, ouvindo.

“Bem, acabei de olhar no verso, como olhei na época. E essa foi a única coisa que me fez questionar se a coitada daquela mulher estava em perfeito juízo quando me deu o quadro. Porque, por mais que a gente olhe a parte de trás dele, além do título não há nada ali, só um borrão de giz.

“É errado aceitar algo de quem não está em seu perfeito juízo? Ainda não tenho certeza. Sinceramente, o mundo parecia tão louco naquela época, com o que estava acontecendo nos campos, homens adultos chorando, e eu encarregada de objetos alheios no valor de um bilhão de dólares — que a velha Liesl e aqueles seus dedos em carne viva esfregando nada pareciam na verdade bastante normal.”

— Meritíssimo, nós sugerimos que este trecho, e o fato de Liesl não dar o seu sobrenome, são uma prova muito clara de alguém tentando disfarçar ou até destruir qualquer sinal da procedência do quadro. Bem, ela certamente teve êxito.

Enquanto ele faz uma pausa, um membro da sua equipe atravessa a sala e lhe entrega um papel. Ele o lê e respira fundo. Seus olhos examinam a sala.

— Registros do censo alemão que acabamos de conseguir mostram que Sophie Lefèvre contraiu a gripe espanhola pouco depois de ter chegado aos campos de Ströhen. Ela morreu ali logo depois.

Liv sente um zumbido no ouvido ao escutar as palavras dele. Elas vibram em seu íntimo, como os tremores após um golpe físico.

— Meritíssimo, como já ouvimos neste tribunal, foi feita uma grande injustiça com Sophie. Foi feita uma grande injustiça com seus descendentes. Seu marido, sua dignidade, sua liberdade e, em última instância, sua vida, lhe foram tirados. Roubados. O que ficou, a sua imagem, foi, segundo todas as provas, confiscado da sua família pelo próprio homem que mais mal lhe fez.

“Só há uma forma de reparar esse mal, por mais tarde que seja. O quadro deve ser devolvido à família Lefèvre.”

Ela mal ouve o restante. Paul está sentado com a testa apoiada nas mãos. Ela olha para Janey Dickinson, e, quando seus olhares se cruzam ela se dá conta, um pouco chocada, que,

também para alguns dos outros participantes, esse caso não é apenas sobre um quadro.

* * *

Até Henry está abatido quando eles deixam o tribunal. Liv se sente como se todos tivessem sido atropelados por um caminhão.

Sophie morreu nos campos. Doente e sozinha. Sem nunca mais ter visto o marido.

Ela olha para os Lefèvre sorridentes do outro lado do tribunal, querendo se sentir generosa para com eles. Querendo ter a sensação de que um grande erro está prestes a ser reparado. Mas se lembra das palavras de Philippe Bessette, do fato de que a família não permitia sequer que se tocasse no nome dela. Sente-se como se, pela segunda vez, Sophie estivesse prestes a ser entregue ao inimigo. Sente-se, estranhamente, privada de um ente querido.

— Olhe, quem sabe o que o juiz vai decidir — diz Henry quando a vê no fundo da área de segurança. — Tente não pensar muito nisso durante o fim de semana. Não há mais nada que a gente possa fazer agora.

Ela tenta sorrir para ele.

— Obrigada, Henry — diz. — Telefone para você.

A sensação ali é estranha, no sol de inverno, como se eles tivessem passado muito mais que uma tarde fechados no tribunal. Ela se sente como se viesse direto de 1945. Henry pede um táxi para ela, depois vai embora, despedindo-se com um gesto de cabeça. Ela então o vê, parado no portão da segurança. Ele dá a impressão de estar à sua espera e vai direto ao seu encontro.

— Sinto muito — diz ele, triste.

— Paul, não...

— Eu realmente pensei... Sinto muito por tudo.

Seus olhos encontram os dela, uma última vez, e ele vai andando, sem ver os clientes saindo do pub Seven Stars, os assistentes jurídicos arrastando seus carrinhos de pastas. Ela vê seus ombros curvados, sua cabeça atipicamente caída, e é isso, coroando tudo mais que aconteceu hoje, que finalmente faz-lhe tomar uma decisão.

— Paul! — Ela tem que gritar novamente para ser ouvida acima do barulho do tráfego. — Paul!

Ele se vira.

— Eu sei. — Ele fica parado um instante, aquele homem alto, um pouco abatido, vestido com um bom terno. — Eu sei. Obrigada... por tentar.

Às vezes a vida é uma série de obstáculos, uma questão de colocar um pé na frente do outro. Às vezes, de repente ela se dá conta, é simplesmente uma questão de fé cega.

— Você gostaria de... ir beber algo qualquer hora dessas? — Ela engole em seco. — Ou mesmo agora?

Ele olha para o chão, pensativo. Então olha para ela.

— Você me daria um minuto?

Ele torna a subir a escada do tribunal. Ela vê Janey Dickinson conversando com seu advogado. Paul toca no braço dela, e há uma breve troca de palavras. Ela está aflita, remoendo a pergunta: *O que ele está dizendo a ela agora?* Ela se afasta, entrando no táxi, tentando se acalmar. Quando olha pela janela, vê Paul descendo de novo, enrolando um cachecol no pescoço. Janey Dickinson está olhando para o táxi, com as pastas frouxas nos braços.

Paul entra e bate a porta.

— Pedi demissão — diz. Dá um suspiro e pega a mão dela. — Muito bem. Aonde vamos?

A expressão de Greg não trai nada quando ele atende a porta.

— Olá, Srta. Liv — diz ele, como se o fato de ela aparecer ali fosse totalmente esperado. Ele recua para o corredor enquanto Paul tira o casaco dos ombros dela, assobiando para os cachorros que vêm correndo saudá-la se calarem. — Já estraguei o risoto, mas Jake diz que não tem importância, pois não gosta de cogumelo, afinal. Então estamos pensando talvez numa pizza.

— Grande ideia. E por minha conta — diz Paul. — Pode ser a última que a gente come por algum tempo.

Eles tinham se dado as mãos num silêncio atônito na metade da Fleet Street.

— Fiz você perder o seu emprego — disse ela. — E seu grande bônus. E sua chance de comprar um apartamento maior para seu filho.

Ele ficou olhando para a frente.

— Você não me fez perder nada. Eu me demiti.

Greg levanta uma sobrancelha.

— Uma garrafa de vinho tinto está aberta na cozinha desde quatro e meia. Isso não tem absolutamente nada a ver com meu compromisso de tomar conta do meu sobrinho por hoje. Tem, Jake?

— Greg diz que sempre é hora de vinho nessa casa — grita uma voz de menino da outra sala.

— Dedo-duro — responde Greg. E então diz a Liv: — Ah, não. Não posso deixar você beber. Olhe o que aconteceu da última vez que bebeu na nossa companhia. Transformou meu sensato irmão mais velho num adolescente trágico e sonhador.

— Liv, é melhor você ir se adaptando. A ideia de Greg de decoração é basicamente Demais Não Basta. Minimalismo não é com ele.

— Eu estampo a minha personalidade na minha casinha, e, não, ela não é uma *tábula rasa*.

— É lindo — diz ela, referindo-se às paredes coloridas, às estampas ousadas e às fotografias miúdas que a cercam.

Sente-se estranhamente à vontade naquele pequeno chalé, com sua música em alto volume, quantidades incalculáveis de objetos em cada estante e espremidos em cada espaço de parede, e uma criança estirada num tapete na frente da televisão.

— Ei! — diz Paul, entrando na sala, onde o menino rola como um cachorrinho, ficando de barriga para cima.

— Pai! — Ele olha para ela, e ela resiste ao impulso de largar a mão de Paul quando vê o menino registrando o contato. — Você é a moça de hoje de manhã? — diz ele após um minuto.

— Espero que sim. A menos que tivesse outra.

— Acho que não — diz Jake. — Pensei que eles fossem esmagar você.

— É, eu também.

Ele a observa por um instante.

— Meu pai botou perfume da última vez que viu você.

— Loção pós-barba — diz Paul e se abaixa para lhe dar um beijo. — Dedo-duro.

Então esse é o Mini Paul, ela pensa, e a ideia é agradável.

— Esta é Liv. Liv, este é Jake.

Ela levanta a mão.

— Como não conheço muita gente da sua idade, provavelmente vou dizer coisas caretíssimas, mas é muito bom conhecer você.

— Tudo bem. Já estou acostumado.

Greg aparece e lhe entrega uma taça de vinho tinto. Os olhos dele correm de Paul para Liv.

— Então, o que isso quer dizer? Está havendo uma *entente cordiale* entre nossas facções em guerra? Vocês agora são... colaboradores secretos?

Liv pestaneja diante da escolha de palavras dele. Vira-se para olhar para Paul.

“Não me importo com o trabalho”, dissera ele baixinho, envolvendo a mão dela. “Só sei que quando não estou com você, fico chato e irritado com tudo.”

— Não — diz ela e vê que está sorrindo. — Ele se limitou a perceber que estava do lado errado.

* * *

Quando Andy, o namorado de Greg, chega à casa da Elwin Street, são cinco pessoas espremidas no pequeno espaço, mas ela nunca parece apertada. Liv, sentada em torno de uma pequena torre de fatias de pizza, pensa na fria Casa de Vidro em cima do armazém, que de repente parece tão associada à ação penal, à sua própria infelicidade, que ela não quer voltar para lá.

Não quer olhar para Sophie, sabendo o que está prestes a acontecer. Está sentada entre esses quase desconhecidos, jogando jogos, ou rindo das suas piadas, e percebe que sua sensação constante de surpresa decorre da descoberta de que, apesar de tudo, ela está feliz; feliz como não se lembra de estar há anos.

E ali está Paul. Paul, que parece fisicamente desgastado pelos acontecimentos do dia, como se ele, não ela, tivesse perdido tudo. Sempre que ele se vira para olhar para ela, algo se realinha, como se o seu corpo tivesse que entrar em sintonia com a possibilidade de voltar a ser feliz.

Você está bem?, pergunta ele com o olhar.

Sim, diz ela, e é sincera.

— Então, o que vai acontecer na segunda-feira? — pergunta Greg enquanto estão à mesa. Andara lhes mostrando amostras de tecido para um novo esquema de cores no bar. A mesa está cheia de migalhas e copos de vinho meio vazios. — Você tem que entregar o quadro? É certo que vai perder?

Liv olha para Paul.

— Acho que sim — diz ela. — Só tenho que me acostumar com a ideia de... deixar a garota ir embora. — Sente um nó na garganta e sorri, esforçando-se para desfazê-lo.

Greg lhe estende a mão.

— Ah, querida, me desculpe. Não quis perturbar você.

Ela encolhe os ombros.

— Estou bem. Mesmo. Ela não é mais minha. Eu devia ter entendido isso há mais tempo. Acho que eu não queria ver o que estava na minha cara.

— Pelo menos você ainda tem a sua casa — diz Greg. — Paul me disse que ela é incrível. — Ele capta o olhar de alerta de Paul. — O que foi? Ela não deve saber que a gente andou falando dela? O que nós somos? Alunos do quinto ano?

Paul parece envergonhado por um instante.

— Ah — diz ela. — Mais ou menos. Não, eu não tenho.

— Por quê?

— Está à venda.

Paul fica imóvel.

— Tenho que vendê-la para pagar as custas legais.

— Você vai receber o suficiente para comprar em outro lugar, certo?

— Ainda não sei.

— Mas aquela casa...

— ...Já estava toda hipotecada. E está precisando de obra. Não faço nada desde que David morreu. Aparentemente, vidro importado com qualidades térmicas não é eterno, embora David pensasse assim.

A mandíbula de Paul se cerra. Ele empurra a cadeira para trás bruscamente e sai da mesa.

Liv olha para Greg e Andy, depois para a porta.

— Jardim, provavelmente — diz Greg, levantando uma sobrancelha. — É do tamanho de um lenço de bolso. Você não vai perdê-lo. — Então, quando ela se levanta, ele murmura: — É uma doce sensação ver você derrubar meu irmão mais velho. Eu queria ter suas habilidades quando tinha quatorze anos.

* * *

Ele está parado no pequeno pátio, entulhado de potes de barro com plantas malcuidadas, castigadas pelas geadas de inverno. Está de costas para ela, com as mãos enfiadas nos bolsos. Parece arrasado.

— Então você perdeu tudo. Por minha causa.

— Como você disse, se não fosse você, seria outra pessoa.

— O que eu estava pensando? O que eu estava pensando, porra?

— Você só estava fazendo seu trabalho.

Ele leva a mão ao rosto.

— Sabe de uma coisa? Você realmente não precisa levantar o meu astral.

— Estou bem. De verdade.

— Como pode? Eu não estaria. Estaria furioso como... Ah, *minha nossa*. — A frustração explode na voz dele.

Ela espera, depois pega-o pela mão, puxa-o para uma pequena mesa. O frio do assento de ferro atravessa suas roupas, e ela chega a cadeira para a frente, coloca os joelhos entre os dele, até ter certeza de que ele está ouvindo.

— Paul.

O semblante dele está rígido.

— Paul. Olhe para mim. Você precisa entender isso. A pior coisa que podia ter acontecido comigo já aconteceu.

Ele ergue os olhos.

Ela engole em seco, sabendo que essas são as palavras que entalam, que podem simplesmente se recusar a sair.

— Quatro anos atrás, David e eu fomos deitar como se fosse uma noite qualquer. Escovamos os dentes, ficamos lendo nossos livros, conversamos sobre um restaurante a que pretendíamos ir... e, quando acordei no dia seguinte, ele estava ali ao meu lado, frio. Azul. Ele foi sem eu sentir. Nem consegui dizer...

Há um breve silêncio.

— Dá para imaginar que você estava dormindo enquanto a pessoa que você mais ama morria ao seu lado? Sabendo que talvez houvesse algo que você pudesse fazer para ajudá-la? Para salvá-la? Sem saber se ela estava olhando para você, pedindo em silêncio para...

As palavras não vêm, sua voz fica embargada, uma torrente conhecida ameaça engolfá-la. Ele estende as mãos devagar, segura as dela até ela conseguir falar de novo.

— Achei que o mundo tivesse realmente acabado. Achei que nunca mais poderia acontecer nada de bom. Pensei que qualquer coisa poderia acontecer se eu não estivesse vigilante. Eu não comia. Não saía. Não queria ver ninguém. Mas sobrevivi, Paul. Para minha surpresa, consegui superar. E a vida... bem, aos poucos vou conseguindo viver de novo.

Ela chega mais perto dele.

— Então isso... o quadro, a casa... Percebi quando ouvi o que aconteceu com Sophie. São só *coisas materiais*. Eles poderiam levar tudo, francamente. Tudo o que importa são as pessoas. — Ela olha para as mãos dele, e sua voz fica embargada. — Só o que importa mesmo é quem a gente ama.

Ele não fala, mas encosta a cabeça na dela. Os dois ficam sentados ali no jardim gelado,

absorvendo o ar da noite, escutando o ruído abafado das risadas do filho dele lá dentro. Na rua, ela ouve a acústica do início da noite na cidade, barulho de panelas em cozinhas distantes, televisores sendo ligados, uma porta de carro batendo, um cão latindo para alguém. A vida em sua totalidade caótica e vital.

— Vou recompensá-la — diz ele baixinho.

— Você já fez isso.

— Não. Vou fazer.

Há lágrimas no rosto dela. Ela não sabe como chegaram ali. Os olhos azuis dele de repente estão calmos. Ele pega o rosto dela nas mãos e a beija, enxuga suas lágrimas com beijos, os lábios macios em sua pele, prometendo um futuro. Ele a beija até ambos estarem sorrindo e ela não sentir mais os pés.

— Tenho que ir para casa. Os compradores vêm amanhã — diz, soltando-se dele com relutância.

Do outro lado da cidade, a Casa de Vidro está deserta. A ideia de voltar para lá ainda é desagradável. Ela no fundo espera que ele proteste.

— Quer... quer vir comigo? Jake poderia dormir no quarto de hóspedes. Eu poderia abrir e fechar o teto para ele. Isso talvez contasse alguns pontos a meu favor.

Ele olha para o outro lado.

— Não posso — diz espontaneamente. E acrescenta: — Quero dizer, eu adoraria. Mas é...

— Vou ver você no fim de semana?

— Eu estou com o Jake, mas... claro. Vamos planejar algo.

Ele parece estranhamente distraído. Ela vê a dúvida que anuvia sua expressão. Será que conseguiremos perdoar o que custamos um para o outro?, pensa, por um instante, e sente um arrepio que nada tem a ver com o frio.

— Levo você em casa — diz ele.

E o momento passa.

* * *

A casa está em silêncio quando ela entra. Ela tranca a porta, larga as chaves e vai para a cozinha, seus passos ecoando no piso de pedra. Custa a acreditar que saiu ainda naquela manhã: parece que se passou uma vida.

Ela aperta o botão da secretária eletrônica. Uma mensagem presunçosa do corretor de imóveis, anunciando que os compradores vão mandar o arquiteto deles no dia seguinte. O corretor espera que ela esteja bem.

Um articulista de uma obscura revista de arte quer uma entrevista sobre o caso Lefèvre.

O gerente do banco. Tranquilamente alheio ao frenesi da mídia. Por favor, será que ela pode

ligar tão logo lhe seja conveniente para discutir sua situação? Esta é a terceira vez que ele tenta entrar em contato com ela, acrescenta.

Uma ligação de seu pai, mandando muitos beijos. *Caroline diz para mandar eles todos à puta que pariu.*

Liv consegue ouvir um baixo tocando em outra casa, as portas de entrada batendo e as risadas que constituem a acústica de uma noite normal de sexta-feira fora de casa. É um lembrete de que em outro lugar o mundo continua girando, apesar de tudo; que existe vida além deste estranho hiato.

A noite se estende. Ela liga a televisão, mas como não há nada que queira assistir, ela vai tomar banho e lavar a cabeça. Separa as roupas para o dia seguinte e come uns biscoitos com queijo.

Mas suas emoções não se acalmam: tilintam como uma arara cheia de cabides de casaco vazios. Ela está exausta, mas fica andando para cima e para baixo, sem conseguir sossegar. Continua sentindo o gosto de Paul nos lábios, as palavras dele em seus ouvidos. Cogita em lhe telefonar, por um instante, mas, quando pega o telefone, seus dedos ficam parados nos botões. O que diria, afinal? *Eu só queria ouvir sua voz.*

Vai até o quarto de hóspedes, que está impecável, vazio, como se ninguém jamais tivesse morado ali. Fica lá dentro, tocando as superfícies da cadeira e da cômoda. Já não se sente reconfortada pelo silêncio nem pelo vazio. Imagina Mo, espremida com Ranic numa casa superlotada e barulhenta, como a que ela acabou de deixar.

Finalmente, prepara uma caneca de chá e vai para o seu quarto. Senta no meio da cama, se recosta nos travesseiros e observa Sophie naquela moldura dourada.

No íntimo, me agrada a ideia de que a gente pode ter um quadro com força suficiente para abalar um casamento.

Bem, Sophie, ela pensa, você abalou muito mais que isso. Ela olha para o quadro que ama há quase dez anos e finalmente se permite pensar no dia em que ela e David o compraram, no jeito que levantaram a garota para o alto naquele sol da Espanha, suas cores realçadas naquela luminosidade, refletindo o futuro que acreditavam ter juntos. Lembra-se deles pendurando a tela neste quarto quando voltaram de viagem, do jeito que olhara para *A garota*, perguntando-se o que David via nela que espelhava a imagem e sentindo-se de certa forma mais bonita pelo que ele vira.

Você se parece com ela quando...

Ela se lembra do dia em que, nas primeiras semanas após a morte dele, ela levantara apaticamente a cabeça do travesseiro molhado e Sophie parecera estar olhando para ela. Isso também é suportável, dissera sua expressão. Talvez você não saiba agora. Mas você vai sobreviver.

Só que Sophie não sobrevivera.

Liv sente um nó na garganta.

— Sinto muito pelo que lhe aconteceu — diz ela no quarto silencioso. — Desejo que pudesse ter sido diferente.

Subitamente, sentindo uma tristeza avassaladora, ela se levanta, vai até o quadro e o vira para a parede, para não conseguir mais vê-lo. Talvez seja bom estar saindo desta casa: o espaço vazio na parede seria um lembrete constante do seu fracasso. Já parece simbolizar de uma maneira estranha como a própria Sophie foi efetivamente apagada.

E quando está prestes a soltar o quadro, ela para de repente.

O estúdio, naquelas últimas semanas, ficou um caos, montes de papel se esparramando por todos os lados. Ela anda por ali com uma determinação nova, organizando os papéis em maços e as pastas, presos com elástico. Não sabe o que vai fazer com eles, depois que terminar de arrumar. Finalmente, procura a pasta vermelha que Philippe Bessette lhe deu. Folheia as páginas delicadas até encontrar as duas que está procurando.

Confere-as, depois as leva para a cozinha. Acende uma vela e queima uma de cada vez na chama bruxuleante, até não haver mais nada senão cinzas.

— Pronto, Sophie — diz — Pelo menos, você pode ficar me devendo essa.

E agora, ela pensa, por David.

— Pensei que você já estivesse de saída. Jake está dormindo diante do *America's Funniest Home Videos*. — Greg entra na cozinha descalço e bocejando. — Quer que eu arme a cama? Está meio tarde para arrastar o menino para casa.

— Seria ótimo. — Paul ergue os olhos dos arquivos do laptop aberto à sua frente.

— O que está fazendo? Estudando isso de novo? O veredicto sai mesmo segunda-feira? E... hã... você não acabou de largar o emprego?

— Tem algo que não vi. Eu sei. — Paul corre o dedo pela página, passando para a seguinte com impaciência. — Tenho que conferir as provas.

— Paul. — Greg puxa uma cadeira. — Paul! — fala um pouco mais alto.

— O quê?

— Acabou, irmão. E está tudo bem. Ela já o perdoou. Você fez o seu grande gesto. Acho que devia simplesmente deixar isso de lado agora.

Paul se recosta, arrasta as mãos sobre os olhos.

— Você acha?

— Falando sério? Você está com uma cara meio obsessiva.

Paul toma um gole de café. Está frio.

— Isso vai nos destruir.

— O quê?

— Liv adorava aquele quadro, Greg. E o fato de eu ser o responsável por tirarem o que era dela vai destruí-la. Talvez não agora, talvez nem mesmo em um ou dois anos. Mas isso vai acontecer.

Greg se encosta no fogão.

— Ela podia dizer o mesmo do seu trabalho.

— Estou tranquilo em relação ao trabalho. Já era hora de eu sair daquele lugar.

— E Liv disse que está tranquila com o quadro.

— É. Mas ela está encurralada. — Greg balança a cabeça frustrado, e Paul se debruça nos arquivos. — Eu sei como as coisas podem mudar, Greg; como as coisas que você jura que não vão incomodá-lo no início podem acabar destruindo o que é bom.

— Mas...

— E sei como a perda das coisas de que a gente gosta pode não sair da nossa cabeça. Não quero que Liv me olhe um dia se esforçando para não pensar: *Você foi o cara que arruinou a minha vida*.

Greg atravessa a cozinha calmamente e liga a chaleira. Faz três xícaras de café, e entrega uma a Paul. Põe a mão no ombro do irmão enquanto se prepara para levar as outras duas para a sala.

— Sei que gosta de consertar as coisas, meu irmão. Mas, sinceramente? Nesse caso você só vai ter que torcer para tudo dar certo.

Paul não o ouve.

— Lista de proprietários — resmunga para si mesmo. — Lista de proprietários atuais das obras de Lefèvre.

* * *

Oito horas depois, Greg acorda e vê o rosto de um garoto pairando sobre ele.

— Estou com fome — diz o menino e esfrega o nariz vigorosamente. — Você disse que aqui tinha sucrilhos, mas não estou encontrando.

— Armário de baixo — diz ele, atordoado. Não há luz entre as cortinas, ele repara vagamente.

— E não tem leite.

— Que horas são?

— Quinze para as sete.

— Puxa. — Greg se esconde embaixo do edredom. — Nem os cachorros acordam tão cedo. Peça ao seu pai para fazer.

— Ele não está aqui.

Greg abre os olhos devagar, fitando as cortinas.

— Como assim, não está aqui?

— Foi embora. Como o saco de dormir ainda está enrolado, acho que dormiu no sofá. Será que a gente pode comprar uns croissants naquela loja lá embaixo? De chocolate?

— Estou me levantando. Estou me levantando. Já me levantei.

Ele se levanta com muito esforço, esfrega a cabeça.

— E o Pirate fez pipi no chão.

— Ah. Ótimo. O sábado começa bem.

* * *

Paul realmente não está lá, mas deixou um bilhete na mesa da cozinha, escrito no verso de uma lista de provas judiciais e colocado em cima de um amontoado de papéis.

Tive que ir. Dá para ficar com Jake? Ligo depois.

— Está tudo bem? — pergunta Jake, estudando o semblante do tio.

A caneca marcou a mesa com um anel de café. Os papéis remanescentes estão espalhados,

como se tivessem sofrido uma pequena explosão.

— Está tudo bem, Small Fry — diz Greg, desmanchando o cabelo do menino. Ele dobra o bilhete, guarda-o no bolso e começa a pôr alguma ordem nos papéis e pastas. — Olhe só, voto por fazermos panquecas para o café. Que tal a gente vestir o casaco por cima do pijama e ir na loja da esquina comprar uns ovos?

Quando Jake sai do quarto, Greg pega o celular e digita um SMS.

Se estiver aí trepando nesse instante, você me deve um grande favor.

Aguarda um pouco antes de enfiar o telefone no bolso, mas não há resposta.

* * *

O sábado é, felizmente, movimentado. Liv espera os compradores virem medir a casa, depois os construtores e o arquiteto deles examinarem a obra aparentemente sem fim que precisa ser feita. Ela anda em volta desses estranhos em sua casa, tentando ser prestativa e simpática na medida certa, como compete à vendedora da casa, e sem demonstrar seus verdadeiros sentimentos, que a fariam gritar “VÃO EMBORA!” e fazer gestos infantis para eles. Ela se distrai arrumando malas e limpando, consolando-se com pequenas tarefas domésticas. Joga fora dois sacos de roupas velhas. Telefona para vários corretores de imóveis para alugar e, quando lhes diz a quantia de que dispõe para gastar, ouve um silêncio longo e desdenhoso.

— Eu já não a vi em algum lugar antes? — diz o arquiteto quando ela pousa o telefone no gancho.

— Não — diz ela depressa. — Acho que não.

Paul não liga.

Naquela tarde, ela vai até a casa do pai.

— Caroline fez o prato mais espetacular para o Natal — anuncia ele. — Você vai amar.

— Ah, ótimo — diz ela.

Eles almoçam salada e um prato mexicano. Caroline cantarola para si mesma enquanto come. O pai de Liv vai fazer um anúncio de seguro de carro.

— Aparentemente tenho que imitar um frango.

Ela tenta focar no que ele está dizendo, mas continua pensando em Paul, repassando o dia anterior na cabeça. No íntimo, está surpresa por ele não ter ligado. Ai, meu Deus. Estou virando uma daquelas namoradas pegajosas. E oficialmente não estamos juntos nem há vinte e quatro horas. Ela tem que rir do “oficialmente”.

Relutando em voltar para a Casa de Vidro, ela fica na casa do pai por muito mais tempo que de costume. Ele parece encantado, bebe demais, pega fotos em preto e branco dela, que encontrou enquanto arrumava uma gaveta. Elas passam algo estranhamente sólido: o lembrete

de que havia toda uma vida antes desse processo, antes de Sophie Lefèvre, de uma casa que ela não pode bancar e de um terrível dia definitivo se aproximando no tribunal.

— Que criança linda.

A cara aberta e sorridente no retrato lhe dá vontade de chorar. Seu pai a envolve com o braço.

— Não fique muito nervosa na segunda-feira. Sei que tem sido difícil. Mas estamos muito orgulhosos de você, sabe?

— Por quê? — diz ela assoando o nariz. — Eu falhei, pai. A maioria das pessoas acha que eu nem devia ter tentado.

O pai a puxa para junto dele. Ele cheira a vinho tinto e a uma parte da vida dela que parece um milhão de anos atrás.

— Simplesmente porque você vai tocando o barco, de verdade. Às vezes, minha querida, isso em si é heroico.

* * *

São quase quatro e meia quando ela liga para ele. Passaram-se quase vinte e quatro horas, ela raciocina. E, sem dúvida, as normas que geralmente regem o namoro não se aplicam quando um dos envolvidos abriu mão de metade da vida dele por você. Seu coração bate um pouquinho mais forte quando ela liga: já antecipa o som da voz dele. Imagina-se com ele, mais tarde naquela noite, os dois enroscados no sofá do pequeno apartamento dele, talvez jogando cartas com Jake no tapete. Mas a secretária eletrônica atende depois de três toques. Liv desliga depressa, com uma aflição estranha, depois se amaldiçoa por ser infantil.

Sai para correr, toma um banho, faz um chá para Fran (“O último só tinha dois torrões de açúcar”), senta-se ao lado do telefone e finalmente torna a ligar às seis e meia. Mais uma vez, cai direto na secretária eletrônica. Ela não tem o número do seu telefone fixo. Será que devia simplesmente ir à casa dele? Ele poderia estar na casa de Greg. Mas também não tem o telefone de Greg, ela se dá conta. Andara tão desorientada com os acontecimentos de sexta-feira quando chegaram lá que nem se lembra direito do endereço exato.

Isso é ridículo, diz a si mesma. Ele vai ligar.

Ele não liga.

Às oito e meia, sabendo que não é capaz de enfrentar o resto da noite em casa, levanta-se, veste o casaco e pega as chaves.

* * *

É uma caminhada curta até o bar de Greg, mais curta ainda quando alguém está de tênis e vai

quase correndo. Ela empurra a porta e depara com uma parede de barulho. No pequeno palco à esquerda, um homem vestido de mulher canta com a voz rouca numa batida disco, acompanhado de assobios estridentes de um público extasiado. Na outra extremidade, as mesas estão lotadas, os espaços entre elas apinhados de corpos rijos, vestidos com roupas justas.

Ela leva alguns minutos para vê-lo, movimentando-se com agilidade no bar, com um pano de prato pendurado no ombro. Ela consegue passar e chegar até o balcão, meio espremida embaixo da axila de alguém, e grita o nome dele.

Ele custa a ouvi-la. Até que se vira. O sorriso dela congela: a expressão dele é estranhamente fria.

— Bem, esta é uma boa hora para aparecer.

Ela pisca.

— Perdão?

— Quase nove horas? Vocês estão de brincadeira comigo?

— Não sei do que você está falando.

— Fiquei com ele o dia inteiro. Era para Andy sair hoje à noite. Mas ele teve que cancelar para ficar em casa tomando conta de criança. Posso dizer que ele não está contente.

Liv se esforça para ouvi-lo acima do barulho do bar. Greg levanta a mão e se inclina para a frente para anotar o pedido de alguém.

— Quero dizer, você sabe que nós adoramos Paul, certo? — diz ele quando volta. — Morremos de paixão por ele. Mas nos usar como primeira opção de babá...

— Estou procurando por ele — diz ela.

— Ele não está com você?

— Não. E não está atendendo o telefone.

— Eu sei que ele não está atendendo o telefone. Pensei que fosse porque estava com... Ah, isso é uma loucura. Venha aqui dentro. — Ele levanta a tampa do balcão para ela passar espremida e levanta as mãos ao ouvir o clamor das queixas dos clientes que aguardam ser atendidos. — Dois minutos, pessoal. Dois minutos.

No minúsculo corredor da cozinha, o ritmo atravessa as paredes, fazendo os pés de Liv vibrarem.

— Mas aonde ele foi?

— Não sei. — A raiva de Greg evaporou. — Acordamos e encontramos um bilhete hoje de manhã dizendo que ele precisou sair. Só isso. Ele estava meio esquisito ontem à noite depois que você foi embora.

— Como assim, esquisito?

Ele parece evasivo, como se já tivesse falado demais.

— Como assim?

— Estava diferente. Ele leva essas coisas muito a sério. — Ele morde o lábio.

— Que coisas?

Greg parece sem jeito.

— Bem, ele... ele disse que achava que esse quadro ia estragar qualquer chance que vocês tinham de ter uma relação.

Liv olha para ele.

— Você acha que ele...

— Tenho certeza de que ele não teve intenção...

Mas Liv já está abrindo caminho para sair do bar.

* * *

Vazia de tudo. O domingo não termina nunca. Liv está sentada na casa silenciosa, o telefone silencioso, a cabeça a mil, e aguarda o fim do mundo.

Liga para o celular dele mais uma vez, depois desliga bruscamente quando cai na caixa postal.

Ele esfriou.

Claro que não.

Ele parou para pensar em tudo o que está abrindo mão para ficar comigo.

Você precisa confiar nele.

Ela deseja que Mo estivesse ali.

A noite chega, o céu está ameaçador, sufocando a cidade num denso nevoeiro. Ela não consegue assistir à televisão, dorme e acorda o tempo todo, levanta às quatro da manhã completamente tomada por pensamentos confusos. Às cinco e meia, ela desiste, enche a banheira e fica algum tempo ali deitada, olhando pela claraboia para o céu escuro. Seca o cabelo cuidadosamente e veste uma blusa cinza com uma saia risca de giz que David uma vez dissera adorar nela. Ele achava que o conjunto fazia com que ela se parecesse com uma secretária, como se isso fosse um elogio. Ela acrescenta umas pérolas falsas e a aliança de casamento. Maquia-se com cuidado. Está agradecida por conseguir esconder as olheiras, a pele pálida e cansada.

Ele virá, diz a si mesma. A gente tem que ter fé em alguma coisa.

À sua volta, o mundo acorda devagar. A Casa de Vidro está envolta na bruma, realçando sua sensação de isolamento do restante da cidade. Lá embaixo, o congestionamento do tráfego, visível apenas quando os pontinhos vermelhos das luzes dos freios andam lentamente, como sangue em artérias entupidas. Ela toma um café e come meia torrada. O rádio fala de engarrafamentos em Hammersmith e de um complô para envenenar um político na Ucrânia. Quando termina, ela arruma e seca a cozinha até deixá-la brilhando.

Então, pega um cobertor velho no armário e enrola-o cuidadosamente em volta de *A garota*

que você deixou para trás. Dobra-o como se estivesse embrulhando um presente, mantendo o retrato virado de costas para ela para não ter que ver o rosto de Sophie.

* * *

Fran não está em sua caixa. Está sentada num balde emborcado, olhando para o rio do outro lado da rua, desembaraçando um barbante que dá centenas de voltas num enorme maço de sacolas de supermercado.

Ela olha quando Liv chega com duas canecas, depois olha para o céu. Ele desabou em volta delas em gotas grossas, afundando o som, encerrando o mundo na margem do rio.

— Não está correndo?

— Não.

— Estranho.

— Aparentemente, tudo em mim está estranho.

Liv lhe entrega um café. Fran dá um gole, grunhe de prazer, depois olha para ela.

— Não fique aí em pé, então. Pode se sentar.

Liv olha em volta e se dá conta de que Fran está apontando para um pequeno caixote de leite. Ela o puxa e se senta. Um pombo atravessa a calçada na sua direção. Fran enfia a mão numa sacola de papel amassada e joga uma casca de pão. É estranhamente sossegado ali, ouvindo o Tâmis lambe delicadamente a praia, o barulho do tráfego ao longe. Liv pensa com ironia no que os jornais diriam se pudessem ver a companheira de café da manhã da viúva socialite. Uma barca surge na bruma e passa silenciosamente, suas luzes desaparecendo no amanhecer cinzento.

— Sua amiga foi embora, então.

— Como você sabe?

— O tempo que passo aqui sentada dá para eu saber de tudo. A gente escuta, entendeu? — Ela bate na cabeça. — Ninguém escuta mais. Todo mundo sabe o que quer ouvir, mas ninguém realmente escuta.

Ela para um instante, como se lembrasse de algo.

— Vi você no jornal.

Liv sopra seu café.

— Acho que Londres inteira já me viu no jornal.

— Está guardado. Na minha caixa. — Ela diz gesticulando. — É ele? — Aponta para o embrulho que Liv segura embaixo do braço.

— É. — Ela toma um gole. — É sim. — Ela espera Fran dar a sua própria versão do crime, listar as razões pelas quais ela nunca deveria ter tentado guardar o quadro, mas a mulher não diz nada. Em vez disso, funga e olha para o rio.

— É por isso que não gosto de ter muita coisa. Quando eu estava no abrigo, as pessoas viviam

afanando o que a gente tinha. Não importava onde a gente deixasse. Embaixo da cama, no armário, elas esperavam a gente sair, e aí vinham e pegavam. A tal ponto que a gente não queria sair, de medo de perder as coisas. Imagine só.

— Imaginar o quê?

— O que a gente perde. Só tentando se agarrar a umas poucas coisas.

Liv olha para o rosto marcado e curtido de Fran, de repente coberto de prazer ao pensar na vida de que já não sente falta.

— É uma espécie de loucura — diz Fran.

Liv olha para o rio cinzento, e inesperadamente seus olhos ficam cheios d'água.

Henry está esperando por ela na entrada dos fundos. Há câmeras de televisão, bem como manifestantes na frente do Supremo Tribunal para o último dia. Ele lhe avisara que isso aconteceria. Ela salta de um táxi e, quando ele nota o que ela está trazendo, seu sorriso se transforma num esgar.

— Isso é o que eu estou... Você não tinha que fazer isso! Se a gente perder, demos motivo para eles mandarem a segurança atrás de nós. Nossa, Liv! Você não pode simplesmente carregar uma obra de arte de milhões de libras por aí feito um pedaço de pão.

As mãos de Liv seguram o quadro com força.

— Paul está aí?

— Paul?

Ele a faz andar depressa para o fórum, como um médico leva uma criança doente para um hospital.

— McCafferty.

— McCafferty? Não tenho ideia. — Ele torna a olhar para o embrulho. — Droga, Liv. Você podia ter me avisado.

Ela passa atrás dele pela Segurança e entra com ele no corredor. Ele chama o guarda e faz um gesto indicando o quadro. O guarda faz uma expressão estarelecida, acena com a cabeça e fala algo no rádio. Um reforço da segurança parece estar a caminho. Só quando eles entram realmente no tribunal Henry começa a relaxar. Ele se senta, dá um longo suspiro, esfrega o rosto com as duas mãos. Então vira-se para Liv.

— Ainda não acabou — diz, sorrindo com tristeza para o quadro. — Isso não é um voto de confiança.

Ela não diz nada. Examina o tribunal, que está enchendo rapidamente em volta deles. Acima dela, na galeria pública, os rostos a olham, especulativos e impassíveis, como se ela própria estivesse sendo julgada. Ela tenta não fixar o olhar em ninguém. Vê Marianne vestida em tom de tangerina, os brincos de plástico combinando, e a mulher lhe dá um adeusinho, fazendo um gesto encorajador com os polegares para cima. Um rosto simpático num mar de olhares vazios. Ela vê Janey Dickinson se instalar mais adiante no banco, trocando algumas palavras com Flaherty. O barulho de passos arrastados, conversas educadas, cadeiras sendo puxadas e bolsas sendo largadas no chão enche a sala. Os repórteres conversam amigavelmente uns com os outros, bebericando café em copos de isopor e dividindo anotações. Alguém empresta uma caneta a outra pessoa. Liv está tentando controlar uma sensação crescente de pânico. São nove e quarenta. Seus olhos estão fixos o tempo todo nas portas, aguardando Paul. *Tenha fé*, ela pensa. *Ele virá*.

Diz a si a mesma coisa às nove e cinquenta, e às nove e cinquenta e dois. E depois, às nove e cinquenta e oito. Pouco antes de dar dez horas, o juiz entra. O tribunal se levanta. Liv se apavora. *Ele não vem. Depois de tudo isso, ele não vem. Ai, Deus, não posso fazer isso se ele não estiver*

aqui. Ela se obriga a respirar fundo e fecha os olhos, tentando se acalmar.

Henry está folheando as pastas.

— Você está bem?

Parece que sua boca está cheia de pó.

— Henry — murmura ela.

— O quê?

— Posso dizer uma coisa? Para o tribunal? É importante.

— Agora? O juiz está prestes a anunciar o veredicto.

— Isso é importante.

— O que você quer dizer?

— Peça a ele. Por favor.

Ele demonstra incredulidade, mas algo no olhar dela o convence. Ele se inclina para a frente, murmurando algo para Angela Silver. Ela olha para Liv às suas costas, franzindo a testa, e, após um curto diálogo, levanta-se e pede licença para falar com o juiz. Christopher Jenks é convidado a se juntar a eles.

Enquanto advogados e juiz debatem em voz baixa, Liv sente as mãos começando a suar. Sua pele formiga. Ela olha em volta para o tribunal lotado. O ar de antagonismo silencioso é quase palpável. Ela segura o quadro com força. *Imagine que você é Sophie*, diz a si mesma. *Ela teria feito isso.*

Finalmente, o juiz fala.

— Aparentemente, a Sra. Olivia Halston gostaria de se dirigir a este tribunal. — Ele olha para ela por cima dos óculos. — Prossiga, Sra. Halston.

Ela se levanta e vai para a frente do tribunal, ainda com o quadro debaixo do braço. Ouve cada passo no chão de madeira, está profundamente consciente de todos os olhos em cima dela. Henry, talvez ainda temeroso pelo quadro, está parado a alguns passos dela.

Ela respira fundo.

— Eu gostaria de dizer algumas palavras sobre *A garota que você deixou para trás*.

Para um instante, registrando a surpresa nos rostos ao seu redor e prossegue, com a voz sumida, titubeando ligeiramente no silêncio. Parece a voz de outra pessoa.

— Sophie Lefèvre era uma mulher corajosa e honrada. Eu acho... espero que isso tenha ficado claro pelo que já se ouviu aqui em juízo. — Ela se dá conta vagamente da presença de Janey Dickinson, riscando algo em seu caderno, os murmúrios de tédio dos advogados. Cerra os dedos em volta da moldura e se obriga a prosseguir.

— Meu falecido marido, David Halston, também era um homem bom. Um homem muito bom. Acho agora que, se ele soubesse que o retrato de Sophie, o quadro que ele adorava, tinha essa... essa história, ele o teria devolvido há muito tempo. Minha contestação desta ação fez com que seu bom nome fosse retirado do prédio que era sua vida e seu sonho, e isso é uma fonte de

imenso pesar para mim, porque este prédio, o Goldstein, deveria ter sido o seu memorial.

Ela vê os repórteres olharem, a onda de interesse que se propaga pela bancada deles. Muitos deles debatem, começam a escrever.

— Esta ação... e este quadro... destruíram o que deveria ser o legado dele, assim como destruíram o de Sophie. Os dois foram injustiçados. — Sua voz começa a ficar embargada. Ela olha em volta. — Por isso, eu gostaria que constasse nos autos que a decisão de contestar foi unicamente minha. Eu me enganei. Sinto muito. Só isso. Obrigada.

Ela dá dois passos canhestros para o lado. Vê os repórteres escrevendo furiosamente, um verificando a grafia de *Goldstein*. Dois advogados na bancada estão conversando em tom premente.

— Boa — diz Henry baixinho, inclinando-se para ela. — Você daria uma boa advogada.

Conseguí, diz ela a si mesma em silêncio. David está publicamente associado ao prédio dele agora, o que quer que os Goldstein façam.

O juiz pede silêncio.

— Sra. Halston. Já acabou de antecipar o meu veredicto? — diz com cansaço.

Liv faz que sim com um gesto de cabeça. Sua garganta está seca. Janey está cochichando com seu advogado.

— E é este o quadro em questão?

— Sim. — Ela continua agarrada com ele, como um escudo.

O juiz se vira para o oficial de justiça.

— Alguém pode providenciar a guarda deste quadro? Não estou totalmente convencido de que ele deve continuar aqui. Sra. Halston?

Liv entrega o quadro. Só por um instante, seus dedos parecem relutar em soltá-lo. Como se, no íntimo, ela tivesse decidido ignorar as instruções. Quando finalmente solta o quadro, o meirinho fica ali em pé, paralisado por um instante, como se ela lhe tivesse entregado um objeto radiativo.

Sinto muito, Sophie, diz ela, e, subitamente exposta, a imagem da garota olha para ela.

Liv volta trôpega para seu lugar, o cobertor vazio embolado embaixo do braço, mal ouvindo o tumulto crescente à sua volta. O juiz está conversando com os dois advogados. Várias pessoas se dirigem às portas, repórteres de vespertinos talvez, e, lá em cima, a galeria pública ferve com o debate. Henry toca em seu braço, murmurando algo sobre ela ter feito uma coisa boa.

Ela se senta, olha para o colo, para a aliança de casamento que fica girando no dedo, e se pergunta como é possível sentir-se tão vazia.

E então escuta.

— Com licença?

A frase é repetida duas vezes antes de ser ouvida no tumulto. Liv ergue os olhos, seguindo o olhar das pessoas em volta, e lá, na porta, está Paul McCafferty.

Ele usa uma camisa azul, a barba por fazer, e tem uma expressão indecifrável. Ele põe uma calçadeira na porta para deixá-la aberta e lentamente empurra uma cadeira de rodas para dentro do tribunal. Olha em volta, à procura dela, e de repente são só os dois ali. *Você está bem?*, ele pronuncia, e ela faz que sim com a cabeça, soltando a respiração que ela não se dava conta de estar prendendo.

Mais uma vez, ele se faz ouvir acima do barulho.

— Com licença? Meritíssimo?

O martelo bate na mesa como um tiro de arma de fogo. O tribunal fica em silêncio. Janey Dickinson se levanta e se vira para ver o que está acontecendo. Paul está empurrando uma idosa numa cadeira de rodas pelo corredor central do tribunal. Ela é bastante idosa, encurvada como um cajado de pastor, as mãos pousadas numa pequena bolsa.

Outra mulher, bem-vestida, de azul-marinho, entra rapidamente atrás de Paul, e eles conversam em voz baixa. Ele aponta para o juiz.

— Minha avó tem uma informação importante em relação a este caso — diz a mulher. Ela fala com um forte sotaque francês, e, ao descer o corredor central, olha sem jeito para as pessoas dos dois lados.

O juiz joga as mãos para cima.

— Por que não? — murmura ele de forma audível. — Parece que todo mundo quer dar a sua opinião. Vamos ver se a faxineira vai querer manifestar a visão dela, por que não?

A mulher espera, e ele diz, exasperado:

— Ah, pelo amor de Deus, senhora. Queira aproximar-se.

Eles trocam algumas palavras, o juiz chama os dois advogados, e a conversa se estende.

— O que é isso? — fica dizendo Henry, ao lado de Liv. — Que diabo está acontecendo?

Um silêncio se instala no tribunal.

— Parece que devemos ouvir o que essa mulher tem a dizer — diz o juiz. Ele pega a caneta e folheia suas anotações. — Estou me perguntando se todos aqui vão estar interessados em algo tão trivial quanto um veredicto de verdade.

A cadeira da idosa é virada e posicionada diante do tribunal. Ela começa falando em francês, e sua neta traduz.

— Antes que o futuro do quadro seja decidido, há uma coisa que vocês precisam saber. Esta ação se baseia numa premissa falsa. — Ela faz uma pausa, se abaixando para ouvir as palavras da velha, depois se endireita de novo. — *A garota que você deixou para trás nunca foi roubada.*

O juiz se inclina um pouco para a frente.

— E como a senhora saberia disso?

Liv levanta o rosto para olhar para Paul. O olhar dele é direto, firme e estranhamente triunfante.

A idosa ergue uma das mãos, como se para dar permissão à neta de se retirar. Pigarreia e

fala lenta e claramente, dessa vez em inglês.

— Por que fui eu quem o deu ao Kommandant Hencken. Meu nome é Édith Béthune.

1917

Fui descarregada algum tempo depois do amanhecer. Não sei quanto tempo passamos na estrada: a febre me atacara e meus dias e meus sonhos se confundiam de modo que eu já não sabia direito se ainda estava viva, ou, como um espectro, eu transitava de uma realidade a outra. Quando fechava os olhos, via minha irmã levantando as persianas da janela do bar, virando para mim com um sorriso, o sol iluminando seu cabelo. Via Mimi rindo. Via Édouard, seu rosto, suas mãos, ouvia sua voz em meu ouvido, macia e íntima. Eu esticava o braço para tocar nele, mas ele sumia e eu acordava no chão do caminhão, os olhos no nível das botas de um soldado, a cabeça latejando de dor quando passávamos nos buracos da estrada.

Via Liliane.

Seu corpo estava estirado na estrada de Hannover, no lugar em que eles a haviam jogado, xingando, como se ela fosse um saco de areia. Desde essa hora, eu estava toda salpicada de sangue e coisas piores lançadas dela. Eu tinha as roupas manchadas disso. Sentia esse gosto na boca. Os resíduos haviam coagulado no chão de onde eu já não tinha energia para me levantar. Eu já não sentia os piolhos que me comiam. Estava entorpecida. Não me sentia mais viva que o cadáver de Liliane.

O soldado na minha frente ia sentado o mais longe possível de mim, furioso por estar com o uniforme sujo, pela bronca que recebera do superior por ter tido a arma roubada por Liliane. Tinha o rosto virado para a aba de lona que deixava o ar de fora entrar. Eu via o seu olhar: transmitia nojo. Eu já não era um ser humano para ele. Tentei me lembrar de quando eu tinha sido mais que uma coisa, quando até numa cidade cheia de alemães eu tinha dignidade, inspirava algum respeito, mas era difícil. Meu mundo todo agora parecia ser aquele caminhão. Aquele chão frio de aço. Aquele manga de lã, manchada de vermelho.

O caminhão foi roncando e sacolejando noite afora, fazendo breves paradas. Eu perdia e recobrava a consciência, despertada apenas pela dor ou a violência da febre. Aspirava o ar frio, fumaça de cigarro, ouvia os homens falarem na cabine à frente e me perguntava se algum dia eu tornaria a ouvir uma voz francesa.

Então, de manhãzinha, ele parou de chofre. Abri os olhos, sem conseguir me mexer, e escutei o jovem soldado saltar. Ouvi o gemido que deu ao se esticar, o clique de um isqueiro, vozes alemãs conversando. Ouvi o ruído vigoroso e indelicado de homens se aliviando, pássaros cantando e folhas farfalhando.

Eu sabia que morreria ali, e, na verdade, já nem ligava.

Meu corpo inteiro doía, minha pele formigava de febre, eu sentia dor nas articulações, a cabeça pesada. A aba de lona foi levantada e a traseira, aberta. Um guarda ordenou que eu saltasse. Mal conseguia me mexer, mas ele me puxou pelo braço, como se puxaria uma criança

rebelde. Meu corpo estava tão leve que eu quase voei do caminhão.

Um denso nevoeiro envolvia a manhã, e, através da névoa, dava para ver uma cerca de arame farpado, os vastos portões. Em cima, estava escrito: “STRÖHEN”. Eu sabia o que era.

Outro guarda me fez sinal para ficar onde eu estava e dirigiu-se a uma guarita. Houve uma discussão lá dentro, e um deles inclinou-se para fora e olhou para mim. Além dos portões, eu via fileira após fileira de longos galpões de fábrica. Era um lugar desolado e monótono, com um ar de sofrimento, e quase se sentia a inutilidade no ar. Em cada canto, havia uma torre de vigia com um mirante, para evitar fugas. Essa preocupação não tinha razão de ser.

Conhece a sensação de resignação com o próprio destino? É quase de gratidão. A pessoa não vai mais sofrer, ter medo, desejar que algo aconteça. É a morte da esperança que vem como o maior alívio. Em breve, eu poderia estar abraçada com Édouard. Nós estaríamos juntos em outra vida, porque eu tinha certeza de que, se Deus era bom, Ele não seria cruel a ponto de nos privar desse consolo.

Percebi vagamente uma discussão intensa na guarita. Um homem saiu e pediu meus documentos. Estava tão fraca que só na terceira tentativa consegui pegá-los no bolso. Ele fez sinal para eu mostrar o meu cartão de identificação. Como eu estava infestada de piolhos, ele não queria me tocar.

Anotou algo em sua lista e rosnou em alemão para o guarda que me segurava. Eles conversaram rapidamente. As palavras me chegavam cortadas, e eu já não tinha certeza se eram eles falando mais baixo ou minha mente me traindo. Eu agora estava afável e obediente como um cordeiro. Um objeto, pronto para ir aonde me mandassem. Eu não queria mais pensar. Não desejava mais imaginar que novos horrores vinham pela frente. A febre zumbia na minha cabeça, meus olhos ardiavam. Eu estava muito cansada. Ouvia a voz de Liliane e sabia vagamente que, enquanto vivesse, eu ainda devia ter medo: *Você não tem ideia do que eles farão conosco*. Mas, de alguma forma, eu não podia estimular meu medo. Se o guarda não estivesse a meu lado, segurando meu braço, eu poderia simplesmente ter caído no chão.

Os portões foram abertos para deixar um veículo sair e então fechados de novo. Eu viajava no tempo. Fechei os olhos e me vi de repente sentada num café em Paris, a cabeça inclinada para trás, sentindo o sol no rosto. Meu marido estava sentado a meu lado, sua gargalhada estrondosa me enchendo os ouvidos, sua mão enorme procurando a minha sobre a mesa.

Ah, Édouard, eu chorava em silêncio, tremendo na friagem do amanhecer. Rezo para que tenha escapado desse sofrimento. Rezo para que tenha sido fácil para você.

Tornei a ser puxada para a frente. Alguém gritou comigo. Tropecei nas saias, de alguma forma ainda agarrada à minha bolsa. Os portões tornaram a ser abertos, e fui jogada bruscamente no campo. Quando cheguei à segunda guarita, o guarda me parou de novo.

Apenas me coloque no galpão. Deixe eu me deitar.

Eu estava muito cansada. Via a mão de Liliane, a forma precisa, premeditada com que ela encostara a arma na cabeça dela. Seus olhos fixos nos meus nos últimos segundos de sua vida.

Eram buracos negros infinitos, janelas para um abismo. *Ela não sente nada agora*, eu disse a mim mesma, e alguma parte de mim que ainda funcionava reconhecia que o que eu sentia era inveja.

Enquanto eu tornava a guardar o cartão de identificação no bolso, minha mão encostou nos dentes do caco de vidro, e senti um indício de reconhecimento. Eu podia levar aquela ponta à minha garganta. Sabia qual era a veia, exatamente o quanto de pressão aplicar. Lembrei-me de como o porco havia se contraído em St Péronne, um golpe rápido e seus olhos tinham se fechado no que pareceu um êxtase silencioso. Fiquei ali parada e deixei a ideia se consolidar na minha cabeça. Eu podia fazer isso antes de eles sequer perceberem o que eu fizera. Eu podia me libertar.

Você não tem ideia do que eles farão conosco.

Meus dedos se fecharam. Então ouvi aquilo.

Sophie.

Aí vi que a libertação estava chegando. Larguei o caco. Então era isso. A doce voz do meu marido me conduzindo para casa. Quase cheguei a sorrir, tamanho era o meu alívio. Cambaleei um pouco ao deixar aquilo ressoar em mim.

Sophie.

Tentei focar, e de repente o mundo parou, tudo em silêncio ao meu redor. Os alemães estavam mudos, os motores pararam, as próprias árvores pararam de sussurrar. E vi que o prisioneiro vinha mancando na minha direção, sua silhueta estranha, seus ombros pele e osso, mas seu passo determinado, como se um ímã o estivesse puxando para mim. E comecei a tremer convulsamente, como se meu corpo soubesse antes de mim.

— Édouard?

Minha voz saiu como um grasnido. Eu não estava acreditando. Não ousava acreditar.

— Édouard?

E ele estava arrastando os passos, quase correndo agora, o guarda apertando o passo atrás dele. E fiquei paralisada, ainda temendo que aquilo fosse uma brincadeira terrível, que eu acordaria e me veria de novo na traseira do caminhão, com uma bota ao lado da minha cabeça. *Por favor, Deus, você não pode ser tão cruel.*

E ele parou, a alguns passos de mim. Muito magro, o rosto abatido, o lindo cabelo raspado, cicatrizes no rosto. Mas, meu Deus, o rosto dele. *O rosto dele. Meu Édouard.* Era demais. Voltei-me para o céu, a bolsa me caiu da mão, e desabei no chão. Senti, então, os braços dele me envolvendo.

— Sophie. Minha Sophie. O que fizeram com você?

Édith Béthune se recosta na cadeira de rodas no tribunal em silêncio. Um meirinho traz água para ela, e ela agradece com um aceno de cabeça. Até os repórteres pararam de escrever: estão ali sentados, as canetas paradas, boquiabertos.

— Não sabíamos nada do que tinha acontecido com ela. Eu achava que ela havia morrido. Uma nova rede de informações surgiu vários meses depois que minha mãe foi levada embora, e recebemos a notícia de que ela fazia parte de um grupo de pessoas que haviam morrido nos campos. Hélène passou um mês chorando depois de ouvir a notícia.

“Então, um dia, eu vinha descendo de manhãzinha, pronta para começar os preparativos do dia — eu ajudava Hélène na cozinha —, e vi uma carta, passada por debaixo da porta do Le Coq Rouge. Eu já ia pegá-la, mas Hélène estava atrás de mim e pegou-a primeiro.

“‘Você não viu isso’, disse ela, e fiquei chocada, porque ela nunca fora tão brusca comigo antes. Tinha ficado completamente branca. ‘Está me ouvindo? Você não viu isso, Édith. Não é para contar a ninguém. Nem mesmo a Aurélien. Especialmente a ele.’”

“Fiz que sim com um gesto de cabeça, mas não me mexi. Eu queria saber o que havia na carta. Ela encostou no balcão, com o rosto iluminado pela luz da manhã, e suas mãos tremiam tanto que eu não sabia como ela conseguia ler as palavras. Então, ela se encurvou, tapando a boca com a mão, e começou a soluçar baixinho. ‘Ah, obrigada, Deus, ah, obrigada, Deus.’”

“Eles estavam na Suíça. Tinham documentos de identidade falsos, dados a título de ‘serviços ao estado alemão’, e foram levados para uma floresta perto da fronteira suíça. Sophie estava tão doente que Édouard teve que carregá-la nos vinte e quatro quilômetros finais até o ponto de controle. O guarda que os levou de carro informou-lhes que não deviam entrar em contato com ninguém na França, do contrário correriam o risco de revelar quem os havia ajudado. A carta estava assinada ‘Marie Leville’.”

Ela olhou ao redor do tribunal.

— Eles continuaram na Suíça. Sabíamos que ela nunca poderia voltar a St Péronne, tão forte era o sentimento em relação à ocupação alemã. Se ela aparecesse fariam perguntas. E, claro, a essa altura eu entendera quem os havia ajudado a fugir.

— Quem foi, senhora?

Ela contrai os lábios, como se mesmo agora lhe custasse dizer isso.

— O Kommandant Friedrich Hencken.

— Perdoe-me — diz o juiz. — Essa é uma história extraordinária. Mas não entendo como tem relação com a perda do quadro.

Édith Béthune se recompõe.

— Hélène não me mostrou a carta, mas eu sabia que aquilo a preocupava. Ela ficava nervosa quando Aurélien estava por perto, embora ele passasse pouquíssimo tempo no Le Coq Rouge depois da partida de Sophie. Era como se não suportasse ficar ali. Mas então, dois dias depois, quando ele já havia saído, e as crianças dormiam no quarto ao lado, ela me chamou. “Édith, preciso que você faça uma coisa para mim.”

“Ela estava sentada no chão, e o retrato de Sophie estava apoiado numa das mãos. Olhava para a carta em sua mão, como se conferindo algo, balançou ligeiramente a cabeça, e depois, com giz, escreveu várias palavras no verso. Inclinou o corpo para trás, como se confirmando ter escrito corretamente. ‘Herr Kommandant está caçando no bosque hoje à tarde. Preciso que leve isso para ele.’

“‘Nunca’, respondi. Eu odiava aquele homem com todas as forças. Ele fora o responsável pela perda da minha mãe.

“‘Faça o que estou mandando. Preciso que leve isso para Herr Kommandant.’

“‘Não’. Eu não tinha mais medo dele. Ele já me fizera o pior. Mas eu não queria passar um segundo na companhia dele.

“Hélène olhava para mim, e acho que via quão séria eu estava. Puxou-me para ela, e nunca a vi com uma expressão mais decidida. ‘Édith, o Kommandant tem que ter esse quadro. Você e eu podemos querer que ele morra, mas precisamos respeitar...’, ela hesitou, ‘os desejos de Sophie.’

“‘Leve você.’

“‘Não posso. Se eu levar, a cidade vai falar, e não podemos arriscar que meu nome seja destruído como foi o da minha irmã. Além do mais, Aurélien vai perceber que algo está acontecendo. E ele não deve saber a verdade. Ninguém deve saber, pela segurança dela e pela nossa. Você leva?’

“‘Não tive escolha. Naquela tarde, quando Hélène me deu o sinal, peguei o quadro e fui com ele debaixo do braço pelo beco, atravessei o terreno baldio e cheguei à floresta. O quadro era pesado e a moldura entrava debaixo do meu braço. Ele estava lá com outro oficial. Ver os dois com as pistolas nas mãos me deixou com as pernas bambas de medo. Quando me viu, ele mandou o outro homem embora. Andei devagar no meio das árvores, os pés frios no chão gelado da floresta. Ele parecia meio aflito quando cheguei, e me lembro de ter pensado: ótimo, espero deixá-lo aflito para sempre.

“‘Deseja falar comigo?’, disse ele.

“‘Eu não queria entregar o quadro. Não queria que ele tivesse uma única coisa. Ele já tomara as duas coisas mais preciosas da minha vida. Eu odiava aquele homem. E acho que foi quando tive a ideia. ‘Tia Hélène diz que devo lhe dar isto.’

“‘Ele pegou o quadro e desembulhou-o. Olhou para ele, desconfiado, e depois virou-o de costas. Quando viu o que estava escrito, aconteceu algo estranho com seu rosto. Ele amoleceu, só por um instante, e seus olhos azul-claros pareceram úmidos, como se ele fosse chorar de alegria.

“‘*Danke*’, disse ele baixinho. ‘*Dankeschön*.’

“‘Ele virou o quadro para contemplar o rosto de Sophie, depois tornou a virá-lo, lendo as palavras para si mesmo. ‘*Danke*’, disse baixinho, para ela ou para mim, não tive certeza.

“‘Eu não suportava ver a felicidade dele, seu absoluto alívio quando ele arruinara qualquer

chance de felicidade para mim. Eu odiava aquele homem mais do que qualquer pessoa. Ele destruíra tudo. E ouvi a minha voz, clara como um sino no ar parado. ‘Sophie morreu’, eu disse. ‘Morreu depois que recebemos as instruções dela para lhe dar o quadro. Ela morreu de gripe espanhola nos campos.’

“Ele realmente estremeceu com o choque. ‘O quê?’

“Não sei de onde isso veio. Falei com desembaraço, sem medo do que poderia acontecer. ‘Ela morreu. Porque foi levada embora. Justo depois de ter lhe mandando essa mensagem.’

“‘Tem certeza?’ A voz dele ficou embargada. ‘Quero dizer, talvez haja relatórios...’

“‘Absoluta. Acho que eu não devia ter lhe contado. É segredo.’

“Fiquei ali parada, com o coração de pedra, e observei-o olhando o quadro, parecendo realmente envelhecido com o sofrimento, tornando-se fisicamente flácido diante de mim.

“‘Espero que goste do quadro’, eu disse e depois voltei devagar pela floresta para o Le Coq Rouge. Não acredito que algum dia sentiria medo de qualquer outra coisa.

“Herr Kommandant ficou ainda nove meses em nossa aldeia. Mas nunca mais pôs os pés no Le Coq Rouge. Senti isso como uma vitória.”

O tribunal está em silêncio. Os repórteres olham para Édith Béthune. É como se a história tivesse de repente ganhado vida ali, naquela pequena câmara. A voz do juiz, desta vez, é delicada.

— Senhora. Poderia nos contar o que estava escrito atrás do quadro? Parece ser um ponto bastante relevante. Pode se lembrar com clareza?

Édith Béthune olha em volta para os bancos lotados.

— Ah, sim. Eu me lembro com muita clareza. Lembro porque não consegui entender o que significava. Dizia, escrito a giz: “*Pour Herr Kommandant, qui comprendra: pas pris, mais donné.*” Ela faz uma pausa. “Para Herr Kommandant, que entenderá: não tomado, mas sim doado.”

Liv ouve o barulho se elevar, como uma nuvem de pássaros, à sua volta. Vê os jornalistas se aglomerando em torno da velha senhora, agitando as canetas como antenas, o juiz falando urgentemente com os advogados, batendo o martelo em vão. Olha para a galeria pública, para os rostos animados, e ouve a estranha salva de palmas que poderia ser para a idosa ou para a verdade: não sabe bem.

Paul está tentando abrir passagem no meio da multidão. Quando a alcança, puxa-a para si, encosta a cabeça na sua e lhe fala ao pé do ouvido:

— Ela é sua, Liv — diz, e sua voz está rouca de alívio. — Ela é sua.

— Ela sobreviveu — diz Liv, rindo e chorando ao mesmo tempo. — Eles se encontraram.

Dos braços dele, ela olha o caos em volta e já não tem mais medo da multidão. As pessoas estão sorrindo, como se tivessem gostado do resultado, como se ela já não fosse o inimigo. Ela vê os irmãos Lefèvre se levantarem para ir embora, soturnos como carregadores de caixão, e fica aliviada pelo fato de Sophie não estar voltando para a França com eles. Vê Janey, recolhendo suas coisas devagar, o semblante congelado, como se não conseguisse acreditar no que acabara de acontecer.

— Que tal? — Henry bate no ombro dela, todo sorridente. — Que tal? Não tem ninguém sequer escutando o veredicto do velho Berger.

— Vamos — diz Paul, envolvendo Liv com o braço numa atitude protetora. — Vamos tirar você daqui.

O meirinho se aproxima, tentando passar no meio do mar de gente. Coloca-se na frente dela, barrando o seu caminho, um pouco ofegante depois do esforço daquele curto deslocamento.

— Aqui, senhora — diz e lhe entrega o quadro. — Acho que isto é seu.

Os dedos de Liv se cerram em volta da moldura dourada. Ela olha para Sophie, com aquele cabelo vibrante no tribunal mal iluminado, o sorriso inescrutável como sempre.

— Acho que seria melhor sairmos pelos fundos — acrescenta o homem e aparece um segurança ao seu lado, impelindo-os para a porta, já falando no walkie-talkie.

Paul faz menção de se adiantar, mas ela segura seu braço, impedindo-o.

— Não — diz. Ela respira fundo e endireita os ombros, para parecer só um pouquinho mais alta. — Dessa vez, não. Vamos sair pela frente.

Epílogo

Entre 1917 e 1922, Anton e Marie Leville viveram numa casinha perto da margem de um lago na cidade suíça de Montreux. Eram um casal sossegado, pouco afeito a receber, mas aparentemente muito feliz. Madame Leville trabalhava como garçõnete num restaurante local. Ela é lembrada como eficiente e simpática, mas também como uma pessoa que não era de muita conversa. (“Uma qualidade rara numa mulher”, observaria o proprietário olhando de soslaio para a sua esposa.)

Todas as noites, às quinze para as nove, Anton Leville, um homem alto, de cabelo escuro, com um andar desajeitado, podia ser visto fazendo a pé o percurso de quinze minutos até o restaurante, onde aguardava do lado de fora depois de ter feito da porta um cumprimento com o chapéu ao gerente. Dava o braço à esposa quando ela saía, e voltavam juntos, diminuindo o passo de vez em quando para apreciar o pôr do sol no lago ou uma vitrine particularmente decorativa. Isso, segundo seus vizinhos, era a rotina do casal em todos os seus dias úteis, e eles raramente a modificavam. Às vezes, Madame Leville enviava pacotes pelo correio, pequenos presentes, para um endereço no Norte da França, mas, fora isso, os dois pareciam pouco se interessar pelo mundo fora dali.

Nos fins de semana, os Leville tendiam a ficar em casa, mas de vez em quando saíam para ir a um café do bairro, onde, com o tempo bom, passavam várias horas jogando cartas ou sentados de mãos dadas sem dizer nada, aproveitando a companhia um do outro.

— Meu pai brincava com Monsieur Leville dizendo que o vento não levaria Madame se ele a largasse um minutinho — contou Anna Baertschi, que crescera na casa ao lado. — Ele dizia à minha mãe que achava meio inconveniente ficar tão grudado com a esposa em público.

Pouco se sabia da vida de Monsieur Leville, a não ser que parecia ter uma saúde precária. Presumia-se que tivesse uma espécie de rendimento privado.

* * *

Uma vez, ele se ofereceu para pintar o retrato de dois dos filhos dos vizinhos, mas, dada a sua estranha escolha de cores e seu estilo não convencional, os quadros não tiveram muito boa aceitação.

Quase todos os cidadãos eram unânimes em preferir o estilo mais nítido e as imagens mais realistas de Monsieur Blum, ao lado do relojoeiro.

* * *

O e-mail chega na véspera de Natal.

Tudo bem. Então, oficialmente, eu sou péssima profetisa. E talvez péssima amiga. Mas gostaria muito de ver você, caso não tenha andado usando as habilidades que lhe ensinei para fazer bonecas de vudu me representando. (Isso é totalmente possível, tenho tido umas dores de cabeça fortes ultimamente. Se foi você, ofereço de má vontade minha admiração.)

A coisa com Ranic não está dando muito certo. Dividir um apartamento de dois quartos com quinze funcionários de hotel do Leste Europeu não é nenhuma maravilha. Quem poderia imaginar? Consegui um lugar novo por meio da Gumtree com um contador que está transando um lance de vampiro e parece achar que morar com uma pessoa que nem eu vai encher a bola dele. Acho que ele está meio decepcionado por eu não ter abastecido a geladeira de cadáveres de bichos atropelados nem lhe oferecido uma tatuagem feita em casa. Mas tudo bem. Ele tem tevê a cabo e, em dois minutos a pé, estou na casa de assistência social, de modo que não tenho mais desculpa para não chegar para mudar a bolsa da Sra. Vincent. (Não pergunte.)

Enfim, estou feliz por você ter conseguido manter o quadro. De verdade. E sinto muito por não ser nada diplomática. Sinto sua falta.

Mo

— Convide ela — diz Paul, olhando por cima do ombro. — A vida é muito curta, não é?

Ela digita o número da amiga sem pensar duas vezes.

— E aí, o que você vai fazer amanhã? — pergunta, antes de Mo conseguir falar.

— Esta pergunta é uma pegadinha?

— Quer vir aqui em casa?

— E perder a reclamação dos meus pais, um controle remoto com defeito e a edição de Natal do *Radio Times*? Está brincando comigo?

— Espero você às dez. Estou fazendo comida para cinco mil pessoas, aparentemente. Preciso de ajuda com as batatas.

— Estarei aí. — Mo não consegue disfarçar a alegria. — Posso até levar um presente. Um que comprei mesmo. Ah. Mas lá pelas seis tenho que dar uma fugida para ir cantar para os velhinhos.

— Você tem *mesmo* coração.

— É. Você deve ter errado a última espetada.

* * *

O bebê Jean Montpellier morreu de gripe nos últimos meses da guerra. Hélène Montpellier

entrou em choque e não chorou quando a funerária veio pegar o corpinho do menino, nem quando ele foi sepultado. Continuou tendo um comportamento aparentemente normal, abrindo o bar do Le Coq Rouge nas horas designadas e dispensando todas as ofertas de ajuda, mas era, recorda o prefeito, em seus diários da época, “uma mulher bloqueada”.

Édith Béthune, que assumira em silêncio muitas das responsabilidades de Hélène, descreve certa tarde, muitos meses depois, quando chegou à porta um homem uniformizado, magro e de aspecto cansado, o braço esquerdo na tipóia. Édith estava secando copos e esperou que ele entrasse, mas ele se limitou a ficar parado no degrau, olhando com uma expressão estranha. Ela lhe ofereceu um copo d’água, e, como ele não saiu do lugar, ela perguntou:

— Devo chamar Madame Montpellier?

— Sim, menina — respondeu ele, inclinando a cabeça. Ficara ligeiramente com a voz meio embargada quando falou. — Sim, por favor.

Ela descreve os passos vacilantes de Hélène entrando no bar, sua expressão de incredulidade, e como ela largou a vassoura, segurou as saias e partiu para cima do homem, como um míssil, gritando tão alto que St Péronne inteira ouviu, e até os vizinhos, endurecidos pelas próprias perdas, ergueram os olhos, interrompendo o que quer que estivessem fazendo, e enxugaram as lágrimas.

Ela se lembra de estar sentada nos degraus em frente ao quarto deles, ouvindo os soluços abafados dos dois chorando pelo filho perdido. Observa, sem autopiedade, que apesar do afeto que tinha por Jean, não chorou. Depois da morte de sua mãe, conta, nunca mais chorou.

A história registra que, nos anos em que esteve nas mãos da família Montpellier, o Le Coq Rouge só fechou uma vez por um período de três semanas, em 1925. Os cidadãos se lembram que, um belo dia, sem dar explicações a ninguém, Hélène, Jean-Michel, Mimi e Édith simplesmente fecharam as persianas, trancaram as portas e desapareceram, deixando um aviso de “*en vacances*” pendurado na porta. Isso rendeu um grau de consternação considerável na cidadezinha, duas cartas de reclamação para o jornal da região e um aumento considerável da freguesia do Le Bar Blanc. Na volta, quando lhe perguntaram onde estivera, Hélène respondera que viajara com a família para a Suíça.

— Consideramos o ar ali especialmente bom para a saúde de Hélène — dissera Monsieur Montpellier.

— Ah, sem dúvida é — retrucara Hélène, com um leve sorriso. — Muito restaurador.

Consta que Madame Louvier comentou em seu diário que uma coisa era os hoteleiros viajarem subitamente para o estrangeiro sem dar satisfações a ninguém, mas outra bem diferente era voltarem parecendo muito satisfeitos consigo mesmos por terem feito isso.

Eu nunca soube o que aconteceu com Sophie e Édouard. Sei que estiveram em Montreux até 1926, mas Hélène era a única em contato regular, e ela morreu de repente em 1934. Depois disso, minhas cartas voltaram com o carimbo Devolver ao Rementente.

Édith Béthune e Liv trocaram quatro cartas com informações ocultas durante muito tempo, preenchendo as lacunas da história. Liv começou a escrever um livro sobre Sophie, tendo sido procurada por duas editoras. O livro é, francamente, aterrador, mas Paul lhe pergunta quem mais está qualificado para escrevê-lo.

A letra da mulher mais velha é firme para alguém de idade avançada, é regular e tem boa inclinação. Liv chega mais perto da lâmpada de cabeceira para lê-la.

Escrevi para uma vizinha, que disse ter sabido que Édouard adoecera, mas não podia oferecer nenhuma prova. Com o passar do tempo, outros comunicados como este me levaram a pensar o pior. Uns se lembravam dele adoecendo, outros se lembravam de Sophie como aquela cuja saúde falhava. Alguém disse que eles haviam simplesmente desaparecido. Mimi pensou ter ouvido sua mãe dizer que eles haviam se mudado para um lugar mais quente. Eu já havia me mudado tantas vezes àquela altura que Sophie não teria como me encontrar.

Sei a que conclusão o bom senso me faria chegar a respeito de duas pessoas frágeis, já fisicamente tão castigadas pela inanição e pelo encarceramento. Mas sempre preferi pensar que sete, oito anos após a guerra, não sendo responsáveis por ninguém, talvez, eles tenham se sentido suficientemente seguros para seguir em frente e simplesmente tenham feito as malas e ido embora. Prefiro imaginar que estivessem pelo mundo, talvez em climas mais ensolarados, felizes como tinham estado nas nossas férias, bastando-se a si próprios.

Em volta dela, o quarto está ainda mais vazio que de costume, pronto para sua mudança na semana seguinte. Ela ficará no pequeno apartamento de Paul. Talvez ela compre uma casa para si mesma, mas nenhum deles parece com pressa de continuar esta conversa.

Ela olha para ele dormindo a seu lado, ainda impressionada com quanto é bonito, com a silhueta dele, a simples alegria de tê-lo ali. Pensa em algo que seu pai lhe dissera na cozinha no Natal enquanto enxugava os pratos que ela lavava, e os outros jogavam barulhentos jogos de tabuleiro na sala da frente. Ela erguera os olhos, impressionada com seu silêncio atípico.

— Sabe, acho que David teria gostado bastante dele.

Não olhou para ela, mas continuou secando os pratos.

Ela enxuga os olhos, como faz com frequência quando pensa nisso (está muito emotiva no momento) e torna a ler a carta.

Agora sou uma velha e talvez não viva para ver isso, mas acho que um dia vai aparecer uma série de quadros de origem desconhecida, lindos e estranhos, de cores inesperadas e ricas. Representarão uma mulher ruiva à sombra de uma palmeira, ou talvez olhando para um sol amarelo, o rosto um pouquinho mais velho, aquele cabelo com uns toques grisalhos, mas o sorriso aberto e os olhos cheios de amor.

Liv fita o retrato em frente à sua cama, e a jovem Sophie olha para ela também, iluminada

pela luz dourada da lâmpada. Liv lê a carta de novo, estudando as palavras, os intervalos entre uma e outra. Torna a pensar no olhar de Édith Béthune: equilibrado e inteligente. E então lê mais outra vez.

— Ei. — Paul rola sonolento para o lado dela. Estica o braço e a puxa para ele. Sua pele é quente e seu hálito, doce. — O que está fazendo?

— Pensando.

— Isso é um perigo.

Liv pousa a carta, se enfia debaixo do edredom e fica de frente para ele.

— Paul.

— Liv.

Ela sorri. Sorri sempre que olha para ele. E suspira.

— Você sabe que é muito bom para encontrar coisas...

Agradecimentos

Este livro deve muito à excelente obra de Helen McPhail *The Long Silence: civilian life under the German occupation of northern France, 1914-1918*, sobre uma parte pouco registrada (pelo menos na Inglaterra) da história da Primeira Guerra Mundial.

Gostaria de agradecer também a Jeremy Scott, sócio do Lipman Karas, pela ajuda generosa e experiente sobre a questão da restituição e por responder com paciência às minhas muitas perguntas. Precisei ajustar certos pontos e procedimentos jurídicos em prol do enredo, e quaisquer erros ou desvios em relação ao exercício da profissão são, obviamente, meus.

Agradeço à minha editora, Penguin, especialmente a Louise Moore, Mari Evans, Clare Bowron, Katya Shipster, Elizabeth Smith, Celine Kelly, Viviane Basset, Raewyn Davis, Rob Leyland e Hazel Orme. Agradeço a Guy Sanders pela ajuda na pesquisa muito além do esperado.

Obrigada a todos na Curtis Brown, em especial à minha agente Sheila Crowley, mas também Jonny Geller, Katie McGowan, Tally Garner, Sam Greenwood, Sven Van Damme, Alice Lutyens, Sophie Harris e Rebecca Ritchie.

Sem seguir especialmente uma ordem, quero agradecer também a Steve Doherty, Drew Hazell, Damian Barr, Chris Luckley, minha “família” da escrita na Writersblock e aos escritores do Twitter por seu fantástico apoio. São tantos que não dá para mencionar todos aqui.

Meus maiores agradecimentos, como sempre, a Jim Moyes, Lizzie e Brian Sanders, e à minha família, Saskia, Harry e Lockie — e a Charles Arthur, leitor de provas, adaptador de enredo e sofrido ouvinte dos escritores. Agora você sabe como é...

Sobre a autora



Jojo Moyes nasceu em 1969 e cresceu em Londres. Estudou jornalismo e foi correspondente do *The Independent* por dez anos. Publicou seu primeiro livro em 2002, e desde então dedica-se integralmente à carreira de escritora. É autora de *Como eu era antes de você* e *A última carta de amor*, também publicados pela Intrínseca.

Conheça os livros da autora



A última carta
de amor



Como eu era
antes de
você